

Um Ano em Veneza

*A maior aventura é
a que vivemos com o coração...*

NICKY
PELLEGRINO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Um Ano em Veneza

*A maior aventura é
a que vivemos com o coração...*

NICKY
PELLEGRINO



Ficha Técnica

Título: UM ANO EM VENEZA

Título original: A YEAR AT HOTEL GONDOLA

Autor: Nicky Pellegrino

Tradução: Salvador Guerra

Revisão: Catarina Sacramento

Capa: Alexandra Rezende Costa

Imagens da capa: Shutterstock

ISBN: 9789892344768

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdoba, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2018, Nicky Pellegrino

Publicado originalmente por Orion, Londres.

O direito moral de Nicky Pellegrino de ser identificada como autora da obra foi estabelecido por ela em conformidade com o Copyrights, Design and Patents Act 1988.

© 2019, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

NICKY PELLEGRINO

UM ANO EM VENEZA

A perda de tempo é a coisa que mais me preocupa,
porque quando chegamos à minha idade,
percebemos que o tempo é tudo o que temos.

Gloria Steinem



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 1

Não há sentimento mais triste do que termos ciúmes da nossa própria vida. Sabem o que quero dizer? Já sentiram inveja da jovem que outrora foram? Recordaram o passado e chegaram à conclusão que foi mais emocionante do que o futuro vai ser? Já se sentiram assim? Porque neste preciso momento eu estou a dar o meu melhor para me certificar de que não sinto.

A minha vida tem sido muito interessante desde que me decidi a controlá-la. Oh, tive o mesmo começo aborrecido que toda a gente. Escola e trabalhos de casa, desenhos animados ao fim da tarde, pôr a mesa para uma refeição de legumes empapados e carne dura, depois ir cedo para a cama e ficar acordada durante horas, a olhar para a risca de luz que entrava pela fresta debaixo da porta, a pensar e a pensar. De alguma forma, eu sabia que me esperavam coisas melhores. Tinha apenas de as encontrar, ou ajudá-las a encontrarem-me.

A infância é uma perda de tempo, não é? A minha pareceu arrastar-se indefinidamente. Assim que me livrei dela – voltando as costas à minha cidade natal no Norte, com o comboio a correr em direção à estação de Euston, em Londres, e a uma nova vida –, jurei que não ia desperdiçar mais nenhum momento.

Obviamente, todos nós temos de lavar a roupa e aspirar o chão, por isso não tenho vivido à grande cada segundo. Mas tentei aproveitar ao máximo o meu tempo.

Cavalguei na estepe mongol e comi carne de iaque com os nómadas. Fui alimentada com gordura de foca por Inuítes, na Gronelândia. Engoli tubarão fermentado em Reiquiavique. Comi panquecas estaladiças ao pequeno-almoço, preparadas por vendedores ambulantes em Xangai, e *dosa* picante de uma banca na berma da estrada, em Bombaim. O meu apetite tem-me levado a dar a volta ao mundo. Talvez tenham visto os programas de televisão que fiz, lido alguns dos artigos ou livros que escrevi? A minha vida tem sido a vida de uma aventureira; pelo menos, até agora.

Então fiz cinquenta anos e algo mudou. Eu culpo a minha mãe. «Vinte bons anos», disse ela. «É o que te resta na tua idade. Depois disso, já não vais querer ter aventuras.»

Respondi que estava a dizer disparates, mas depois de ter desligado o telefone,

fiquei a pensar nas palavras dela. Vinte bons anos não soavam a tempo suficiente. E se a minha mãe tivesse razão? Talvez aos setenta eu pudesse sentir-me completamente diferente do que me sinto neste momento. Talvez atravessássemos algum limiar que nos fizesse começar a desejar segurança e conforto. Como poderia eu saber?

Naquela noite, acordei às três da manhã e não consegui voltar a dormir. Os medos parecem sempre muito maiores a essa hora e eu esperava que de manhã este tivesse desaparecido. Mas a preocupação encontrara um lugar na minha mente e instalara-se. Não conseguia livrar-me dela.

Voltei a telefonar à minha mãe.

– Nunca foste aventureira – protestei. – Então, como é que sabes?

– Porque toda a gente à minha volta é velha e fazemos todos o mesmo – respondeu ela. – Deixamos os passaportes caducar e entregamos as cartas de condução.

– Meu Deus, que deprimente.

– Podes encontrar prazer em coisas mais pequenas, sabes, Kat? É muito agradável ser uma pessoa caseira. Logo verás.

Não, nem pensar. Para mim, a vida é o que acontece para lá da minha porta da frente. É uma mala feita e uma carteira cheia de moeda estrangeira. Não estou a dizer que não me sinto mais velha. Dói-me um pouco a anca esquerda, preciso de óculos para ler e se não fizesse uma visita mensal ao cabeleireiro, o meu cabelo seria mais grisalho do que castanho. Vejo muito bem esses sinais. Mas fiz uma promessa a mim mesma – nunca serei uma pessoa caseira, nem que viva até aos cem anos.

Faço tenções de que as coisas fiquem mais interessantes à medida que envelheço, não menos. Não vou perder tempo. E não vou sentir ciúmes da minha própria vida. Nunca.

Kat Black não sabia se deveria admitir que tinha cinquenta anos. As pessoas rotulavam-nos, certo? Talvez pudesse encobrir a sua idade exata e deixar toda a gente assumir que ainda andava pela casa dos quarenta. Mas então a expressão «vinte bons anos» não funcionaria; e a mãe realmente dissera isso; e Kat ficara agitada, mesmo quando escrevera aquelas palavras. Além disso, era um ótimo primeiro capítulo e não queria mudá-lo.

De que adiantava, já que a idade dela estava a começar a fazer a diferença. Não era por isso que a estação de televisão não estava interessada noutra temporada da sua série sobre viagens e comida, *As Viagens de Kat Black*? Talvez fosse até a razão pela qual os seus editores tinham reduzido a metade o adiantamento para o novo livro? A agente alegara que estava a acontecer a mesma coisa a todos, mas Kat não ficara convencida. Parecia mais provável que a sua carreira estivesse a esmorecer. Trabalhara tão arduamente e alcançara tanto, mas podia sentir o cheiro da mudança no ar.

Olhou pela janela. A menos que a abrisse e se debruçasse, não conseguia ver muito dali. As suítes do Hotel Gôndola dispunham das melhores vistas. O quarto que Kat ocupava ficava no cimo de uma escadaria íngreme, sob os beirais, e dava para a janela do hotel em frente. Ainda assim, adorava aquele sítio, mesmo no centro de Veneza, com toda aquela vida vibrando ao seu redor. Era uma experiência tão diferente viver na cidade e visitá-la como turista. Tudo se modificara naquele momento; fora esse o objetivo da sua vinda.

Kat olhou para o ecrã do computador, verificou o número de palavras e suspirou. Começar um livro era sempre a parte mais difícil, e este ia ser ainda mais complicado, porque estava a viver a aventura enquanto a escrevia.

Um Ano em Veneza; Kat ficara admirada por os seus editores terem gostado tanto da ideia. Tivera de prometer receitas, claro, o que dava sempre imenso trabalho, pois era necessário testá-las e certificar-se de que media os ingredientes até à última colher de chá. Não era a sua forma preferida de cozinhar, mas percebeu que isso seria decisivo para o seu sucesso.

«Será a minha maior aventura até à data», prometera enquanto apresentava o projeto. «Kat Black embarca na única viagem que nunca empreendeu antes – uma relação amorosa.»

Não era estritamente verdade. Tivera muitos namorados, mas a relação mais

longa durara oito meses, com um fotógrafo que viajava quase tanto quanto ela, por isso dificilmente contava como um relacionamento a sério. Porém, ela e Massimo Morosini – aquilo era diferente; pelo menos, era bom que fosse, porque havia muito mais em jogo desta vez.

Kat fechou o computador portátil, esticou os braços e bocejou. Talvez desanuviasse a cabeça, se desse um passeio. Precisava de explicar como acabara no Hotel Gôndola e não sabia qual a melhor maneira de contar a história. A mãe de Massimo e a sua própria mãe leriam aquele livro. Alguns dos seus ex-namorados poderiam lê-lo, e seria de esperar que milhares de desconhecidos o comprassem. Todos aqueles olhos se voltariam para a sua vida pessoal. Às vezes, Kat perguntava-se porque pensara que aquele projeto era uma ótima ideia.

Enfiando o portátil na carteira, pegou nos óculos escuros e no chapéu. Abriu cautelosamente a porta do quarto, parando e pondo-se à escuta antes de colocar um pé do lado de fora. O hotel estava repleto de hóspedes e ela de modo algum queria dar de caras com eles. Havia sempre perguntas a que responder, problemas a resolver. Precisavam de orientações para chegar ao Lido ou de uma almofada extra ou de sugestões para onde comer naquela noite. Por isso, Kat começara a esgueirar-se do quarto, descendo em seguida as escadas o mais depressa possível, de cabeça baixa, óculos escuros e chapéu a encobrir-lhe o rosto. Se conseguisse atravessar o átrio da recepção sem que a parassem, estaria quase safa, mas nunca relaxava totalmente até que, deixando para trás a tranquila *fondamenta*, soubesse que o Hotel Gôndola estava fora de vista.

Kat estava em Veneza há pouco tempo, mas já havia encontrado lugares que começava a considerar como seus. Em busca de árvores altas e frondosas, caminhava muitas vezes até aos Jardins Papadopoli. Mesmo agora, ainda se perdia no caminho; bastava virar na rua errada, um momento de distração. Mas aqueles eram os momentos em que tropeçava em algum lugar escondido sobre o qual tinha ouvido falar, mas nunca conseguira encontrar antes. A pequena *osteria* com a ementa manuscrita, o bar onde serviam polenta frita quente em cones de papel, o restaurante familiar que estava sempre cheio de habitantes locais. Massimo continuava a dizer-lhe que metade da alegria de Veneza residia em descobrir os seus segredos por si mesma. Mas esta era a cidade dele; ele calcorreara-a a maior parte da sua vida, e muitas vezes tinha razões para não se juntar a Kat nos seus passeios diários – muito trabalho, muitos compromissos. Então ela explorava-a sozinha, como sempre fizera.

Naquele dia, Massimo estava no seu escritório que não passava de um cubículo, franzindo a testa às folhas de cálculo cheias de números. Era o proprietário e o gerente do Hotel Gôndola e levava o seu trabalho a sério. Kat também deveria estar a trabalhar; o peso do portátil na sua carteira lembrava-a constantemente disso. Mas ela nunca fora boa a pensar enquanto estava sentada à secretária. Além disso, tinha um ano inteiro pela frente para terminar aquele livro, e certamente era melhor vivenciar a cidade, encontrando e preenchendo as páginas com cor e aventura, dar vida a Veneza, fazendo com que os leitores sentissem que

estavam ali, enquanto liam as suas palavras.

Um ano naquela cidade misteriosa e húmida; aprendendo a ser veneziana, a comer e a amar como os venezianos. Quando Kat concebera a ideia, parecera-lhe a resposta aos seus problemas. Agora perguntava-se se afinal não criara muitos mais. Tirar um livro do nada era uma coisa; gerir uma relação, outra completamente diferente – sobretudo porque ela e Massimo ainda se conheciam tão mal e era tudo bastante recente.

– Desculpe, desculpe.

Kat virou-se ao som da voz inglesa e reconheceu a mulher que falava como uma hóspede do Hotel Gôndola. Reparara nela antes na área da receção, sentada sob o lustre, intrigada com o seu guia de viagem.

– A senhora está bem? – quis saber a mulher.

– Sim, porquê? – perguntou Kat, um pouco ríspida de mais.

– Desculpe. Havia qualquer coisa na sua expressão. – A mulher tirou os óculos escuros e olhou para Kat com olhos cinzento-azulados. – Achei melhor verificar se estava tudo bem. É mais fácil não fazer nada, mas arrependo-me sempre. Reconheci-a do hotel. Chamo-me Ruth Wilson. Estou convosco há uma semana e vou ficar mais três.

– Sim, claro. – Kat tentou soar mais calorosa porque Massimo lhe dissera que os hóspedes de longa permanência, os que tendiam a voltar ano após ano, eram como pó de ouro.

– Na verdade, sou sua fã – continuou a mulher. – Vejo o seu programa de televisão há anos. Foi uma das coisas que me animaram a viajar novamente depois de o meu marido ter morrido.

– Oh, obrigada, espero que tenha umas ótimas férias.

Kat começou a desviar-se para o lado, mas a mulher parecia não entender que isso era um sinal para o fim da conversa.

– Vim com o objetivo de pintar – explicou ela –, mas ainda nem tirei as minhas telas da mala. Estou a sentir o lugar. Quero retratá-lo de uma forma que vá além dos clichés.

– Em Veneza isso é difícil. Houve tantos outros artistas que estiveram aqui antes de si – apontou Kat.

– Sim, mas não estou aqui para pintar os canais e as gôndolas. É nas pessoas que estou interessada.

– Ah, bem, pessoas não faltam. Mas imagino que queira pintar venezianos em vez de turistas?

– Ainda não tenho a certeza. Andava a deambular por aí, a tentar decidir, quando a vi. – Os olhos da mulher perscrutaram-lhe o rosto novamente, como se pudesse haver uma resposta ali. – Tinha esperança de falar consigo, mas parece estar sempre com tanta pressa quando a vejo no hotel.

Esta mulher sentia-se só, isso era claro. Por mais tentador que fosse afastar-se dela, Kat não era capaz de o fazer. Veneza parecia um lugar tão terrível para se estar sozinha, tão colonizada por recém-casados e grupos barulhentos, tão propensa

a brumas repentinas e tardes melancólicas, tão cheia de uma grandiosidade desvanecida.

– Gostaria de se juntar a mim? – obrigou-se a perguntar. – Vou para os Jardins Papadopoli.

– Oh, adoro jardins. Esses são bonitos? – Ruth parecia interessada.

– É um parque agradável, nada de incrivelmente especial, mas acho que é um bom lugar para ir quando preciso de pensar sobre o livro que estou a tentar escrever.

– Suponho que não será capaz de pensar devidamente se eu estiver a tagarelar, certo?

Kat murmurou algo evasivo, mas foi o suficiente para encorajar Ruth.

– Sendo assim, se tiver a certeza, sim, eu adoraria ir.

Caminharam juntas, Ruth igualando o passo largo de Kat, contornando grupos de turistas que obstruíam o caminho, atravessando pontes que se arqueavam sobre os canais, acompanhando o ritmo dos lentos motores dos barcos.

Ruth era uma tagarela, tal como havia prevenido. Falou sobretudo do trabalho de Kat; dos programas de televisão de que gostava especialmente, dos livros de viagens que a inspiraram. Declarou várias vezes que era uma grande fã. A admiração sempre parecera tão estranha a Kat. Não fora a razão pela qual fizera essas coisas, para se tornar famosa e ser celebrada. Eram um meio para um fim, uma maneira de financiar a vida que queria. Pelo menos até à data.

– Sobre que é o seu novo livro? – perguntou Ruth. – Veneza, imagino.

– É verdade.

– Em que aspeto se está a concentrar? Na história, na culinária... Ah, desculpe, talvez seja uma daquelas escritoras que detesta falar sobre o trabalho que tem em mãos?

– Ainda não há muito sobre que falar – admitiu Kat. – A ideia é que eu passe um ano aqui e escreva sobre as pessoas que conheço, os lugares que visito, a comida que como, esse tipo de coisas.

– Parece uma aventura.

– Espero que seja.

Os olhos de Ruth perscrutaram o rosto de Kat novamente.

– Sabe, há pouco, quando lhe perguntei se estava tudo bem?

– Eu estava de sobrolho franzido? Talvez pensasse no livro.

– Na verdade, foi outra coisa. Acho sempre complicado explicar, mas quando olho para as pessoas, vejo cores.

Kat ficou estupefacta. Aquela mulher pequena e magra parecia tão vulgar. O cabelo grisalho estava cortado curto, as roupas eram práticas e o rosto tinha apenas um leve traço de maquilhagem. Não havia nada na sua aparência que sugerisse que ela era do tipo de começar a falar sobre ver cores.

– Não quero dizer uma aura – apressou-se a explicar Ruth. – É mais uma impressão de cor do que um halo de luz. E isso dá-me uma ideia dessa pessoa, quem ela é e como se está a sentir.

– Então, todas estas pessoas – com um gesto, Kat indicou um grupo de turistas que se encaminhava na direção delas –, está a ver cores quando olha para elas?

– Sim. Em criança, foi um choque quando percebi que ninguém vivenciava o mundo da mesma maneira.

– Que cor sou eu? – perguntou Kat.

– Aí é que está – disse Ruth, hesitante. – A sua cor não para de mudar. Agora é prateada. Anteriormente, havia um redemoinho azul ao seu redor. E ontem passou a correr por mim na receção e deixou um rasto cor de laranja.

– Isso normalmente não acontece?

– Na verdade, não. Foi por isso que me perguntei se estaria tudo bem.

– Eu tinha uma cor diferente quando a Ruth via os meus programas de televisão?

Ruth sorriu.

– Não é assim que funciona. Só acontece quando alguém está fisicamente presente. Tenho a certeza de que é cética, a maioria das pessoas é. Mas não sou louca, garanto-lhe.

Kat decidiu condescender.

– Então, o que acha que significa o meu arco-íris cambiante?

– Não sei, só sei o que isso me faz sentir. «Inquieta» parece ser a melhor maneira de o descrever.

– E eu ainda estou prateada, certo?

– Por enquanto.

Kat riu-se.

– Desculpe, mas isso é tão estranho.

– O meu marido era o mais belo tom de verde – disse Ruth melancolicamente. – Fazia-me sentir calma. E depois adoeceu e transformou-se num caqui sem brilho. Nada que os médicos tenham conseguido mudar.

– Lamento... Disse que ele morreu?

– Sim, há dois anos, embora estivesse doente há muito tempo. Costumava sempre dizer-me que eu devia pintar as cores que via. Foi depois de o ter perdido que comecei.

Agora aproximavam-se dos jardins. Kat tinha conseguido não se enganar no caminho, ainda que não estivesse concentrada.

– Já estavam juntos há muito tempo?

– Quarenta anos. Nunca tivemos filhos; éramos só ele e eu, uma pequena equipa. É por isso que tenho viajado muito. É mais fácil do que estar em casa.

Pobre Ruth, sozinha em todos os lugares a que fora. Kat sentiu-se contente por tê-la convidado, mesmo que ela parecesse estranha.

– Então, o que a fez vir a Veneza? – perguntou.

– Visitei a cidade uma vez há muitos anos e perguntei-me se teria mudado.

– E mudou?

– De facto, não. Não naquilo que é importante.

Os Jardins Papadopoli não eram grandes; era possível percorrer os seus

caminhos de gravilha em pouco tempo. Geralmente Kat encontrava um banco, não muito perto da área de recreio das crianças, e sentava-se uns momentos a ouvir o som da brisa nas árvores e a apreciar a relativa calma daquele espaço. Nesse dia, Ruth preenchia o silêncio com palavras e não havia forma de lhe escapar. Kat perguntou-se qual seria a sensação de estar tão sozinha. Ouviu a sua longa e desconexa história da visita a Veneza quando Ruth era mais nova, e imaginou a extensão dos anos entre aquela altura e o presente, todo aquele tempo passado com um homem, para ficar sem nada no fim de tudo, apenas uma casa vazia, uma vida vazia.

– Esta é a primeira viagem que faço sozinha – confidenciou Ruth. – Fiz algumas excursões e um cruzeiro no rio para ganhar coragem e depois decidi vir a Veneza. Já cá estive muitas vezes?

– Na verdade, sempre a evitei – disse Kat. – Para mim, o Sul sempre me pareceu a verdadeira Itália e presumi que Veneza era uma Disneylândia turística e que não valia a pena.

– O que a fez mudar de ideias?

– O acaso trouxe-me aqui – disse Kat. – Trouxe-me aqui e assumiu o controlo da minha vida. O meu livro é sobre isso. O livro em que eu deveria estar a trabalhar agora.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 2

Amor e dinheiro – é o que a maioria das pessoas deseja, diz-me a experiência pelo menos. Também desejam outras coisas, mas tudo acaba por se resumir a essas duas. Eu sempre fui diferente. Na minha opinião, o amor prende-nos, traz consigo crianças e posses que nos acorrentam rapidamente. Dou demasiado valor à minha liberdade para isso. Quanto ao dinheiro, tenho tendência a voltar a pô-lo em circulação o mais rápido possível. Gosto de o gastar. Não em carteiras e sapatos, não, tão-pouco em coisas sensatas como imóveis. Rir-se-iam se pudessem ver o meu apartamento. É uma caixa de sapatos em Maida Vale, uma única divisão com uma casa de banho acoplada. Durmo num sofá-cama e há sempre uma mala no chão em processo de ser feita ou desfeita. O meu apartamento é apertado e não especialmente agradável, mas isso não importa, porque é apenas um lugar que me serve de base. Gosto de viagens e aventuras; gosto de uma paisagem em mudança; e não esperava que nada disso se alterasse.

Depois de fazer cinquenta anos, comecei a pensar demais, e uma das coisas que me impressionaram foi que corro o risco de passar a vida toda sem nunca ser verdadeiramente amada por um homem. Talvez tenha visto demasiadas fotografias de casais felizes no Instagram e no Facebook, mas comecei a interrogar-me se alguém que vive para as experiências deveria realmente passar ao lado de uma tão essencial. E se o tivesse deixado para demasiado tarde? E se fosse algo de que viesse a arrepender-me? Fiquei surpreendida com o facto de a ideia me ter incomodado tanto; a minha mente não conseguia deixar de pensar nisso. Eu precisava de saber como era ser amada. Não queria perder essa experiência.

Como é evidente, o problema do amor é que não aparece à hora marcada, como um comboio ou um avião. E a verdade é que eu não fazia ideia de onde procurar. Como é que as pessoas se conhecem? No passado tive namorados que cruzaram o meu caminho no trabalho ou estavam ligados a um círculo de amigos. Não tive ninguém durante algum tempo, nem sequer uma aventura casual. Não percebi quanto tempo tinha passado até me pôr a fazer contas. Três anos, a menos que me tivesse esquecido de alguém e tinha certeza de que não – uma longa seca. Certamente estava na altura de fazer algo acerca disso?

Era este o estado de espírito em que me encontrava quando me propuseram a

viagem a Veneza. Tratava-se de uma reportagem para uma revista de viagens, com voos e alojamento, tudo pago, e a editora deu-me o mesmo *briefing* de sempre.

– Saia dos circuitos habituais. Encontre-me lugares que não vêm nos guias turísticos, coisas que só os moradores conhecem.

Os editores nunca gostam de ouvir os nossos problemas. Querem que escrevamos a peça, cumprindo o prazo e sem cometer nenhum erro gritante que os leitores possam detetar. Normalmente cumprio a minha parte, mas desta vez não pude evitar protestar.

– Ainda existe tal coisa em Veneza?

– Oh, vá lá, Kat, deve ter imensa informação privilegiada. Ligue aos seus contactos e arranje-me material interessante que eu possa pôr numa capa: Veneza secreta.

Eu não lhe disse que nunca tinha ido a Veneza, que sou viajante e não turista, e prefiro os lugares mais distantes aos completamente explorados. Não mencionei nada disso.

– OK, gosto de um desafio. Aceito – disse-lhe, porque não tinha mais nada para fazer na altura. – Quantas palavras quer?

Depois de desligar o telefone, li alguns blogues e comecei a sentir-me mais entusiasmada. Veneza secreta podia dar um pouco de trabalho, mas havia definitivamente habitantes e eles tinham de frequentar algum lugar. Disponha de uma semana inteira; de certeza que poderia descobrir uma história decente.

Por isso foi o destino que me mandou ficar no Hotel Gôndola. O nome constava do itinerário fornecido pela revista, e o meu contacto era Massimo Morosini, o seu proprietário/gerente.

Deixem-me descrever-vos o Hotel Gôndola. É como um guarda-joias, cheio de lustres, mosaicos de vidro de Murano e espelhos antigos. Cada quarto é diferente, mas todos estão decorados com cortinas de cetim drapeadas e papel de parede de talha dourada. Algumas das melhores suítes têm varanda com vista para o canal e, se quisermos, é possível chegar ao hotel de gôndola, pois este dispõe da sua própria plataforma de desembarque. Há uma sala para pequenos-almoços, e um barzinho que se abre para um terraço onde nas noites mais quentes podemos desfrutar de um *cocktail* antes de sairmos para ir jantar.

Naquela primeira tarde, eu estava mal-humorada quando cheguei. Veneza tinha-me enganado. Eu perderei-me num labirinto de ruas estreitas, arrastando a mala atrás de mim, ouvindo o som desagradável das rodas de plástico estrondando sobre as velhas pedras, passando por outros visitantes que faziam o mesmo. Devia ter apanhado um táxi aquático, mas parecia bastante simples ao verificar o mapa que agora estava amassado na minha mão.

Quando finalmente cheguei ao hotel, descobri que havia uma confusão qualquer com a minha reserva. Seguiu-se muito teclar ao computador e uma funcionária a abanar a cabeça constantemente. Em algumas partes do mundo, descobri que o melhor a fazer nessas situações é mostrarmo-nos um pouco irritados e gesticular. O que dizemos, ou em que língua falamos, não parece importar;

facilita as coisas. Tentei isso aqui, mas a expressão da jovem rececionista não se alterou. Genuinamente irritada, olhei para o meu itinerário e levantei a voz, desta vez mencionando o nome do gerente. Um momento depois, um homem apareceu de uma área escondida atrás do balcão da receção. Não faço ideia de como se terá enfiado lá dentro. Era alto, com ombros largos, pele morena, olhos escuros e um daqueles peitos sólidos que nos dá vontade de encostar a cabeça.

– *Signora*, há algum problema? – perguntou ele em voz baixa e calma.

– Sim, parece haver. Sou da revista *Travel Dreams* e supostamente deveria ter um quarto reservado aqui, mas pelos vistos não estou a aparecer no computador.

Mais teclar no computador, mais cabeças a abanar e então os dois começaram a discutir. Acabou com a jovem a sair intempestivamente da área de receção. O homem alto murmurou algo para si mesmo; em seguida, olhou para mim.

– Desculpe, *signora*, deve ter havido alguma confusão no sistema de reservas e o seu quarto foi atribuído a outra pessoa que já fez o *check-in*.

– Fantástico – disse eu. – Pode recomendar-me outro hotel que possa ter um quarto para mim?

Ele ergueu a mão.

– Não, espere, parece que tivemos um cancelamento de última hora, por isso há outro quarto. Na verdade, é um *upgrade*: a suíte de lua de mel.

– A sério? Quem cancela a suíte de lua de mel no último minuto?

– Alguém que teve um dia muito pior do que o seu, *signora*.

Ele apresentou-se como Massimo Morosini, o dono do hotel, e depois pediu desculpas pela funcionária, fez-me o *check-in* e insistiu em acompanhar-me até ao meu quarto. O elevador era tão pequeno que, para não nos tocarmos, tivemos de nos colar às paredes. Isso tornou a conversa estranha, mas ainda assim pensei em pedir algumas dicas sobre locais que deveria visitar.

– Procuo lugares secretos, aqueles que os turistas nunca encontram – expliquei-lhe. – Barzinhos, restaurantes, espaços com música ao vivo, talvez.

– Para visitar ou como pesquisa para o artigo da sua revista? – perguntou, quando as portas do elevador se abriram.

– Para o artigo, obviamente – disse.

– Não me ocorre nenhum lugar, desculpe.

– Aonde vai quando não está a trabalhar?

Ele estava prestes a abrir a porta do meu quarto, mas endireitou-se e olhou-me nos olhos.

– Nós, os venezianos, precisamos de alguns lugares que são apenas para nós. Não são grandiosos; na verdade, a maioria é o oposto. Não agradariam tanto aos seus leitores quanto o Harry's Bar e o Caffè Florian.

– Os meus leitores procuram uma experiência autêntica – argumentei.

– Mas, se esses lugares se encherem de pessoas de fora, deixarão de ser autênticos. Desculpe, *signora*, há alguns segredos que não partilho.

Abriu a porta, indicando-me que entrasse com um gesto. Era um quarto grande e a primeira coisa em que reparei foi na espaçosa varanda que dava para o canal.

Então vi as pétalas de rosas vermelhas espalhadas pela cama e a garrafa de *Moët* num balde de gelo, ao lado de duas *flûtes* de champanhe.

– Oh, céus... eram mesmo recém-casados.

Massimo pousou a minha mala, olhou para a cama coberta de pétalas, depois para mim e sorriu. O sorriso era a sua melhor característica. Iluminava-lhe o rosto e fazia com que os olhos escuros brilhassem.

– Mais vale aproveitar o champanhe deles. Mas posso mandar alguém vir limpar as pétalas de rosa.

– Não, não faz mal, deixe estar.

– Bem, nesse caso, aproveite a sua noite, *signora*.

– Podia indicar-me só um lugar? – implorei. – Um pequeno local favorito que não encontrarei em nenhum dos guias.

– Lamento muito, mas não. – Abanou a cabeça. – Mas se procurar com atenção, será capaz de os encontrar por si mesma.

Veneza secreta. Quando a tarde se instalou, Kat Black estava sentada num banco dos Jardins Papadopoli, interrogando-se se iria descobri-la. Uma semana não fora o suficiente; um ano talvez fosse, mas ainda assim não tinha a certeza.

– O problema é que os venezianos só nos deixam ir até certo ponto – disse ela a Ruth. – Isso é o que me preocupa. Um artigo para uma revista é uma coisa... mas um livro...

– Há quanto tempo está aqui? – perguntou Ruth.

– Quer dizer oficialmente, há quanto tempo vivo cá? Apenas quatro semanas. Houve algumas idas e vindas antes, mas não estou a contabilizar isso como parte do ano. Portanto, presumo que tenha bastante tempo à minha frente.

– Um ano em Veneza, invejo-a. Imagino que os seus leitores também.

– Tenho a certeza de que nunca passei doze meses inteiros num só lugar – admitiu Kat. – Pelo menos em adulta. Estou sempre a caminho de outro lugar.

– Mas vai voltar a Londres para ver os seus amigos e familiares?

– Não, não me parece. Para que isto seja uma aventura, tem de ser uma mudança completa para mim. Se voltasse para a minha vida, seria fazer batota.

– A sério? – Ruth soou admirada. – Porque é que seria fazer batota?

– O que vendeu a ideia deste livro aos meus editores foi o elemento paixão na meia-idade – explicou Kat. – Depois de praticamente uma vida inteira como solteira, apaixonei-me por um italiano e comprometi-me a passarmos o ano inteiro juntos, para ver se conseguimos fazer com que isso funcione.

Kat contou a versão abreviada da história a Ruth. Era uma explicação que havia aperfeiçoado narrando-a muitas vezes. Ela e Massimo conheceram-se, sentiram-se instantaneamente atraídos um pelo outro e decidiram não perder tempo com uma relação de longa distância. Ambos estavam numa fase da vida em que parecia mais sensato levar as coisas adiante.

– Então, estamos a apostar tudo no amor – terminou Kat com um floreio, como sempre fazia. – É romântico, não é?

Ruth tinha o sobrolho franzido.

– E se não resultar? E se o Massimo não for a pessoa que pensa? Esse parece ser o maior risco. – Ela parecia genuinamente preocupada.

– É apenas um ano e, de qualquer forma, sempre vivi assim, correndo riscos – apontou Kat. – Este é só um diferente.

– Acho que isso explica porque é que as suas cores não param de mudar.
– Quer dizer porque eu tenho medo de ter prometido demasiado com este livro?

Ruth abanou a cabeça.

– Não, não é isso.

Kat havia perdido a conta das pessoas que lhe disseram para não viver com um italiano que mal conhecia. A mãe ficou especialmente horrorizada, declarando que ela se estava a comportar como uma adolescente, o que só aumentara a resolução de Kat. Quando a mãe desaprovava algo, geralmente ela fazia-o. Era uma regra de vida que lhe tinha servido perfeitamente até então.

Havia amigos, a cujas opiniões dava valor, que pareciam igualmente inquietos. Alguns conheceram Massimo e gostaram dele, mas ainda assim achavam que ela estava a ir longe demais. Não te apresses, leva as coisas devagar, dá tempo ao tempo, diziam-lhe, como se ela ainda tivesse dezoito anos e a vida inteira pela frente. Esta oportunidade estava aqui e agora, argumentara Kat. Podia aproveitá-la e ver como corriam as coisas. Ou podia esperar e perdê-la.

– Será um livro diferente se as coisas não funcionarem – confessou a Ruth.

– O que vai acontecer quando o ano acabar? Vai ficar aqui ou regressar a casa?

– Quem sabe? Não posso prever o que vai acontecer, essa é a questão fundamental.

– De certeza que deve ter pensado nisso? – Ruth pareceu surpreendida.

– Na verdade, não – admitiu Kat. – Temos um ano inteiro pela frente, por isso espero que tudo funcione como em qualquer relação. Não se pode planear essas coisas, pois não?

– Suponho que não – murmurou Ruth.

Kat perguntou-se que idade teria Ruth, talvez estivesse nos seus sessenta e tantos? A luz âmbar do sol do fim de tarde incidia-lhe no rosto, revelando rugas e pequenos derrames, refletindo-se no único colar de contas de vidro azul à volta do pescoço e transformando-lhe o cabelo num halo de cinzento. Kat desviou o olhar e reparou noutra mulher, esta uma mãe, agachando-se junto a uma criança com elegância e agilidade, sem vestígios de dores nos joelhos. Era bastante comum, mas a sua juventude tornava-a atraente. Kat teve a estranha sensação de ter sido apanhada no meio de uma multidão e forçada a ir na direção errada. Em pouco tempo seria velha, tal como Ruth. Não havia nada que pudesse fazer para o impedir. A ideia fê-la sentir-se em pânico.

– Até agora não há arrependimentos – disse ela a Ruth. – Está tudo a correr bem. O Massimo trabalha muitas horas, obviamente. Não é fácil gerir um lugar como o Hotel Gôndola; ele tem de estar em todo o lado. Mas quando consigo afastá-lo do trabalho, divertimo-nos muito os dois.

Ruth assentiu, mas de uma maneira que sugeria que não estava convencida.

– Então, como conheceu o seu marido? – perguntou-lhe Kat.

– Oh, foi há muito tempo. – Ruth sorriu. – Eu era arrumadora no cinema local. Costumava levar as pessoas aos seus lugares com a minha lanterna, quando as

luzes se apagavam, e vendia gelados no intervalo. Ele adorava cinema, por isso ia lá muitas vezes, com amigos ou sozinho, e um dia convidou-me para sair. Foi tão simples quanto isso.

– Quanto tempo depois se casaram?

– Um ano, mais ou menos.

– E nunca teve dúvidas, nunca se preocupou com o que aconteceria se não desse certo?

– Quando somos jovens e estamos apaixonados, não pensamos nisso.

– Então correu um risco.

– Não foi isso que me pareceu na altura – insistiu Ruth. – Mas sim, percebo o que quer dizer. Porque deveria ser diferente quando somos mais velhos?

– Porque é que tudo o resto deveria ser diferente?

Ruth deu um meio suspiro.

– Essa é uma grande questão e eu não sei se lhe consigo responder.

O parque estava a ficar mais movimentado, estudantes e trabalhadores atravessando-o a caminho de casa. Kat desejou poder segui-los, ver o interior dos seus apartamentos, conhecer as suas famílias, ouvi-los conversar e provar a comida que cozinhariam para o jantar.

Levantou-se do banco, esticou a anca rígida e disse a Ruth:

– E que tal se eu lhe preparar uma bebida e a Ruth vê se consegue responder-me?

– Não tem um livro para escrever?

– Tenho, mas agora o bar do Hotel Gôndola chama-me. Vou escrever outro capítulo mais tarde, ou pelo menos vou tentar.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 3

Nunca nada é normal em Veneza; não pode ser. É disso que tenho vindo a aperceber-me. Na primeira noite, depois de o Massimo me ter deixado sozinha na suíte de lua de mel, sentei-me na varanda e acabei por beber uma garrafa inteira de champanhe. Geralmente não sou de beber muito, mas havia algo no facto de estar em Veneza que me dava vontade de comemorar.

O outono estava a começar e detetei o cheiro húmido e ligeiramente bafiento do canal na brisa. Abaixo de mim, uma gôndola deslizou e a música subia de um bar próximo. Eu não percebi logo, mas Veneza começava a seduzir-me.

Viajei muito, mas nunca me descreveria como alguém cansado de viver. Cada novo destino tem algo com que nos surpreender e encantar. Ainda assim, hoje em dia prefiro evitar os lugares que foram muito contaminados pelo turismo. Não é fácil. Aconteceu-me ser perseguida por vendedores ambulantes tentando vender-me ímanes de frigorífico, ao longo da Grande Muralha da China. Bufe de frustração perante as filas que se arrastavam pela Capela Sistina ou pelo Museu de Anne Frank, perante as hordas que tiravam *selfies* em frente da Mona Lisa. Oh, sim, e depois há a comida. Foram-me oferecidos hambúrgueres no norte do Vietname, ovos e batatas fritas em Espanha; isso parte-me o coração. Então, para ser sincera, estava à espera de que a Veneza sobrestimada e cheia de turistas fosse uma série de decepções.

Acordei de madrugada no primeiro dia para poder ver a cidade sem pessoas. Estava uma manhã fresca e calma e caminhei pelas praças graciosas e ruas calçetadas; atravessei pontes arqueadas sobre águas escuras; passei por vitrinas cheias de máscaras de Carnaval, um velho *palazzo* a ruir silenciosamente e uma igreja grandiosa. Perdi-me na Veneza sossegada e vazia, e quase pareceu que voltava atrás na História.

Não demorou muito até que o som de um motor quebrasse o feitiço. Uma barça de entregas, carregada de barris de vinho e grades de cerveja, passou por mim e atracou um pouco mais à frente. Homens gritavam uns aos outros enquanto transferiam a sua carga para carrinhos de mão.

De repente, o ar encheu-se do aroma a café e açúcar quente. Dobrei uma esquina e deparei com um pequeno café, a sua entrada cheia de pessoas a beber

espresso e a comer bolos acabados de sair do forno. Devem ser venezianos, pensei, espremendo-me para passar por uma velha senhora envergando uma *pashmina* colorida e um homem de negócios com um fato de risca de giz e óculos escuros. Lá dentro havia um balcão de madeira comprido que continha uma caixa de vidro cheia de mais bolos e uma velha máquina de café *Gaggia* que assobiava e fumegava.

Adoro o primeiro gole de café pela manhã, o seu sabor amargo e torrado despertando-me para o dia. No entanto, tive de esperar algum tempo por aquela chávena, porque tropecei num lugar onde os clientes habituais eram servidos primeiro. De pé, pacientemente ao balcão, escutei as vozes italianas aos meus ombros e olhei para o homem ao meu lado, absorto no seu exemplar do *La Repubblica*. Pareceu-me que escrever aquele artigo talvez não fosse uma tarefa assim tão complicada, afinal. Eu já estava a descobrir a verdadeira Veneza.

Dediquei o resto do dia a deambular, parando de vez em quando para comer ou beber, tomar algumas notas ou descansar os pés. O que eu queria naquele momento era captar impressões ao invés de detalhes. Por isso, anotei os nomes dos lugares onde desejava voltar e continuei a andar.

À tarde, os turistas acompanhavam-me aonde quer que eu fosse. A Piazza San Marco era um mar deles. Balançavam nas gôndolas do Grande Canal, sentavam-se nos degraus das igrejas e enchiam as ruas estreitas.

Avancei para os limites de Veneza, onde ainda se podia encontrar paz, se procurássemos com atenção suficiente. Num parque escondido atrás de um *palazzo* ou ao longo de um canal rodeado por habitações, com as janelas fechadas para proteger a sua privacidade, a roupa a secar e a esvoaçar nas cordas como único sinal de vida.

Passei muito tempo a vaguear até que me senti cansada e perdida. Cada arco ou esquina tentava-me a seguir em frente. Finalmente deparei-me com uma paragem de *vaporetto* e aproveitei para embarcar no *ferry* sobrelotado em direção ao Hotel Gôndola.

Já era quase noite quando cheguei e havia outros hóspedes retardatários: famílias com mapas e mochilas, mulheres de meia-idade calçando sapatos confortáveis, um casal de mãos dadas. Olhei para o balcão da receção, mas não havia sinal do Massimo, apenas a funcionária pouco prestável da noite anterior.

- O gerente está por aí? – perguntei.
- Não – respondeu ela, fazendo o possível para não me encarar.
- Sabe quando voltará?
- Não.
- Então faz alguma ideia de onde possa estar?
- Ele está lá em cima, no bar – disse ela com má vontade e num inglês carregado de sotaque.

Pensando que o Massimo estaria a tomar uma bebida depois do trabalho, subi a escada estreita até ao bar junto ao terraço. Em vez de relaxar a uma mesa com uma cerveja gelada, encontrei-o atrás do balcão, de sobrolho franzido para o ecrã do

telemóvel.

– Boa noite – cumprimentei-o.

– *Buona sera* – respondeu ele distraidamente.

– Também é *barman* aqui, além de gerente?

– Normalmente não. – O Massimo olhou para cima. – O *barman* habitual não apareceu esta noite.

– Ele costuma ser tão pouco confiável?

– É meu sobrinho.

– Ah.

– A funcionária da receção é minha sobrinha.

– Ah, certo.

– Este é um hotel familiar e damos emprego a parentes sempre que podemos. –

O Massimo ergueu a mão. – Por favor, não me pergunte se isso é uma boa solução.

Eu ri-me.

– Então está a servir as bebidas esta noite?

– Tenho tentado, mas aquelas duas senhoras inglesas ali fora pediram um *cocktail* de que nunca ouvi falar: um *Double Banger*. Fingi que sabia o que era, pensando em procurar os ingredientes. Encontrei um *Fruity Banger*, um *Cactus Banger* e um *Harvey Wallbanger*.

– Mas não *Double Banger*?

– Não, parece não existir.

Olhei para o par de mulheres na mesa ao ar livre. Tinham mais ou menos a minha idade e usavam roupas brilhantes para saírem à noite. Uma delas estava a olhar para nós e a rir-se. Um *Double Banger*, hein? Tinha a certeza de que estavam a gozar com o Massimo.

– Deixe-me passar – disse-lhe. – Vou resolver isso.

– Já trabalhou num bar? – perguntou ele, esperançado.

– Em imensos – exagerei. – Anos e anos.

Preparei um *Harvey Wallbanger* básico com sumo de laranja, *vodka* e *Galliano*. Depois, derramei uma dose de xarope de romã que se afundou lindamente e terminei com um toque de laranja e uma cereja marasquino.

O Massimo observava-me.

– Isso é um *Double Banger*?

– Não faço ideia, mas não se preocupe, elas também não.

Fiquei a vê-lo levar-lhes as bebidas. Sorriu e conversou com as mulheres enquanto dispunha guardanapos de papel e um pequeno prato prateado com nozes salgadas na mesa. A mais nova das duas bebeu um gole do copo e assentiu com a cabeça. A outra imitou-a. O Massimo ficou junto da mesa, conversando durante mais algum tempo, os rostos delas inclinados para cima, como se cada palavra que ele dissesse fosse fascinante. Quando voltou para o balcão, sorria para mim.

– O *Double Banger* perfeito, pelos vistos. Excelente trabalho e obrigado.

– Tenho a certeza de que se namoriscar com elas o suficiente, vão beber qualquer coisa – disse eu ironicamente.

Ele olhou para mim de soslaio e riu-se.

– Espero que sim. Porque tenho a sensação de que não devo ser grande *barman*.

– Vai correr tudo bem. Isto aqui em cima não tem muito movimento, pois não?

– Os hóspedes vêm tomar uma bebida antes do jantar. Nesta época do ano, está frio no terraço à noite, por isso colocamos tapetes e aquecedores, há iluminação decorativa, é bonito.

– Os habitantes locais também vêm cá?

– Não, eles vão a outros bares. Este não é um dos seus lugares secretos.

– Acho que consegui encontrar um hoje – disse-lhe. – Uma pequena cafetaria cheia de venezianos.

– Ah, sim?

– Tenho a certeza de que me poderia mostrar lugares melhores que eu nunca descobriria sozinha.

O Massimo riu-se novamente.

– Não tivemos já essa conversa? Ontem à noite, não foi?

– Sim, mas ontem à noite não precisava de mim – aponteí. – Agora é um *barman* inexperiente que está prestes a enfrentar uma onda de clientes. Imagine as críticas que isso vai suscitar no TripAdvisor.

O Massimo encostou-se ao balcão e cruzou os braços sobre o peito.

– Inteligente – disse.

Eu sorri.

– Sim, eu sei.

– Então vai ajudar-me no bar esta noite e, em troca, eu mostro-lhe a minha Veneza amanhã à noite?

– Temos acordo – concordei.

– Mas se eu a levar aos meus lugares favoritos, não pode revelar aos seus leitores onde ficam.

– Isso não vai funcionar para mim.

– É o acordo que estou a propor.

– Não posso aceitar.

– *Va bene*. – Ele passou a mão pelo cabelo escuro. – Suponho que terei de dar o meu melhor sem a sua ajuda.

Um casal com dois filhos adolescentes apareceu. Sentaram-se a uma mesa e esperaram para serem atendidos. Um homem mais velho entrou e fez o mesmo.

O Massimo olhou para mim e arregalou os olhos.

– Oh, está bem – cedi. – O Massimo recebe os pedidos e eu preparo as bebidas. Mas é bom que eu me divirta amanhã à noite.

– Vai divertir-se, prometo.

Depressa o terraço se encheu e todas as mesas foram ocupadas. Felizmente a maioria das pessoas não era aventureira. Queriam cervejas, *Aperol Spritz*, um *Bellini* ou uma *margarita*; nada que eu não conseguisse preparar. Quando os pedidos começaram a acumular-se, o Massimo veio para trás do balcão e ajudou-

me. Tirou rolhas de garrafas, enxaguou copos e limpou superfícies cobertas de líquidos que eu tinha derramado. Trabalhámos bem juntos. Durante pelo menos algumas horas não houve tempo para conversar, mas depois os clientes começaram a sair, grupo após grupo, até restar apenas uma mesa cheia.

O Massimo serviu dois copos de *Prosecco* e entregou-me um.

– Acho que merecemos isto.

– Quanto tempo demorarão a voltar?

– Duas a três boas horas, mas não serão tantos. Está cansada?

– Não, estou bem – disse, embora, na verdade me sentisse completamente exausta depois de um longo dia quase sempre em pé.

– Não poderia ter feito isto sem a sua ajuda – disse ele, tocando com o seu copo no meu.

– Como é que o seu sobrinho consegue dar conta do recado?

– Pobre Nico, suponho que vou ter de arranjar alguém que o ajude. – Ele soltou um suspiro. – Com um hotel como este, há sempre algo em que preciso de intervir.

– Já trabalha aqui há muito tempo? – perguntei.

– Toda a minha vida, mais ou menos.

O Massimo contou-me a sua história entre goles de *Prosecco*. Os avós tinham aberto o hotel quando eram jovens e, um dia, os seus pais tomaram conta do negócio. Em criança, ele e a irmã costumavam ajudar em tarefas simples, como recolher a roupa usada nos quartos ou polir copos e talheres. Os pais faziam-nos trabalhar ali aos fins de semana e depois da escola. Então, há alguns anos, eles reformaram-se e retiraram-se para Burano e agora o Massimo tinha de gerir o hotel porque a irmã não estava interessada.

– Passou toda a sua vida num só lugar – comentei, admirada.

– É lindo – disse ele, olhando para o terraço, com as suas luzinhas brilhantes enroladas nas balaustradas de ferro forjado e árvores de topiaria em vasos de terracota.

– Mas há tantos outros lugares bonitos no mundo – retruquei.

– Sim, e eu visitei alguns, mas quis sempre voltar para casa. Não sente isso também?

– Na verdade, não.

Ele encolheu os ombros.

– Se a sua casa fosse o Hotel Gôndola, talvez fosse diferente.

Tentei imaginar-me a viver em Veneza e à frente de um lugar como aquele, acordando todas as manhãs para as mesmas tarefas e rotinas, com hóspedes para gerir e funcionários para supervisionar. Naquele momento, pareceu-me impossível. Não consegui imaginar um cenário em que algo remotamente semelhante pudesse acontecer.

1 *Banger* : calão para pessoa muito atraente com quem se deseja ter relações sexuais. (*N. do T.*)

Kat Black não gostava especialmente de trabalhar no bar. No entanto, ali estava ela, já não como hóspede mas para ajudar no Hotel Gôndola, e aquela era a única posição na qual ela poderia ser útil. Assim, todas as noites, antes de a movimentada hora dos aperitivos começar, subia ao terraço juntando-se a Nico, o sobrinho de Massimo, e trabalhavam juntos.

Melhorara agora, tendo aumentado o seu repertório de *cocktails* e podendo preparar bebidas como os melhores. Como resultado, o movimento no bar aumentou e muitas vezes ela era reconhecida. Kat temia aquele momento em que sentia os olhos de alguém fixarem-se no seu rosto e ouvia a inevitável pergunta: «Eu não a conheço de algum lado?»

Se dissesse que sim, e mencionasse o seu programa de televisão *As Viagens de Kat Black*, as pessoas fariam um alarido, pediriam que autografasse um guardanapo ou perguntar-lhe-iam o que estava a fazer em Veneza. Kat percebeu rapidamente que era melhor responder: «Não, acho que nunca nos conhecemos.» E se as pessoas conseguissem identificá-la, murmurava: «Sim, pareço-me com ela, toda a gente me diz isso.»

Era de longe muito mais fácil não se deixar apanhar em conversas com nenhum dos hóspedes do hotel e não ter de explicar porque é que agora estava a trabalhar atrás do balcão de um bar, em vez de em frente a uma câmara de televisão. E, no entanto, nesse dia, por alguma razão, passara metade da tarde com um desses hóspedes e Ruth ainda ali estava, empoleirada num dos tamboretos altos, olhando cautelosamente para o *cocktail* que Kat lhe tinha preparado.

– O que disse exatamente que era?

– Um *Breakfast Martini*.

– O que leva?

– Prove, é delicioso.

Ruth bebeu um gole hesitante.

– É bastante forte.

– Não se preocupe, só vai beber um.

– Há um sabor familiar que não consigo identificar. *Limoncello*?

– Doce de laranja – revelou Kat.

– A sério? Num *cocktail*?

– Sim. *Gin, Cointreau*, sumo de limão e uma colherada de doce de laranja. É o

cocktail da semana. O Massimo está entusiasmado com isso.

Kat descobrira que fazer *cocktails* não era muito diferente de cozinhar. Metade do segredo era bons ingredientes e tê-los ao seu dispor. A partir daí, resumia-se a combinar e harmonizar sabores, a ardência do *gin*, a acidez do limão fresco, o toque doce e frutado do açúcar.

Ruth tomou outro gole.

– Já bebeu algum ao pequeno-almoço? – perguntou ela.

– Não, e não o recomendaria. Ao pequeno-almoço, é melhor um *Espresso Martini*. Qualquer dia faça-lhe um desses.

Kat estava ocupada a verificar se o bar se encontrava abastecido com o *stock* necessário para o turno seguinte, enquanto Nico ia limpando as mesas decoradas com os feios respingos deixados pelos pardais e aves marinhas de Veneza. Em breve, os hóspedes começariam a chegar, prontos para a primeira bebida da noite.

– Se está a trabalhar aqui todas as noites e o Massimo está ocupado com o hotel o dia todo, quando arranjam tempo um para o outro? – perguntou Ruth.

– Não é o ideal – admitiu Kat. – Mas às vezes há um período calmo e ele leva-me a jantar ou junta-se a mim num dos meus passeios por Veneza. E, claro, quando o inverno chegar, o tempo estará demasiado mau para manter o terraço aberto, e haverá muito menos hóspedes. O Massimo diz que teremos muito tempo para desfrutarmos juntos nessa altura.

– Ainda falta muito para o inverno – disse Ruth, soando duvidosa. – Acho que pode ter assumido aqui um grande desafio.

– Talvez, mas, como eu disse antes, não vou desistir dos desafios só porque estou a ficar mais velha.

Então Kat começou a desfiar todas as coisas que costumava dizer quando se embrenhava naquele assunto. Como o seu corpo podia estar a envelhecer, mas na sua mente ainda era uma jovem, como os seus sonhos não tinham mudado, como ela não acreditava naquela coisa dos vinte bons anos, como o seu plano era continuar a viver até ao dia em que caísse para o lado e morresse.

– Pois bem – disse Ruth. – Mas tem de tornar tudo tão difícil para si?

Massimo apareceu ao mesmo tempo que o primeiro grupo de clientes. Normalmente gostava de dar uma ou duas espreitadelas ao longo da noite. Kat servia-lhe uma bebida e ele ia de mesa em mesa, conversando com os hóspedes, ouvindo o relato do seu dia e sugerindo como poderiam aproveitar o dia seguinte. Era tão atraente com o seu corpo magro, ombros largos e cabelo ainda escuro. As pessoas ficavam encantadas com ele e Kat percebia como ele gostava de as conquistar.

Nessa noite, porém, parecia distraído. Conduziu um grupo – dois casais americanos – a uma mesa com vista sobre os telhados, depois aproximou-se e permaneceu junto ao balcão, o mais longe possível de Ruth.

– Kat, preciso de falar contigo – disse ele baixinho.

– Agora? Estou prestes a ficar muito ocupada. – Ela podia ver Nico, com o bloco de pedidos na mão, a dirigir-se aos dois casais.

– Só um minuto.

Kat estava a limpar um copo de vermute.

– Precisas de uma bebida?

– Não, mas tu podes precisar: a minha mulher vem cá esta noite.

– Pelo amor de Deus, outra vez não.

A esposa de Massimo, Zita, a mulher de quem ele não conseguia divorciar-se porque os seus pais ainda não tinham aceitado que eles estavam separados. Era uma napolitana minúscula de pele morena e acobreada, com gosto por cintos brilhantes e brincos pendentes. Kat suspeitava que ela lhe trouxesse problemas, embora Massimo continuasse a dizer-lhe para não se preocupar.

– Ela está a jogar alguma espécie de jogo connosco?

Massimo franziu a testa.

– A Zita não é assim.

Kat deitou *gin* no *shaker*, acrescentou um pouco de *Cointreau* e limão, e uma colher de doce de laranja.

– Por que outra razão estaria ela a fazer isto? – Debateu-se para manter a voz baixa, ciente da presença de Ruth, ouvindo a conversa discretamente.

– Porque ela quer sentar-se no terraço, tomar um *cocktail* e cumprimentar-me – respondeu Massimo.

Kat agitou o Martini com mais energia do que o necessário, despejou-o no copo e colocou-o no balcão. Perguntou-se porque estavam eles a demorar tanto tempo a resolver aquela situação idiota. Massimo e Zita estavam separados havia mais de dois anos. O sentimento entre ambos morrera há muito e as filhas frequentavam a universidade em Milão. À partida, nada parecia impedi-lo, exceto a desaprovação da família.

– Tens quarenta e sete anos, com certeza podes controlar a tua própria vida agora – dizia Kat sempre que falavam sobre o assunto.

– Para os italianos é diferente. Tu não entendes. As coisas entre nós aconteceram muito depressa. É necessário dar mais tempo à minha família.

Portanto, Massimo ainda não havia contado à mulher sobre Kat, argumentando que assim que o fizesse, as filhas teriam de saber. Kat também não conhecera a irmã nem os pais dele. No entanto, a notícia espalhara-se; o mais provável era que Nico estivesse a informar pelo menos alguns membros da família. Zita devia ter ouvido alguma coisa. No fim da primeira semana de Kat no bar, ela apareceu, cabelo macio e lustroso e unhas recém-arranjadas. Sentou-se de frente para o balcão e Kat pôde sentir o seu olhar frio e avaliador.

Isso parecia-lhe justo; Kat podia imaginar sentir-se curiosa o suficiente para fazer o mesmo. Só que agora Zita voltara. O que queria?

– Está a certificar-se de que sei que este é o território dela – disse Kat a Massimo.

– Isto não tem que ver contigo – assegurou ele.

Presa atrás do balcão e frustrada, Kat fez retinir as garrafas de *gin*.

– Por favor, não deixes que isto te perturbe. – Massimo inclinou-se e roçou rapidamente os lábios nos dela. – Não quero que te sintas mal.

Kat perguntou-se como deveria sentir-se. Nada na sua vida até então a havia preparado para uma situação como aquela.

– A Zita ficará uma hora, no máximo – prometeu ele. – Vou reservar-lhe uma mesa no outro extremo do terraço. Se não quiseses estar aqui, faz uma pausa e o Nico arranja-se sozinho.

Com outro toque rápido dos seus lábios, Massimo virou-se e partiu para uma das suas rondas, parando para perguntar a uma pessoa se queria outra bebida, se outra precisava de ajuda para reservar uma excursão, sem qualquer vestígio de tensão no rosto, a sua habitual personalidade encantadora.

– Não vou fugir – murmurou Kat para si mesma. Pegou num pedido que Nico deixara no balcão e tentou concentrar-se na preparação das bebidas. Um *negroni*, um *spritz*, um *Bellini*; os *cocktails* que todos escolhiam porque estavam em Veneza. Tanta coisa era inevitável quando se era um visitante ali, como se comia, o que se via. Talvez fosse assim em todo o lado. Para Kat, parecia que todas essas certezas estavam a desaparecer na sua própria vida. Sentia-se mais perdida do que nunca, apesar de todos os seus anos a cruzar o mundo.

Ruth terminara o Martini e brincava com o copo vazio.

– Acha que posso arriscar mais um destes? – perguntou, ligeiramente embriagada.

– Não, definitivamente não – disse Kat.

– Mas fez-me sentir tão bem. Leve, alegre e descontraída.

– Eu sei, mas um segundo não a fará sentir-se duas vezes melhor.

– Que pena.

– Vou fazer-lhe antes um *gin* tónico fraco. É mais seguro, prometo.

– Eu pensei que não jogasse pelo seguro.

Kat encheu um copo alto com gelo e deitou-lhe um pouco de *gin*.

– Sabe uma coisa, Ruth, tem toda a razão, não jogo.

Como abordaria tudo aquilo no seu livro?, interrogou-se Kat, vendo Massimo parar diante de uma mesa para conversar com alguns hóspedes, sorrindo como se não tivesse nada com que se preocupar. Não ia pensar naquilo por enquanto. Lidar com os capítulos iniciais estava a revelar-se bastante complicado e era neles que relatava o início, os dias inebriantes de sedução e de se apaixonarem um pelo outro, quando tudo ainda parecia fácil e excitante.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 4

Era o meu segundo dia em Veneza e eu tinha planos para a noite. O Massimo dera-me instruções rigorosas. Dissera-me para me encontrar com ele às seis da tarde, no átrio do hotel. Não me foi permitido levar bloco de notas ou caneta, nem sequer o telemóvel, no caso de me sentir tentada a fazer anotações. Podia aperaltar-me da maneira que quisesse, mas não usar saltos altos. E devia esperar que a noite se prolongasse.

Não era um verdadeiro encontro romântico e mesmo assim, por algum motivo, eu queria fazer um esforço. Examinando as roupas que trouxera, nenhuma me parecia exatamente certa. Eram muito casuais e folgadas, muito desinteressantes. Eu precisava de algo fabuloso.

Comprar roupa não é das minhas atividades favoritas. O problema é que sou uma dessas mulheres intermédias, não exatamente gordas, mas também não exatamente magras. Tenho ancas generosas, um pouco de barriga e embora as minhas pernas não sejam más, já não são o que costumavam ser. Com o figurino certo, fico com bom aspeto; num que não me favoreça, sou um desastre.

Para os meus programas de televisão, sempre fui vestida por um estilista que passava dias a esquadrihar as lojas. As minhas melhores roupas são aquelas com que fiquei depois de terminar as gravações – blusas drapeadas e as calças um pouco justas. Mas agora precisava de um vestido e não havia nenhum estilista por perto.

Até encontrar uma loja que vendesse o tipo de coisas de que eu gosto foi difícil. Vagueei até à Strada Nuova, onde só havia artigos de couro baratos e joias de vidro. Virando-me, retrocedi e continuei, atravessando a Ponte Rialto, passando pelos movimentados mercados de peixe e legumes e pelas ruas secundárias, onde rapidamente me perdi.

Encontrei a pequena loja invulgar do outro lado de uma ponte de pedra que cruzava um canal estreito. Não havia qualquer palavra ou símbolo no toldo e eu poderia ter passado sem reparar nela se não fosse um vestido na montra me ter chamado a atenção; uma forma clássica dos anos cinquenta, com cintura marcada e decote recortado, o tecido com um alegre padrão estampado de limões. Parando por um momento, decidi entrar.

Mesmo que o espaço fosse duas vezes maior, não era necessário ter ali aquela

enorme quantidade de roupa. Os cabides estavam a abarrotar, as prateleiras transbordavam. Imóvel na soleira da porta, hesitei um pouco e então ouvi uma mulher dizer:

– Entre, entre, é inglesa, sim?

Eu não sabia dizer de onde vinha a voz, apenas que estava muito próxima.

– Olá, sim, onde está?

Houve um farfalhar atrás de um cabide atafalhado de vestidos e, em seguida, dois cães pequenos e felpudos atravessaram-no; um latiu-me, o outro cheirou-me os pés. A pessoa que se seguiu, abrindo caminho por entre um vestido de noite preto e uma jaqueta de bolero creme com lantejoulas, era delicada e esbelta, de cabelo grisalho cortado elegantemente, pulseiras nos braços e um emaranhado de colares de contas de vidro colorido em volta do pescoço. Reparei em todas essas coisas antes de perceber que ela era bastante idosa.

– Ufa – disse ela numa voz rouca. – Preciso mesmo de abrir uma passagem para o meu armazém. Está a ficar muito difícil abrir caminho com as novas entregas.

– Novas entregas? – Ri-me. – Pode precisar de vender algumas coisas antes de encomendar mais roupas.

– Ah, mas a venda é a parte difícil. – A mulher encolheu os ombros num gesto de impotência. – Não posso deixar alguém sair com um vestido que é totalmente errado, sabe? Só de pensar que vai ficar pendurado no fundo de um guarda-vestidos, ignorado... Não é por isso que estou aqui. Quero que as minhas roupas sejam usadas, que deem a outras mulheres o mesmo prazer que eu tive outrora.

– Isto é tudo seu? – perguntei, surpreendida.

– Só as mais bonitas. Quando abri esta loja, os meus amigos começaram a pedir-me para vender também as roupas deles. E eu tenho muitos amigos, sabe, por isso é que a loja está cheia.

– A senhora é veneziana?

– Nasci e vivi aqui toda a minha vida. – Ela estendeu-me a mão. – Chamo-me Coco.

– Eu sou a Kat. – Apertei-lhe a mão.

– Então diga-me, Kat, que tipo de pessoa é?

– Desculpe?

– Preciso de saber, para poder decidir qual é o vestido certo para si.

– Na verdade, eu queria experimentar um vestido que está na montra, aquele com os limões.

– Não, não – disse ela enfaticamente.

– Acha que não me vai servir?

– Pode servir, mas não lhe vou vender aquele vestido. Poderia arrepender-se de o ter comprado antes de voltar para o hotel.

– Só quero experimentá-lo – insisti.

– Não – repetiu ela. – Há aqui um vestido que será adequado para si, mas não é aquele. Por isso fale-me sobre si. De que gosta?

Claramente a velhota era estranha. Considerei inventar uma desculpa e sair da loja, mas precisava mesmo de um vestido novo.

– Gosto de roupas que são um pouco diferentes, prefiro coloridas a preto, e nada muito formal – expliquei.

– Então é uma pessoa aventureira?

– Definitivamente – concordei.

– Arranja sempre o seu cabelo nesse puxo encarrapitado na cabeça? – Franzindo o sobrolho, ela traçou um círculo com o dedo.

– O meu coque? Eu tenho muito cabelo – disse, na defensiva. – E é mais prático usá-lo assim.

– Prático? – Coco arqueou as sobrancelhas. – Solte-o, *signora*, para que eu lhe possa dar uma boa vista de olhos.

Para lhe fazer a vontade, obedeci. Ondas castanhas brilhantes caíram-me sobre os ombros e pelas costas. Coco inclinou a cabeça, em seguida virou-se e começou a enterrar-se num cabide de roupas no canto mais distante da loja.

– Experimentaremos o vestido azul que pertenceu a Isabella di Bono – disse ela, com a voz ligeiramente abafada por camadas de tecido. – Vamos ficar-nos só pelas cores mais frias. Sem vermelhos, sem laranja e definitivamente sem limões. – Tirou quatro vestidos diferentes. – Estes servem, para começar.

Um por um, experimentei-os na área com cortinas que servia como provador. Coco fez-me emergir a cada vez e ficar na frente do espelho de corpo inteiro enquanto ela ajustava e compunha as roupas. Para minha surpresa, fora certa nas escolhas; todos os vestidos me serviam.

– Não sei de qual gosto mais – disse-lhe.

– Devia levar o azul e o pequeno vestido branco justo porque favorecem a sua silhueta.

– Quanto custam?

Coco mencionou um preço que parecia exorbitante para um par de vestidos em segunda mão, mas gostei deles e, como mencionei, não compro muita roupa.

– De acordo, vou levar os dois – disse.

– Não, não.

– Mas acabou de me dizer que eu podia.

– E vai aceitar o primeiro preço que eu lhe peço? – A Coco lançou-me um olhar que deixou claro que ela pensava que eu era um caso perdido. – Não vai regatear o preço comigo?

– Não estava a pensar fazê-lo – admiti.

– Bem, onde está a graça disso?

Então regateei, a contragosto no início e depois com mais entusiasmo quando percebi como ela estava a gostar. No fim consegui os vestidos por metade do preço que ela tinha pedido a princípio.

– Fez uma grande poupança – disse a Coco cordialmente, enquanto embrulhava as roupas em papel de seda com todo o cuidado. – E tem dois novos vestidos que a deixarão linda, desde que não faça coisas feias ao cabelo. Deve estar contente.

– Sim, estou.

– Isso é muito bom. – Ela parecia genuinamente satisfeita.

Ocorreu-me que eu poderia obter mais do que vestidos da parte da Coco. Ela vivia ali e certamente teria algumas boas dicas sobre aonde ir e o que fazer. Veneza secreta: a caçada continuava e eu não sou de desistir até encontrar o que procuro.

– Adoraria oferecer-lhe um café para lhe agradecer – sugeri. – Pode sair da loja por meia hora?

– Claro, é para isso que serve o sinal de fechado. Mas não sei por que me está grata.

– Por me vender dois vestidos perfeitos por uma pechincha. Tenho uma espécie de encontro hoje à noite e vou usar um deles.

– Uma espécie de encontro? – Quando se ria, a Coco ficava muito bonita, de uma maneira que parecia frágil e efêmera. Mexeu os braços e as pulseiras tilintaram como um acompanhamento musical. – Ele é bonito?

– Sim, muito – confessei. – Na verdade, é veneziano, por isso talvez o conheça. Chama-se Massimo Morosini, é dono do Hotel Gôndola.

– Morosini... deixe-me pensar. – Ela franziu o sobrolho. – Talvez saiba quem é. Alto e sim, extremamente atraente, com o rosto de um aristocrata. Ele tinha uma mulher de Nápoles, mas ouvi dizer que se separaram há uns tempos.

A Coco remexeu debaixo do balcão e tirou um cartão grande com a palavra *Fechado* manuscrita em diferentes idiomas e cores. Pendurou-o do lado de dentro da porta e depois deu-me um dos seus cãesinhos felpudos para levar enquanto caminhávamos pela rua agora movimentada. O pelo dele cheirava à sua fragrância, algo em pó e antiquado que pareceu agarrar-se a mim, mesmo depois de ter pousado o animal no chão.

O café a que ela me levou tinha mesas com alegres guarda-sóis às riscas alinhados ao longo da borda do canal.

– Isto não é um bocadinho para turistas? – perguntei.

Ela encolheu os ombros.

– Sim, talvez, mas o café é bom e é onde eu venho sempre.

Sentámo-nos a uma mesa e o empregado apareceu junto ao ombro dela quase instantaneamente. A Coco fez o pedido, sem se dar ao trabalho de me perguntar o que eu queria.

– Conte-me sobre essa noite que planeou com o Massimo Morosini – disse ela, voltando-se para mim. – Ou é um encontro ou não é. Como pode não saber?

– O mais provável é que não seja – admiti. – Disse ao Massimo que queria conhecer zonas da cidade que outros visitantes nunca encontrariam, por isso ele ofereceu-se para mas mostrar.

– Está cá sozinha?

– Sim, estou.

Coco refletiu um pouco.

– Então talvez seja um encontro. Deve usar o vestido branco, que pode ajudar a decidir as coisas.

O empregado voltou com o nosso café e um prato de biscoitos com aspeto adocicado. Fez uma grande cerimónia ao pousar as coisas na mesa, um *cappuccino* para mim, um *espresso* duplo e um jarrinho de leite quente para a Coco.

– Estes biscoitos são bons, deve prová-los – disse-me ela, oferecendo-me um.

Trinquei a massa fina e estaladiça, doce e com sabor a baunilha, e fi-la soletrar-me o nome – *lingue di gatto* – para escrever no meu bloco de notas.

A Coco deu mais biscoitos aos seus cães do que ela própria comeu. Um estava sentado no seu colo, o outro perto dos seus pés.

– Também tenho um encontro esta noite – disse ela, deitando uma colherada de espuma de leite sobre o café forte. – Um dos meus amantes vai levar-me a dançar.

– Um dos seus amantes?

– Sim – disse ela alegremente. – Tenho vários.

Sorri-lhe, assumindo que ela possuía uma imaginação fértil.

– Então conte-me, o que espera do Massimo Morosini? – perguntou a Coco.

– O que espero? Uma noite bem passada, divertida...

– E depois disso?

– Hum, bem, eu não tinha... – Senti-me estupefacta com tanta franqueza.

– Se eu fosse a si, de certeza que faria amor com ele – disse a Coco de modo assertivo. – Está em Veneza, vocês os dois são solteiros, seria um disparate não aproveitar. Não concorda? – Fixou-me com o mesmo olhar que pusera quando não regateei com ela na loja. – Não me disse que é aventureira?

– Sim – respondi, totalmente espantada.

– Então, o que a impede? É maravilhoso ter amantes. É a melhor coisa.

A Coco contou-me tudo sobre o homem com quem ia sair naquela noite. Disse que era um bom dançarino e se vestia bem, que tinha uma linda lancha em que ela adorava passear.

– Claro, ele é casado, por isso só posso vê-lo uma ou duas vezes por semana, mas isso é perfeito porque nunca nos cansamos um do outro.

– E isso significa que tem tempo para todos os seus outros amantes – disse eu, ainda sem acreditar nela.

– Exatamente.

Quando terminámos o café, regressei com a Coco à loja. Ela fez-me prometer que voltaria na manhã seguinte para lhe contar tudo sobre a minha espécie de encontro.

– Lembre-se: vai usar o vestido branco e não o azul – exclamou à porta da loja, quando eu saí. – E leve o cabelo solto e aplique um pouco de *blush* nas maçãs do rosto.

Afastando-me, não pude deixar de sorrir. Tudo na Coco parecia extraordinariamente interessante: a sua loja, a forma de se vestir e as coisas que me dissera. E ocorreu-me que ela não estava totalmente errada. Eu era solteira e o Massimo também parecia ser; porque não divertirmo-nos juntos?

Kat estava num dos seus estados de espírito perigosos. Tinha emborcado um Martini enquanto esperava que a mulher de Massimo aparecesse no bar, e, de estômago vazio, não fora a coisa mais inteligente. Ficou de olho na última mesa do terraço, mas, à medida que o resto das mesas se ia enchendo, aquela mantinha-se vazia. Talvez Zita não viesse, no fim de contas. Kat tentava decidir se se sentia aliviada ou desapontada, quando finalmente ela fez a sua entrada.

Usava um vestido vermelho feito de um tecido elástico que se colava ao corpo e trazia uma daquelas carteiras ostentativas que custam mais do que os carros de algumas pessoas. Massimo recebeu-a com um beijo rápido em ambas as faces e os dois encaminharam-se para a última mesa.

– Oh, meu Deus – disse Ruth, ainda sentada no bar, com o copo de *gin* já vazio.

– Desculpe? – Kat olhou para ela, meio atordoada. – Quer outra bebida?

– Não, nem pensar.

– O «oh, meu Deus» foi a propósito de quê, então?

– As suas cores estão a mudar, vermelho, laranja e ouro em brasa. É lindo, mas assustador.

Exasperada, Kat suspirou.

– Desculpe, Ruth, mas não acredito nessas coisas esotéricas.

– Não faz mal. Não precisa de acreditar. – Ela parecia imperturbável. – E, afinal, vou tomar outra bebida; mas só uma gasosa com lima. Quero ficar por perto e observar.

– Observar o quê? – perguntou Kat.

Ruth encolheu os ombros.

– Vou esperar para ver.

Nico pareceu levar uma eternidade a anotar os pedidos deles. Depois Zita prendeu-o numa longa conversa – ela era sua tia por afinidade, pelo que devia conhecê-lo desde que ele era pequeno, supôs Kat –, e para variar Nico deu-se ao trabalho de parar e recolher alguns copos vazios das mesas ao regressar ao balcão.

Kat quase lhe arrancou o pedido dos dedos. O Martini seria para Massimo, o *spritz* para a sua ex-mulher. Preparou as bebidas rapidamente e enxotou Nico.

– Eu levo-as. Vá perguntar àqueles americanos se querem mais alguma coisa.

Sabia que Massimo a observava enquanto se dirigia a eles, e ainda assim a

expressão dele manteve-se inalterada, mesmo no momento em que ela pousou as bebidas na mesa e sorriu a Zita.

– Olá, sou a Kat, a namorada do Massimo, é um prazer conhecê-la.

Zita ergueu-se de um salto.

– Também queria muito conhecê-la – disse ela, pegando nas mãos de Kat. – O Massimo disse que eu não me devia precipitar. Acho que ele não a queria assustar com a sua família grande e louca.

Ela era toda fragrância inebriante e pele macia. Tinha uma voz rouca, um aperto de mão surpreendentemente forte. Olhando para baixo, Kat viu que ainda usava a aliança de casamento e o anel de noivado no dedo.

– Junte-se a nós – insistiu Zita. – Sente-se, fique com a minha bebida e vou pedir-lhes para me fazerem outra.

Massimo riu-se desconfortavelmente.

– A Kat é quem está a preparar as bebidas esta noite; não se pode juntar a nós.

– Mas eu quero conhecê-la – insistiu Zita.

– Talvez noutra altura.

– Massimo, *caro* – disse Zita num tom sarcástico. – Não sejas tão ridículo. Se o Nico não consegue desenhencilhar-se sem ela, então porque não te levantas e vais ajudá-lo?

– Mas eu... – Massimo parecia que ia argumentar, depois mudou de ideias. Ainda assim, mostrou-se relutante. – Está bem, se é o que realmente queres.

– *Perfetto!* Vai lá e deixa-nos conversar em paz. – Zita deu-lhe uma palmadinha no braço. – Não te preocupes, *caro*, podes confiar em nós.

Não fora este o plano de Kat. Só queria conhecer a ex-mulher de Massimo, não passar metade da noite a conversar com ela. Mas ali estava, com Zita a pegar-lhe no braço e a conduzi-la a uma cadeira, o seu aperto ainda firme. E Massimo levantava-se e rendia-se.

– As senhoras aproveitem a conversa. Digam-me se precisarem de mais bebidas. – Fez uma pequena vénia. – Estou ao vosso dispor.

Kat tomou um gole do Martini que ele tinha deixado para trás na mesa. Estava ciente de Zita sentada ao seu lado, inclinando-se para a frente e aproximando-se, a doçura da fragrância dela envolvendo-as a ambas.

– Então... – começou Kat, hesitante.

– Então – ecoou Zita. – É a Kat Black. Vi alguns dos seus programas de televisão. É famosa, sim? E agora é a namorada do Massimo.

– Pois é.

– Diga-me, Kat Black, vamos ser amigas ou inimigas?

– Temos de ser uma coisa ou outra? – Kat sentiu-se apanhada desprevenida.

– Definitivamente. – Zita tamborilou as unhas pintadas de um tom acobreado na mesa. – É inevitável, não é?

Kat respirou fundo.

– Eu não acho... – começou ela.

– Olhe para o Massimo ali no bar – interrompeu Zita. – Sabe o que está a

pensar? Não, porque ainda não o conhece bem. Mas eu conheço e vou dizer-lhe. Ele está satisfeito por nos termos conhecido, porque é algo com que se tem preocupado, mas perdeu o controlo da situação e acha isso desconcertante. Entende? Esta é apenas uma maneira em que posso ser útil, se for minha amiga. Se for minha inimiga, bem...

– É melhor ser sua amiga, então – atalhou Kat, tão des preocupadamente quanto pôde. Por um momento pensou em Ruth, a assistir a tudo do seu posto de observação no bar. Se ela pudesse realmente ver cores, que tipo de espetáculo estaria a testemunhar agora?

– Excelente, a escolha certa. – Zita recostou-se na cadeira.

Apesar de ser muito atraente, Kat pensou ter visto um indício de dureza no rosto dela. Era melhor não transformar aquela mulher numa inimiga.

– Ainda bem que pensa assim.

Zita sorriu-lhe.

– Pobre Massimo, não estava nos planos dele que nos conhecêssemos tão cedo, e ele é um homem que não suporta quando as coisas não correm como planeado. Sempre gostou das coisas à sua maneira.

Kat achou que provavelmente seria verdade. Massimo era uma daquelas pessoas cuja secretária estava sempre arrumada e cujos armários se encontravam cuidadosamente organizados. Se ela deixasse um livro no chão, iria dar com ele no respetivo lugar da prateleira. Se atirasse as calças de ganga para as costas de uma cadeira, ele iria dobrá-las. Massimo brincava com isso, culpando a instrução durante o serviço militar, mas Kat podia ver que aquilo o deixava aborrecido. E para ser justa, o quarto que partilhavam, escondido sob os beirais do hotel, era acanhado e facilmente ficava desarrumado. Não demorou muito até ela parar de deixar as suas coisas em pilhas aleatórias e começar a tentar encontrar o lugar certo para tudo.

– Acho que ele tem de ser organizado, para gerir um hotel como este – disse ela a Zita, sentindo-se desconfortável por estar a discutir Massimo com ela naqueles termos, pois tinha a certeza de que ele detestaria isso.

– E então está a ajudá-lo agora, trabalhando aqui. Como está a correr?

– Bem.

Zita arqueou as sobrancelhas, incrédula.

– Teve uma grande carreira, todas aquelas viagens, todos aqueles lugares, e agora está aqui em Veneza. O que acha da cidade?

– É interessante – disse Kat, aproveitando a oportunidade para mudar de assunto. – Muito diferente de qualquer outro lugar por onde passei e não apenas por causa dos canais e da arquitetura.

– De que maneira então?

– Para mim, parecem quase duas cidades – explicou Kat. – Há a Veneza dos venezianos e, depois, o lugar que os turistas experienciam.

– Isso provavelmente é verdade – concordou Zita. – Muitas das antigas famílias mudaram-se para a periferia, onde é mais barato e mais fácil viver. Os que

permanecem sabem que os seus meios de subsistência dependem dos turistas, mas ainda assim preferem manter a distância. São um pequeno núcleo coeso.

– O que eu gostava mesmo era de encontrar uma forma de lá entrar. É suposto eu estar a escrever um livro sobre a verdadeira Veneza.

– Boa sorte.

– A Zita vive aqui há muito tempo, deve conhecer a cidade muito bem.

– Sim, mas não necessariamente as pessoas. Deve lembrar-se de que sou de Nápoles. Para eles, não passo de uma estranha. Não falo o dialeto. Talvez me aceitem daqui a vários séculos, mas ainda não.

Kat sentiu-se desanimada.

– O meu problema é que, com o meu trabalho aqui no hotel, quase só falo com turistas. Não sei bem o que vou fazer.

– Talvez ao tentar procurar a verdadeira Veneza se torne mais difícil encontrá-la – disse Zita.

– Então o que sugere?

– Esperar que Veneza a encontre?

– Não sou lá muito boa a esperar pelas coisas – admitiu Kat.

Zita sorriu novamente.

– E assim encontrámos outra coisa que nós as duas temos em comum, para além do Massimo.

A conversa fluíu um pouco mais facilmente depois disso. Zita falou sobre as filhas com orgulho e carinho. Descreveu a família Morosini, uma série desconcertante de pais, tias, primos, sobrinhos e sobrinhas que Kat nunca conseguiria ordenar na sua cabeça. Recomendou um cabeleireiro e a única mulher em toda a Veneza que devia ter permissão para tocar nas sobrancelhas de Kat. Acabou um *spritz* e depois outro, a sua voz a ficar mais alta, as mãos traçando formas no ar. De vez em quando, Massimo olhava e até Kat, que começava a conhecê-lo, percebia que ele estava desconfortável ao vê-las juntas.

– Estou contente que o meu marido tenha encontrado alguém como a Kat – declarou Zita. – Acho que vai ser boa para ele. E tenho a certeza de que nos vamos tornar grandes amigas.

O céu escurecia e o terraço esvaziava-se. Com a disposição suavizada por um *cocktail* ou dois, as pessoas preparavam-se para ir jantar. De repente, Kat ansiava acompanhá-las. Uma parte dela queria poder fugir de toda aquela situação – aquela mulher, Massimo, o hotel dele, o seu contrato para o livro, todos os desafios que se propusera, até Veneza. Tudo lhe parecia tão complicado e não se conseguia lembrar por que razão pensara que seria um bom plano. O espírito aventureiro que tinha levado Kat a viajar pelo mundo parecia estar a abandoná-la naquela cidade de planícies aquáticas e canais sombrios. Pela primeira vez na vida, sentiu-se desanimada. Mas talvez fosse mais fácil ser corajosa sozinha no meio de um qualquer lugar agreste do que onde estava agora, adaptando-se à vida de outra pessoa, tentando descobrir como era apaixonar-se.

Kat levantou-se abruptamente.

– Tenho de ir – disse. – Tenho coisas para fazer.

Zita pareceu surpreendida.

– Pensei que poderíamos jantar juntas.

– Noutra ocasião – desculpou-se Kat. – Perdi muito tempo hoje e esta noite tenho de escrever pelo menos algumas centenas de palavras para o meu livro, antes de ir dormir, ou então, a este ritmo nunca vou cumprir o prazo.

– Ah, sim, o seu livro. Sobre que será? Veneza? O Massimo? A vossa relação?

– Todas essas coisas – disse Kat desajeitadamente.

– Mal posso esperar para o ler, um dia.

– Ainda estou muito no início – disse Kat. – Há um longo caminho a percorrer. Tenha uma boa noite, Zita. Vê-la-ei novamente em breve?

– Definitivamente – respondeu a mulher de Massimo. – Muito em breve, tenho a certeza.

No bar, Ruth estivera obviamente a observá-las e agora fingia-se embrenhada no seu guia de viagem.

– Preciso de decidir onde ir jantar – disse ela a Kat. – Devo ir apenas a um pequeno café para uma coisa leve ou a um restaurante a sério?

Kat sugeriu alguns lugares, baratos e próximos do hotel, onde uma mulher mais velha pudesse não se sentir muito desconfortável a jantar sozinha.

– Iria consigo, mas tenho de trabalhar – justificou-se. – E depois mais logo, preciso mesmo de avançar no meu livro.

– Tudo bem, continue a sua escrita. – Ruth olhou para ela. – Ah, e só no caso de se estar a perguntar. Agora está azul. Escuro, azul-escuro. Parece temperamental e bastante dramático.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 5

Para a minha saída com o Massimo, levei o cabelo solto e o vestido branco, tal como a Coco me havia sugerido. Deitei mão a alguns dos truques que aprendi com as maquilhadoras ao longo dos anos para que a minha pele parecesse fresca e os meus olhos maiores. Quando os sinos das igrejas de Veneza bateram as seis horas da tarde, cheguei ao átrio para o encontrar à minha espera.

Os homens italianos têm uma certa maneira de se vestirem, calças claras e camisas justas em cores de *gelato*, um visual que pareceria demasiado forçado nos homens ingleses. O Massimo estava de pistácio e creme, com uma camisola em volta dos ombros pronta para quando a noite arrefecesse. O cabelo escuro tinha sido cortado, a barba acabada de fazer revelando a pele morena. Tudo nele parecia imaculado. Cumprimentou-me encostando ao de leve a sua face à minha.

– Pronta?

– Claro.

Andava a um ritmo rápido. Enquanto fazíamos o nosso caminho pelo labirinto de pequenas ruas secundárias a que os venezianos chamam *calli*, ele distraiu-me com perguntas. Qual era o meu lugar favorito no mundo (muito difícil de escolher). Qual foi a minha experiência mais assustadora (qualquer coisa que envolvia alturas vertiginosas, para dizer a verdade). Porque gosto de viajar (liberdade, mudança, possibilidades... preciso de continuar?). Estava tão ocupada a pensar nas respostas que depressa perdi qualquer noção de onde estava.

– Fez isto de propósito – disse eu acusadoramente.

– Fiz o quê de propósito?

– Fez-me falar sobre mim, para que eu não prestasse atenção ao caminho que seguimos.

O Massimo riu-se.

– Sim, talvez o tenha feito.

Estávamos a atravessar um trecho de água brilhante entre dois muros de pedra coberta de hera. Os raios dourados do sol do fim de tarde iluminavam-nos os rostos e ouvia-se o barulho suave de uma lancha que passava por baixo de nós.

– Quer ver a verdadeira Veneza? Aqui está ela, ao nosso redor – disse o Massimo. – Só precisa de abrir os olhos.

O primeiro sítio a que ele me levou tinha uma única janela com uma meia cortina e uma entrada baixa. O interior estava perfumado com fumo de charuto.

Todos os venezianos têm um *bacaro* favorito, pequenos cafés onde gostam de parar ao meio-dia e ao fim da tarde para um copo de vinho e alguns dos petiscos conhecidos como *cicchetti*. Este era apenas um pouco maior do que um buraco na parede. O balcão de madeira estava desgastado pelo tempo e tinha um expositor de vidro cheio de *crostini*, as suas coberturas seguras por palitos, bem como pratos de almôndegas panadas, envolvidas num molho de tomate oleoso.

– Este é um dos *bacari* mais antigos – disse-me o Massimo. – Dizem que o Casanova costumava vir aqui.

– O que acha que o Casanova bebia? – perguntei.

– Teria começado com um copo de *Prosecco* e um pouco de *baccalà mantecato*. Sugiro que façamos o mesmo.

Vivo para experimentar novos sabores e, embora tenha comido bacalhau salgado antes, nunca o tinha provado batido num creme perfeitamente liso com azeite e alho, e depois espalhado numa fatia redonda de baguete levemente tostada. Fechei os olhos e mastiguei lentamente. Era bem condimentado e saboroso, apenas com uma sugestão de mar.

Quando abri os olhos, o Massimo observava-me.

– Desculpe, faço sempre isto quando estou a provar algo novo – expliquei.

– Não percebi se gostou ou não.

– Ainda não decidi. A primeira dentada é sempre para perceber o que estou a comer, tentar identificar os sabores e a textura. Estou a avaliar, suponho. A parte do gostar vem depois.

– Há alguma coisa que não prove? – quis ele saber.

– Provavelmente não, a menos que seja venenoso, e mesmo assim experimentei algumas coisas arriscadas: *sushi* de peixe-balão no Japão e algumas ervas e cogumelos questionáveis. Até agora, sobrevivi.

– Porquê comer esse tipo de coisas? – perguntou o Massimo, torcendo o nariz.

– Porque a comida é uma das grandes aventuras. É uma forma de experienciar todas as partes de um lugar, a tradição e os rituais, bem como os sabores e os cheiros.

– Talvez... mas, ainda assim, eu não conseguiria comer algo de que não gostasse. Nem sequer seria capaz de dar uma segunda dentada. Em Veneza temos um ditado: «Come e bebe porque a vida é um relâmpago.» Para nós, a comida é uma fonte de prazer.

– Para mim, tem que ver com curiosidade – disse eu.

– Está bem, mas de qualquer forma deve provar os *cicchetti* daqui porque estão entre os melhores.

Não nos demorámos naquele *bacaro*, mas ficámos tempo suficiente para comer um prato de sanduíches de pão branco panado, recheado de *mozzarella* derretido, ainda quente da fritadeira.

Depois continuámos, atravessando passagens em arco que levavam à parte de

baixo de edifícios antigos, passando por uma ponte e depois outra, ao lado de água escura brilhando com os reflexos da luz.

Fomos de *bacaro* em *bacaro* bebendo um vinho cor-de-rosa que sabia a morangos e devorando bolinhas crocantes de beringela, uma salada de tentáculos de polvo grelhados a carvão, mais *crostini* com carnes fumadas e curadas, e, claro, as sardinhas preparadas à veneziana, agridoces, cobertas de cebolas cozinhadas em lume brando e pinhões. E conversámos muito, não me lembro sobre quê, só que não parecia haver falta de coisas para dizer um ao outro.

À medida que a noite avançava, o Massimo levou-me a outros lugares: um bar de *jazz* atrás de uma pesada porta de madeira à qual ele teve de bater para ter acesso, o salão de baile de um *palazzo* decrépito onde as pessoas dançavam, lugares que eu estava desesperada para incluir no meu artigo mas que tinha a certeza de não conseguir encontrar novamente sem ele.

Enquanto caminhávamos de regresso ao hotel, devagar, porque estávamos os dois mergulhados em boa comida e bom vinho, lembrei-me do que a Coco dissera sobre ter amantes; não havia nada mais maravilhoso, insistira ela. E por um momento ou dois permiti-me imaginar levar o Massimo para a cama, despindo a camisa de linho macio do seu corpo magro e musculoso, tocando a pele debaixo dela. Na minha cabeça, imaginei-nos juntos, sentindo-me agradavelmente arrepiada.

Um manto de névoa instalara-se sobre Veneza e a cidade parecia sombria e taciturna. Olhei para o Massimo enquanto ele andava ao meu lado. Poderia ele estar a pensar na mesma coisa?

Ainda me interrogava no momento em que chegámos ao Hotel Gôndola. As luzes estavam apagadas, a receção vazia. O Massimo acompanhou-me até ao quarto, o que significou apertarmo-nos no pequeno elevador de novo, quase a tocarmo-nos, mas não exatamente, ouvindo-o a ranger na subida.

Parámos à porta do meu quarto.

– Obrigada, foi uma ótima noite – agradeçi-lhe.

– Gostei de a conhecer, Kat.

Ele olhou para mim. Uma vez que sou alta, estávamos quase olhos nos olhos. Era a sua oportunidade, se quisesse.

– Amanhã tenho de acordar cedo para trabalhar e terei um longo dia pela frente – disse ele suavemente. – Preciso de aproveitar ao máximo as horas que me restam para dormir.

– Está bem – respondi, esperando manter a decepção afastada da voz. – Então boa noite.

Ele beijou-me, mas foi tão rápido que estava a ir-se embora quando percebi que tinha sido beijada. Fechei os olhos para me agarrar ao seu gosto. E depois abri a porta da suíte de lua de mel, despi as minhas próprias roupas e deitei-me sozinha naquela cama grande.

De manhã não havia sinal do Massimo. Procurei-o no terraço e deambulei um pouco pela recepção, esperando a oportunidade de lhe agradecer novamente por uma noite tão agradável, mas ele deve ter ficado escondido no seu escritório.

Então fui dar uma volta, pensando que poderia ser capaz de reconstituir alguns passos da nossa rota da noite anterior. Era impossível. Mesmo quando estava convencida de que deveria estar no lugar certo, não encontrei o café onde apreciei as incríveis bolas de beringela frita ou o *bacaro* que Casanova frequentara.

Parei para tomar um café e comi um brioche polvilhado de açúcar tentando decidir o que fazer com o dia. Havia muitas ofertas de passeios a pé e aulas de culinária, talvez pudesse inscrever-me numa dessas atividades e conseguisse encontrar um ângulo da história que satisfizesse a editora da revista. Mas isso era contra a minha natureza. Para mim, o importante é conhecer os habitantes, entrar nas suas vidas e juntar-me ao seu próprio universo pessoal, aonde quer que eu vá. Fora essa a base do meu programa de televisão *As Viagens de Kat Black*, e agora, para este artigo, eu queria escrever sobre o Massimo e os lugares a que ele me havia levado. De noite, todos iluminados e com os toldos abertos, aqueles *bacari* poderiam ser mais fáceis de encontrar. Ainda assim, precisava de algumas indicações e perguntei-me se a velha dama veneziana da loja de roupas seria capaz de ajudar.

Demorei um pouco a encontrá-la, Veneza enganando-me como sempre com ruas estreitas que me levaram em direções que me surpreendiam. Já era quase hora do almoço quando vi a loja, mesmo do outro lado da ponte de pedra onde sempre estivera.

A Coco estava junto à entrada, com os cães a seus pés. Vestia um *top* com gola descaída num tom laranja-torrado com calças de ganga escuras e estava a falar com um gondoleiro. Foi uma daquelas visões tão típicas de Veneza que eu tive de parar e tirar uma fotografia. Ao dar pela minha presença, ela fez uma pose, atirando a cabeça para trás e rindo-se, como se o gondoleiro tivesse acabado de dizer algo maravilhosamente divertido.

– Pergunto-me em quantos álbuns de férias terei aparecido ao longo dos anos. Devia cobrar às pessoas – disse-me quando me juntei a ela na soleira da porta.

– Está com ótimo aspeto. Adoro a cor desse *top*.

– Não seria adequado para si. – Ela estreitou os olhos. – Nem a roupa que está a usar agora.

– O que é que tem de errado? – perguntei, surpreendida.

– *Cara*, não consegue perceber que esse é o uniforme da mulher de meia-idade? Corsários escuros, blusa folgada. – Estremeceu. – Horrível.

– São roupas confortáveis para passear – disse eu.

– É possível estar confortável e ter um aspeto elegante – contrapôs ela bruscamente. – Deve pensar nas pessoas que têm de olhar para si.

– Eu ia sugerir que fôssemos tomar um café, mas acho que a Coco não vai querer ser vista comigo nesta figura? – brinquei.

– Nem pensar – disse a Coco assertivamente. – Felizmente tenho uma loja

cheia de coisas encantadoras. Porque não lhe empresto algo?

Empurrou-me para dentro antes que houvesse tempo de discutir. Aos meus olhos, a loja parecia ainda mais confusa do que no dia anterior. Havia acessórios em que não tinha reparado antes, chapéus de feltro, agasalhos de penas e estolas de pele. Conduziu-me para lá de tudo isso e em direção a um expositor de roupas informais.

– As mulheres venezianas usam camadas – explicou. – De dia não gostamos de mostrar muita pele. O estilo em que nos empenhamos é informal e elegante, mas sempre chique.

A Coco puxou alguns pares de calças num tom claro de pedra, uma blusa sem mangas cinza-azulado e um casaco creme de três quartos no mais leve dos tecidos.

– Isto – disse ela.

– Posso experimentar? – perguntei.

– Não, vista-os para podermos ir.

Na pequena cabina de provas, tirei os ofensivos corsários e a blusa que eu imaginei que disfarçava muito bem as minhas partes mais roliças e vesti a roupa que ela me deu.

– Um pouco monótono, mas acho que por ora serve – sentenciou a Coco quando eu apareci. – Monótono é melhor do que feio.

Concedeu-me um momento para verificar o meu reflexo no espelho e depois conduziu-me para fora da loja.

– O tempo para tomar café já passou – disse a Coco, pendurando o letreiro que dizia *Fechado* e trancando a porta atrás dela. – Em Veneza há um momento certo para tudo e agora é altura de comer. Portanto, vamos almoçar. Aonde gostaria de ir?

– A um sítio cheio de venezianos – disse eu rapidamente. – Onde é que os gondoleiros comem?

– Toda a gente pergunta isso. – A Coco parecia divertida. – A verdade é que há centenas de gondoleiros e comem em todo o lado. Mas não se preocupe, conheço uma *osteria* muito boa. Vai gostar.

Levou-me numa longa caminhada, com os cãesinhos trotando atrás dela, todos num passo surpreendentemente rápido.

– Não posso prometer que haja gondoleiros – disse ela, quando chegámos a um estabelecimento que tinha algumas mesas ao ar livre com um aspeto miserável. – Só marisco fresco e boa companhia.

Lá dentro, as paredes escuras com painéis de madeira e móveis a condizer criavam um aspeto geral sombrio. Não havia ementa, mas a Coco teve uma rápida troca de palavras com o proprietário que envolveu abanar muito a cabeça. Finalmente ele virou-se e foi à cozinha, reaparecendo com uma tigela de lingueirões crus em água gelada. Mostrou-os à Coco, que os analisou cuidadosamente e assentiu. Depois houve outra longa discussão, até que pareceu que finalmente fizemos o nosso pedido.

– Temos de ter cuidado para que o marisco seja o mais fresco – disse-me ela. –

Eles conhecem-me aqui, mas mesmo assim gosto de me certificar de que não me servem o peixe que querem despachar antes que se estrague.

– De certeza que não se atreveriam. – Eu estava a brincar, mas mais uma vez ela levou-me muito a sério.

– Oh, claro que se atreveriam. E há outras coisas com que devemos ter cuidado. Em Veneza, a maioria dos estabelecimentos tem dois preços: um para os habitantes e um mais alto para os turistas. Eu certifiquei-me de que ele soubesse qual iremos pagar. Também há sempre um prato que só mencionam aos clientes habituais. Hoje é robalo cozido ao vapor com maçãs assadas e vinagre balsâmico envelhecido.

– É isso que vamos comer?

– Só depois de termos desfrutado de uma sopa simples de lingueirão porque esta é a época em que são muito bons. E uma pequena *frittura mista* só para provar, porque o polme daqui é tão leve e estaladiço, e o camarão, o mais doce.

– Isso parece-me perfeito. Importa-se se eu fizer algumas anotações enquanto comemos?

A Coco lançou-me o que vim a considerar como um dos seus olhares.

– Porque faria isso? Está preocupada que a refeição não seja memorável o suficiente?

Expliquei-lhe que era escritora e contei-lhe sobre o artigo em que estava a trabalhar. Felizmente ela não parecia ter os escrúpulos de Massimo em partilhar os segredos dos venezianos. Em vez disso, parecia muito empolgada em ajudar. Ouviu a minha descrição dos lugares que eu havia visitado na noite anterior e conseguiu identificar três dos *bacari* e o salão de baile, assinalando-os prestavelmente no meu mapa.

– Mas nunca fui a esse pequeno bar de *jazz*. Descubra exatamente onde fica e talvez eu e a Kat possamos ir juntas – sugeriu ela. – Hoje em dia a minha vida anda muito sossegada. Já não há as festas que costumava haver, entre os meus amigos. Estão a ficar demasiado velhos para se divertirem como deve ser.

– Mas a Coco não?

Ela encolheu os ombros.

– Até agora não.

Os nossos lingueirões chegaram, banhados em vinho branco, salsa e alho, e regados com azeite. Fechei os olhos, levando à boca a primeira colherada. Era simples e muito fresco, tal como a Coco havia prometido.

Ela comeu com prazer, mergulhando fatias de pão torrado na grelha na sua sopa e chupando a carne tenra das conchas do lingueirão. Quando acabou, empurrou a tigela vazia para um lado, como se não quisesse ter mais nada que ver com aquilo.

– Então, Kat – disse ela. – Não me contou a coisa mais interessante sobre a sua noite.

– O quê? – perguntei.

– Como é que acabou?

Devo ter parecido sobressaltada pois ela riu-se.

– Talvez se sinta chocada? Acha que estou a meter-me na sua vida. – Encolheu os ombros despreocupadamente. – É verdade, estou.

– Não aconteceu nada – disse eu. – Só um pequeno beijo de boas-noites e depois foi cada um para a sua cama.

– Ah, que pena – lamentou-se a Coco. – Bem, talvez da próxima vez.

– Não sei se haverá próxima vez – admiti. – O Massimo pode não estar interessado em mim. É difícil dizer.

– Mas com certeza a Kat sabe ler os sinais? O que lhe dizem?

– Não há sinais.

– Claro que há – insistiu a Coco. – Com os homens há sempre sinais. É uma questão de os observar atentamente e saber lê-los.

– Infelizmente, essas habilidades parecem faltar-me – admiti.

– Kat, quantos anos tem? – perguntou a Coco.

– Acabei de fazer cinquenta, porquê?

– Como pode ter chegado a essa idade e não saber isto?

– É um aspeto da vida que eu negligenciei – admiti. – Estive ocupada com outras coisas.

Ela lançou-me um olhar de pena.

– Compreendo.

– Tenho tido aventuras e não namorados – disse eu, na defensiva.

– Pessoalmente, sempre achei que os dois andam de mãos dadas – disse a Coco num tom de voz que sugeria que não acreditava numa única palavra do que eu estava a dizer.

– Bem, tem havido homens, obviamente, mas aconteceu sempre por acaso, tipos com quem trabalhei ou conheci nas minhas viagens. Juntávamo-nos e depois chegava sempre uma altura em que fazia sentido seguirmos caminhos separados. Nunca nenhum dos lados pareceu esforçar-se muito.

Começando a entender, a Coco assentiu.

– Então a Kat é como eu. Tem muitos amantes, mas nenhum homem que seja especial. Não há nada de errado com isso.

– Não? Começo a ter dúvidas. O amor parece algo demasiado importante na vida para nos passar ao lado.

A Coco assentiu com a cabeça, assemelhando-se a uma sábia e velha coruja com os seus óculos de armação redonda.

– Com o Massimo, as coisas parecem diferentes do que foram com outros homens?

– Talvez pareçam – apercebi-me, esforçando-me mentalmente para descobrir porquê. – Com ele houve uma atração instantânea. Sabe quando olha para um homem e fica um pouco... hum, arrepiada? Dou comigo a pensar nele, o que não é nada habitual em mim.

– Isso é bom sinal.

– Mas mesmo que esteja interessado em mim, tenho a sensação de que não será ele a tomar a iniciativa.

– Então a Kat deve seduzi-lo – decidiu a Coco.
– Não posso fazer isso.
– Claro que pode.
– Não, a sério – insisti –, eu não saberia por onde começar. Nunca seduzi ninguém na minha vida.

– Então, como é que esses outros homens se tornaram seus amantes?
– Ah, a Coco sabe... tomam-se algumas bebidas... uma coisa leva a outra.

A Coco franziu a testa e suspirou.

– Então presumo que precise dos meus conselhos?

O empregado apareceu com a nossa *frittura mista*, um emaranhado de marisco e tiras de legumes envoltas num delicado polme. Ainda franzindo a testa, a Coco pegou num bocadinho de curgete com os dedos.

– O erro que muitas mulheres cometem é assumir que os homens são criaturas simples – disse, entre dentadas. – Deem-lhes futebol, vinho, boa comida, dinheiro suficiente, uma mulher bonita e ficarão satisfeitos. Mas os homens são tão complicados quanto nós, só que de maneiras diferentes. Depois de compreendermos isto, tudo se torna mais fácil.

– Está bem – disse eu, começando a pensar que ela poderia saber alguma coisa do que estava a falar.

– Não conheço bem o Massimo Morosini, por isso tenho de adivinhar o que lhe vai na cabeça. – A Coco mordiscou um pedaço de camarão, a sua expressão pensativa. – Acho que tem que ver com decoro. As boas maneiras são importantes para os homens venezianos. A Kat é uma hóspede no hotel dele, a escrever um artigo para uma revista. É uma situação profissional. Ele estará muito ciente do que é decente.

– É capaz de ter razão – disse eu. – Ele parece levar o seu trabalho muito a sério.

– A questão é como tentá-lo a abandonar o decoro. Não é uma questão de namoriscar ou usar algo com um decote revelador. Nem pensar.

– Então é o quê?

Os dedos dela dirigiram-se a uma lula.

– Estou a pensar.

Nos momentos que se seguiram e em que comemos em silêncio ocorreu-me que era muito pouco normal estar a receber conselhos sobre sedução de uma octogenária – suponho que seja essa a idade dela; nunca ma revelou. Mas o que têm de perceber é que a Coco possui um ar de absoluta autoconfiança. Às vezes duvido das suas palavras, quando mais tarde penso nelas, mas na presença dela, quase sempre sou convencida.

A Coco terminou o último pedaço de camarão, chamou o empregado para levantar o prato vazio e declarou:

– Eu sei exatamente o que deve fazer.

– Continue – incitei-a.

– A Kat vai oferecer ao Massimo um jantar no Harry's Bar, como

agradecimento por uma noite tão encantadora. Eu sei o que me vai dizer, que é um sítio para turistas, mas acredite em mim, a maioria dos venezianos adora lá ir quando tem dinheiro para isso. E a luz deles é sempre lisonjeira, não importa a que hora do dia. Vai beber um *Bellini* e depois comer o *carpaccio* e um risoto, a ementa tradicional.

– E depois?

Ela levantou a mão, como se para afastar a interrupção.

– Durante o jantar, a Kat dir-lhe-á que terminou o seu artigo e o enviou para a editora. Pode não ser verdade, mas isso não é importante. O que precisa é que ele pense que está livre para simplesmente se divertir.

– Está bem, isso parece-me viável.

– Sim, mas agora vem a parte mais difícil. Deve beijá-lo *antes* de voltar para o hotel dele. No caminho, peça-lhe para lhe mostrar algo: a sua vista favorita ou um lugar que adore. E arranje um pretexto para se aproximar dele. Depois beije-o.

Eu tinha dúvidas.

– E se ele não estiver interessado em que eu o beije?

– Ele é um cavalheiro, por isso vai desembaraçar-se de uma forma que não será muito constrangedora. E daqui a alguns dias a Kat deixará Veneza e nunca mais o verá. Mas acho que o plano vai funcionar. Precisamos é de encontrar a roupa certa, decorosa mas ainda assim atraente. Devo ter algo na loja, mas agora não me ocorre nada.

Enquanto comíamos o robalo, a Coco falou sobre moda. Ela tem opiniões muito vincadas sobre o que é elegante e o que não é. Os corsários não foram o meu único crime. Pelos vistos, as calças de ganga não devem ser demasiado folgadas e há maneiras específicas de colocar *écharpes* ao pescoço, e os conselhos nunca mais acabavam. Deixei-a falar e saboreei o robalo e a sua união agri-doce com o vinagre balsâmico e as maçãs assadas.

– Por enquanto não tenho a certeza sobre esse plano, sabe? Ainda estou a pensar nisso – disse eu, quando acabei de comer.

A Coco soltou um suspiro exasperado.

– A Kat está numa das cidades mais românticas do mundo, tem cinquenta anos e precisa desesperadamente de alguma paixão. O que há para pensar?

Escriver sobre o início e as primeiras faíscas de excitação fez Kat perguntar-se se as coisas progrediam como era suposto. Nunca antes tinha trabalhado e vivido tão intimamente com alguém, não tinha termo de comparação. Seria razoável adiar as apresentações à família e aos amigos de Massimo? Deveria preocupar-se com o facto de ele ter decidido levar a mulher a uma ceia tardia enquanto ela estava ocupada a escrever? Estaria Massimo cansado dela, e a desejar não se ter precipitado naquilo, a pensar em como sair daquela situação? Kat queria perguntar-lhe, mas ao mesmo tempo não queria, no caso de a resposta dele não ser o que ela precisava de ouvir.

Um Ano em Veneza não seria grande livro se tudo fracassasse dentro de algumas semanas. Kat queria que este projeto resultasse pois não havia mais nada no horizonte e já gastara grande parte do adiantamento. O dinheiro parecia derreter-se-lhe nas mãos. Gostava de ser generosa, levando amigos a almoçar e pedindo champanhe. E depois havia os *upgrades*; ela era a rainha dos *upgrades*. Voos em classe executiva, quartos de hotel de cinco estrelas e quando o orçamento do programa não cobria a despesa, ela sacava do seu cartão de crédito. «Não te preocupes com dinheiro» fora sempre a sua atitude. «Amanhã haverá mais.»

Foi um choque quando a estação televisiva decidiu que não queria outra temporada de *As Viagens de Kat Black*. O programa já dera o que tinha a dar, fora o argumento deles. Mas Kat ainda não desistira da televisão. Toda a vida a adorara e não estava pronta para ser posta de lado. Se este livro fosse bem-sucedido, então certamente ajudaria a impulsionar outra coisa. *A Veneza de Kat Black*, talvez? Outras pessoas tinham feito coisas semelhantes, mas a sua seria melhor porque até lá ela seria praticamente veneziana. Só tinha de fazer com que as coisas resultassem com Massimo.

Fisicamente eram compatíveis e pelo menos essa parte estava a ficar cada vez melhor. Kat pensava nos outros homens que tivera na sua vida e percebia que não fazia ideia do que andara a perder. Era quando saíam da cama que ela se sentia insegura. Acontecera tudo tão depressa, como Massimo continuava a dizer; talvez precisassem apenas de mais tempo juntos.

Kat desistiu de escrever, guardou o portátil e abriu a janela para deixar entrar um pouco de ar. Inclinando-se ligeiramente, pensou que nunca se cansaria daquela vista: Veneza à noite, um cenário de água escura e luzes coloridas. Uma névoa

levantara-se do mar, cobrindo tudo com um leve véu. Tal como naquela primeira vez em que tinham ido ao Harry's Bar. Até a iluminação dentro do restaurante pareceu banhá-los numa luz suave e difusa.

Metendo-se na cama, puxou as cobertas sobre os ombros. Era tudo tão simples naquele pequeno quarto. Não havia borlas e babados, nem talha dourada e vidro de Murano que tão luxuosamente adornava o resto do Hotel Gôndola. Não havia necessidade de utilizar nada disso pois era essencialmente o alojamento do pessoal.

Ela estava a adormecer quando Massimo entrou. Ouviu-o chutar os sapatos e, por uma vez, deixar as roupas cair ao chão.

– Divertiste-te – murmurou ela.

– Desculpa, estava a tentar não te acordar.

– Não estava a dormir, só a descansar.

– Ah, bom, nesse caso. – Ele ligou o candeeiro da mesa de cabeceira e apanhou as roupas do chão. – Sabes como eu sou.

– Vais dormir melhor se estiverem arrumadas.

– Exatamente.

Depois de pendurar as roupas, Massimo deslizou para a cama deitando-se ao lado dela, estendendo a mão, passando o queixo pelo seu ombro nu e afundando o rosto no seu pescoço. E depois suspirou.

– Meu Deus, a Zita deixa-me exausto. Só tenho de passar algumas horas com ela para ver porque era impossível permanecermos juntos.

– Sobre o que conversaram esta noite?

– Muitas coisas: sobre o verão e se ela vai fazer alguma coisa com as miúdas. A família da Zita tem uma casa perto da praia, na Calábria, onde passam sempre juntos uma semana ou assim, em agosto. Mas as miúdas agora são mais velhas. Podem ter outros planos.

– Falaram sequer sobre mim? – perguntou Kat, sentindo o calor da boca dele percorrer-lhe o pescoço.

– Hum.

– O que queres dizer com «hum»?

Ele afastou-se dela.

– Sim, claro que sim. A Zita gosta de ti. Está ansiosa por te ver mais vezes. Não sei porque haverias de querer fazer isso, mas se quiseres, por mim tudo bem.

– Achei que ela era um pouco assustadora, na verdade – admitiu Kat. – Tipo agressiva ao início, mas depois acalmou-se.

– Talvez ela se tenha sentido ameaçada por ti. És bem-sucedida, tiveste uma carreira incrível.

Kat aproximou-se dele.

– Massimo, achas que deveria pôr Botox?

– De onde veio isso? – Ele parecia surpreso.

– A Zita deve ter mais ou menos a minha idade, mas parece mais nova. Tenho andado a pensar que talvez devesse fazer algo acerca disso.

– Não dês cabo de ti. – O tom dele era severo. – Tu és linda, Kat.

– Vou fazer cinquenta e um no próximo ano e consigo ver o meu rosto a mudar.

– Está a ficar cada vez mais bonito. – Ele puxou-a para cima de si. – E Botox? Se o teu rosto estiver paralisado, não saberei dizer se estás excitada, se queres mais ou se queres menos. Já pensaste nisso?

– Não – admitiu ela, empurrando as ancas contra as dele, um pouco sem fôlego ao pensar no que estava por vir.

– Nesse caso... – As mãos dele seguraram-na com o grau certo de firmeza. – Não voltes a falar nisso.

Depois Massimo adormeceu rapidamente, e Kat ficou a ouvi-lo respirar, deixando que os seus pensamentos se acalmassem. Fora um dia um pouco estranho: primeiro Ruth e toda aquela conversa sobre as cores, depois Zita, e o que quer que estivesse a acontecer com ela. Alguma daquelas mulheres se teria apercebido de que podiam acabar no seu livro? No que lhe dizia respeito, qualquer pessoa que conhecesse em Veneza era um alvo legítimo, embora não tivesse a certeza se Massimo acharia muita graça a isso.

Sempre que discutiam o que ela estava a escrever, o seu principal interesse parecia ser como poderia o livro ajudar o seu hotel naqueles tempos de incerteza. Toda a sua conversa se resumia a como o Airbnb estava a arruinar os pequenos hotéis familiares, como o número de visitantes estava a diminuir e as tarifas dos quartos condenadas a baixar. Massimo ficaria contente se o livro vendesse o suficiente para colocar o Hotel Gôndola no mapa, se atraísse mais visitantes e significasse que haveria dinheiro para manter o telhado à prova de água e as paredes livres de humidade. Esperava ler o manuscrito, é claro, e aprovar o que seria dito sobre ele, mas Kat ainda não havia decidido se tal aconteceria. Dependia do estado das coisas quando o ano terminasse. Se ainda estivessem juntos, então talvez tivesse de o deixar ler.

Kat suspeitava que os seus amigos faziam apostas sobre a duração da sua relação. Vários insistiram que ela não era o tipo de assentar, que acharia a vida muito previsível e monótona. Era incrível como todos estavam enganados acerca disso. Não era possível sentir-se tão surpreendida e ficar entediada, pensou Kat, que acordava todas as manhãs e se perguntava o que lhe reservaria o dia, tal com fazia quando a sua vida se resumia a viajar. Aqui havia Veneza e Massimo, e ela não alcançara ainda o coração de nenhum dos dois.

Só tinham passado algumas semanas, recordou a si mesma. Chegara no início da primavera, quando as chuvas intensas ainda inundavam as ruas e a água borbulhava nas tampas dos esgotos da Piazza San Marco. O tempo passara depressa e Veneza estava já menos fria e muito mais movimentada. O início do verão aproximava-se tentadoramente e Kat sentia-se uma pessoa diferente daquela que tinha voado com duas malas, uma bolsa para computador portátil e a mente a fervilhar de ideias para o livro que tencionava escrever.

Partilhar uma vida com Massimo, estar com ele dia após dia, não era o que ela esperava. Devia ter passado horas a observar o rosto dele, tentando ler a sua expressão. Estava feliz, estava triste, estava satisfeito? Kat aprendia lentamente. No início, se ele franzia o sobrolho, presumia que era por algo que ela dissera ou fizera, quando a maior parte das vezes era por uma questão de trabalho que o incomodava. Quando ele ia para a cama e não lhe tocava, desejando apenas dormir, ela interpretava-o como rejeição, não como um sinal de que ele estava exausto. Se Massimo dissesse não – a um passeio, ou a um jantar, ou a uma bebida –, ela sentia-se desprezada, por muito óbvio que pudesse ter parecido a qualquer outra pessoa que ele estava simplesmente muito ocupado.

Kat entrara na vida de Massimo e tornara-se parte do seu quotidiano. Era uma dança cujos passos ela desconhecia. Por isso não, ainda não estava entediada, mesmo que Veneza fosse uma cidade que se movia ao seu próprio ritmo, lento e centenário; mesmo que ela estivesse ali presa por um homem e um livro, e debatendo-se às vezes com ambos.

Ao lado dela, Massimo ressonava baixinho. Kat invejou o seu talento para o sono. Parecia ser capaz de adormecer momentos depois de deitar a cabeça na almofada e, de manhã, acordar cedo e repousado. Depois de fazer a barba e tomar um duche, vestia algo muito bem engomado, bebia um único *espresso* e atirava-se ao dia. Enquanto isso, ela estava ainda emaranhada nas cobertas, prometendo levantar-se dali a dez minutos. Deitada e ainda acordada, Kat preocupou-se que isso pudesse ser um sinal. Se eles não conseguiam sequer dar os primeiros passos de um dia juntos, como poderiam esperar encontrar algum tipo de ritmo a longo prazo?

Olhando para o relógio na mesa de cabeceira, percebeu que já passava da meia-noite. Não se sentiu mais perto do sono. O facto de estar com fome não ajudava. O jantar fora um prato de aperitivos de bar, algumas azeitonas, algumas nozes, coisas que ela tinha petiscado enquanto se ocupava a escrever.

O problema era que o Hotel Gôndola não tinha uma cozinha adequada. Pelos vistos houvera uma, mas quando Massimo tomara conta do hotel, mandara-a demolir porque ocupava espaço que podia usar para aumentar o número de quartos. Por isso agora só havia uma área que era grande o suficiente para preparar o brioche e café que ofereciam como pequeno-almoço e os aperitivos para a hora dos *cocktails*, mas não era apropriada para cozinhar uma refeição completa. Ela e Massimo ou petiscavam ou comiam fora, o que significava que muitas vezes àquela hora da noite Kat ouvia o seu estômago vazio roncar.

Encontrara um estabelecimento, não longe da Piazza San Marco, que parecia estar aberto até horas tardias. Vendia fatias de *pizza* que eram surpreendentemente boas, uma base fina coberta de molho feito de tomate fresco, muito salame apimentado e queijo borbulhante. Era exatamente o que lhe apetecia comer, comida reconfortante, quente e simples.

Silenciosamente, saiu da cama, vestiu-se e deslizou para fora da porta sem acordar Massimo. O hotel estava mergulhado no silêncio e o gerente da noite,

provavelmente a dormir no escritório, não a viu sair.

Veneza tinha uma atmosfera diferente à noite, quando a escuridão caía e o cansaço varria os turistas das ruas. Kat ouvia o som dos seus próprios passos enquanto caminhava através de poças de luz derramadas por candeeiros de rua, ao lado de canais negros como a noite, por praças às escuras – ou *campi*, como se estava a habituar a chamá-las – passando por alguns foliões retardatários à porta de um bar onde a música ainda tocava. A *pizzeria* estava aberta, como ela esperava, e havia alguns clientes sentados num banco do lado de fora. Kat escolheu duas fatias e comeu-as rapidamente, permanecendo de pé na *calle*, olhando pela montra da pequena *pizzeria*, observando o homem que a servira. Ele estava sempre ali, por isso Kat assumiu que devia ser o dono. Se estivesse a gravar a sua série de televisão, *As Viagens de Kat Black*, poderia passar algumas horas com ele, aprender os segredos por detrás do toque especial do seu molho de tomate e da perfeição estaladiça da sua base de *pizza*. Ou faria a mesma coisa num *bacaro* que servisse *cicchetti* verdadeiramente bons. Aonde quer que o programa a levasse, a comida era a espinha dorsal da história que contava ao seu público e em algum momento ela acabava sempre com um habitante local, na sua cozinha, os dois cozinhando lado a lado.

Kat sentia falta de cozinhar. Era uma maneira de dar sentido a um lugar, comprar ingredientes num mercado de rua e descobrir como criar os pratos que as pessoas que ia conhecendo gostavam de comer todos os dias. Mais importante, acalmava-a. Sentia-se à vontade nas cozinhas, entendia-as, onde quer que estivesse. Mesmo em casa, no seu minúsculo apartamento em Maida Vale, sentia prazer em preparar uma refeição – um único filete de truta grelhado com molho romesco, uma perna de frango cozinhada com Marsala e sálvia; a casa inteira perfumada com o que estivesse a preparar, a mesa pronta para ela. E agora em todas aquelas semanas passadas em Veneza, nem sequer tinha picado uma cebola; outra nota perdida no novo e estranho ritmo da sua vida.

Teve a ideia quando estava a pedir a terceira fatia de *pizza*. Era suposto que a comida fosse uma parte central do livro, mas até agora a sua escrita focara-se apenas na sua relação. Ela estivera muito distraída com Massimo para ver para além disso, embora sempre soubesse que os seus editores e leitores estariam à espera de mais. Eles queriam o que ela sempre lhes dera, descrições sumptuosas da preparação das refeições, dicas especiais sobre culinária e aventuras, talvez até receitas desta vez, e sem uma cozinha decente, como iria ela conseguir isso?

Comeu a última fatia de *pizza* enquanto regressava ao Hotel Gôndola. Desta vez não se preocupou em não acordar Massimo. Fechou a porta, acendeu um candeeiro e sentou-se pesadamente na cama.

Ele piscou os olhos, meio acordado.

– Kat?

– Massimo, eu preciso de uma cozinha.

– O quê, agora? – Ele franziu os olhos. – Porquê?

– Não posso passar sem uma.

Ele gemeu, sonolento.

– Está bem, vamos arranjar qualquer coisa, mas podemos falar sobre isso de manhã?

– Achas que é possível? Quer dizer, quem é que em Veneza teria uma cozinha que pudesse ceder? Conheces alguém?

– Hum – respondeu ele, com os olhos a fechar-se, voltando a adormecer.

Se o acordasse novamente, ele ficaria zangado, e com razão, presumiu Kat. Massimo não partilhava da sua vontade de resolver e decidir as coisas no momento. Era a pessoa menos impaciente que ela conhecia. As coisas aconteciam, mas a um ritmo moderado e era impossível apressá-lo.

Kat deitou-se completamente vestida em cima das cobertas e considerou as suas opções. Veneza era uma cidade onde raramente se desperdiçava espaço. Talvez pudesse partilhar uma cozinha, encontrar um café que estivesse fechado à noite ou alguém que não morasse num apartamento a tempo inteiro. Imaginou-se no mercado de Rialto, com uma cesta no braço, a escolher produtos hortícolas. Na sua fantasia havia um veneziano junto ao seu ombro apontando as especialidades que se encontravam apenas ali e descrevendo como se preparavam. Estava a imaginar como iria aprender o ponto de equilíbrio perfeito entre o agridoce das *sarde en saor* quando o sono finalmente chegou. Mesmo em sonhos ela cozinhava, mexendo um risoto, deitando manteiga e queijo parmesão ralado, servindo-o em tigelas brancas.

Massimo acordou-a cedo, abanando-a pelo ombro em vez de lhe dar um beijo.

– Ontem à noite, chegaste tarde e começaste a falar sobre cozinhas? Ou sonhei com isso?

Foi a vez de Kat pestanejar, ensonada.

– Desculpa – murmurou. – Tive uma revelação e não podia esperar para a partilhar contigo.

Ele ofereceu-lhe um café forte e curto tirado na máquina de café *Nespresso* que tinham no quarto.

– É melhor contares-me outra vez. Eu estava meio a dormir.

Ela sentou-se, pegou no café e bebeu alguns goles.

– Tenho de arranjar uma cozinha. Prometi aos meus editores que haveria receitas no livro, por isso preciso de um sítio para as testar, idealmente um sítio perto do mercado de Rialto.

– Está bem – disse ele, duvidoso. – Vou pensar e perguntar por aí. Agora não me ocorre nada.

– Se eu tivesse uma cozinha, poderia preparar alguns dos meus pratos favoritos para ti – disse Kat, esperando que a promessa pudesse levá-lo a pensar mais depressa. – Isso seria bom, não seria?

– Sim, seria – concordou ele. – Mas não consigo imaginar isso, Kat. Estás sempre a dizer que és impaciente. Como é que isso se encaixa com ser *chef*?

– Eu não sou *chef*, sou uma cozinheira – sublinhou ela. – E numa cozinha estás sempre a mexer-te, a experimentar ingredientes, a transformar e a criar. A

recompensa é boa comida, portanto, é óbvio que adoro isso.

– Então é melhor arranjarmos-te uma cozinha – disse Massimo. – Vou ver o que posso fazer, prometo.

Ao vê-lo vestir-se, uma sensação de bem-estar inundou Kat. Ali estava ela, a viver no coração de Veneza, com aquele homem tão atraente que fazia amor com ela quase todas as noites e lhe dizia muitas vezes que era linda. Massimo estava a pôr uma camisa às riscas e um casaco de linho, passando um pente pelo cabelo escuro e perfeito, levando um momento a verificar o seu reflexo no espelho. Beijou-a, pousando-lhe a mão na barriga, a pressão suave provocando os habituais arrepios.

– Qual é o teu plano para hoje? – perguntou ele. – Trabalhar mais no livro?

– Acho que sim. Estou a entrar na parte em que jantámos no Harry's Bar.

– Ah, aquela noite. – Ele sorriu à lembrança. – Não reveles todos os nossos segredos, Kat. Guarda algumas coisas só para nós.

Antes que tivesse oportunidade de perguntar o que queria Massimo dizer exatamente, ele beijou-a de novo e saiu para ir trabalhar. O comentário incomodou Kat. Sabia que a forma como vivia tão publicamente a maior parte do tempo não era normal, mas tinha-se habituado a que as pessoas soubessem coisas aleatórias sobre si. O que seria aceitável para Massimo? Onde traçaria ele o limite? Não no mesmo ponto que ela, de certeza. Kat tentou afastar a preocupação da sua mente. Se pensasse muito naquilo, nunca seria capaz de escrever uma palavra.

Depois de roubar mais alguns minutos debaixo das cobertas, saiu da cama, tomou um banho e a seguir olhou para o guarda-vestidos. Queria fazer uma visita a Coco e agora aprendera que aquilo que vestia tinha importância. Tinham-se acabado os corsários e as túnicas indulgentes, tinham-se acabado os uniformes da meia-idade. O seu cabelo devia estar solto sobre os ombros em vez de apanhado num coque. Devia usar batom e rímel, possivelmente até um pouco de sombra castanha nas pálpebras. Kat não ia dar à amiga qualquer pretexto para começar a queixar-se.

A obsessão da mulher mais velha com a aparência divertia-a. Coco não enfiava o nariz fora da porta a menos que o tivesse empoado primeiro e esperava que todos obedecessem aos mesmos padrões. Portanto, sempre que tinham planos para se encontrar, Kat vestia-se para lhe agradar.

Nessa manhã pusera o vestido azul que comprara na sua primeira visita à loja. Pertencera a uma das velhas amigas de Coco e ela parecia sempre nostálgica quando o via. Tantas coisas na vida deviam estar ligadas a memórias quando se chegava àquela idade, embora, para dizer a verdade, Coco não falasse sobre o passado com muita frequência. Parecia focar-se sobretudo no próprio dia e em qualquer prazer que pudesse encontrar nele. Era puro ouro no que dizia respeito ao livro; Kat adorava escrever sobre ela. E agora esperava que a excêntrica veneziana pudesse ser capaz de a ajudar de outra maneira.

Os corredores do Hotel Gôndola estavam perfumados com café, como todas as manhãs. Muitos hóspedes estariam no bar agora, apreciando o brioche e *caffè con*

latte incluído na tarifa do quarto. Kat nunca tomava o pequeno-almoço com eles. Tinha encontrado uma *pasticceria*, mesmo à distância certa, onde podia desfrutar do seu brioche matinal sem que ninguém esperasse que ela se forçasse a uma conversa animada.

Nesse dia, porém, Ruth aguardava na receção para a emboscar, segurando o guia de viagem e fingindo-se interessada nas suas páginas.

– Bom dia – cumprimentou Kat, estranhamente satisfeita por ver o seu rosto. – Que planos tem para hoje?

– Oh, não sei. – Ruth soou hesitante. – Pensei que podia ir ver a Coleção Peggy Guggenheim mais tarde. É obrigatório, não é?

Kat nunca lá tinha ido, mas não contou isso a Ruth.

– Sim, absolutamente, se gostar de arte – respondeu ela. – Vou tomar o pequeno-almoço e depois vou visitar a minha amiga Coco.

– Que agradável ter amigos em Veneza – disse Ruth.

– Porque é que a Ruth não vem? – sugeriu Kat impulsivamente. – Vai achar a Coco muito interessante. Adoraria saber qual a cor que acha que ela é.

– Então a Kat está aberta às minhas coisas esotéricas esta manhã? – Ruth soou contente.

– Não tem nada que ver comigo. Acho que é um bocado extravagante, para ser honesta.

– Mas sente-se intrigada?

– Um pouco – confessou ela.

Ruth parecia satisfeita em adiar a sua visita à galeria de arte e aceitar o convite. Saíram juntas do hotel e percorreram o caminho estreito ao lado do canal.

– A Ruth vê mesmo essas cores, não vê? Não está a inventar? – perguntou Kat.

– Vejo-as mesmo – assegurou Ruth. – Às vezes pergunto-me se não seria melhor não as ver. Complica as coisas, sabe? Uma pessoa pode estar a fingir ser uma coisa, mas a sua cor mostrar-me que é outra completamente diferente.

– Isso parece-me ser uma vantagem.

– Talvez seja... mas todos nós gostamos de nos mostrar aos outros de uma certa maneira. Ser a pessoa que pode ver para além disso muda tantas pequenas coisas: como abordamos alguém, como falamos com essa pessoa, a relação que estabelecemos. Veja o seu caso, por exemplo. Eu ando a persegui-la, como tenho a certeza de que já reparou. Mas não consigo evitá-lo, estou fascinada.

– Que cor sou eu agora? – perguntou Kat.

– Rosa, um tom muito bonito, parece feliz.

Veneza estava banhada de sol; o azul do céu espelhava-se nas suas águas tranquilas. Se estivesse com pressa, Kat poder-se-ia esquecer de reparar na beleza das paredes decadentes, nas janelas tortas e nas ruas cuja calçada fora alisada por séculos de passos. Naquele dia, porém, os seus olhos estavam abertos e ela sentia-se encantada por tudo.

– Seria terrível estar em Veneza numa manhã como esta e não me sentir feliz com isso – disse ela a Ruth.

– Terrível – concordou a sua nova amiga.

*

Após duas chávenas de café com leite e um brioche doce recheado com creme de baunilha, a sensação de bem-estar de Kat só aumentou. Começava a sentir-se em casa ali. O homem atrás do balcão da *pasticceria* não lhe tinha feito um aceno de cabeça amigável? Não estava ela a conhecer pessoas novas? Certamente isso significava que Veneza se estava a abrir e a permitir que entrasse. E agora Kat tinha uma ideia boa, o que a fazia sempre sentir-se melhor acerca de tudo.

– Está na hora de ir visitar a minha amiga Coco – disse ela a Ruth, depois de terem acabado de comer.

Enquanto caminhavam em direção à loja, Ruth fez perguntas: quem era aquela amiga, como se tinham conhecido, o que fazia ela? Kat não falou muito, desejando que Ruth formasse as suas próprias impressões.

– Tem de a conhecer para ver que é real – explicou. – Verá o que quero dizer.

Chegaram à loja para dar com Coco fantasiada numa explosão de tons coloridos: saia azul, blusa laranja, sapatos vermelhos, lenço verde.

– Contraste de cores – explicou ela a Kat, depois de a cumprimentar com um beijo nas duas faces. – Li sobre o assunto num exemplar antigo da *Vogue* que encontrei algures. O que acha?

– Impressionante – disse Kat, olhando para Ruth e surpreendida ao ver que ela parecia desanimada em vez de encantada.

Coco fez uma pose de modelo de moda.

– Quando temos uma loja inteira por onde escolher, podemos experimentar qualquer estilo que queiramos. Estou a gostar deste, pelo menos hoje.

Kat apresentou-a a Ruth, que ainda parecia estranhamente solene, embora tenha feito um esforço para admirar a loja e todas as coisas bonitas.

– Há aqui uma roupa que é perfeita para si – prometeu-lhe Coco. – Fale-me sobre si. Quem é, o que a torna especial?

– Sou muito comum – disse Ruth.

– Nunca diga isso. Ninguém é comum.

– Mas eu sou – insistiu Ruth. – E nunca fui muito boa com roupa, para dizer a verdade.

– É por isso que precisa de mim. – Coco recuou e avaliou-a por um momento.

– É uma rosa inglesa, modesta, não gosta de chamar a atenção sobre si. O contraste de cores e as roupas chamativas não funcionam, o seu estilo é discreto.

– Isso é verdade – concordou Ruth.

– E é muito bonita, mas não está a tirar partido disso. Já alguém lho disse?

– Não que eu me lembre – disse Ruth calmamente.

– Então, o que gostaria eu de lhe ver vestido? – Coco inclinou a cabeça para um lado. – Hum, acho... Sim, sim... um momento, *signora*.

Enquanto Coco se ocupava entre os cabides de roupa, Kat virou-se para Ruth e

perguntou em voz baixa:

– Então, de que cor é ela?

Franzindo o sobrolho, Ruth abanou negativamente a cabeça.

– Agora não.

Kat lançou-lhe um olhar perplexo, mas ela recusou-se a ceder e, em seguida, Coco reapareceu com um par de vestidos de verão.

– O que acha?

– Muito bonitos – disse Ruth. – Mas eu...

– No cabide não têm grande aspeto. Tem de os vestir e depois saberemos se são os vestidos certos para si.

Kat teve de admitir: Coco sabia o que estava a fazer. Os dois vestidos ficavam muito bem a Ruth e o que ela decidiu comprar, um estampado Liberty azul, fazia sobressair o tom dos seus olhos, fazendo-a parecer anos mais jovem.

– Agora tem de negociar com ela – sussurrou Kat a Ruth. – Ela insiste nisso.

– Não tenho jeito para negociar. Detesto isso.

Coco estava a dobrar os vestidos, sorrindo para si mesma, fingindo não ter ouvido.

– Só quero o azul – lembrou-lhe Ruth.

– Hoje far-lhe-ei um desconto especial. Dois pelo preço de um – respondeu Coco.

– A sério? Está em saldos? – Ruth olhou em volta como se esperasse ver cartazes.

– Não, este desconto é só para si porque veio com a minha amiga Kat... e também porque sei que assim que levar o vestido creme para casa, vai preferi-lo ao outro.

Ruth corou.

– É muito generoso da sua parte.

Coco assentiu amavelmente.

– Este vestido pertenceu a uma amiga minha muito linda. Vou gostar de pensar que tem uma nova vida noutra país.

Enquanto as duas mulheres completavam a transação, Kat inspecionou preguiçosamente os cabides. Estava a segurar uma blusa solta de verão contra o corpo e a ver-se ao espelho quando Coco chamou por ela.

– Não, Kat, não precisa de nada agora. Já tem o suficiente.

– Surpreende-me ouvi-la dizer isso. Alguma vez é possível ter o suficiente? – perguntou Kat.

– Para mim não, mas eu tenho um talento para me lembrar do que há aí e combinar as peças. A Kat não.

– Isso é verdade – admitiu Kat. – Eu sou mais como a Ruth, também nunca fui muito boa com a moda.

– Eu sei disso, minha querida; não há necessidade de mo recordar – disse Coco, remexendo na gaveta onde guardava o letreiro artesanal que dizia *Fechado*. – Agora está na hora de irmos tomar um café juntas, sim?

Levou-as ao lugar do costume, com os cãesinhos saltitando a seus pés, e elas sentaram-se a uma das mesas ao lado do canal, sob um guarda-sol às riscas. Sempre que Kat saía com Coco, a mulher mais velha pedia o que iriam comer e beber. Mas com Ruth, foi solícita. Como gostava do café? Gostaria de comer algo doce?

Assim que arrumou esse assunto, Coco voltou a sua atenção para Kat.

– Então, conte-me o que a preocupa – pediu ela.

– Como é que sabe que há algo que me preocupa?

– Sou uma bruxa velha. – Coco sorriu, deliciada consigo mesma. – No entanto, não posso adivinhar o que é. Terá de mo dizer.

– Estava aqui a pensar se a Coco me pode ajudar com uma coisa – explicou Kat. – Procuro uma cozinha onde possa testar receitas para o meu livro. Não tem de ser enorme ou ter equipamento sofisticado, mas gostaria que ficasse razoavelmente perto do mercado de Rialto. Estava com esperança de que a Coco soubesse de alguma coisa.

– Uma cozinha. – Coco pensou naquilo. – O Massimo não tem nenhuma ideia?

– Anda a perguntar, mas pode demorar um pouco, então pensei que seria melhor tomar a iniciativa. Ocorreu-me o seu apartamento. – Kat abordou a ideia cautelosamente. – Se eu cozinhasse lá enquanto a Coco estivesse a trabalhar na loja, não a perturbaria. Podia deixar um jantar delicioso no forno para si e, além disso, pagava-lhe, claro.

– A minha cozinha? – Coco parecia confusa. – Mas a Kat nunca lá esteve.

– Não, mas a Coco mencionou que a sua casa não ficava muito longe do mercado.

– Isso é verdade, mas não serve. – Coco começou a rir-se. – Não serve de todo.

– Porquê?

– Vou mostrar-lha. Iremos até lá quando tivermos bebido o nosso café. – Ela riu-se novamente. – Cozinhar na minha cozinha, oh, não.

Depois de pagarem a conta e de Coco ter persuadido o empregado a embrulhar os biscoitos restantes num guardanapo, as três caminharam juntas até à casa de Coco; Ruth e Kat ficaram encarregadas de transportar os cãesinhos, pois as ruas começavam a ficar movimentadas e Coco temia que pudessem ser pisados por um turista de passagem.

O seu apartamento no rés do chão ficava numa parte bonita de Veneza, ao lado de um canal estreito, onde muitas das casas tinham floreiras cheias de flores de primavera nas janelas. Abrindo a porta, fê-las entrar para um pequeno *hall*.

Instantaneamente, Kat percebeu qual era o problema. A entrada estava cheia de roupas, a sala de estar pejada de mais cabides e a cozinha, quando conseguiram abrir caminho até lá, revelou-se atafalhada de caixas de sapatos.

– Isto nem sempre foi assim – explicou Coco, olhando em redor, impotente, como se só então se apercebesse da extensão do problema. – As pessoas não paravam de me dar coisas e se fossem bonitas eu não conseguia recusar. Em pouco tempo estava cheia, porque como podem ver não é grande. Foi então que abri a

loja. Mas foram chegando mais roupas, o que não ajudou muito.

A parte de cima do fogão estava tão desarrumada quanto as outras divisões. Ao abrir o forno, Kat percebeu que até este tinha sido usado como lugar de armazenamento.

– Como é que cozinha uma refeição aqui?

– Não cozinho – confessou Coco. – Perdi todo o interesse que tinha em cozinhar. É uma confusão e, além disso, nunca foi o meu talento.

– Mas gosta de comer – disse Kat.

– Veneza está cheia de lugares onde posso fazer isso. – Coco lançou um novo olhar ao redor da cozinha. – Como pode ver, não serve de todo para si.

– Pois não – concordou Kat.

– Tinha de lha mostrar ou podia não ter acreditado em mim – explicou Coco. – Mas há outra razão pela qual eu queria que viesse. Lá em cima há um apartamento vazio. O senhorio reserva-o para as visitas dos amigos, por isso não quer arrendá-lo. Mas talvez a Kat possa usar a cozinha. Eu tenho uma chave. Quer vê-lo?

– Sim, claro.

– As escadas são íngremes e estreitas, vá com cuidado. Agarre-se bem ao corrimão – aconselhou Coco, conduzindo-as ao andar de cima.

O apartamento era perfeito; Kat percebeu-o de imediato. A sala principal estava escassamente mobilada com uma *chaise-longue* de veludo comido pelas traças e uma pequena mesa de jantar. Ela gostou dos tetos altos, das paredes cor-de-rosa e das portas que davam para uma varanda, mas foi a cozinha que a atraiu, pequena e simples, montada contra uma parede. Kat abriu gavetas e armários, encontrou panelas e utensílios díspares, um par de boas facas de cozinha e uma antiga caçarola *Le Creuset* cor de laranja.

– Cozinhar aqui de muito bom grado – disse a Coco. – Pode dar-me o número do senhorio?

– É melhor deixar-me tratar disso.

– Quando é que pode entrar em contacto com ele? Vai ser em breve?

– Espero que sim. – Coco soou vaga.

– Detestaria que entretanto fosse arrendado por outra pessoa. Um apartamento como este no Airbnb poderia render bastante dinheiro.

– Como eu lhe disse antes, o senhorio não está interessado em arrendar... nem no Airbnb, seja lá isso o que for.

– Então a Coco acha que tenho hipótese?

– Estou otimista.

Ruth tinha aberto as portas de vidro e estava na varanda, olhando pelas janelas do prédio oposto. Sentou-se numa das cadeiras de aspeto raquítico, ao lado de um vaso de gerânios a murchar, e ficou a olhar fixamente. Kat foi juntar-se a ela.

– O que está a ver? – perguntou ela.

– Estou a bisbilhotar – admitiu Ruth. – Este canal é tão estreito que se pode mesmo ver o que há nas outras casas.

Kat seguiu a sua linha de visão e percebeu que era verdade. Tinha uma vista

clara do interior do apartamento em frente. Havia um sofá coberto por uma manta azul, uma pequena mesa de jantar, e por trás dela, painéis de cobre penduradas do teto do que devia ser a cozinha. Não havia ninguém lá dentro, mas se houvesse, Kat poderia ter espiado muito facilmente.

– Isto significa que eles também podem ver diretamente para este apartamento – ressaltou Ruth.

– É verdade, mas eu só vou cozinhar, por isso não me importo. E é sossegado aqui fora. Seria um bom lugar para conseguir escrever alguma coisa.

Coco ainda estava lá dentro. Encontrara uma vassoura e varria o pó e os insetos mortos do chão.

– Não me quis contar sobre a cor dela enquanto estávamos na loja – lembrou-se Kat. – Imagino que deve ser espetacular.

Ruth negou com a cabeça.

– Agora não – disse ela novamente.

Kat perguntou-se porque estaria a ser tão misteriosa. Até aí Ruth não parecera querer conter-se. Só mais tarde, quando se despediram de Coco e voltavam para o Hotel Gôndola, Ruth se abriu.

– Cinzento – disse ela de repente. – Completamente cinzento, quase uma ausência total de cor.

– O quê?

– A sua amiga Coco, ela representa um papel fabuloso, mas não passa disso.

– Isso é invulgar?

– Já o vi antes.

– O que significa? – perguntou Kat.

– Não tenho a certeza.

– Ela sente-se infeliz? Está deprimida?

– Espero que não – disse Ruth. – Mas não sei. Tudo o que vi foi cinzento e tudo o que senti foi tristeza.

Kat lembrou a si mesma que não acreditava nos poderes divinatórios de Ruth, mas ainda assim aquelas palavras deixaram-na preocupada. Uma mulher tão vivaz quanto Coco deveria ser um arco-íris de cores brilhantes, não cinzento. Passar-se-ia algo de errado com ela? Estaria doente ou triste?

A tarde toda, sentada à secretária e olhando para o portátil, esses pensamentos impediram Kat de escrever o capítulo do Harry's Bar para o seu livro. Tratava-se de uma cena fulcral; a grande sedução. Era vital que saísse bem. Ainda assim, a sua mente continuava a voltar a Coco e ela teve de lutar para se concentrar o suficiente e conseguir que as palavras comessem a fluir.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 6

Sou uma pessoa intrépida, sempre disposta a correr riscos. Mas o plano da Coco para que eu seduzisse o Massimo fez-me vacilar. Nem sequer era capaz de encontrar o momento certo para o convidar para jantar. Sempre que o via, havia outras pessoas por perto – hóspedes do hotel, a rececionista mal-humorada – ou ele estava embrenhado numa intensa conversa ao telefone.

Preocupava-me que ele reparasse quantas vezes eu me atravessava no seu caminho porque entrei e saí desnecessariamente da receção várias vezes naquela tarde. À hora dos *cocktails* eu estava no bar com um *Aperol spritz*, usando um vestido preto curto que tinha comprado à Coco, a rever o que lhe ia dizer, aperfeiçoando-o na minha mente, como uma adolescente ansiosa.

Havia outras mesas ocupadas no momento em que ele apareceu, mas foi comigo que o Massimo falou primeiro.

– *Buona sera*, Kat, como foi o seu dia a desvendar os segredos de Veneza?

– Muito bom. Na verdade, terminei o meu artigo – menti, tal como a Coco me havia instruído.

– Já? – Ele ficou admirado.

– Sou muito eficiente... e o Massimo foi um ótimo guia ontem à noite...

Ele fez um som de desaprovação.

– Então a Kat faltou à sua palavra e escreveu sobre os lugares a que eu a levei? Estou muito desapontado.

Eu esperava que ele estivesse a brincar.

– Com certeza sabia que isso aconteceria? A vantagem é que agora que já não estou a trabalhar posso fazer qualquer coisa descaradamente turística. Do que realmente gostaria era de ir comer ao Harry's Bar.

– Esta noite? Vai estar cheio, mas posso ver se é possível fazer uma reserva. – O Massimo voltara ao modo de gerente de hotel.

– Porque não se junta a mim? – sugeri, tentando soar descontraída. – Como agradecimento por me mostrar as redondezas, e desculpa por quebrar o meu juramento sagrado.

– Um jantar no Harry's Bar é uma excelente maneira de se desculpar, mas infelizmente tenho de tratar da contabilidade esta noite.

- A contabilidade ainda estará lá amanhã de manhã?
 - Claro que sim – confirmou ele.
 - E o Massimo não se sentiria mal por me deixar a jantar sozinha?
 - Sentir-me-ia... cheio de remorsos.
- Tentei encontrar algo persuasivo na minha mente.
- E não é um dos restaurantes mais famosos do mundo?
 - Isso é verdade.
 - Então vem?

Ele sorriu.

- Vou ligar-lhes e ver se há mesa disponível.

O Massimo desapareceu por cinco ou dez minutos e quando voltou sorriu novamente.

- Está com sorte. Fiz uma reserva.
- Uma mesa para dois?
- Para dois, no bar do andar de baixo, que é o único lugar para se ser visto, ainda que a sala de jantar no andar de cima tenha a vista.
- Parece que o Humphrey Bogart costumava levar lá a Lauren Bacall – disse eu.
- Todos eles lá iam, Ernest Hemingway, Truman Capote, Aristóteles Onassis, Peggy Guggenheim, vários membros da realeza.
- E agora a Kat Black – disse eu. – Com o Massimo Morosini.
- Sim, mas só mais tarde, para poder dedicar algum tempo à minha contabilidade primeiro.

Eu estava tão eufórica com o triunfo que tomei outra bebida enquanto esperava. O bar estava movimentado e pus-me a ouvir as conversas nas mesas mais próximas. O Hotel Gôndola não costuma atrair um público jovem. Esses preferem ficar numa *pensione* mais barata, ou em alojamentos *low cost* na periferia. As pessoas que aqui se instalam querem experimentar a grandiosidade de Veneza. Dispõem de algum dinheiro, mas não o suficiente para um quarto num dos hotéis de luxo, como o Danieli ou o Gritti Palace. Há muita gente de meia-idade, alguns recém-casados, poucas famílias e o raro viajante independente como eu.

Ouvi sotaques australianos na mesa ao meu lado; vozes russas um pouco mais longe; inglês e alemão. Muitos estavam a ter as mesmas conversas: a comentar como as ruas estavam sobrelotadas em redor de San Marco, a tentar decidir se deviam dar um passeio pelo Palácio dos Doges ou apanhar um barco para uma das ilhas, a queixarem-se dos preços ou de como aquilo que tinham vindo ver de propósito estava encerrado para renovação. Bebi o meu *spritz* e escutei o tagarelar.

Já escurecera quando o Massimo veio buscar-me. Com os nervos atenuados pelos *cocktails*, estava ansiosa para me sentar no Harry's Bar, com um empregado de mesa ao lado e uma ementa nas mãos.

Adoro comer fora, seja num *bistrot* de bairro com uma vela numa velha garrafa de Chianti ou num restaurante com toalhas de linho engomado e copos de cristal cintilante. Gosto dos pequenos rituais: colocar um guardanapo no colo, o momento

em que os pratos do dia são recitados, a escolha do vinho. Há a tensão de tentar decidir exatamente que pratos pedir – escolhemos um velho favorito ou arriscamos algo novo? E depois a espera, com o apetite a aguçar-se, e a refeição a ser trazida, e aquele instante antes de darmos a primeira dentada quando todas as possibilidades estão ainda em aberto.

– Espero que não fique desapontada – disse o Massimo. – É muito discreto.

Isso acabou por ser verdade. De facto, do lado de fora o estabelecimento é tão discreto que só é perceptível por causa do lendário nome gravado nas janelas de vidro opaco – Harry's Bar.

Transpusemos as portas para uma sala pequena e inesperadamente acanhada, como a cabina de um navio. O *mâitre d'* conduziu-nos a uma mesa de canto e sentou-me num tamborete. O restaurante estava cheio, mas mesmo assim as ementas chegaram depressa, seguidas de pãozinhos quentes e uma garrafa de vinho tinto que o Massimo pediu.

– A comida aqui é modesta, mas fazem bem os clássicos – disse ele.

Começámos com o *carpaccio*, fatias finas de carne salpicadas com uma maionese de limão. Depois um risoto de lulas tenras, temperadas com a sua própria tinta preta, com cada garfada a colorir as nossas bocas, por isso tivemos de parar muitas vezes para limpar os lábios.

– Nunca peça isto se estiver num encontro romântico – aconselhou o Massimo, parecendo divertido e debruçando-se para limpar uma mancha perdida no canto da minha boca com o seu próprio guardanapo. – É delicioso, mas impossível de comer com dignidade.

– Vou tentar lembrar-me disso – disse eu ironicamente.

Em seguida, partilhámos uma salada de vieiras carnudas, rúcula e vinagre balsâmico doce. E apesar de os nossos apetites terem dado sinais de estarem a diminuir, terminámos com um prato de peras bêbedas com canela e dois copos de *Moscato d'Asti*.

– A refeição perfeita do Harry's Bar – disse o Massimo, tocando com o seu copo no meu.

E foi ali naquela sala íntima, que não deve ter mudado durante décadas, onde havia sempre um empregado de casaca branca quando era preciso, a iluminação era de um tom diáfano de caramelo e a clientela uma mistura de turistas que se contorcia por causa dos preços e pessoas idosas que deviam estar ali desde sempre; no Harry's Bar, bem aconchegada atrás de uma mesa, que eu me apaixonei.

OK, talvez não completamente apaixonada, mas bastante encantada, e por Veneza tanto quanto por aquele homem absolutamente lindo. Queria-os a ambos.

Depois de nos termos demorado a beber o café, ele insistiu em pagar a conta, recusando-se a ouvir qualquer argumento de que era um gesto de cortesia da minha parte. Fazia-se tarde, mas eu estava determinada a seguir o resto do plano da Coco. Tinha de arranjar uma forma de convencer o Massimo a levar-me a um ponto romântico onde eu pudesse roubar-lhe um beijo.

– Qual é a sua vista favorita de Veneza? – perguntei no que esperava que fosse

um tom descontraido, quando saímos do Harry's Bar.

Ele considerou a questão.

– Acho que tem de ser uma vista da cidade a partir de uma das ilhas.

– O seu lugar preferido então?

– Depende da hora do dia ou da noite de que estivermos a falar.

– Agora.

O Massimo consultou o relógio.

– A Piazza San Marco – disse. – Haverá menos pessoas a enchê-la, mas as orquestras de café ainda estão a tocar. Adoro a atmosfera e as arcadas iluminadas, especialmente quando toda a praça se enche de água e podemos ver aqueles reflexos aquosos e fantásticos.

Parecia um lugar demasiado público para o seduzir, mas eu não tinha nenhuma ideia melhor.

– Vamos para lá então – sugeri.

– Está bem, é ao virar da esquina.

As únicas alturas para ir à Piazza San Marco são de manhã cedo e a horas tardias. Nesse intervalo de tempo, a praça expele visitantes vestidos principalmente com roupas que a Coco não aprovaria, e que se demoram a tirar fotos metendo-se no caminho e impedindo a vista. Ou, pior ainda, sentam-se nos degraus para comerem uma sanduíche, enfurecendo os venezianos, pois esse tipo de comportamento é estritamente proibido.

Na noite de outono em que fui lá pela primeira vez com o Massimo, o ar estava fresco o suficiente para ele ter vestido um fino casaco de lã e havia apenas uma única orquestra a tocar para meia dúzia de pessoas. Ficámos um pouco afastados das mesas do Caffè Florian e ouvimos uma valsa de Strauss.

Quando a orquestra começou a tocar uma versão animada do *Bolero* de Ravel, apoiei-me no Massimo, passando o meu braço pelo dele, e os nossos corpos balançaram juntos suavemente. No fim, deixei que a música me conduzisse ao beijo. Os meus lábios tocaram os dele e houve um breve momento em que acho que ele se sentiu surpreendido, e depois puxou-me para mais perto. Beijámo-nos enquanto o tambor batia o seu ritmo e o clarinete repetia a sua melodia; beijámo-nos longa e lentamente, como se só pudéssemos parar quando a música acabasse.

Não me lembro há quanto tempo um homem não me beijava assim. Beijar nunca é o prato principal, é apenas um aperitivo que serve para levar a algo mais satisfatório. Mas naquela larga e graciosa *piazza*, Massimo beijou-me como se fosse a coisa mais importante de todas. E quando a orquestra parou de tocar e nós nos separámos, senti-me tonta.

– Kat, eu gosto muito de si... Acho-a muito atraente – disse o Massimo. – Mas tenho de lhe dizer uma coisa.

– O quê? – perguntei, ainda a recuperar do beijo.

– Não vou ser o romance de férias de nenhuma mulher, nem sequer o seu – disse ele suavemente, mas com firmeza.

Eu posso ter deixado escapar um som ofegante; estava atónita, sem dúvida.

– Veneza não tem falta de mulheres que se querem divertir por uma noite antes de partirem – continuou ele. – Se é esse o seu caso, então devemos despedir-nos agora.

Mudamente, abanei a cabeça.

– Tem de compreender como é viver nesta cidade onde quase toda a gente está apenas de passagem. Já tive a minha conta de casos breves. Nunca me fizeram feliz.

– Não estou à procura de uma ligação rápida – disse eu, um pouco na defensiva.

– Então?

Olhei para a orquestra do Caffè Florian, que tocava agora uma versão alegre de *New York, New York*.

– Seja honesta comigo – pediu o Massimo.

– Quer honestidade? Então está bem. – Respirei fundo. – Eu quero a única coisa que parece ter-me passado ao lado até agora na minha vida. Um caso de amor, um caso de amor louco, arrebatado, romântico como nos livros e nos filmes. Talvez esse tipo de coisa não exista na vida real, não sei, mas preciso de descobrir.

– Nunca viveu isso?

– Não, e estou preocupada com o facto de estar a ficar sem tempo.

Ele tocou-me na face com as pontas dos dedos. O seu rosto estava na sombra, por isso eu não conseguia ler a sua expressão, e a voz dele era um sussurro.

– Então deixe-me ver se entendi. A Kat quer paixão verdadeira?

– Oh, meu Deus, sim.

O Massimo beijou-me de novo; e desta vez pareceu-me uma aprovação.

*

Tem de haver algumas coisas que permanecem privadas, por isso vou levá-los até à porta do quarto do Massimo, sob os beirais do Hotel Gôndola, e deixá-los lá, enquanto ele e eu entramos. Tudo o que precisam de saber é o que eu disse à Coco mais tarde no dia seguinte; o plano dela fora um bom plano. Um plano genial.

Nos poucos dias que me sobravam em Veneza, conversámos muito. O Massimo tirou tempo do trabalho e passámos grande parte desse tempo ao lado do balcão do bar do seu *bacaro* favorito, partilhando pratos de marisco e bebericando vinho. Passeámos juntos de *vaporetto* e demos longas caminhadas sem destino. Ou simplesmente sentámo-nos ao sol de outono e vimos a luz brincar na água da lagoa, de mãos dadas como adolescentes.

Pensei que deveria ser assim, estar apaixonada. Quanto mais tempo passávamos juntos, mais forte a minha sensação de que aquilo estava certo, aquela coisa entre nós; era o caso que desejara. Parecia que o Massimo sentia o mesmo. Na minha última manhã, ele tinha reservado voos para ir passar um fim de semana

prolongado a Londres e depois disso queria que eu voltasse ao Hotel Gôndola para passar o Natal.

Houve uma grande quantidade de deslocações ao longo daquele inverno, muitas noites em que não nos cansávamos um do outro, e cada vez que nos separávamos parecia um pouco mais difícil. Toda a minha vida fui uma pessoa que detestava ficar de fora das coisas. Locais, aventuras, até mesmo sabores – queria experimentar tudo. Agora tinha a oportunidade de viver a maior aventura de todas. Como poderia eu ficar de fora disso? Em pouco tempo, tinha tomado a minha grande decisão. Dedicaria um ano da minha vida ao Massimo e a Veneza e veria o que ambos fariam com isso. Decidi passar um ano no Hotel Gôndola.

Kat sentiu que tinha lidado bem com as coisas, deixando os leitores do lado de fora do quarto daquela maneira, mesmo que isso significasse que perderiam a melhor parte da noite. O jantar no Harry's Bar, o suave balançar ao som da música na Piazza San Marco, até os melhores beijos da sua vida não eram nada quando comparados a estar na cama com Massimo. Ele era terno, ele era rude, ele era inesperado. Mesmo nesse momento, depois de tantas outras noites juntos, Kat sentia-se arrepiada ao pensar nisso. Mas não abordaria nada daquelas coisas no livro. As pessoas tinham imaginação, não tinham? E, de qualquer forma, não queria rescrever o capítulo. Já tinha demorado tempo suficiente para conseguir terminá-lo.

Durante todo o tempo em que tentava escrever, Coco continuava a voltar aos seus pensamentos. «Cinzentos, quase sem cor nenhuma», dissera Ruth. Kat queria descartar aquilo como um disparate, só que havia algo estranhamente perspicaz em Ruth; ela parecia ler o estado de humor das pessoas com precisão. E não se deixar deslumbrar por Coco, com toda a sua exuberância e cores arrojadas, bem, isso era um pouco estranho. Por isso, Kat não podia deixar de se sentir ansiosa.

Na manhã seguinte, logo depois do café e do brioche, voltou à loja, esperando em parte que Coco não estivesse lá, por ter acontecido algum desastre. Mas a loja estava aberta e havia um manequim fora da porta com um casaco de brocado de seda dourada preso a ele.

Encontrou Coco embrenhada numa conversa com uma cliente.

– Eu sei que gosta do vestido de renda, mas quando chegar a casa, vai parecer-lhe desadequado – estava ela a dizer. – Nunca vai usá-lo. Já o outro... as pessoas vão admirá-la.

– O amarelo não é a minha cor – respondeu a mulher, com o seu sotaque americano.

– Vão acontecer coisas boas quando usar este vestido.

– Vou levar o de renda preta – insistiu a mulher. – É desse que eu gosto.

– Não lho vendo.

– Desculpe?

– Não está à venda... Não para si... Isso seria um erro. Mas faço-lhe um preço muito bom pelo amarelo.

– Não pode recusar-se a vender-me o vestido que eu quero. – A mulher parecia

atônita.

– Posso, sim.

– É assim que costuma funcionar?

– Claro – disse Coco.

Com um suspiro de frustração, a mulher virou-se para sair da loja.

– Ridículo, é completamente doida – disse na direção de Kat. – Não vou ficar cliente.

– Espere um momento, *signora*. – Coco falara com tranquilidade. – Tenho uma proposta para si. Vou dar-lhe este vestido. Quando o usar e perceber que tenho razão, pode enviar-me um cheque pelo que acha que vale.

A mulher parou junto à porta, intrigada.

– E se eu o detestar e nunca o usar?

Coco já estava a embrulhar o vestido em papel de seda e a deslizar um quadrado de cartão com o seu nome e morada manuscritos a tinta roxa.

– Nesse caso, não há necessidade de enviar qualquer dinheiro.

– Está a falar a sério?

– Absolutamente.

– E confia em mim para lhe pagar, se vier a usá-lo?

– *Signora*, eu confio em mim mesma. Este vestido e a *signora* foram feitos um para o outro.

– Nesse caso, penso que vou ter de aceitar. Embora tudo isto me pareça muito estranho. Não é certamente como fazemos as coisas no meu país.

A mulher ainda parecia confusa, mesmo quando saiu da loja com o embrulho que Coco tinha atado com uma extensão de fita de bolinhas desfiada. Olhou para Kat esboçando um pequeno gesto com a cabeça, como se a encorajasse a fugir enquanto ainda havia tempo.

– Bem – disse Coco, observando-a a ir embora. – Com esta, são três coisas boas que aconteceram hoje.

– Sim? – perguntou Kat.

– Nunca pensei que encontraria a mulher certa para aquele vestido. O amarelo não é um tom fácil, sabe? E assentava-lhe como uma luva.

– Quais foram as outras duas?

– Recebi aquele manequim maravilhoso e agora posso expor uma peça diferente todos os dias. E um dos meus amantes ligou e convidou-me para um concerto esta noite. – Ela sorriu intensamente. – Então, três coisas boas e ainda é tão cedo.

Não havia nada de cinzento em Coco hoje; estava tão alegre quanto poderia estar, e Kat sentiu-se tranquila e teve a certeza de que as afirmações de Ruth tinham de ser absurdas.

– Na verdade, são quatro coisas boas no total – disse Coco. – A última é para si. Tenho algumas novidades. A cozinha é sua e a renda é muito razoável.

– A sério? A Coco já resolveu tudo? – Kat ficou surpreendida.

– Eu disse-lhe que o faria. No entanto, há uma condição. Se o senhorio tiver

amigos que quiserem ficar, deve desocupar o apartamento por algum tempo.

– Isso não será problema. Muito obrigada, a Coco é surpreendente. Será a primeira pessoa para quem vou cozinhar.

– Eu sou muito exigente – avisou Coco.

– Só o peixe mais fresco, prometo.

– Nesse caso, é melhor ir consigo quando fizer compras no Rialto. Não vá sozinha.

– Quando acha que eu poderia ter acesso ao apartamento? – perguntou Kat.

– A casa está vazia, vou dar-lhe as chaves agora. Pode dar outra olhadela e ver se há alguma coisa de que precise. Mas *não* vá ao mercado sem mim – sublinhou Coco.

Kat concordou que não se aproximaria de nenhum lugar perto do mercado de Rialto e Coco entregou-lhe as chaves, uma grande e antiquada para a porta da frente e uma mais pequena para a casa.

Naturalmente era impossível resistir a passar pelo mercado. E quando viu as bancas carregadas de legumes de primavera, Kat não conseguiu deixar de parar. Espargos brancos alinhados lança com lança, montes de vagens gordas de ervilhas, havia brotos de minialcachofras com folhas verde-arroxeadas e frondes de ervas primaveris amarradas em molhos e cujos nomes Kat não reconhecia – *bruscandoli*, *barba di frate*.

Esperou que o vendedor terminasse de atender outro cliente e perguntou se ele falava inglês. O homem negou com a cabeça.

– O meu filho – disse ele, levantando um dedo para indicar que ela devia esperar um momento.

Kat perguntou-se o que poderia preparar com aquela abundância de verduras frescas da época. Um prato de massa, talvez, ou poderia simplesmente refogá-las com uma *pancetta* picada e muito azeite apimentado. Imaginava combinações quando o filho do vendedor regressou.

– *Signora*, posso ajudá-la? – perguntou ele.

– Queria saber se me poderia explicar o que é isto. – Ela apontou para as ervas.

– São especialidades locais?

– *Sì, signora* – respondeu ele, pegando num monte do que parecia cebolinho comprido com as raízes arenosas ainda presas. – *Barba di frate* é um tipo de erva que gosta de crescer nos pântanos. E *bruscandoli* são os brotos das plantas de lúpulo silvestre. Ambos são de lugares na lagoa onde o solo é muito salgado, por isso o sabor é muito bom. Só se encontram aqui durante algum tempo na primavera; não por muito mais tempo.

– Nesse caso, é melhor eu comprar um molho de cada um – disse Kat.

Em seguida, passou para o mercado de peixe, investigando entre as bancas antes de escolher umas lulas. Encontrou azeite e sal marinho numa pequena mercearia ali perto; e era tudo aquilo de que Kat precisava para confeccionar a sua primeira refeição veneziana.

O apartamento cheirava um pouco a mofo, coisa em que ela não tinha reparado

na primeira visita, por isso abriu as portas da varanda deixando entrar um pouco de ar, antes de voltar a sua atenção para a cozinha. Encontrou uma grande frigideira de ferro fundido, uma faca profissional e uma tábua de madeira. Cortou as lulas em fatias finíssimas e deitou uma boa quantidade de azeite na frigideira antes de refogar as verduras de primavera até ficarem tenras, adicionando as lulas no último momento para as cozinhar. Uma pitada de sal e um pouco da pimenta-branca que encontrou num armário, arrependendo-se momentaneamente por não ter comprado um limão, e Kat estava pronta para comer.

Sentou-se na varanda, com a tigela de comida nos joelhos, e fechando os olhos, provou a primeira garfada. As verduras tinham um sabor mineral, talvez porque tivessem crescido em terras inundadas pelas marés-altas. As lulas estavam tenras e mais uma vez lamentou não as ter regado com sumo de limão.

Enquanto comia, olhou pela janela do apartamento em frente, apercebendo-se de que estava alguém em casa. Havia um homem estendido no sofá, com calças de ganga vestidas e de tronco nu. No início, pensou que ele estava a dormir, mas depois ele sentou-se e levantou-se.

Kat continuou a observar, não conseguia evitar, mesmo quando ele foi até à janela, a abriu e se inclinou um pouco para fora, inspirando profundamente o ar fresco. O seu corpo era magro e ligeiramente musculoso, a pele clara e o cabelo um emaranhado loiro-escuro. Quando os olhos dele encontraram os dela, o homem acenou-lhe educadamente.

– *Buon appetito, signora* – disse ele.

– *Grazie* – respondeu Kat, envergonhada por ter sido apanhada a olhar fixamente.

Ele bocejou novamente, despenteando o cabelo com as mãos, antes de voltar para dentro. Enquanto acabava o almoço, Kat podia vê-lo movendo-se pela cozinha e em breve o cheiro a café emanou da sua janela aberta.

Quem era aquele homem? Seria um turista ou morava ali? E, em caso afirmativo, que profissão teria? Kat perguntou-se se seria possível conhecê-lo ou se a estreita faixa de canal que os separava significava que se ficariam apenas pelos acenos de cabeça?

Depois de acabar de comer, limpou a cozinha cuidadosamente, devolvendo tudo ao respetivo lugar, para que não houvesse vestígios de que uma refeição havia sido cozinhada. Não mencionaria o almoço simples de hoje a Coco. Não seria justo roubar-lhe o prazer de a levar ao mercado de Rialto, revelando quem tinha os melhores produtos, apresentando-a a vendedores e negociando um bom preço. E não haveria mal em deixá-la pensar que era a primeira vez que Kat ali fazia compras.

Voltou para o Hotel Gôndola num estado de espírito feliz, pensando em comida. Em breve iria comprar minialcachofras e ervilhas frescas. Quando a época de verduras e legumes de primavera terminasse, haveria o pino do verão a que aspirar, com os seus tomates e beringelas carnudos, o outono com abóboras assadas até ficarem doces e depois o *radicchio* amargo no inverno.

Sentindo a fome morder, Kat decidiu tentar afastar Massimo do trabalho com promessas de bolo de pistácio na *pasticceria* favorita dele. Seria bom passar algum tempo com ele longe do hotel. Estava tão absorta nos seus pensamentos que, ao princípio, não percebeu que tinha sido apanhada numa espécie de manifestação. À sua frente havia centenas de pessoas com carrinhos de bebé e carrinhos de compras, marchando lentamente e entupindo a *calle*. Gritavam *slogans* em italiano e Kat conseguia compreender alguns: «Veneza para os venezianos, turistas vão para casa.» Alguns manifestantes tinham cartazes exigindo rendas justas ou a proibição dos navios de cruzeiro, e a maioria era jovem e estava zangada.

– Isto não é a Disneylândia, esta é a nossa casa – gritou bem alto um jovem em inglês. Com choque, Kat percebeu quem ele era: Nico, o seu colega do bar do Hotel Gôndola. E ao lado dele estava a sua irmã Adriana, que deveria estar a trabalhar na receção. Ambos acenavam com cartazes que diziam *Chega de turistas*.

Onde estavam com a cabeça? Não percebiam que o seu sustento dependia dos turistas? Por um momento, Kat perguntou-se se deveria dizer alguma coisa, mas depois achou melhor não. Os dois estavam no meio de uma multidão hostil, todos a cantar juntos e Nico parecia fazer parte dos cabecilhas. No entanto, ela teria de contar a Massimo sobre aquilo. E ele não ficaria satisfeito.

Não havia forma de passar pelo meio da manifestação, por isso Kat desviou caminho através de um labirinto de ruas secundárias, conseguindo seguir na direção completamente errada por algum tempo, antes de regressar ao hotel.

Encontrou Massimo a trabalhar na receção, com um sorriso de boas-vindas no rosto enquanto procedia ao *check-in* de alguns hóspedes. Assim que acabava de os atender, o sorriso desaparecia.

– Hoje tem sido um pesadelo – queixou-se. – A Adriana não apareceu para trabalhar e não atende o telemóvel. Não sei o que está a acontecer.

– Eu sei, porque acabei de a ver. – Kat sentia-se indignada. – Ela está metida em algum tipo de protesto e o Nico também estava lá. Há um grande grupo. Pelos vistos, querem livrar-se dos turistas, o que parece muito estúpido.

A resposta de Massimo foi inesperada.

– Eles não querem mesmo livrar-se dos turistas – disse ele –, só dos excursionistas que vêm e tiram fotografias e depois voltam para os seus navios de cruzeiro. Os jovens estão preocupados com o futuro. Querem que Veneza permaneça uma cidade real onde possam viver e trabalhar, onde haja apartamentos acessíveis para arrendar e empresas que não sejam lojas de *souvenirs*.

– Então não vais tentar impedi-los? – perguntou Kat, surpreendida.

– Que direito tenho eu de lhes dizer que não podem protestar a favor de algo em que acreditam?

– A mim parece-me mal dois funcionários do Hotel Gôndola estarem envolvidos em algo assim, mesmo que simpatizes com a causa deles.

Quando Kat descreveu os cartazes e os *slogans* que tinham sido gritados, Massimo franziu o sobrolho.

– Suponho que tenhas razão. Pode ser estranho, caso algum dos nossos

hóspedes os reconheça.

– E mau para o negócio – acrescentou Kat, sabendo que atingira um ponto sensível.

Massimo pegou no telemóvel e fez várias tentativas para lhes ligar. Kat podia senti-lo a ficar impaciente quando não conseguiu qualquer resposta dos sobrinhos.

– Acho melhor ir procurá-los – disse ele, ainda soando relutante. – Diz-me exatamente onde viste a manifestação. E podes ficar a tomar conta das coisas aqui enquanto eu estiver fora? Tentarei não me demorar muito.

Kat planeara dedicar a tarde a escrever, mas, em vez disso, concordou em ficar na receção e esperar pelo regresso de Massimo. Não gostava muito daquela tarefa. Passava longos momentos de tédio quando tudo o que tinha de fazer era sorrir aos hóspedes quando estes passavam, cumprimentá-los com um «*Buongiorno*» simpático e perguntar como estavam. Aqueles momentos eram pontuados por períodos mais movimentados, quando as pessoas queriam fazer o *check-in* ou o *check-out*, reclamar de algo nos seus quartos que requeria atenção, ou que ela lhes chamasse um táxi aquático ou reservasse uma mesa num restaurante. Quando Ruth a encontrou lá, Kat estava desesperada por escapar.

– Púrpura, mas não um tom bonito – anunciou Ruth. – Uma cor nova para si, acho.

– Não estou mesmo com paciência – respondeu Kat categoricamente.

– É evidente que não. – Ruth parecia serena. – É este o seu novo trabalho? Onde está a jovem do costume?

– Hoje não conseguiu vir.

– E a Kat está a preencher a falta?

– Só até o Massimo voltar, o que espero que não leve muito mais tempo.

– Esperemos que sim – os olhos de Ruth passaram por ela –, porque não gosto desse seu roxo.

Depois mudou de assunto e começou a falar sobre a sua visita à Coleção Peggy Guggenheim. Kat ouviu-a enquanto ela divagava sobre os quadros de Pollock, Picasso e o Mondrian, sobre como o jardim era tranquilo e o café agradável.

– Sinto-me tão inspirada agora para começar uma nova série de Veneza: as cores das paisagens, a água e as pessoas – entusiasmou-se Ruth. – Nunca serei uma artista como Pablo Picasso, mas ainda posso expressar-me com tinta sobre tela tal como ele fez. Porque não?

Pessoalmente, Kat não viu o propósito de se preocupar em fazer algo, a menos que se possuísse um verdadeiro talento. Mas agora Ruth estava a falar sobre como se sentia realizada com a sua arte, por isso ficou calada e continuou a ouvir.

– É como se houvesse uma grande força criativa a varrer o mundo e eu sou uma pequena parte disso. É mágico, mas também assustador porque tenho de me entregar a ela completamente e nesta fase da minha vida... – Ruth parou de repente. – Isto é esotérico para si?

– Um bocadinho – admitiu Kat.

– O que estou a tentar dizer é que não precisa de se preocupar comigo por

andar a segui-la a partir de agora, porque vou estar ocupada.

Kat não pôde deixar de sorrir.

– A Ruth é a melhor perseguidora que eu poderia desejar. Espero que ainda tenha tempo para tomar um café comigo de vez em quando.

– Estou certa de que terei. Na verdade, estava a planear ir até ao bar daqui a pouco e a Kat preparar-me um daqueles *Espresso Martinis* de que me falou.

– Oh, bolas, o bar, que horas são? – Kat consultou o relógio atrás da receção e repetiu: – Oh, bolas.

– Aquele rapaz bonito, o Nico, não pode tratar das coisas enquanto está presa aqui?

– Ele também não veio hoje – murmurou Kat. – Terei de ver o que consigo arranjar. Mas venha mais tarde. Deverá haver alguém para lhe servir uma bebida.

Normalmente, o Hotel Gôndola funcionava tão bem que Kat não conseguia acreditar na facilidade com que as coisas tinham descarrilado. Conseguiu descobrir a lista de contactos do pessoal e encontrou um número do funcionário que fazia o turno da noite – um dos primos de Massimo. Foi necessário um pouco de persuasão e a promessa de um bónus modesto, mas ele concordou em ir trabalhar imediatamente. Tudo o que ela poderia desejar era uma noite tranquila no bar, especialmente se Massimo fosse demorar-se mais tempo.

Ainda não havia sinal dele quando o primo chegou e tomou conta da receção. Kat tentou ligar para o telemóvel e, uma vez que não obteve resposta, enviou uma mensagem. Estava no andar de cima para o seu turno no bar quando finalmente recebeu uma resposta de Massimo: *Desculpa, tenho problemas aqui, espero que te estejas a aguentar.*

Kat sentia-se simultaneamente irritada por ele estar a ser tão enigmático, preocupada por poder a estar a passar-se algo sério, e aflita, pois como conseguiria ela arranjar-se se o bar se enchesse por completo, particularmente porque o *cocktail* da semana, o *sgroppino*, era uma complicada mistura de sorvete de limão com *vodka* e *Prosecco*.

Os dois ou três primeiros grupos apareceram gradualmente e não foi muito difícil conciliar os pedidos com a preparação das bebidas. Depois houve uma enchente, com vários hóspedes a arriscarem sentar-se no terraço, apesar da brisa fresca de primavera que arrefecia a noite, e Kat atarefou-se a ligar os aquecedores de exterior e a distribuir mantas.

Corria para ir buscar o seu bloco de pedidos quando Zita apareceu. A ex-mulher de Massimo era a última pessoa que Kat queria ver naquele momento. A outra parecia perfeita, claro, os olhos habilmente maquilhados com sombra, lábios brilhantes, cabelo recém-arranjado. Kat sentiu-se maltrapilha em comparação, desejando ter tido tempo para enfiar mais do que um *cardigan* de caxemira por cima do vestido e prender os caracóis despenteados num coque.

– *Buona sera.* – Zita era toda sorrisos.

– Olá – respondeu Kat, um pouco sem fôlego. – Desculpe, não posso parar para conversar. Estamos com falta de pessoal esta noite.

– Onde está o Nico? – Zita observou o terraço. – E o Massimo?

Kat contou-lhe uma versão abreviada dos acontecimentos enquanto pegava no bloco de pedidos do bar.

– Pode ter de esperar um pouco pelas bebidas – avisou ela –, mas vou atendê-la, prometo.

– *Mannaggia*. – Zita atirou as mãos ao ar. – Não podem estar à espera que trabalhe aqui sozinha. Dê-me esse bloco e eu vou tratar dos pedidos enquanto a Kat prepara as bebidas.

– A sério? – Kat ficou na dúvida.

– Sim, sim, *cara*, já fiz isto antes. Não há trabalho neste hotel em que eu não tenha ajudado.

Kat não gostou muito da ideia, mas sabia que iria precisar da ajuda.

– Bem, se tem a certeza... só até o Massimo ou o Nico voltarem. Isso seria ótimo, obrigada.

Zita pegou no bloco de pedidos e Kat viu-a atravessar o terraço de saltos altos. Era muito mais eficiente do que Nico, movendo-se rapidamente de mesa em mesa, oferecendo água mineral, recomendando *cocktails*, certificando-se de que todos tinham uma tigela de aperitivos para petiscar, recolhendo copos vazios, tudo com o mínimo de espalhafato.

Isso fez Kat pensar em como Nico parecia preguiçoso e ressentido ao desempenhar as suas funções. A sua irmã Adriana era a mesma coisa. Ela partira do princípio que se mostravam amuados na sua presença porque desaprovavam aquela inglesa que tinha entrado e assumido o controlo. Agora Kat imaginou-os na rua a agitar cartazes, gritando *slogans*, os seus rostos iluminados pela raiva e percebeu que algo mais se estivera a passar durante todo esse tempo.

– Um *Bellini* e um *negroni* para a mesa quatro – entoou Zita, rasgando uma página do bloco de pedidos e atirando-a para o balcão do bar. – Na mesa oito estão a perguntar pelo Massimo. Pelos vistos, ele recomendou-lhes um restaurante de marisco e não conseguem lembrar-se do nome.

Kat franziu o sobrolho.

– Desculpe, eu não sei...

– Não faz mal – interrompeu Zita. – Recomendei-lhes o Antiche Carampane porque é o que ele recomenda sempre. Mas vou precisar de lho assinalar num mapa, pois é impossível encontrá-lo. Ainda tem alguns atrás do bar?

– Sim, claro. – Kat entregou-lhe um mapa turístico, depois continuou a preparar os *cocktails* enquanto Zita desdobrava o mapa e guiava a mesa oito pelas ruas secundárias de San Polo.

Kat tentou não ficar ressentida com a ex-mulher de Massimo por esta se encaixar tão facilmente no Hotel Gôndola – estava grata pela ajuda, afinal. Mas era difícil não sentir que Zita pertencia àquele lugar muito mais do que ela alguma vez pertenceria; e Kat ficou surpreendida com a sensação de insegurança que a ideia trouxe consigo.

O bar foi ficando mais movimentado. Ruth apareceu para o seu *Espresso*

Martini e sentou-se num tamborete, tomando-o devagar. Chegaram mais hóspedes e passado algum tempo saíram, entre eles Ruth, com planos para se deitar cedo e começar a pintar de manhã.

Massimo voltou passada mais de uma hora. Parecia mais cansado do que Kat alguma vez o vira e houve apenas um lampejo de surpresa no seu rosto quando viu Zita parada ao lado dela, com um bloco de pedidos ainda na mão.

– O que aconteceu? – perguntou Kat, enquanto se deixava cair num dos tamboretas. – Onde estiveste este tempo todo?

– É um desastre – respondeu ele.

– O quê? – perguntou Kat, impaciente por uma resposta adequada.

Zita baixou-se atrás do bar, serviu uma dose generosa de conhaque e entregou-a a Massimo. Não era algo que Kat o tivesse visto beber antes, mas ele emborcou a maior parte.

– O Nico está bem? – perguntou Zita.

– Na verdade, não – disse Massimo. – Foi preso.

– E a Adriana?

– Conseguimos convencê-los a deixá-la ir. Já o Nico está com problemas. É um desastre completo. – Massimo despejou mais conhaque no copo e lançou um olhar ansioso a Kat. – Isto não é para as páginas do teu livro. Tens de me prometer que não escreves acerca deste assunto.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 7

Fiz com que o início entre mim e o Massimo soasse tão simples. Mas eu tinha dúvidas, claro que sim. Houve noites sem dormir em que dei voltas sozinha na cama e questionei tudo. Depois ele ia a Londres durante alguns dias e nós mal saíamos do meu apartamento. A paixão entre ambos explodia de novo e tudo voltava a fazer sentido.

Os meus amigos riram-se quando lhes disse que a nossa relação seria a minha nova aventura. Falavam sombriamente sobre as desvantagens de partilhar uma vida, mas tudo parecia ser tão trivial, meias largadas no chão e discussões sobre coisas que não tinham qualquer importância. Alguns estavam casados há mais de vinte anos e eu tive de admitir que eles é que eram os especialistas, porém tinha a certeza de que comigo e com o Massimo seria diferente.

Além disso, era o momento perfeito para fazer uma pausa na minha carreira. Depois de tantos anos de voos de longo curso e prazos impossíveis, eu estava pronta para um novo desafio. Agradou-me a ideia de um ritmo mais lento, e de conhecer o Massimo e a sua cidade a fundo, em vez de correr para novos lugares e novas pessoas como sempre fora obrigada a fazer por causa das gravações do meu programa de televisão, *As Viagens de Kat Black*.

Um ano em Veneza a começar no início da primavera, experimentando o desenrolar das estações e o crescimento e as mudanças da nossa relação, esse era o meu plano e o Massimo gostou dele. Ambos concordámos que era o período de tempo de que precisaríamos para saber se as coisas funcionariam a longo prazo. Foram definidas outras regras. Eu ajudaria no hotel, já que se tratava de uma empresa familiar que não podia arcar com essa despesa. O Massimo refreou-se de me apresentar aos seus pais e às suas duas filhas adultas porque ele achava que não seria justo até estarmos certos do que sentíamos um pelo outro. E a regra final, a mais importante: fosse qual fosse o término do ano, não lamentaríamos nada do que fizéssemos.

Havia aspetos práticos a tratar, embora não muitos, felizmente. Tive de arranjar um inquilino para o meu apartamento, uma vez que não o queria manter como rede de segurança. Isso significava que as minhas coisas tinham de ser embaladas e postas num armazém ou enfiadas na única mala que me permitia levar. Havia bons

amigos que queria ver antes de partir, porque não planeava voltar antes do prazo estabelecido. E então algumas antigas colegas de trabalho organizaram-me uma festa de despedida e eu tive uma pequena hesitação quando os vi a todos reunidos, com bebidas nas mãos. Porque é que eu queria partir? Porque não poderia contentar-me em fazer uma vida ali rodeada por todas aquelas pessoas que conhecia e de quem gostava?

Não está na minha natureza, presumo; nunca estive.

Veneza recebeu-me com um céu sombrio. As *passerelle* tinham sido postas na Piazza San Marco – são as plataformas para as pessoas andarem quando a *acqua alta* a inunda – e todos os turistas usavam ponchos de plástico e protetores de sapatos descartáveis. Decidi que a primeira coisa em que ia investir seria num robusto par de galochas para atravessar as marés-altas. Porque eu já não fazia parte dos visitantes, eu ia viver ali.

Concedi a mim mesma algumas semanas para me habituar a Veneza. Andei muito com aquelas galochas novas, atravessando as partes mais baixas e inundadas da cidade, enfrentando chuvas torrenciais e manhãs frias e nebulosas. Na maioria dos dias encontrava um motivo para passar pela lojinha da Coco. Ela nem sempre estava lá, claro, porque tem uma atitude caprichosa em relação às horas de abertura. Não faz sentido chegar antes das dez da manhã, pois gosta de começar o dia devagar, com tempo para pensar no que vai vestir, com que colares e pulseiras se vai adornar. Do meio da manhã até à hora do almoço, a loja está geralmente aberta, embora não possa garantir inteiramente que ela não se tenha esgueirado para ir tomar um café. Quanto às tardes, geralmente dependem do estado de espírito da Coco. Adora dormir uma sesta, especialmente se tiver planos para ir dançar nessa noite.

Ao princípio, fingia que tinha ido lá para fazer compras e comprei coisas de que não precisava – uma *écharpe*, uma carteira de noite com missangas, mais alguns vestidos, um chapéu. A Coco decidiu então tirar os artigos das minhas mãos e devolvê-los às prateleiras ou dizer-me quais as peças de roupa que não me assentavam bem. Ela parece sempre feliz em me ver, apesar de já não me querer como sua cliente, e gosta de dizer às pessoas que me ajudou a encontrar o homem certo, por isso, de certeza que se pode confiar nela para lhes arranjar um conjunto perfeito. Sempre que a loja está vazia, ela sugere que vamos tomar um café, muitas vezes servido com *bussolà*, os seus biscoitos favoritos, em forma de S e aromatizados com raspa de limão e baunilha.

Neste momento, a Coco é a minha única amiga veneziana, mas acho esse facto emocionante, ao contrário de desanimador. A minha vida tem tanto espaço vazio agora que pode ser preenchido com todas as pessoas novas e todos os interesses que esta cidade tem para oferecer.

Infelizmente não há tanto espaço livre no Hotel Gôndola. Nas minhas visitas a Veneza durante o inverno, o hotel nunca estava totalmente reservado, por isso pudemos usar uma das suítes. Agora vivo oficialmente aqui, o que significa que ocupo os aposentos do pessoal: um pequeno quarto no último piso que partilho

com o Massimo. Enquanto arrumava o conteúdo da minha mala na metade do armário que ele tinha desimpedido para eu ocupar, percebi que não tinha um quarto só para mim pela primeira vez na minha vida. Sem qualquer ordem específica, estas são apenas algumas das razões pelas quais a partilha pode ser um desafio: sou desarrumada e o Massimo é arrumado; fico a ler até tarde na cama e ele adormece sempre; gosto de uma janela aberta e ele prefere o ar condicionado; tenho sempre música a tocar, mas ele é adepto do silêncio.

Certamente existem outras diferenças entre nós. Estamos a funcionar de acordo com uma política de lidar com cada coisa nova à medida que esta surge. Eu estou a tentar não ser tão desleixada; ele está a aprender a gostar de ouvir Adele, Lorde e Amy Winehouse. Tudo parece estar a funcionar até agora.

A vantagem de ocupar quartos pequenos é que isso nos obriga a sair de casa. Veneza é a minha sala de estar, os seus amplos *campi* e rede de canais. Habito os *bacari* e os cafés. Chamo aos espaços verdes o meu jardim.

Os dias no Hotel Gôndola têm um ritmo regular muito próprio. Todos os que aqui trabalham fazem parte da família Morosini, desde a empregada que limpa os quartos até ao empregado que serve os cafés, de manhã. É um lugar muito tradicional, uma amostra da Veneza antiga.

O meu tempo pode estar tomado pelos turnos da noite regulares a preparar *cocktails* no bar, mas tenho os dias livres e há tanta coisa que quero encaixar neles. Tenciono explorar a lagoa, remar no Grande Canal com uma das tripulações dos barcos-dragão. Ainda nem sequer pus os pés numa gôndola! Há muitas primeiras vezes pela frente.

Deixem-me contar a experiência de ir às compras no mercado de Rialto. A Coco insistiu que devia ser ela a levar-me lá, alegando que, caso contrário, cobrar-me-iam o dobro dos preços ou impingir-me-iam produtos de qualidade inferior. Levantou-se especialmente cedo para se encontrar comigo. Não foi difícil identificá-la, já que era a única com uma capa de lã cor-de-rosa e uma *écharpe Hermès* cor de laranja.

Na orla do Grande Canal, o mercado de Rialto é um lugar animado onde podemos comprar comida. As bancas estão repletas dos produtos mais frescos; alguns deles cresceram no solo arenoso e salgado das ilhas da lagoa, que os venezianos afirmam resultar num sabor mais intenso.

Naquela manhã, a Coco levou-me animadamente de banca em banca, apresentando-me a todas as pessoas mais importantes.

– Este é o Giancarlo, ele tem sempre o melhor *radicchio* no inverno. E este é o Michele; durante o verão, é ele quem deve vir procurar para comprar tomate.

Sob as colunatas do mercado de peixe, os olhos da Coco tinham um brilho especial.

– Só compre caranguejo que cheire bem e peixe com olhos brilhantes – instruiu ela. – As lulas devem ter a carne translúcida, os camarões devem parecer húmidos e as cascas nunca devem estar partidas, as vieiras têm de ser absolutamente de um branco-pérola.

Obrigou-me a pegar no meu bloco e a anotar as suas palavras, repetindo-as para ter a certeza de que eu percebia tudo.

Comprei muito de tudo; acontece-me sempre isso. A Coco repreendeu-me, mas continuei a encher a cesta. O prato que queria fazer para o nosso almoço era inspirado no clássico *sarde en saor*. Encontram-no por toda a Veneza, do *bacaro* mais humilde ao restaurante mais chique. É realmente muito simples, cebolas brancas refogadas lentamente em azeite e bom vinagre de vinho e aromatizadas com louro. Podem ser adicionadas passas previamente embebidas em vinho branco e também pinhões, mas não é necessário. A maneira veneziana é mergulhar as sardinhas na mistura agri-doce das cebolas e deixá-las marinar à temperatura ambiente durante pelo menos duas horas.

Não sei quanto a vocês, mas eu sou um desastre no que toca a esperar que os sabores se infundam lentamente. Também não sou lá grande coisa a seguir receitas – onde está a graça de fazer algo sempre da mesma maneira? Prefiro trazer ideias novas a cada prato que cozinho. Por essa razão fiz várias versões do *saor* para o almoço da Coco e esta foi a que ela gostou mais.

Sim, é uma receita, mas também é apenas uma sugestão. Estas cebolas seriam igualmente boas como cobertura de frango assado ou beringelas no forno; ou incorporadas numa salada quente de feijão-branco ou batatas novas. Podem deixar de fora as especiarias ou adicionar mais, usar cebola-roxa em vez de branca, incluir as passas que eu deixei de fora, o que quiserem – não ficarei ofendida se tiverem uma maneira melhor de o fazer.

A Coco diz que o essencial é garantir que o peixe seja fresco e as cebolas firmes. Ela também me pediu para referir que este prato é muito parecido com a vida – precisamos de encontrar o equilíbrio perfeito entre doce e amargo, qualquer desequilíbrio entre ambos não é bom.

PEIXE SAOR

3 cebolas brancas

125 ml de azeite

125 ml de vinagre de vinho branco

1 mão-cheia generosa de pinhões

2 folhas de louro

5 grãos inteiros de pimenta

1 colher de chá de sementes de coentro, moídas

1 dente de alho, esmagado

1 cm de pau de canela, moído

1 pitada de sal

1 pitada de açúcar

4 pedaços de peixe – filetes brancos, bifes de atum, até salmão

O importante é cozinhar as cebolas muito lentamente, não deixando que alourem. Primeiro, corte-as ao meio e depois em fatias finas. Aqueça o azeite em lume médio-brando numa panela de fundo pesado. Adicione as cebolas e refogue por alguns minutos, em seguida, junte a pimenta, o sal e o louro, reduza o lume, coloque a tampa e deixe as cebolas cozinhar lentamente. Mexa regularmente e deite um pouco de água se começarem a secar ou a alourar. Após 25 minutos acrescente as especiarias e frite durante um minuto antes de acrescentar o vinagre e adicionar uma pitada de açúcar. Continue a cozinhá-las, destapadas, até as cebolas estarem macias e um pouco pegajosas (neste momento gosto de inalar o vapor que vem da panela e que tem um cheiro divinhal!). Depois tire-as do lume, misture os pinhões e deixe arrefecer um pouco enquanto frita o peixe.

Faça o empratamento colocando cada pedaço de peixe cozinhado com uma pilha de cebolas e sirva com espargos cozidos ao vapor ou feijão-verde e batatas com manteiga.

Serve 4 pessoas.

Agora já estão a par de tudo que se passou. A partir deste ponto, vou viver este livro enquanto o escrevo. Levá-los-ei comigo aonde quer que eu vá em Veneza, conhecerão todas as pessoas que conheço, provarão a mesma comida, passearão comigo e com o Massimo, partilharão os altos e baixos do meu tempo no Hotel Gôndola.

Penso muitas vezes naquelas palavras da minha mãe que tanto me afetaram. «Vinte bons anos» foi o que ela alegou que me restaria quando fiz cinquenta anos. Estou a dedicar doze meses desse tempo a Veneza. Por mais bonita que seja, ainda tenho algumas dúvidas quanto a instalar-me durante tanto tempo numa cidade, quando o meu hábito de uma vida inteira é seguir em frente para novos lugares e novas pessoas. E sei tanto o que vai acontecer aqui como vocês.

Encontrar tempo para escrever e viver estava a revelar-se complicado para Kat. Continuava a sentar-se em frente ao computador portátil, mas deixava-se distrair por outras coisas. A primavera começava a render-se ao verão e os dias mais luminosos chamavam-na lá para fora. Podia perder horas a vaguear pela Veneza soalheira ou saltando para um *vaporetto* e indo aonde quer que este a levasse. Explorar fazia parte da sua pesquisa; mesmo assim, chegar ao fim de uma semana com tão poucas novas páginas escritas provocava-lhe uma sensação de pânico desconhecida.

Nos dias do seu programa de televisão, Kat fazia parte de uma equipa e os problemas eram discutidos em conjunto. Quanto aos seus livros anteriores, sempre envolveram trabalhar com um coautor, um fotógrafo ou um *food stylist*. Agora Kat estava por conta própria, e este bloqueio de escritor ou falta de motivação... qualquer que fosse o problema, não sabia como o ultrapassar.

Massimo dizia-lhe para não se preocupar.

– Tens o ano inteiro pela frente. Relaxa, aproveita *la dolce vita* e a escrita começará a fluir – dizia, e depois, o assunto da conversa entre ambos voltava inevitavelmente ao que quer que estivesse a incomodá-lo.

Os problemas dele estavam sempre ligados ao Hotel Gôndola. As coisas começaram a correr mal depois da manifestação em que Nico fora preso por destruir as ementas turísticas do lado de fora de vários restaurantes, derrubando *stands* e partindo vidros. Podia não ter sido demasiado grave, mas Nico tinha oferecido resistência e tornara-se agressivo quando a polícia atuou e agora pareciam querer fazer dele um exemplo.

Massimo fez tudo o que era possível – ajudou a família a pagar o aconselhamento jurídico, arranjou testemunhas abonatórias e escreveu uma carta descrevendo-o como um funcionário estimado. Mesmo depois da sua libertação, Nico não se mostrava especialmente agradecido. Quase imediatamente a seguir participou em mais duas manifestações, uma na Piazza San Marco, a outra envolvendo uma flotilha de barcos que bloquearam o Grande Canal. Era carrancudo para os hóspedes e para Kat, misturava os pedidos e entornava bebidas com tanta frequência que só podia de ser de propósito.

– Talvez devas dispensá-lo – sugeriu Kat a Massimo. – Ele está a causar-te tanto *stress*.

– Mas ele é da família.

– Eu sei, mas mesmo assim, preocupa-me que esteja a tornar-se um risco. Quem sabe o que fará a seguir?

Embora mostrasse relutância, Massimo acabou por concordar com ela. No entanto, dispensar Nico apenas causou mais problemas. Quase de imediato, a família Morosini começou a discutir, com renúncias entre os membros mais jovens da equipa que apoiavam a causa de Nico. Massimo teve de contratar um gerente noturno fora da família e Kat viu-se a trabalhar temporariamente no turno do pequeno-almoço bem como no turno da noite.

Mas o pior de tudo foi Zita, que se ofereceu para ajudar no bar até encontrarem a pessoa certa para substituir Nico.

– A Kat e eu formamos uma grande equipa – disse Zita alegremente. – Estamos a divertir-nos juntas.

E embora Massimo suspeitasse de como Kat se sentia, não contrariara a ex-mulher. Também não mostrava sinais de que fosse contratar alguém a título permanente. A razão era óbvia. Ele queria que as coisas voltassem a ser como eram, que a desavença com Nico fosse reparada e que os outros membros do pessoal que perdera regressassem. Havia pressões da família, com longos telefonemas que o mantinham angustiado, e Kat notou como a sua testa andava muitas vezes franzida ultimamente. Ela queria poder ajudar a resolver as coisas, fazer o tempo voltar atrás, mas não conseguia ver de que forma.

– Fui eu quem o convenceu a demitir o Nico – disse ela a Ruth certa manhã. – Por isso, em parte sinto-me responsável.

Ruth estava ocupada com a sua arte e pintava telas de cores esborratadas que apenas permitia que Kat vislumbasse. Mesmo assim, na maioria dos dias esbarravam uma na outra e tomavam um *espresso*, bebendo-o rapidamente ao balcão da *pasticceria* mais próxima.

Em bom rigor, Kat não deveria ter confiado os problemas do Hotel Gôndola a uma das hóspedes, mas não sabia para que outro lado se virar. E confiava em Ruth que, apesar das suas ideias, parecia amável e sensata.

– Preciso de um plano – disse-lhe Kat. – Mas agora sinto-me perdida.

Ruth estava convencida de que Adriana era a chave: era irmã de Nico, a sua companheira na manifestação e continuava a ser uma presença gelada na receção do Hotel Gôndola.

– Isso coloca-a na posição perfeita para agir como intermediária, para suavizar as coisas entre todos – ressaltou Ruth. – Se a Kat precisa que esta situação se resolva, ela é a pessoa para a resolver.

– Mas a Adriana odeia-me – gemeu Kat.

– Isso parece-me improvável.

– Mas é verdade, ela nunca me mostrou o menor indício de simpatia.

– Talvez seja porque a Kat nunca se mostrou simpática com ela – sugeriu Ruth.

Então Kat aproximou-se de Adriana cautelosamente. Começou a passar pela receção com um sorriso caloroso e um *buongiorno* alegre. Comentava o tempo ou

admirava o penteado de Adriana. Até pediu a sua opinião sobre as receitas de *cocktail* que estava a testar. E quando parecia que Adriana estava a ficar mais simpática, Kat planeou cuidadosamente uma conversa com ela.

– Como está o seu irmão? – perguntou, parando no átrio da receção a meio da manhã, quando não havia hóspedes à vista.

– Porque é que pergunta? – Adriana soou desconfiada.

– Sinto falta de trabalhar com ele. Não é que eu não me dê bem com a Zita, mas ela é a mulher do Massimo e bem... é um pouco estranho, tenho a certeza de que pode imaginar. – O tom de Kat era o de quem fazia confidências.

Adriana olhou para o ecrã do computador, digitou algumas palavras no teclado e depois olhou para Kat.

– Sim, posso imaginar.

– A única forma de ela se ir embora é se o Nico voltar ao trabalho.

– O Massimo demitiu-o.

– Eu podia persuadi-lo a reconsiderar.

– Não precisa de se incomodar. O Nico não está interessado em voltar para cá. Não sente falta de trabalhar consigo.

– Oh. – Kat ficou surpreendida.

– Ele não a respeita – acrescentou Adriana friamente.

Kat esqueceu a sua oferta de amizade.

– Nunca compreendi porque é que vocês os dois têm um problema tão grande comigo.

– Não é só consigo, é com toda a gente da sua idade. Vocês ficaram com o melhor de tudo e não deixaram nada para nós. E agora querem silenciar-nos.

– É isso que acha? Que ridículo.

– Eu digo-lhe o que é ridículo. O Nico e eu nunca seremos capazes de comprar casa própria em Veneza, nem arrendar. Quando nos casarmos e tivermos as nossas famílias, seremos obrigados a mudar-nos para os arredores. Quase todos os nossos amigos estão na mesma situação. E o que vai acontecer a Veneza então? Deixará de ser uma cidade real.

– Foi o que o Massimo me disse – lembrou Kat. – Foi por isso que fizeram a manifestação.

– Exatamente. Nós devemos lutar pelo que queremos. Não nos será dado de bandeja como foi para a sua geração.

– Eu trabalhei no duro para ter o que tenho – argumentou Kat, furiosa com Adriana. – E, na verdade, ainda trabalho. Estou lá em cima naquele bar todas as noites a fazer *cocktails*, não estou?

– Por enquanto, sim, está brincar a viver as nossas vidas, mas pode ir-se embora quando quiser.

– Então é por isso que a Adriana e o Nico não gostam de mim?

– Eu não disse isso.

– Porque é que não me respeitam, então?

– Pela mesma razão que não respeitamos pessoas como a Kat: porque vocês

não querem ouvir o que temos para dizer. Devemos ficar calados e não pedir nada.

A conversa desviara-se muito do rumo inicial, mas Kat não estava pronta para admitir a derrota.

– OK, entendo que estejam zangados – disse ela. – Mas pode pelo menos dar um recado ao Nico? Diga-lhe que gostaria que resolvêssemos as coisas e que ele voltasse ao trabalho e tenho a certeza de que o Massimo também. Peça-lhe para pensar nisso.

Adriana lançou-lhe um olhar fulminante.

– *Signora*, não me está a ouvir?

O aparecimento de um grupo de hóspedes armado de mapas turísticos pôs fim à discussão antes que esta pudesse aquecer ainda mais. Kat deixou que Adriana lidasse com eles. Precisava de uma pausa do Hotel Gôndola.

O pequeno apartamento por cima da casa de Coco passara a funcionar tanto como refúgio quanto um lugar para cozinhar. Kat gostava de passar tempo ali sozinha, estendida na velha *chaise-longue* de veludo ou sentada na varanda nos dias mais quentes e soalheiros. Raramente escrevia: gostava da paz e da oportunidade de pensar.

Nesse dia, nem se dera ao trabalho de levar o portátil. Caminhou até lá num passo lento, remoendo a conversa que tivera com Adriana, parando para tomar um café com leite ao lado de um canal, os seus pensamentos ondulando como a água. Talvez todas as gerações estivessem destinadas a ressentirem-se da anterior, a sentirem-se incompreendidas. Não se passara o mesmo com ela? A ideia fez Kat sentir-se tão velha...

No apartamento, a primeira coisa que fez foi abrir as portas para deixar sair o cheiro a mofo que ali pairava sempre que estava fechado. Tinham passado alguns dias desde que lá estivera e quando olhou lá para fora, Kat notou uma pequena mudança. Havia três vasos de ervas aromáticas alinhados no parapeito da janela oposta, dificultando a sua visão da sala mais além, mas apenas ligeiramente. Kat não pôde deixar de espiar o homem que lá morava. Era habitual vê-lo a dormir uma sesta a meio da manhã no sofá ou a deambular pela cozinha. Agora parecia que estava a cultivar ervas aromáticas – salsa de folhas lisas, sálvia e manjerição-roxo. Em algum momento ele teria de se debruçar da janela para regar os vasos, o que poderia criar uma oportunidade para trocarem um «*buongiorno*».

Não havia sinal dele agora; as janelas estavam fechadas e o sofá vazio. Ainda a sentir-se agitada por causa da discussão com Adriana, Kat sentou-se lá fora e fez a única coisa que a tranquilizava sempre – planeou uma ementa. Havia já várias no seu caderno, cuidadosamente escritas à mão. Gostava de planejar um verdadeiro banquete, começando com um prato de *antipasto* e acabando com um pequeno mimo para depois da sobremesa principal. Pensava muito em pratos que poderiam complementar-se, e em ingredientes sazonais.

Desta vez, a sua ementa imaginária era veneziana. Começava com um *cocktail* para beber, um puré de morangos silvestres e *Prosecco* gelado. Em seguida, um prato de *cicchetti* com polvinho recheado de malagueta e uma porção de anchovas

fritas numa crosta dourada de polenta. A seguir, arroz em vez de massa, um *risi e bisi* caldoso com o seu sabor a frutos secos das ervilhas recém-descascadas. O prato principal exigiu alguma ponderação: deveria ser carne ou peixe tradicional? No fim, Kat optou por um prato de peixe simples, filetes de peixe-galo ornamentados com uma colher de molho de tomate doce, contrastando com o sabor amargo das alcaparras picadas. Finalmente, para a sobremesa, um *zabaione*, um creme doce e morno de gemas de ovo e Marsala com muitos biscoitos *amaretti* para continuar a morder durante o café.

Satisfeita, Kat pousou a caneta. Era uma boa ementa, perfeita para o fim da primavera, ideal para comer ao ar livre. Mas tal como todas as outras que havia imaginado, nunca iria prepará-la. No seu minúsculo estúdio em Londres não havia espaço para cozinhar vários pratos, quanto mais reunir os amigos para os degustar. E aqui em Veneza, não conhecia pessoas suficientes, apenas Coco e Ruth, e teriam elas apetite para tanta comida?

Poderia simplificá-la, servir uma versão do arroz e das ervilhas com alguns camarões salteados e uma salada de rúcula, e esquecer o *zabaione* rico a seguir. Poderia fazer um almoço para as três ali no apartamento, com um pouco daquele vinho que sabia a morangos, se conseguisse encontrá-lo. Um almoço de senhoras: quanto mais Kat pensava no plano, mais este lhe agradava.

Ainda estava ocupada a pensar nele quando saiu do apartamento. Por essa altura, os seus pensamentos tinham-se focado em como alegrar a sala desguarnecida com vasos de flores e na melhor maneira de pôr a mesa de madeira cheia de marcas para que parecesse especial. E então, logo depois de atravessar a ponte, um pouco mais adiante na *calle*, ela esbarrou nele, o homem misterioso que estivera a observar pela janela do apartamento em frente. Se ele não a tivesse segurado, Kat poderia ter tropeçado nas pedras da calçada.

Atrapalhada, pediu desculpa.

– Desculpe, não vi para onde estava a ir.

– Não se preocupe, em Veneza nunca ninguém vê, *signora*. – Ele sorriu brevemente, mostrando um brilho de dentes brancos, os olhos franzindo-se, e, libertando-a, continuou pela *calle*. Quando alcançou a porta da frente, Kat quis chamá-lo, apresentar-se e perguntar-lhe o nome, mas ficou parada na rua, a observar, até que ele desapareceu no interior do edifício.

*

Massimo estava atrás do balcão da receção quando Kat chegou ao Hotel Gôndola. Sorriu, satisfeito ao vê-la, envolvendo-a num abraço apressado.

– Tiveste um bom dia? – perguntou ele. – Escreveste alguma coisa?

– Nem uma palavra – admitiu Kat. – Nem sequer tentei.

– Então o que tens andado a fazer?

– Só a deambular, como de costume.

Por alguma razão, Kat não lhe contara sobre ter arrendado o apartamento. Não

sabia porquê, porque não fazia sentido manter aquilo em segredo. Talvez gostasse de ter uma coisa só para si. Ou talvez estivesse zangada porque Massimo nunca havia cumprido a sua promessa de a ajudar a arranjar uma cozinha e, além disso, andava demasiado absorvido nos seus próprios problemas; pelos vistos esquecera-se completamente.

– Onde está a Adriana? – perguntou Kat, meio aliviada por não a encontrar ali.

– Saiu para fazer algum recado – disse Massimo. – Ela falou no Nico e eu não quis saber mais nada. Imagino que ainda estejam ambos envolvidos na organização daquelas manifestações.

– Sim, imagino que sim – concordou Kat, perguntando-se se a conversa delas naquela manhã teria feito alguma diferença.

O resto da tarde foi passado numa luta para avançar com o livro. Sempre que conseguia escrever um parágrafo, relê-lo fazia-a encolher-se e o dedo de Kat pressionava a tecla *delete*. Debatia-se agora para decidir exatamente o que poderia partilhar com os seus leitores. Que ela e Massimo passavam cada vez menos tempo juntos? Que a mulher dele fazia parte da vida deles? Que Veneza permanecia um mistério?

Kat tinha de fazer algo acontecer, criar uma história que pudesse contar; encontrar um caminho para a vida que ela queria e para o livro que estava a tentar escrever.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 8

Se não tivermos cuidado, a época das verduras e legumes de primavera pode passar por nós sem nos apercebermos, especialmente em Itália, onde os verões são quentes e parecem chegar de repente. Por isso, quando o dono da minha banca preferida no mercado de Rialto me disse para aproveitar as minúsculas ervilhas-de-quebrar das ilhas da lagoa, porque não as teria à venda por muito mais tempo, eu soube que tinha de me apressar a fazer um *risi e bisi*. É um prato muito antigo, outrora apreciado pelos Doges que governaram Veneza, que faziam gala de o comer no festival de San Marco e tinham opiniões muito vincadas sobre como devia ser preparado. Não que eu me importe com as regras deles, naturalmente. Tenho as minhas próprias ideias sobre como combinar arroz e ervilhas frescas na perfeição.

Na minha opinião, o objetivo de cozinhar é alimentar as pessoas, portanto o meu *risi e bisi* seria servido no almoço das senhoras. Convidei a Ruth, uma artista muito amável que está hospedada no Hotel Gôndola e, claro, a minha amiga Coco.

– Um almoço de senhoras, que bom, devemos fazê-lo no meu jardim – sugeri eu quando mencionei o meu plano.

O apartamento da Coco no andar térreo fica ao lado de um canal em Santa Croce e está ridiculamente atravancado. Mas possui um pequeno jardim murado, muito privado e encantador, ainda que demasiado coberto de vegetação. Não acho que a Coco veja as ervas daninhas. É com as flores nas gavinhas emaranhadas das glicínias que ela se entusiasma e com a alfazema que brota de urnas cobertas de musgo, e com o oleandro que trepa pelas palmeiras, e com a velha mesa de madeira cheia de marcas sob os galhos tortuosos de uma grande figueira.

– Este é o lugar perfeito para o nosso almoço – declarou ela. – Acho que vou convidar o meu amante favorito.

– É um almoço de senhoras – recordei-lhe.

– Precisamos de um pouco de companhia masculina – insistiu ela. – E vai gostar do Vittorio, ele é absolutamente encantador.

Até agora eu tinha ouvido a Coco referir-se muito aos seus amantes, mas nunca conheci nenhum. Era impossível determinar quantos ela tinha, mas todos a adoravam, ao que parece. Levavam-na a dançar, a assistir a espetáculos e a jantar.

Presumi que esses homens eram na verdade companheiros, e a Coco usava a palavra *amante* porque gostava da maneira como soava.

– Está bem, convide-o e esperemos que não chova – disse eu.

– Não vai chover. – A Coco parecia segura disso.

Curiosamente, no dia da minha pequena festa, Veneza estava banhada pelo sol. Gosto que um almoço seja um acontecimento que se estende até à hora de jantar, ou pelo menos, até que toda a gente queira dormir uma sesta, por isso o meu plano era tentar os meus convidados a pouco e pouco com sabores, em vez de os encher de uma só vez. Passei horas a conceber a ementa perfeita e, é claro, mudei de ideias sobre quase tudo no último momento.

Ia acordar cedo para chegar ao mercado de peixe de Rialto assim que abrisse. Queria um pouco de *moeche*, os caranguejos de casca mole disponíveis apenas durante algumas semanas na primavera e no outono, pois são maravilhosos passados por ovo, polvilhados com farinha e fritos em óleo quente até estarem estaladiços. Muito mais marisco encontrou o caminho para a minha cesta. Imenso *moscardini*, o polvo castanho e tenro, com o sabor delicado do mar, sacos de amêijoas e mexilhões que eu picaria com alho e salsa para barrar os *crostini*. E depois havia as verduras e os legumes: as primeiras pequenas curgetes da estação para ralar e transformar em bolinhos fritos, o último *radicchio* de Treviso para assar e regar com vinagre, alcachofras de cor violeta e, claro, as ervilhas frescas, que seriam a estrela da refeição.

O almoço parece-me sempre uma indulgência, algo que se faz roubando tempo ao trabalho ou às tarefas aborrecidas, e adoro torná-lo especial. Parece que a Coco é da mesma opinião pois decorou a mesa de uma maneira linda. Estava coberta por uma toalha branca e orlada com renda de Burano, guardanapos de flores e jarras cheias de verduras (e possivelmente algumas ervas daninhas) que ela havia colhido no jardim, com vasos de peónias de um rosa-claro que já estavam a perder as pétalas.

A própria Coco era uma visão em verde-menta, com um xaile de caxemira nos ombros.

– A Kat vai mudar de roupa, não vai? – perguntou ela, lançando um olhar ansioso às minhas calças de ganga e *T-shirt* cinzento-clara. – Eu disse ao Vittorio para vestir um fato.

– Não se preocupe, não a vou dececionar.

– Que cor vai usar?

– Rosa-claro, um vestido que comprei outro dia, mas não na sua loja, desculpe.

– Rosa – repetiu ela com aprovação. – Devemos ficar bem juntas.

Algumas pessoas gostam de cozinhar sozinhas, outras preferem estar cercadas de ajudantes; para mim tanto faz. Por isso, a Coco preparou as ervilhas e a Ruth, que chegou cedo e equipada com um avental, começou a limpar os mexilhões e a torrar fatias de baguete para os *crostini*.

À medida que nos aproximávamos do momento em que o amante da Coco prometera chegar, a Coco começou a retocar o nariz com pó de arroz e a ficar

nervosa por causa da cor do batom.

– A maioria dos homens não gosta que uma mulher use demasiada maquiagem, mas sem ela parece que não tenho lábios – desesperou-se ela.

– A Coco está linda – assegurou a Ruth. – Não sei com o que está preocupada. A Coco franziu a testa.

– O Vittorio é mais novo do que eu.

– Muito mais novo? – perguntei, ocupada a cortar a carne do marisco em pedacinhos.

– É difícil saber. Eu nunca lhe disse a minha idade e ele nunca mencionou a dele.

– Onde o conheceu? – perguntou a Ruth.

– Já não me lembro. Conheço-o há muito, muito tempo. Durante anos fomos amigos e depois a mulher dele morreu, e depois ele ficou sozinho e...

– Juntaram-se – terminei eu por ela.

– Isso não soa nada romântico – queixou-se a Coco.

– Oh, a sério? – provoqueei-a. – Como o descreveria então?

– Algo mais digno... Mais... ah, não sei, qual é a palavra em inglês? – Ela olhou para a Ruth, que se riu.

– Não me pergunte. Desde que perdi o meu marido, não me juntei com ninguém, não saí em nenhum encontro romântico.

– Não? – A Coco soou chocada. – Mas há quanto tempo está sozinha?

– Tempo suficiente para saber que estou muito bem sozinha – respondeu a Ruth rapidamente.

– A vida é mais do que estar muito bem. Onde está a excitação, o tempero, o mistério? – perguntou a Coco. – Onde está a paixão?

– Eu não preciso de nada disso – disse-lhe a Ruth. – Está tudo guardado no meu passado.

Os olhos da Coco arregalaram-se, mas ela não disse nada. Em vez disso, ocupou-se a aplicar *blush* nas bochechas e a secar o batom com um lenço de papel. Eu interrogava-me sobre esse homem, Vittorio, para quem ela queria estar no seu melhor. Na minha cabeça, imaginei alguém de cabelo branco, e curvado, elegante num fato antiquado. Mesmo que ela tivesse dito que ele era mais novo, imaginei-o frágil e a caminhar com uma bengala.

Acontece que o Vittorio tem uma bengala; só que é lacada e com castão de prata, e ele parece usá-la principalmente para acenar e apontar para coisas. Chegou a casa da Coco à hora certa, vestindo um casaco estilo Nehru num tom castanho-escuro, um par de calças pretas de bom corte e um panamá de abas largas.

Primeiro apresentou as prendas. Um *bouquet* de flores primaveris, uma garrafa de champanhe *vintage*, um frasco de perfume para a Coco, três caixas de bombons; tudo isso oferecido com um sorriso radiante. Assim que as suas mãos ficaram vazias, colocou-as firmemente em volta da cintura da Coco e puxou-a para si, dando-lhe um beijo que ia além do amigável. Ah, e ele não era curvado ou frágil: o Vittorio é um homem bonito, com uma abundante cabeleira grisalha, pele

levemente bronzeadas e uns belos ombros.

Depois de ter posto o meu vestido rosa, sentámo-nos juntos no jardim para comer o primeiro prato – os *crostini* com marisco – e permitimos que o Vittorio nos encantasse. Ele foi especialmente atencioso com a Ruth, fazendo perguntas no seu inglês lento e cuidadoso e acenando com interesse às respostas dela. A Coco parecia impaciente por a atenção dele estar a ser atraída para longe dela. Continuava a interromper com comentários alheios à conversa e, quando a Ruth mencionou que pintava, deu um longo suspiro.

– Suponho que me queira pintar? Toda a gente quer – disse ela.

A Ruth pareceu sobressaltar-se um pouco.

– Oh, eu não tinha...

– Já me pintaram muitas, muitas vezes – interrompeu a Coco. – Fizeram muitos nus meus quando eu era mais nova, mas eu não gostava muito deles. Não pinta nus, pois não, Ruth?

– Não, eu...

– Porque o corpo tem melhor aspeto vestido, e a maneira como nos vestimos diz muito mais sobre nós do que a nossa pele. Os retratos de que eu gostava eram os mais recentes, mas sempre detestei posar para eles. Horas e horas num estúdio cheio de correntes de ar e nada para fazer além de ficar quieta.

– Isso soa horrível – concordei.

– Foi por isso que decidi: nunca mais. Não importa se os artistas me imploram muito, recuso-me sempre a posar para eles.

– Oh, que pena – disse Ruth. – Ainda assim, compreendo, e normalmente não peço às pessoas que posam para mim.

– A Ruth pinta a partir de uma fotografia em vez da vida? – perguntou o Vittorio.

– Não, formo impressões e muitas vezes pinto de memória. É um processo diferente porque o meu trabalho baseia-se mais na emoção.

– Em que se tem focado aqui em Veneza? – interrogou-se ele.

– Principalmente em estranhos que me chamam a atenção, mas também fiz bastantes quadros da Kat – admitiu a Ruth.

Aquilo foi uma surpresa, já que os únicos quadros que eu tinha visto até então eram grupos de pessoas sentadas do lado de fora dos cafés de Veneza ou deambulando ao lado dos canais e eram borrões de cores e não formas distintas.

– Tencionava mostrar-mos? – perguntei.

A Ruth riu-se um pouco nervosamente, mas não respondeu.

– Eu também adoraria ver o seu trabalho – disse o Vittorio. – Temos de combinar encontrar-nos novamente. Quanto tempo vai cá ficar?

– Não muito, receio. Tenho mais uma semana reservada no Hotel Gôndola. Posso voltar a Veneza no outono. Tenho andado a pensar em arrendar um apartamento. – A Ruth lançou-me um olhar de desculpas. – É muito mais barato.

– O outono sempre foi a minha estação favorita. – O Vittorio soou melancólico. – Era quando a minha esposa Laura e eu comemorávamos o nosso

aniversário de casamento. Ela costumava fazer um bolo de castanhas, chocolate e alecrim. Não provei nada assim desde então.

A Ruth assentiu compreensivamente.

– O meu marido gostava de um bolo de cenoura com cobertura de creme de manteiga. Não sou grande coisa a fazer bolos, mas fazia sempre um para as nossas celebrações. É engraçado como a comida pode acabar por nos lembrar das pessoas, não é?

O Vittorio olhou para ela.

– Não sei se seria capaz de comer aquele bolo agora, mesmo que tivesse encontrado um. Seria muito triste e...

Cobrindo a mão do Vittorio com a dela, a Coco disse rapidamente:

– Meu querido, não é altura para tristeza. Estamos aqui juntos, num lindo dia, e a tua Laura gostaria que tirasses o melhor proveito disso.

– O meu marido também gostaria disso – concordou a Ruth. – Ele ficaria contente por eu estar em Veneza e não em casa, a sentir-me sozinha.

– E tenho a certeza de que ele gostaria que a Ruth voltasse aqui no outono – acrescentei. – Eu podia convencer o Massimo a fazer-lhe uma boa tarifa se preferisse ficar no Hotel Gôndola em vez de ficar sozinha num apartamento.

– E eu posso concordar em posar para si, desde que não demore uma eternidade – acrescentou a Coco amavelmente. – Também poderia pintar o Vittorio.

Nessa altura, tive de sair da mesa para preparar o prato seguinte. Fritei o caranguejo de casca mole, o polvo e os bolinhos de curgete rapidamente e dispus-os numa travessa. Tirei uma garrafa de vinho do frigorífico, enfiei-a debaixo de um braço e consegui voltar para o jardim sem nenhum acidente, embora quase deixasse cair alguns bolinhos da borda da travessa a abarrotar.

A conversa parou no momento em que eu apareci, daquela forma estranha que acontece sempre que as pessoas estão a falar de nós, e perguntei-me o que estariam a dizer. Só a Coco parecia não ter vergonha. Os outros dois viraram-se rapidamente para a comida, exclamando como tinha bom aspeto, enchendo os seus pratos de caranguejo e bolinhos dourados.

Vinte minutos depois, quando regressei à cozinha para preparar o *risi e bisi*, a Ruth insistiu em vir ajudar. Acho que ela me queria apanhar sozinha para uma conversa. Quando mexi o caldo de açafrão no arroz borbulhante, ela falou sobre as suas pinturas, salientando que eram a sua visão e não a realidade, e que eu poderia não me reconhecer.

– Nunca me pintaram o retrato antes – disse-lhe. – Estou intrigada.

– Espero que não fique desapontada. Sou apenas uma artista amadora.

– Vai pintar a Coco? – perguntei. – Não me pareceu que queira.

– Suspeito que talvez não tenha muita escolha.

Ambas nos rimos então, porque a Coco é realmente uma força imparável, e se ela quisesse que lhe pintassem o retrato, iria consegui-lo.

O *risi e bisi* estava quase pronto. Deitei as ervilhas no arroz caldoso e deixei-as cozer por alguns momentos até estarem quase tenras. Não é assim que os

venezianos fazem, mas eu queria manter todo aquele belo sabor a nozes. Finalmente incorporei quantidades escandalosas de queijo parmesão ralado na altura e servi o arroz cremoso e fumegante em quatro tigelas.

A Ruth ajudou-me a levar tudo para o jardim, juntamente com a salada de *radicchio* assado e as alcachofras. O silêncio caiu novamente no momento em que apareci, mas desta vez a Coco parecia desconfortável. Manteve-se calada enquanto comíamos, não comentando quando discutimos as ervilhas frescas e a importância de escolher vagens gordas e sem marcas. Embora ela tenha declarado o prato delicioso, não conseguiu comer muito.

O Vittorio espelhava a perturbação da Coco com ansiedade, lançando constantemente olhares ao rosto dela.

Perguntei-me se talvez tivessem discutido enquanto estávamos na cozinha. De certeza que havia algo de errado. Para desanuviar o ambiente, enchi os copos de todos com mais vinho e insisti numa série de brindes – a Veneza, à Ruth, ao Vittorio, à Coco, até mesmo ao Hotel Gôndola – e depois enchi os copos novamente. A seguir as memórias ficaram todas um pouco nebulosas, mas lembro-me de que a Coco fez café e trouxe biscoitos *sablé* que estávamos todos demasiado cheios para comer. Houve mais brindes, e todos concordámos que a Ruth voltaria no outono e pintaria a Coco e o Vittorio, juntos e separados.

Então a Coco livrou-se do Vittorio. Fê-lo diplomaticamente, declarando que tinha sido uma festa maravilhosa e que desejava que pudesse continuar para sempre, mas ele parecia muito cansado e ela não queria que ele exagerasse e talvez devesse apanhar um táxi aquático direto para casa, imediatamente.

Pegou-lhe na mão e encorajou-o a levantar-se do assento, segurando-a enquanto ele se despedia, e conduziu-o pelo jardim. Dez minutos depois, reapareceu, afundou-se numa cadeira e disse com a voz um pouco trémula:

– Há mais vinho?

Servi-lhe o que sobrara e a Coco bebeu-o todo em alguns goles.

– Oh, meu Deus – disse ela.

– Quer que vá buscar outra garrafa?

A Coco negou com a cabeça.

– Não, é melhor não.

– Sente-se bem, Coco?

– Não tenho bem a certeza.

Acabei por ir buscar a outra garrafa, e quando voltei encontrei a Coco e a Ruth aos segredinhos.

– O que se passa? – perguntei.

– A Coco teve uma surpresa, só isso – declarou a Ruth.

– Um grande choque, na verdade. Era a última coisa que eu esperava. – Havia um tremor na voz da Coco. – O meu querido Vittorio pediu-me em casamento. Enquanto a Kat e a Ruth estavam a cozinhar, ele pediu-me para ser sua mulher.

– O que é que lhe respondeu?

– Que era um pedido inesperado e que precisava de tempo para pensar; que

mais poderia eu dizer?

– Podia ter dito que sim – respondi eu. – Parece muito interessada nele, afinal de contas.

– Adoro-o, ele é maravilhoso, mas não me quero casar – declarou a Coco.

– Então devia dizer isso ao Vittorio.

– Mas ele fez um longo discurso sobre o quanto me ama. Tinha um anel numa caixa de veludo, uma esmeralda. Ele quer cuidar de mim...

– Oh, meu Deus – disse a Ruth. – Ainda assim, suponho que terá de encontrar uma maneira amável de recusar o pedido.

– Ele sente-se sozinho. Quer uma mulher com quem acordar todas as manhãs, alguém que se preocupe com o que come, o ajude a escolher as camisas, todas essas pequenas coisas. Ele acha que eu sou essa pessoa. – Recostando-se na cadeira, a Coco fechou os olhos.

– E a Coco definitivamente não é? – perguntei. – Tem a certeza disso?

– Eu não quero passar o resto da minha vida com ele nem com qualquer outro homem. Espero que haja outra mulher que queira. – A Coco abriu os olhos e fitou a Ruth.

– Eu não! – exclamou a Ruth. – Já vivi o amor da minha vida. Não estou interessada em tentar substituí-lo.

– Tem a certeza? Tem? Ah, bom. – A Coco suspirou e mudou de assunto. – Kat, porque é que o *risi e bisi* era tão amarelo?

– Deitei-lhe açafrão.

– O que mais era diferente?

– Uma pequena pitada de pimenta, algumas ervilhas-de-quebrar e *pancetta* fumada.

– Interessante... Que pena o Vittorio ter escolhido declarar-se naquela altura e eu não ter podido comer mais.

– Estava muito bom – disse eu.

– Ah, o meu adorável Vittorio, imagino que ele tenha achado que era o momento perfeito. E agora terei de encontrar uma esposa para o pobre homem. – A Coco suspirou novamente. – Talvez beba um pouco mais de vinho, afinal.

ARROZ E ERVILHAS VENEZIANOS

¾ chávena de arroz arbório

500 ml de caldo de galinha

2 colheres de sopa de azeite

1 cebola picada

2 dentes de alho picados

800 g de ervilhas na vagem

100 g de ervilhas-de-quebrar

100 g de pancetta fatiada

1 colher de chá de fios de açafrão

1 pequena pitada de flocos de malagueta seca
100 g queijo parmesão ralado na altura
sal
pimenta-preta

Deite o caldo de galinha numa panela e leve a ferver, reduza o lume e adicione o açafrão. Refogue a cebola, o alho e a *pancetta* até a cebola ficar tenra, tendo cuidado para não queimar. Deite o arroz e frite durante um minuto, mexendo para o cobrir de azeite. Enquanto mexe, acrescente lentamente o caldo, uma concha de cada vez, deixando que seja absorvido antes de acrescentar mais. Provavelmente precisará de mais líquido, por isso ferva água ou faça caldo a mais fervendo as vagens vazias das ervilhas na água. Adicione uma pitada de flocos de malagueta, pimenta-preta e, em seguida, prove e acrescente sal, se necessário (a *pancetta* e o caldo de galinha são salgados, por isso pode não ser necessário). Quando o arroz estiver quase cozido, deite as ervilhas e as ervilhas-de-quebrar picadas e deixe-as cozinhar até ficarem tenras. O resultado final deve ter uma consistência semelhante à de uma sopa, não se preocupe se o líquido não for totalmente absorvido. Retire do lume, misture o parmesão ralado e sirva. Se estiverem a sentir-se especialmente indulgentes, também podem acrescentar uma noz de manteiga.

Serve 2 a 3 pessoas.

Kat ficou satisfeita com o capítulo que acabara de escrever. As descrições do jardim negligenciado e coberto de vegetação davam-lhe cor; o inesperado pedido de casamento de Vittorio acrescentava drama e, mais importante, os leitores supunham que o almoço havia sido preparado na cozinha de Coco. Ela não ia revelar que tinha arrendado um apartamento; isso estragaria todo o conceito do livro. Era melhor não mencionar que o forno de Coco estava atafalhado de caixas de sapatos, o fogão cheio de pilhas de lenços de seda e bolsas de contas, e quem saberia há quanto tempo uma refeição era preparada ali. Também não revelaria aos seus leitores que as três tinham continuado a beber vinho a tarde toda, até o sol abandonar o jardim de Coco e o frio repentino recordar a Kat que ela tinha um emprego para onde ir.

Deixando Ruth a lavar a loiça, correr para o Hotel Gôndola e, ainda assim, chegara atrasada. Isso deu a Zita a oportunidade perfeita para deixar bem claro que tinha tudo sob controlo. O bar estava em ordem, os hóspedes tinham as bebidas à sua frente e ela estava ocupada a conversar com Massimo sobre as mudanças que poderiam fazer a tempo do verão: vasos cheios de flores perfumadas, muito mais iluminação, substituir os copos de *cocktail* por copos de vidro de Murano *vintage*.

Zita passava as suas ideias em revista quando fez uma pausa e lançou a Kat um olhar cuidadoso.

– A Kat está bem? Sente-se bem o suficiente para trabalhar?

– Estou ótima – insistiu Kat, que ficara com uma dor de cabeça penetrante. – Esses copos de *cocktail* não são demasiado frágeis? Vamos ter de os lavar à mão.

– As pessoas vêm ao Hotel Gôndola para experimentar um pouco do *glamour* veneziano, por isso devemos dar-lhes uma amostra disso – respondeu Zita. – Tenho a certeza de que arranjaremos tempo para lavar alguns copos, Kat. Não é assim tão difícil, afinal de contas.

Havia um tom de desdém na sua voz e ela lançou a Massimo um olhar exasperado como se estivessem a lidar com outro membro ocioso da equipa. Kat ferveu em silêncio durante todo o turno. Assim que acabou, foi para a cama sem dizer boa noite.

De manhã, fingiu estar a dormir até Massimo ter saído para ir trabalhar, depois vestiu-se rapidamente e escapuliu-se do Hotel Gôndola. O apartamento era um lugar mais agradável para escrever, disse a si mesma. Sentada na *chaise-longue* ao

lado das portas abertas, com o portátil no colo, ouvindo o rumor suave dos barcos a motor e sentindo o cheiro da água salgada do canal que estes agitavam, as palavras chegaram com facilidade pela primeira vez.

Elaborar a receita deixou-a irritada – tantos gramas disto ou daquilo, provar antes de adicionar sal, não deixar as cebolas queimar... Era como se as pessoas fossem idiotas e Kat preferia não pensar nos seus leitores dessa forma. Ainda assim, o almoço tinha fornecido muito material, o que era precisamente a ideia.

Fechando o portátil, Kat foi até à varanda para se esticar e bocejar, tirando um momento para olhar pelas janelas opostas e ver se havia algum sinal do seu vizinho. O apartamento parecia deserto e as ervas aromáticas nos vasos do parapeito da janela estavam ressequidas e murchas.

Ela apoiou-se na balaustrada, olhando para o canal com as suas fileiras de lanchas atracadas ao longo de um dos lados, algumas elegantes, outras com mau aspeto. Talvez devesse investigar como se comprava uma. Não estava convencida de que possuísse confiança para manobrar um barco sozinha pelos canais movimentados, mas podia ser outro assunto sobre o qual escrever. Era muito bonito prometer aos leitores que eles poderiam viver a aventura ao lado dela, mas tinha de haver mesmo algumas aventuras.

Kat sentiu uma pontada de fome. Tinha saltado o pequeno-almoço e já estava quase na hora do almoço. Ao sair para ir arranjar comida, bateu à porta de Coco. Não esperava encontrá-la em casa, mas uma voz disse algo em italiano, depois a porta abriu-se um pouco e Coco, que parecia pálida, espreitou pela fresta.

– Ah, *buongiorno*. – Quando ela abriu mais a porta, Kat viu que envergava um quimono azul desbotado e um turbante laranja que devia ter colocado à pressa porque estava torto.

– Sente-se bem? – perguntou Kat.

– Posso ter acordado um pouco indisposta, mas agora sinto-me bem.

– Porque não se veste e sai para almoçar comigo?

– Na minha idade, uma mulher não se limita simplesmente a vestir-se. É um processo que leva algum tempo.

– Presumo que isso é um não ao almoço, então?

– Pode trazer-me qualquer coisa quando voltar? – pediu Coco. – Mas não há pressa, sou capaz de me deitar mais um bocadinho.

Em vez de seguir o seu caminho habitual em direção ao mercado de Rialto, Kat virou para um labirinto de canais e ruas secundárias que ainda não havia explorado. Viam-se menos turistas ali e mais cafés com velhos homens venezianos passando o tempo às suas mesas.

Kat procurava um lugar interessante para comer, não o habitual *bacaro* com um sem-fim de pratos de almôndegas e coisas espetadas em pão estaladiço com um palito. Começava a pensar que aquela parte de Veneza não tinha mais nada para oferecer quando se deparou com uma *osteria* que parecia intrigante. Era apenas uma pequena sala com um banco corrido ao longo de uma parede pintada de branco e enormes ramos de flores secas pendurados no teto. A *osteria* estava vazia,

embora fosse quase meio-dia, mas Kat sentia o aroma de algo delicioso a cozinhar.

Entrou e, como não havia sinal de um empregado, sentou-se. Ao fim de cinco minutos a ser atormentada pelo cheiro de coisas sendo caramelizadas e assadas, envolvidas em manteiga e regadas com vinho, levantou-se e encontrou uma ementa. A sua impaciência aumentou ainda mais quando viu que estava toda escrita em italiano, sem tradução para inglês, e cheia de palavras tão estranhas que não conseguia adivinhar o seu significado.

– Olá – chamou, e depois novamente: – Olá, há alguém aqui?

Ninguém apareceu e Kat já estava realmente exasperada. Deixando a mesa, marchou até às portas de vaivém que levavam à cozinha e entrou. O *chef* estava de costas para ela, debruçado sobre um fogão coberto com panelas fumegantes e caçarolas cheias de molhos a apurar.

– Estão abertos? – perguntou ela, irritada.

Foi só quando ele se virou que Kat o reconheceu. Cabelo loiro-escuro, pele clara, traços finos: era o homem do apartamento em frente, vestido com o uniforme branco de *chef*, segurando uma colher com um molho brilhante que se preparava para provar.

– Oh! – Ela recuou surpreendida. – Você é o meu vizinho.

– Sou? – Ele soou confuso, mas ao fim de um momento acrescentou: – Ah, sim, você é aquela que está sempre a teclar no seu portátil. Porque é que está aqui?

– Vim almoçar. Mas talvez estejam fechados? Nesse caso, provavelmente não deveria ter deixado a porta entreaberta.

– Não, *signora*, estamos abertos, claramente abertos. – Ele pousou a colher e limpou rapidamente a mão ao avental, agarrou-a pelo cotovelo e conduziu-a pelas portas de vaivém. – Por favor, sente-se em qualquer lugar à sua escolha e, daqui a pouco, voltarei para lhe trazer a ementa.

– Não há empregado?

– Houve um pequeno problema. Mas hoje não há muito movimento, por isso não tem importância.

Os olhos dele eram verdes, percebeu Kat. Não, eram castanhos. Ou talvez, como os canais de Veneza, mudassem de cor dependendo da luz que neles incidisse.

– Não se preocupe com a ementa. Porque é que não me dá de comer? – sugeriu Kat. – Traga o que for melhor.

Ele brindou-a com um sorriso.

– Tem apetite?

– Sempre.

– Então terei muito gosto em dar-lhe de comer.

O que ele lhe apresentou foi o tipo de comida de Kat, robusta e imaginativa. Massa recheada com couve-flor assada e creme de limão, numa cama de alho-francês refogado em manteiga. Peixe como prato principal, robalo com crosta de camarão e chouriço. E finalmente um *tiramisù* desconstruído, coberto de morangos silvestres ácidos, polvilhados com pistácios esmagados e decorados com uma fina

colherada de *zabaione*.

Ele mesmo serviu todos os pratos, a água e recolheu a loiça suja.

– Porque não se senta? – sugeriu Kat quando ele apareceu com a sobremesa. – Pode ajudar-me a comer isto. Eu sei que disse que tinha apetite, mas está mais do que satisfeito.

Ele olhou ao redor da sua sala de jantar vazia e encolheu os ombros.

– Porque não? – disse, ocupando a cadeira em frente.

– Chamo-me Kat Black, a propósito.

Muitas vezes o nome dela era familiar, mas claramente não para aquele homem.

– Sou o Dante Berardi – respondeu ele. – Diga-me, como estava a sua refeição?

– Surpreendente. Não percebo porque é que não tem filas à porta.

– Só abri esta semana.

– O que está a fazer aqui é emocionante, precisa de dizer às pessoas... e arranjar alguns empregados, obviamente... e talvez traduzir a ementa para que os turistas possam lê-la. Tudo o resto é ótimo: a simplicidade da decoração, a complexidade da comida. Adoro a forma como pegou em ingredientes tradicionais e misturou outras influências, mas não exagerou naquela coisa da fusão. Tornou cada prato inteiramente seu. – Kat estava entusiasmada e os olhos verde-acastanhados de Dante iluminaram-se em resposta. – Comi algumas boas refeições em Veneza, mas tem sido tudo o mesmo. Esta é a primeira que me surpreende.

– É esse o meu objetivo, modernizar a comida veneziana, mas respeitando as nossas tradições. – Ele inclinou-se sobre a mesa em direção a ela, o seu olhar intenso. – A minha comida tem uma história para contar e cada ingrediente tem uma mensagem e um significado, um propósito para estar no prato. Cada prato deve surpreender as pessoas um pouco, mas não demasiado.

– Que pessoas? – perguntou Kat, apontando para as mesas vazias. – Não há ninguém aqui.

– Elas virão – disse Dante, parecendo seguro. – Elas vão encontrar-me.

– Bem, eu voltarei em breve, de certeza – disse ela. – Quero provar mais da sua comida, muito mais.

Ele sorriu-lhe.

– Haverá sempre uma mesa para si.

Aquele homem definitivamente iria aparecer no livro, decidiu Kat. As suas ideias, a sua paixão, as suas características de puro veneziano saltariam da página. Talvez até a deixasse incluir algumas das suas receitas mais simples. Quando o conhecesse melhor, abordaria o assunto, mas por agora tinha outro favor a pedir-lhe.

– Prometi levar o almoço a uma amiga – disse. – Podia fazer-me um pouco mais de *ravioli*?

Dante concordou, deixando-a regressar à cozinha para o ver trabalhar. Era um daqueles *chefs* que cozinhavam de maneira tranquila e ponderada e nenhum dos dois falou até que os *ravioli* estivessem acabados e prontos para levar.

Kat pagou a conta, que era bastante alta, mas valera a pena.

– Por favor, diga-me que vai arranjar quem o ajude. Ajudantes de cozinha, uma equipa de empregados, esse tipo de coisa.

– É uma questão de encontrar exatamente as pessoas certas e até agora não tive muita sorte – admitiu Dante.

Kat teve uma boa ideia.

– Eu talvez conheça um empregado que poderia começar imediatamente. Ele é de cá e tem experiência.

– Preciso que ele atenda no bar e às mesas, pelo menos até o movimento aumentar. Ele é bom?

– O nome dele é Nico e acho que seria perfeito – garantiu ela.

Comer bem fazia sempre Kat sentir que o mundo era um lugar melhor e ao voltar para o apartamento de Coco, com o seu embrulho de *ravioli*, estava mergulhada numa sensação de bem-estar. Veneza era impetuosa na sua beleza, toda azuis e rosas na tarde luminosa. O verão parecia apenas a alguns momentos de distância. Kat estava a desfrutar da agradável sensação de ter encontrado um restaurante novo e bom que mais ninguém encontrara. E tinha esperança de ter arranjado um trabalho decente para o sobrinho de Massimo.

Entregou a massa a uma Coco sonolenta, arrumou o portátil e regressou a casa. Quando chegou ao Hotel Gôndola, parecia claro o que precisava de fazer.

Adriana estava atrás do balcão da receção. A jovem olhou para cima com o mesmo sorriso obediente com que brindava todos os hóspedes, apagando-o do rosto assim que viu que era apenas Kat.

– Onde está o Massimo?

– Escritório. – Adriana fez um gesto com a cabeça.

– Preciso que me dê o número do Nico. – Kat levantou a mão para a impedir de discutir. – Posso ter encontrado um ótimo trabalho para ele. Parto do princípio de que ele realmente precisa de um?

– Um emprego noutro hotel? – perguntou Adriana.

– Num restaurante, um ótimo restaurante novo.

– Muito bem, então. – A expressão de Adriana não mudou quando ela rabiscou o número num dos cartões do hotel e lho passou.

– Podia agradecer. Estou a tentar fazer uma coisa boa – disse Kat.

– Tenho a certeza de que tem as suas razões.

Kat estava demasiado exasperada para responder. Baixando-se sob o balcão da receção, bateu à porta do pequeno escritório claustrofóbico de Massimo.

– Tens um minuto?

– Claro. – Ele parecia feliz em vê-la. – Preciso de uma pausa de olhar para este computador e prefiro olhar para ti. Entra e senta-te.

– Não, vamos sair daqui, preciso de falar contigo como deve ser.

– Queres subir?

– Fora daqui – disse Kat. – Vamos até àquele pequeno *bacaro* na esquina só dez minutos. Eu sei que provavelmente tens contas para fazer, mas precisamos mesmo de conversar.

– Contas não, apenas a lista de hóspedes a registar com a polícia e fornecer ao gabinete de estatísticas, e esse trabalho pode esperar.

Quando chegaram ao *bacaro*, Kat arquitetara o que precisava exatamente de lhe dizer.

– O Nico não vai voltar – declarou ela, enquanto tomava uma água com gás. – Sabes disso, não sabes?

Massimo suspirou e depois assentiu com a cabeça.

– Acho que tens razão.

– Precisamos de encontrar um substituto e, assim, a Zita pode voltar a fazer o que normalmente faz, o que, com certeza, será um alívio para todos.

– Mas ela não disse que estava com pressa de se ir embora. – Massimo pareceu surpreendido. – E vocês as duas estão a dar-se muito bem. Ela está sempre a dizer-me como gostam de trabalhar no bar juntas.

– A sério? – Kat ficou tão estupefacta que se esqueceu do resto que ia dizer. – E tu achas que ela acredita realmente nisso?

– Porque mentiria ela?

– Não sei, mas, Massimo, eu estou a detestar.

Ele pareceu chocado.

– Ela fez algo para te aborrecer?

– Sim. – Kat procurou na sua mente, mas não conseguiu pensar em nada específico. – Não, na verdade não, mas é estranho e acho que seria muito melhor trazer alguém que ainda não seja casado contigo.

– A Zita disse-me que não é nada estranho. Perguntei-lhe isso especificamente.

– Mas não me perguntaste a mim – apontou Kat. – Eu não a quero aqui todas as noites. Não lhe posso escapar. Ela faz-me sentir... Não sei... como se fosse ela quem realmente pertencesse aqui... o que é verdade de certa forma, não é?

– O que não é, nem de longe, verdade – assegurou Massimo. – Mas não percebi o que estavas a sentir. Sinto-me muito mal, Kat. Desculpa.

– Agora que percebes, por favor, vais encontrar uma maneira de te livrar dela?

Massimo empalideceu.

– Isso vai ser complicado. Terás de ter um pouco de paciência.

Kat olhou-o com a intenção de lhe mostrar como a sua paciência era limitada.

– Não posso arriscar aborrecê-la – argumentou Massimo. – Tenho de pensar nas miúdas e o nosso bom relacionamento é importante para elas. Se elas acharem que eu despedi a mãe delas...

– Compreendo isso, mas agora também tens de me levar em conta – contrapôs Kat.

– As coisas são assim tão más?

– Podem ficar em breve, se não fizermos alguma coisa. Lembras-te de que no início nem me querias apresentar à Zita?

– É verdade, e quem me dera que esta situação não tivesse surgido, mas aconteceu, e agora estou a pedir-te que tenhas paciência enquanto tento encontrar uma solução elegante.

– Uma solução elegante? – Kat amoleceu um pouco. – Isto também é estranho para ti, eu sei. Muito bem, farei o meu melhor para ser paciente.

– Obrigado. E se houver algo mais a incomodar-te, se alguma vez te sentires infeliz, por favor, Kat, avisa-me imediatamente. Não posso prometer que a vida aqui será perfeita para ti, mas vou tentar torná-la o melhor possível.

Ele abraçou-a e quando ela se inclinou para ele, respirando o seu odor fresco a relva cortada, sentindo a força dos seus braços, Kat lembrou-se de como era sortuda em tê-lo.

Recordou isso constantemente, mais tarde, enquanto trabalhava no bar com Zita, que parecia fazer todos os possíveis para testar a sua paciência. Dar ordens só pelo prazer de as dar, desaparecer numa altura movimentada sem dar qualquer explicação, criticar a quantidade de néctar de pêssago usado nos *Bellinis*, reclamar que os pedidos estavam a acumular-se e que Kat precisava de trabalhar mais depressa. Nada terrível, de que valesse a pena queixar-se, apenas o mesmo sentimento latente de estar a ser manipulada que parecia sempre dominá-la quando Zita estava por perto.

Quando Ruth apareceu, apenas para tomar um copo de limonada, porque não voltaria a beber álcool durante uns tempos, Kat fez uma pergunta que lhe ocupava a mente há algum tempo.

– Dê uma olhadela à mulher do Massimo, ali no terraço. Estava aqui a pensar, de que cor é ela?

Ruth não se incomodou em virar-se.

– Aquela é interessante. Normalmente, a cor gira em torno das pessoas como uma aura. Mas a Zita tem uma coluna sólida de vermelho a correr pelo seu centro. Nunca vi ninguém como ela.

– O que significa isso?

– A Kat pergunta-me sempre isso e eu nunca tenho uma resposta direta para lhe dar. Também não lhe sei responder desta vez, lamento. Mas acho que ela é uma mulher impressionante.

Kat observou Zita a recolher os copos vazios de uma mesa. A forma como andava e o seu porte, o sorriso cuidadoso, o ar de sofisticação e confiança... Não era preciso ter poderes especiais para ver que Zita era impressionante.

Para variar, sentiu vontade de escrever. Parecia um escape estar a trabalhar no seu livro, estar a pensar em comida e na sua nova descoberta, esquecer Zita por algum tempo e concentrar-se no início de uma nova amizade para a qual acalentava grandes esperanças.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 9

Costumo dizer sempre que a comida se assemelha um pouco à moda; a questão não é necessariamente se é boa, mas se aparece no momento certo. De que outra forma se explica o extraordinário facto de o Locanda Dante se encontrar vazio?

Suspeito de que eu possa ter sido a primeira pessoa em Veneza a descobrir esta surpreendente nova *osteria*. Comi lá um almoço tão delicioso que acordei ainda a pensar sobre isso na manhã seguinte. O *chef* é moderno e interessante, a comida é uma experiência, e deveria ser muito difícil conseguir arranjar lá uma mesa. Mas eu era a única cliente e não compreendo inteiramente porquê. Porventura porque o lugar é demasiado novo para constar em qualquer um dos guias, ou não é um nome bem conhecido como o Harry's Bar; pelo menos ainda. Ou talvez este não seja o momento certo para o tipo de comida de Dante Berardi, embora eu espere que não seja o caso.

Ele é tão bom que podia cozinhar em qualquer restaurante que possam mencionar; pelo menos na minha opinião. Não é um daqueles *chefs* que anda por ali a pairar e ajusta a microverdura à medida que os pratos lhe são apresentados. Gosta de sentir o calor dos bicos de gás, pôr as mãos na comida, conhecer os seus ingredientes. Todas as manhãs vai ao mercado de Rialto escolher os produtos mais frescos. Serve o que é apanhado na lagoa e nas suas ilhas conforme as estações, e cria pratos que lhe recordam a sua infância, crescendo nas ruas secundárias de San Polo, que foi onde eu encontrei a sua pequena e despretensiosa *osteria*.

– É preciso ser-se um certo tipo de pessoa para querer esta vida – disse-me ele quando voltei a comer lá, desta vez com a Coco a reboque, e ansiosa para ver o que ela pensava da *osteria*.

Levei-a até à modesta sala e recusei-me a deixá-la ver a ementa. Depois o Dante saiu da cozinha e recebeu-nos com grande alarido. A Coco adorou aquilo, claro. Não fez nenhum dos seus habituais pedidos para verificar a frescura do marisco, nem lembretes arrogantes de que não pagaríamos os preços para turistas. Em vez disso, concordou que o Dante deveria escolher o que iríamos comer.

Apareceu o primeiro prato, uma tarte pequena recheada com creme de bacalhau e subtilmente aromatizada com gengibre. Em seguida, serviu-nos um prato pequeno com três vieiras carnudas, num pequeno ninho de esparguete com molho

de anchovas e salpicado com *salsa verde*. E, depois, robalo com um molho leve de morangos delicadamente escalfados, hortelã e manjerição. Fechei os olhos e saboreei cada nova garfada.

Quando acabou de comer, a Coco pousou o garfo com um suspiro.

– Estou um pouco triste.

– Triste? Mas porquê?

– Esta comida não vai funcionar, não aqui. O que os turistas querem de uma simples *osteria* em San Polo é uma ementa com todas as coisas habituais: *sarde in saor*, choco cozido na sua própria tinta preta, alcachofras em alho e limão. E se forem honestos, também é isso o que os moradores querem; comida que tem o sabor que a *nonna* poderia ter feito na cozinha dela, sabores que não mudam há mais de um século. Talvez se este sítio fosse maior, perto da Piazza San Marco ou em algum lugar mais exclusivo, mas aqui escondido, será um desafio.

– Tem razão, *signora*. – O Dante ouvira-a. – Estes são os problemas que devo combater, mas tenho de acreditar que sou capaz. É por isso que todas as manhãs acordo cedo para ir ao mercado de peixe, porque estou aqui o dia todo e durante a noite, porque estou a dar o meu amor ao Locanda Dante.

– Mas e se não resultar? – perguntei, interrogando-me se a Coco teria razão.

O Dante parecia sério.

– Não pode falhar.

Foi nessa altura que ele disse todas aquelas coisas sobre ser-se um certo tipo de pessoa para querer a vida de *chef*. Trouxe um prato de vidro de Murano coberto de *petits fours* e falou sobre as longas horas de trabalho, a sua busca pela perfeição e como nunca poderia cozinhar comida em que não acreditasse. Possui a curiosa mistura de arrogância e vulnerabilidade que tenho visto noutros *chefs* que conheci e sinto-me sempre fascinada por essa característica.

Mais tarde, quando a Coco e eu passeámos por um *campo* largo e ao lado dos canais à sombra, eu queria falar sobre o Dante, a sua comida e as suas hipóteses de sucesso, mas ela interrompeu-me.

– Não passa de comida e todas as mulheres em Itália fazem isso sem qualquer problema. Então aparece um homem, veste uma jaqueta branca, serve morangos com o peixe e nós devemos admirá-lo.

– Mas gostou da comida.

– Gostei – concordou ela. – Ainda assim, era apenas comida que comi e depois esqueci.

– Estava incrível – contrapus. – Muito bem pensada e executada, com uma apresentação perfeita, comida com...

– Também não estou assim tão impressionada com o homem, esse Dante – interrompeu ela. – Acho que ele seria um amante muito egoísta.

Fiquei um pouco aturdida.

– Quem é que vai exatamente fazer amor com ele?

A Coco estava vestida de branco, com um chapéu de aba larga, óculos escuros enormes e uma *écharpe* ao pescoço. Era um conjunto elegante que lhe tirava pelo

menos uma década de cima, mas ainda assim foi um choque ouvir uma mulher da sua idade falar daquela maneira.

– Eu só estava a pensar – disse ela de forma branda. – Não é o que passa pela cabeça de todas as mulheres quando conhecem um homem atraente?

– Está a dizer essas coisas para me chocar? – perguntei, agora a rir.

– Claro que não. – A Coco não pareceu divertida. – Posso ser velha, mas tenho os mesmos pensamentos que tinha quando era nova. E sinto as mesmas coisas.

– É bom saber... acho.

Talvez tenha soado insolente porque a Coco olhou-me com desaprovação por cima das lentes escuras dos seus óculos de sol.

– Acha que esse *chef* Dante é assim tão corajoso?

Eu assenti com a cabeça.

– Sim, na verdade, acho.

– O que não percebe é que na minha fase de vida tudo é coragem.

Não compreendi o que a Coco queria dizer, não naquele momento. Nenhum de nós quer passar muito tempo a imaginar ser velho, certo? Ignoramos os estalidos alarmantes que os nossos joelhos começam a dar. Afastamo-nos dos espelhos, a menos que a luz seja suave, e somos levados a comprar quase qualquer coisa, se ela estiver rotulada como antienvelhecimento. Olhamos para as outras pessoas, aquelas que estão curvadas e cuja cintura se alargou, ou cuja cor foge da pele enrugada e do cabelo ralo, como se fossem outra espécie, em vez daquilo em que nos tornaremos um dia.

Felizmente, agora consigo preparar um *negroni* a dormir porque devo ter-me distraído durante o meu turno ao balcão do bar. Fiquei a pensar na Coco e em como deve ser para ela ter aquele corpo velho e frágil. Seria deprimente? Sentir-se-ia ela como se tivesse deixado o seu verdadeiro eu algures no passado? Conseguiria ela olhar para uma mulher mais jovem sem sentir um pouco de inveja?

Quando a minha amiga Ruth chegou, perguntou-me duas vezes se se passava alguma coisa, mas eu não estava pronta para partilhar os pensamentos que me passavam pela cabeça. À medida que despachava bandeja atrás de bandeja de *cocktails*, tive aquela sensação da vida a passar por mim. Muito em breve eu teria queimado aqueles vinte bons anos que a minha mãe prometera, e haveria menos tempo disponível. Então seria velha como a Coco e com tão pouco tempo de vida pela frente.

Assim que o meu turno acabou, voltei à *osteria* para falar com o Dante. Queria dizer-lhe que ele estava a fazer a coisa certa, correndo riscos, indo atrás da vida que queria. Havia tão pouco tempo, porquê passá-lo a fazer uma coisa em que não se acreditava?

Dois americanos estavam a sair da *osteria* quando cheguei. Discutiam o tamanho da conta e como poderiam ter comido no Harry's Bar por um pouco mais.

Encontrei o Dante sozinho na cozinha, a pôr a loiça na máquina de lavar. Para ajudar, comecei a despejar os pratos. Demasiado robalo ficara num e havia uma tarte quase intocada de creme de bacalhau noutro.

– Só uma mesa esta noite? – perguntei-lhe.

Ele assentiu com a cabeça.

Se o meu programa de televisão estivesse em exibição, incluiria o Dante com toda a certeza. As *Viagens de Kat Black* transformou em estrelas muitas das pessoas que nele participaram: um *chef* num bar obscuro de *ramen* em Tóquio, um criador de *dim sum* incrível numa tasca algres numa cidade chinesa, um mestre de churrasco no Tennessee. Os seus restaurantes encheram após os episódios terem sido exibidos. Se ao menos eu pudesse fazer o mesmo pelo Dante.

Esperando ajudar de uma forma mais modesta, eu recomendara um empregado de mesa.

– Ligou-lhe? – perguntei.

– Sim, mas ele não serve – disse Dante.

– Porquê?

– Não tem paixão suficiente.

– Há alguém que seja particularmente apaixonado por essa profissão?

– Se trabalham aqui, precisam de se importar tanto como eu.

A sua recusa em fazer cedências deslumbrou-me, mas até eu podia ver que ele estava a ser irrealista.

– Se é esse o seu critério, pode não encontrar nenhum empregado – observei.

– Então eles vão encontrar-me a mim, tal como os clientes. – Parecia tão seguro acerca daquilo.

Cozinhou-me uma ceia tardia, um prato simples de *bigoli in salsa* que comemos na cozinha, debruçados sobre a caçarola. Não era o tipo de comida que o Dante queria tornar famosa, nenhuma reviravolta subtil, nenhum ingrediente para surpreender o palato, apenas fios grossos de esparguete integral e *al dente* num molho rústico de anchovas e cebolas.

Depois de terminarmos, pedi-lhe que me escrevesse a receita, porque merece ser partilhada. É uma refeição que podem cozinhar quando têm a despensa praticamente vazia. É um prato honesto, com sabores robustos, para afastar a fome e fazer-nos sentir aconchegados por dentro. É o tipo de comida em que se pode sentir o amor.

BIGOLI IN SALSA

Se não são fãs de comida gordurosa e salgada, passem à frente depressa; este prato de massa não é para vocês. Além disso, uma palavra sobre os *bigoli*. É improvável que consigam encontrar este esparguete grosso e integral ao estilo veneziano na mercearia local. Podem substituí-lo por esparguete de trigo integral normal, mas eu acho que sabe a cartão, por isso prefiro um esparguete branco espesso, ou mesmo *tagliatelle*, se não houver outro. Algumas pessoas usam *bucatini*, mas, na minha opinião, essa é a forma de massa mais irritante alguma vez inventada.

60 g de anchovas em óleo
1 cebola grande, finamente picada
1 dente de alho, finamente picado
azeite
250 g de esparguete
vinho branco
pimenta-preta
sal
salsa de folhas lisas (opcional)

Ponha uma panela grande de água com sal a ferver e coza o esparguete. Aqueça um pouco de azeite numa frigideira (eu uso sempre o óleo das anchovas) e refogue lentamente a cebola e o alho em lume brando até ficarem bem tenros. Junte as anchovas e desfaça-as com a colher de pau. Em seguida, adicione duas a três colheres de sopa de vinho branco e deixe ferver. Tempere com pimenta-preta. Não é necessário acrescentar mais sal.

Coza o esparguete até estar *al dente*, escorra-o, ponha-o na panela e envolva-o no molho de anchovas. Pode adicionar um pouco de salsa picada para dar um sabor extra, mas fica bom sem a salsa. Não é tão fácil?

Serve 2 pessoas, a menos que comam como um passarinho.

O verão trouxe a Veneza todas as coisas de que toda a gente se queixa. Dias abafados, canais nauseabundos, vendedores ambulantes, multidões que se moviam lentamente e *vaporetto*s insuportavelmente lotados.

Kat conseguiu ignorar a maior parte delas. Para ela, o verão em Veneza significava céus luminosos e dias cheios de calor. Enquanto deambulava pelas ruas secundárias da cidade, colecionava trechos da vida de outras pessoas a partir dos sons que ecoavam pelas janelas abertas. Aqui ouviam ópera, ali pratos tilintando à medida que eram levantados no fim do almoço, algures um bebé chorava, a televisão estava demasiado alta, um casal ria-se em simultâneo. No verão, Veneza parecia menos misteriosa, mais disposta a incluí-la.

O Hotel Gôndola estava totalmente ocupado e à noite o bar enchia. Kat aprendera a decifrar, pela maneira como uma pessoa estava vestida, os lugares que deveria sugerir que visitasse. Se usasse peças que fariam Coco estremecer – calções largos, ténis e cintos para esconder o dinheiro –, ela propunha a combinação básica da Basílica e do Palácio dos Doges, além de um pouco de conhecimento local sobre as melhores lojas de máscaras de Carnaval. As mulheres em vestidos elegantes e joias interessantes eram sempre enviadas à loja de Coco. Outras, ela direcionava para as áreas que ainda eram muito venezianas – para os canais remotos de Cannaregio, para os jardins escondidos, *bacari* difíceis de encontrar, para a barcaça de frutas e verduras em Dorsoduro que pareceria tão pitoresca em *posts* do Instagram.

Muitos hóspedes pediam recomendações de restaurantes – onde comiam os venezianos?, perguntavam sempre. Kat era cuidadosa com aqueles que mandava ao Locanda Dante, embora a comida ali fosse melhor do que nunca, mais arriscada e magnífica. Outras pessoas tinham encontrado a *osteria* entretanto e havia um fluxo constante de clientes, e até a hora do almoço era movimentada. Kat ainda lá passava na maioria dos dias. Tornou-se parte do ritmo da sua nova vida, como uma visita a Coco ou um café rápido com Ruth.

Infelizmente, Ruth tinha ido embora assim que o verão chegara. Fora tão triste ajudá-la a arrumar as telas e despedir-se. Kat conseguiu que ela promettesse voltar assim que o calor acabasse.

– Tem de voltar para pintar a Coco – lembrou ela.

Ruth franziu o sobrolho.

– Espero mesmo que ela esqueça isso. Não sei como pintaria alguém sem cor. Uma tela cinzenta não teria interesse nenhum.

Kat tinha saudades da sua tagarelice sobre cores. Às vezes, olhava para Zita, tentando encontrar aquela coluna de vermelho que a percorria de alto a baixo, ou imaginava os tons de fúria girando em torno de um hóspede difícil de agradar.

Agora havia um retrato que Ruth tinha pintado dela pendurado acima da cama de Kat. No início, não sabia se gostava dele. Nenhuma das suas feições era reconhecível; na verdade podia tratar-se de qualquer um. Mas Massimo pensava que a tela luminosa captava um movimento que era caracteristicamente seu. Era bom ter a pintura ali, recordando-lhe uma amizade inesperada.

Kat não conseguia imaginar aproximar-se tanto de qualquer um dos outros hóspedes. A maioria só ficava alguns dias e depois partia em direção a Florença, Pisa ou Siena, para eliminar mais destinos imperdíveis da sua lista. O que recordariam de Veneza? Uma confusão de canais? Aquela tarde em que se perderam? Uma excursão que tinham feito? Kat lamentava que não tivessem tempo para absorver o lugar mais profundamente, como ela.

A vida ali deveria ter sido perfeita. Todas as manhãs ela acordava com o som da água batendo suavemente e o murmúrio de uma brisa entrando pela janela aberta. Sentia Massimo ao seu lado, a mão apoiada na anca ou o tornozelo cruzando o dela. Havia um dia inteiro pela frente para fazer o que quisesse: tomar um barco para as ilhas, almoçar num restaurante novo, visitar amigos ou escrever o seu livro. Se não fosse pelas noites e aquele momento desencorajador em que chegava ao bar e lá encontrava Zita, enchendo pratos com azeitonas ou fazendo xarope de açúcar, então Kat não teria do que se queixar.

Massimo não encontrou a solução elegante prometida e a sua ex-mulher parecia mais entrincheirada do que nunca no Hotel Gôndola. À primeira vista, Zita era encantadora, mas ainda assim Kat colecionava pequenas razões para não gostar dela. O seu autoritarismo, o seu hábito de agir como se fosse a responsável e tomar decisões sem perguntar primeiro, e cada vez mais como tantos dos seus comentários de alguma forma pareciam ter um segundo sentido, quando Kat os analisava mais tarde.

Muitas vezes Zita conseguia encontrar os seus pontos mais sensíveis e depois parecia deliciar-se em dar-lhe alfinetadas. Tinha tendência de falar sem parar sobre ser mãe, por exemplo. Não que Kat fosse sensível por não ter filhos. Afinal de contas, teria sido irresponsável da parte de uma mulher que viajava tanto quanto ela ter tido filhos. Alguns membros da equipa de *As Viagens de Kat Black* costumavam dizer aos filhos que o pai morava no aeroporto porque eles o deixavam lá com tanta frequência. Kat nunca quis semelhante coisa para um filho seu e lembrava-se disso sempre que sentia uma pontada para os ter.

Não era que não fosse sensível, exatamente, mas certas coisas irritavam-na, em particular quando uma pessoa qualquer agia como se ela não contasse como mulher a menos que tivesse passado pela maternidade. Pelos vistos, Zita parecia especializada nisso.

– A família é tudo, não é? – comentava ela, sorrindo carinhosamente a um grupo de pais e adolescentes sentados juntos no terraço. – As minhas filhas são a minha vida. É um laço tão extraordinário que o Massimo e eu temos com elas.

Estava sempre a tagarelar sobre bebés ou a beliscar as bochechas rechonchudas das crianças pequenas.

– É uma bênção tão grande; o amor de uma criança não se compara a nada deste mundo – dizia ela à mãe orgulhosa antes de lançar a Kat um olhar que dizia claramente: «És uma mulher de carreira e isto passou-te ao lado.»

Depois, havia a sua camaradagem fácil com Massimo. Talvez ela estivesse a fazer aquilo de propósito, talvez não, mas Kat notara como Zita lhe tocava mais do que o necessário: a mão no peito dele enquanto o cumprimentava com um beijo nas duas faces, uma inclinação casual contra o ombro dele, passar-lhe a mão pelo cabelo, despenteando-o. Massimo insistia que não significava nada; Zita era napolitana e os napolitanos eram todos assim. Mas Kat não estava totalmente convencida. Às vezes, parecia que Zita estava a competir com ela pela atenção de Massimo.

– O que é que ela quer? Porque não se vai embora? – perguntou Kat a Coco certa manhã, quando estavam juntas na loja.

A amiga encolheu os ombros.

– Talvez esteja entediada. Ou queira recuperar o marido. Ou tenha ciúmes. Tudo é possível. Mas porque é que me pergunta a mim? É a ela que deve perguntar.

– Não posso fazer isso.

– Porquê? Ela é a única que sabe a resposta.

– Se ela está a tentar recuperar o Massimo, dificilmente vai admitir isso, não acha?

– Quem sabe? – disse Coco. Estava a passar em revista as carteiras de noite, procurando cuidadosamente em cada compartimento e bolso qualquer coisa que tivesse sido deixada para trás. Havia uma pequena pilha no balcão: algumas moedas antigas, um espelho em miniatura, uma chave e algumas contas de um colar partido. – Porque detesta tanto essa mulher? É só por ela ser ex-mulher do Massimo?

– É um sentimento que ela me provoca – tentou explicar Kat. – Como se mandasse e eu estivesse a ser manipulada, ou soubesse algo que eu não sei. Talvez eu esteja a ser demasiado sensível, mas preferia que ela não fizesse parte das nossas vidas.

– É uma situação difícil – admitiu Coco. – Ela tem filhas com ele. Ela era a família dele muito antes de a Kat o conhecer, e tê-la lá deve ser um lembrete constante disso. Mas porquê assumir o pior dela? Porquê preocupar-se tanto?

– Eu não estou preocupada.

– Está, sim, e isso é inútil. Ou fala com ela e faz as suas perguntas, ou aceita que ela faz parte da vida do Hotel Gôndola e não há nada que possa fazer.

– O Massimo detestaria se eu falasse com ela – disse Kat. – Não vejo como

posso fazer isso.

Coco estava prestes a responder quando apareceu uma cliente. Era jovem e estava descalça, e entrou hesitante, como se não tivesse a certeza de estar no lugar certo.

– *Salve* – saudou Coco.

A jovem pareceu sobressaltar-se.

– Tudo o que tem aqui é velho?

– *Vintage* – corrigiu Coco.

– Oh, certo.

– Há aqui um vestido que é perfeito para si – prometeu Coco. – Mas, *signorina*, primeiro precisa de calçar uns sapatos. Não pode andar por Veneza assim. Não é higiénico e, mais importante, é uma falta de respeito.

A jovem descalça saiu da loja sem outra palavra e Coco deu um longo suspiro.

– É por isso que é melhor tentar não dar conselhos... porque não podemos obrigar as pessoas a aceitá-los.

*

Kat sentia-se inquieta. Não queria ir para o apartamento escrever ou fazer uma pausa para tomar café em nenhum dos lugares habituais; não lhe apetecia sentar-se num banco e observar as pessoas. Vagueou sem destino por algum tempo e, em seguida, ao aproximar-se de uma paragem de *vaporetto*, viu um dos *ferries* parar, desatou a correr e saltou para bordo sem ideia do seu destino.

Na paragem do Arsenale, desembarcou. Aquela era uma parte de Veneza que não conhecia muito bem. Passou pelos muros altos de tijolo do antigo estaleiro e atravessou alguns dos *campi* mais calmos, mas não passou muito tempo a explorar porque era onde Zita vivia e não queria correr o risco de esbarrar na ex-mulher de Massimo.

Agora perguntava-se se Coco teria razão, se conter as suas palavras e os seus sentimentos era má ideia. Não tinha ido àquela parte da cidade de propósito, mas, enquanto caminhava pelas ruas secundárias desconhecidas, ocorreu-lhe que o devia ter feito. Porque estava ela à espera de que Massimo resolvesse as coisas? Nunca antes esperara que um homem resolvesse os seus problemas.

Kat não sabia como encontrar a casa de Zita, apenas que ela era proprietária de um apartamento térreo com um pequeno jardim. Uma vez ela mencionara que morava perto dos muros do Arsenale, mas também muitas outras pessoas. Kat passou uma hora a deambular, com a vaga esperança de a vislumbrar, mas não havia sinal da outra, por isso não foi obrigada a pôr a sua coragem à prova. O que lhe teria dito, de qualquer maneira? Que queria que ela deixasse o Hotel Gôndola e não voltasse? Que preferia trabalhar no bar sozinha a tê-la lá? Que ela a enervava? Que afinal não desejava ser sua amiga? Era tudo verdade e, ainda assim, Kat não lhe podia dizer essas coisas. Começava a perceber por que razão Massimo agia de forma tão diplomática.

Kat caminhou devagar, deixando-se perder. A meio daquele dia quente, os *campi* estavam desertos e o bairro parecia mais pacato e sonolento. Só quando se aproximou da Piazza San Marco, atingiu a outra Veneza, com as suas ruas lotadas de turistas, empregados de mesa impetuosos chamando clientes e lojas com as mesmas bolsas de couro baratas que eram vendidas por toda a cidade.

Viu a adolescente que estivera na loja de Coco ao início da manhã. Estava sentada na beira de um canal, os pés descalços balançando acima da água.

«Podemos dar conselhos, mas não podemos obrigar as pessoas a aceitá-los», dissera a amiga. E era verdade, mas o problema era que nem mesmo o melhor conselho era sempre fácil de seguir.

Kat não viu Zita até meia hora antes de o turno delas no bar começar. A outra chegara cedo e estava ocupada a reabastecer garrafas, de lista na mão e rosto franzido.

– Precisamos de encomendar mais *Prosecco* – disse ela. – E um pouco de néctar de pêsego.

– Eu trato disso – ofereceu-se Kat.

– Não, não, deixe-me ser eu – respondeu Zita. – Haverá menos hipóteses de confusão. Os nossos fornecedores não falam grande inglês.

Kat estava sentada num tamborete de bar, o que sempre fora o favorito de Ruth.

– Está bem – disse ela. – Mas sou perfeitamente capaz de fazer uma encomenda.

– Claro que é. Estou a tentar ajudar. – Zita parou de arrumar as garrafas de vinho e olhou-a demoradamente. – Estou mesmo só a tentar ajudar. A Kat sabe disso, não sabe?

– A questão é... – começou Kat.

– Eu sei – interrompeu Zita. – Tenho andado a pensar exatamente a mesma coisa.

– Tem? – Kat ficou surpreendida.

– Eu pensei que trabalharmos juntas seria uma oportunidade de nos conhecermos uma à outra, mas não resultou, não é?

– Nem por isso – concordou Kat, na esperança de que Zita estivesse prestes a oferecer a solução elegante que todos procuravam.

– Precisamos de passar algum tempo juntas fora do Hotel Gôndola para nos tornarmos realmente amigas – anunciou ela.

Kat ficou sem fala. Olhou para Zita com o seu cabelo perfeito, a sua pele demasiado lisa e as roupas mais justas mais do que deveriam, e perguntou-se qual seria a sua intenção.

– Gostava que a Kat fosse almoçar a minha casa. Vou cozinhar comida napolitana para si. Que tal amanhã?

– Estive na sua vizinhança esta tarde, na verdade – foi tudo o que Kat conseguiu articular.

– A sério? Eu estive em casa a maior parte do dia. Que pena que não ter ido

dizer-me olá.

– Não sabia a sua morada.

– Vou escrever-lha, com algumas indicações também, claro, embora não seja difícil de encontrar. E pode voltar à minha vizinhança para almoçar amanhã. – Zita sorriu. – Podemos sentar-nos no meu pequeno pátio e conversar a tarde toda até à hora de vir trabalhar. É um jardim muito tranquilo e privado.

– Oh... está bem. – Kat não conseguiu recusar.

Zita sorriu novamente.

– Mal posso esperar.

O bar esteve concorrido naquela noite, não houve oportunidade de puxar Massimo de lado e falar com ele até o turno acabar. Cansada, ela sugeriu que fossem a um pequeno *bacaro* que ficava aberto até mais tarde do que a maioria. Era o tipo de lugar a que Kat desejava que a levassem quando chegara a Veneza, pequeno e normal, cheio de velhos homens e mulheres que ainda falavam o dialeto veneziano. Além dos habituais *crostini*, serviam flores de curgete recheadas de ricota, temperadas com noz-moscada e fritas no mais leve dos polmes.

Kat comia-as sempre com avidez. Acabou um prato e pediu outro antes de conseguir abordar o assunto de Zita. Quando soube do convite para almoçar, Massimo pareceu desconfortável.

– Isso pode ser culpa minha – admitiu ele. – Tentei falar com ela e não me devo ter explicado muito bem porque ela pareceu achar que precisava de se esforçar mais contigo. Desculpa, Kat.

– Não faz mal, eu sei que é difícil. Só tenho de ir ao almoço e arranjar maneira de lhe explicar que tu e eu precisamos de um pouco de espaço. Que tê-la aqui é estranho e, embora não me importe que um dia sejamos amigas, ainda não estou preparada. É assim que vou colocar a questão.

Massimo parecia ansioso.

– Achas?

– Eu não vou aborrecê-la – prometeu Kat.

Ele esfregou os olhos, cansado.

– O mais lamentável é que ela realmente gosta de trabalhar contigo. Há muito tempo que não a via tão feliz. A Zita precisa de um propósito na vida.

– Oh, pois. – Kat não ia sentir-se culpada. – Então não se importará de trabalhar noutro lugar com outra pessoa.

Não era frequente Kat dar por si a temer um almoço. Geralmente, a sua mente focava-se no que poderia encontrar no prato e deixava de lado a preocupação com a conversa. Mas naquela refeição a comida era o que menos importava. Vestiu-se com cuidado para o encontro, com um vestido que comprara a Coco. E apanhou um táxi aquático para o endereço que lhe fora dado, em vez de ir a pé ou apanhar o *vaporetto* e acabar com a roupa amachucada ou suada.

Zita também fizera um esforço. Tinha penteado o cabelo em cachos soltos e

usava um vestido que revelava o decote e os seus ombros bronzeados. Recebeu Kat com um beijo em ambas as faces no seu pequeno apartamento com tetos baixos de vigas de madeira e pavimento irregular.

– Entre para o pátio. – Apontou para umas portas envidraçadas. – É o único sítio para se estar, com o tempo assim tão quente.

Kat sentou-se à sombra de um guarda-sol e bebericou um *Pinot Grigio* gelado enquanto Zita trazia a refeição que já preparara.

– Fiz um almoço muito simples, assim há mais tempo para conversarmos, mas comprei os ingredientes com todo o cuidado. Há *mozzarella* fresca de búfala da Campânia, tomate e manjerição cultivados em Sant’Erasmo, um pouco de pão que trouxe ainda quente do meu *panificio* favorito. Sei como a comida é importante para si e queria que tivesse o melhor. Então coma, por favor.

A *mozzarella* era incrível, tão macia que quase se derreteu num creme quando encontrou o calor da boca de Kat. Os tomates-cereja eram joias de doçura, o sabor do manjerição cantava. Apesar de não ter intenção, Kat fechou os olhos enquanto provava tudo.

– É boa, não é? – Zita parecia satisfeita. – Compro a *mozzarella* na Casa del Parmigiano ao lado do mercado de Rialto. Conhece?

– Sim, costume ir lá por causa do queijo – disse Kat. – O *pecorino* deles é incrível.

– É tudo da melhor qualidade. Devia provar as azeitonas – sugeriu Zita. – Mas, Kat, eu não a convidei para vir cá hoje falar sobre comida. Tenho algo importante que lhe quero dizer.

Kat deteve-se, com uma garfada de *mozzarella* a meio caminho da boca.

– Quando a Kat chegou a Veneza, ninguém sabia o que pensar de si, uma pessoa famosa da televisão que tinha aparecido de repente na vida do Massimo e decidido ficar. Nós ficámos chocados. Estou a falar da família dele: eu, os pais e a irmã. As conversas que tivemos! Todos reagiram de maneira diferente. A *mamma* e o *papà* são muito venezianos. Levaram algum tempo até me aceitarem, por isso pode imaginar como se sentem em relação a si. A irmã dele preocupa-se acima de tudo com dinheiro e receia que essa seja também a sua preocupação.

– E a Zita? – perguntou Kat.

– Eu tenho estado à espera de que alguém como a Kat apareça. O Massimo é um bom homem, atraente e amável. Iria haver sempre outra mulher depois de mim e eu sou realista o suficiente para o aceitar. Então, quando a Kat apareceu, tive curiosidade em conhecê-la. Decidi logo que, fosse qual fosse a sua personalidade, deveríamos ser amigas. Parecia a melhor solução para todos. Por isso fiz um grande esforço. Mas a Kat não fez esforço nenhum, não é?

A atmosfera parecia imóvel. Nenhuma brisa atravessava o jardim, nenhuma folha no limoeiro estremecia, nenhuma madeixa do cabelo de Zita se moveu uma fração sequer. Ela susteve o olhar de Kat e o único som era o canto de uma cigarra.

– Talvez não – admitiu Kat.

– Isso foi estúpido. Não se lembra de na primeira vez que nos encontrámos eu

lhe ter dito que devia ser minha amiga porque eu poderia ajudá-la? E a Kat precisa da minha ajuda, *cara*, porque está a ter dificuldades e isso só vai piorar.

Kat não ia deixar aquela mulher pensar que precisava da ajuda dela.

– A Zita está enganada. Eu não estou em dificuldades. O Massimo e eu sentimo-nos felizes, adoro Veneza e o meu livro está a correr muito bem. Está tudo ótimo.

Zita espetou um tomate e um pedacinho de *mozzarella* com uma única garfada.

– Tão bom quanto pode estar quando ele trabalha o tempo inteiro e vocês mal se veem um ao outro, e a Kat sente que ele só se preocupa com o Hotel Gôndola.

– Porque é que diz isso? – perguntou Kat.

– Eu passei pelas mesmas coisas. Não era tão mau quando as meninas estavam em casa. Depois cresceram e foram embora e mais ninguém precisou de mim. Tal como a Kat, trabalhei no hotel porque era uma maneira de fazer parte da vida dele. E continuámos juntos por algum tempo, o Massimo e eu, mas um dia acabou.

– E a Zita nunca encontrou mais ninguém?

– Não. – O olhar de Zita desviou-se do rosto de Kat. – Mais ninguém, ainda não.

– Então agora quer o Massimo de volta? – perguntou Kat, já que parecia que era hora de honestidade brutal.

Zita lançou as mãos ao ar.

– *Mamma mia*, não ouviu o que eu lhe disse? Estou a tentar dizer-lhe para passar algum tempo com aquele homem e acha que eu o quero?

– Eu passo tempo com ele – disse Kat na defensiva.

– Ele tira um fim de semana de folga por sua causa, ou mesmo um dia por semana? Já foi passear no barco da família dele, fazer um piquenique numa das ilhas, pescar ou apanhar marisco? Já foi nadar à praia de Alberoni? – Zita abanou a cabeça. – Acho que não. Deve obrigar o Massimo a fazer essas coisas consigo. Elas são importantes. O hotel continuará a funcionar. Toda a gente se vai desenvencilhar. E a Kat ficará mais feliz.

Kat sentiu-se como se tivesse algo preso na garganta. Engasgou-se um pouco e depois deu por si a chorar e, por algum motivo, não conseguiu parar.

– É assim tão mau? Devia ter falado comigo antes – disse Zita baixinho.

– Não sei porque estou a chorar – disse Kat, porque honestamente não sabia.

Zita ignorou-a.

– Podemos resolver isso. Vou ajudá-la.

Ela parecia tão determinada, e Kat lembrou-se da coluna de vermelho que Ruth tinha visto a percorrê-la.

– Por que motivo faria isso?

– Por que motivo não o faria?

Zita foi buscar mais comida. Fatias tenras de vitela enroladas e recheadas com uma mistura de pinhões, queijo salgado e presunto, refogadas até ficarem macias num molho rico e bastante condimentado de tomate e vinho. Colocou algumas num prato, juntamente com curgetes fritas e algumas folhas de rúcula. Kat sentiu-se tão

agitada que achou que não conseguiria engolir nada, mas provou um bocado, depois outro até que, de alguma forma, tinha terminado uma refeição.

– Preciso de saber uma coisa – disse Zita, quando o seu prato ficou vazio. – Tenciona ficar em Veneza?

– Comprometi-me a ficar aqui durante um ano – disse Kat.

– E depois disso?

– Não sei. Provavelmente falaremos sobre o assunto mais perto dessa data.

– Então o Massimo não tem ideia de onde está consigo.

– Foi o que acordámos no início – disse Kat na defensiva. – Nós os dois.

– Ah, agora entendo – disse Zita.

– Entende o quê?

– Algumas coisas. – Serviu um pouco mais de vitela a Kat. – Mas todas talvez ainda não.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 10

Numa noite quente de verão, o bar do terraço do Hotel Gôndola é um lugar encantador para se estar. Podemos ver o céu ficar rosa e dourado e depois ficarmos sentados sob as estrelas. Há música suave a tocar, pequenas luzes a cintilar e as pessoas estão relaxadas e felizes. No entanto, não encontrarão nenhum veneziano a beber aqui. Não é um sítio para os habitantes locais. Por isso, quando a Coco e o Vittorio apareceram à hora do *cocktail*, fiquei surpreendida.

Instalaram-se ao lado do bar, uma vez que todas as mesas da esplanada estavam ocupadas, e ambos pediram um *negroni*. A Coco olhou em volta desanimada enquanto eu estava atarefada a preparar as bebidas.

– Não há uma alma aqui – declarou ela.

– O que quer dizer? O bar está cheio – aponteí.

– E, no entanto, não há ninguém aqui – insistiu ela.

Começou a fazer perguntas sobre as várias pessoas nas mesas. Quem eram? De onde tinham vindo? Eram casadas ou solteiras? Como os hóspedes entram e saem rapidamente do Hotel Gôndola, não consegui fornecer muitas informações.

– Não há ninguém aqui como a Ruth? – sibillou na minha direção, e finalmente entendi o que estava a acontecer. A Coco esperava que o Hotel Gôndola fornecesse ao Vittorio uma esposa potencial, uma mulher solteira de sessenta anos, pronta para ser encantada por um veneziano elegante. Ela presumira que haveria muitas Ruths ali instaladas, mas é claro que não era o caso.

– Não recebemos muitos hóspedes de longa duração como ela – expliquei. – E quase ninguém vem a Veneza sozinho.

Não acho que a Coco tenha acreditado em mim porque pediu um segundo *negroni* e permaneceu no bar, observando as pessoas que iam e vinham. O Vittorio parecia alheio ao que estava a acontecer e divertia-se imenso.

– Hoje em dia passo o tempo tão sozinho que aprecio estas saídas – disse-me ele. – A Coco leva-me sempre a lugares interessantes, mas nunca viemos aqui antes. É muito bom, o seu hotel. Gostaria de ficar aqui, se fosse um visitante.

– Nasceu em Veneza? – perguntei, enquanto colocava mais bebidas numa bandeja.

– A minha família é de Chioggia, uma das aldeias da lagoa.

– Deve ter assistido a muitas mudanças desde criança – disse eu, enchendo flûtes de néctar de pêssego com *Prosecco*.

– Veneza nunca muda realmente. As pessoas passam por ela como as marés, mas a cidade continua a mesma.

A Coco disse algo em italiano que fez o Vittorio sorrir.

– A Coco está a dizer-me que eu devia ter sido poeta em vez de advogado.

– Provavelmente não é tarde demais – disse eu.

Ele olhou para a Coco.

– Espero que não seja tarde demais para muitas coisas.

Foram-se embora pouco depois, mas na manhã seguinte a Coco voltou cedo ao Hotel Gôndola à minha procura. A situação era desesperante, alegou. O Vittorio estava a pressioná-la para lhe dar uma resposta ao seu pedido de casamento e ela estava certa de que lhe iria destroçar completamente o coração se o recusasse. Durante o café e o brioche na *pasticceria* mais próxima, a Coco delineou o seu plano.

– Tenho de encontrar alguém por quem ele se possa apaixonar; uma mulher como a sua amiga Ruth. Bonita, amável, não temperamental, idealmente melhor cozinheira do que eu, oh, e bem-arranjada; é isso que seria perfeito para o Vittorio.

– Onde vai encontrar esse modelo de perfeição? – perguntei.

– Esse é o meu grande problema. Já fiz de casamenteira antes, mas era mais fácil quando éramos jovens e havia tantas festas e saídas. Agora toda a gente fica em casa. E o Vittorio não precisa de uma pessoa que queira ficar sentada a ver televisão o dia todo. Ele gosta de mim porque sou sempre interessante.

– Esse é o seu problema – disse eu. – É a Coco que ele quer, não outra mulher que lhe atire para os braços. Só vai ter de lhe explicar que não se quer casar.

Ela descartou as minhas palavras esboçando um gesto com as mãos.

– Não até arranjar uma distração para ele. De certeza que o seu hotel, com tantos hóspedes a entrar e a sair, é um bom lugar.

Eu tinha as minhas dúvidas.

– Recebemos pequenos grupos de mulheres mais velhas, mas andam à procura de história, arquitetura e pinturas de Tintoretto, não de amor.

– Elas andam à procura de amor, ainda que não o saibam – retorquiu ela teimosamente.

– Vou manter-me atenta por si – disse eu. – Mas se encontrar esse tipo de criatura amável e atraente de que está à procura, como vai juntá-los?

– Deixe essa parte comigo. Hei de arranjar maneira.

Então, temos andado à procura, a Coco e eu. Ela voltou ao Hotel Gôndola várias vezes e começou a deambular pelos percursos turísticos – a Piazza San Marco, a Coleção Peggy Guggenheim, o trajeto que passa pela Ponte dos Suspiros – sempre com os cãesinhos a seus pés. E, claro, já ninguém pode ver um cabide com vestidos na loja dela sem ser bombardeada de perguntas. De onde é? Quanto tempo vai cá ficar? Onde está o seu marido hoje?

Suponho que a maioria das pessoas acha que ela é excêntrica – afinal, foi isso

que eu presumi no início –, quando na verdade ela é de uma astúcia tremenda. A Coco está a avaliar-nos e se houver uma falha, ela vai encontrá-la. Unhas mal-arranjadas, tornozelos grossos, uma escolha insensata de cor de batom, um riso demasiado alto ou, se somos muito agressivas ou tímidas, ela repara em tudo.

– A Coco é muito exigente – disse eu.

– Isto é para o Vittorio; ele merece alguém que seja certo para ele. É uma pena a sua amiga Ruth. Estou convencida de que ela é o tipo perfeito. E ele mostrou-se tão interessado nas pinturas dela, lembra-se? Isso é um bom começo.

– A Ruth voltará no outono. Mas ela parecia muito determinada em mostrar que não estava interessada.

– Ela ainda não o conhece.

– A Coco conhece-o e não se quer casar com ele – aponte.

– Isso é completamente diferente.

– Não vejo porquê.

– Eu sou muito mais velha do que o Vittorio e a Ruth. Já é tarde demais para novos começos.

E foi então que a Coco me contou a história por detrás da sua loja. Ela descreveu-me como o seu novo começo final e, enquanto falava, era como ver uma cortina ser levantada e vislumbrar um pouco da tristeza por trás dela.

– Continuei a passar por aquela loja e percebi que estava vazia – começou a Coco. – Um dia tive a ideia de a arrendar por uma semana ou duas para vender alguns dos meus pertences de que já não precisava. Então as pessoas começaram a trazer-me os seus tesouros. Carteiras de noite que nunca mais usariam e vestidos que já não podiam usar, coisas que ainda tinham tanta vida nelas enquanto aqueles que as possuíam não.

– Então é por isso que tem tantas coisas a atravancar-lhe a loja e o apartamento?

– Não, isso deve-se às mortes... tantas mortes. Quando se tem a minha idade, há sempre um velho amigo a falecer. Deixam para trás os chapéus que usavam nas festas, os sapatos que levavam a casamentos, batizados e funerais, todas as roupas em que viviam. E assim continuo a ter a minha loja e dou a essas coisas outra vida... pelo menos até chegar a minha vez de morrer.

– Não diga isso – pedi, porque odiava pensar em semelhante coisa.

– Mas é verdade. Um dia vou partir e então talvez outra pessoa venda esta blusa. – A Coco tocou na blusa clara com um estampado de pavão. – Espero que sim.

– É por isso que não se quer casar com o Vittorio, porque teme que possa morrer e ele já perdeu uma mulher?

– Não é apenas por essa razão.

– Então é porquê?

– Quero ter liberdade para ser eu mesma. Para escolher como passo os meus dias e noites. – A Coco lançou-me um olhar travesso. – E, mais importante, não quero desistir dos meus outros amantes.

As noites de verão no bar do Hotel Gôndola são movimentadas. Muitas vezes não tenho tempo para fazer uma pausa e conversar. Mas quando a Coco chega, roubo sempre alguns momentos ao trabalho. Ela traz os seus cãezinhos e senta-se num dos bancos altos. Eu preparo-lhe um *negróni* e ela observa-me atentamente para ter a certeza de que fica exatamente como gosta.

Depois toma a sua bebida e vagueia de mesa em mesa conversando com as outras pessoas. O Massimo acha que ela é fabulosa. Diz que os hóspedes a adoram e que devíamos contratá-la. Não faz ideia dos planos da Coco – ninguém faz, além de mim.

Pergunto-me se ela alguma vez conseguirá juntar duas pessoas. Esta noite a missão foi malsucedida. A Coco deu uma volta pelo terraço e regressou para um segundo *negróni*. Pousei-o no bar à sua frente e ela franziu o sobrolho enquanto me dizia:

– Não há uma alma aqui.

NEGRONI DO HOTEL GÔNDOLA

Este é o clássico *cocktail* italiano com o meu pequeno toque pessoal – uma pitada de *Prosecco* para dar um sabor do Véneto. A Coco prefere que eu tenha uma mão mais pesada com o *gin* do que com o *Campari* e o vermute doce. Além disso, exige uma fatia de laranja, em vez da tradicional casca enrolada (sim, ela é exigente).

uma parte de gin
uma parte de Campari
uma parte de vermute doce
um toque de Prosecco

Coloque os três primeiros ingredientes num *shaker* com um pouco de gelo picado. Agite bem. Sirva num copo gelado, complete com um pouco de *Prosecco* e decore com a casca de laranja enrolada.

Foram as lágrimas que confundiram Kat; a maneira como lhe correram pelo rosto enquanto Zita falava naquele tom de voz suave e razoável. Lembrava-se de provar o seu sabor salgado depois de comer a refeição demasiado condimentada, e de confiar coisas à esposa de Massimo de que só agora começava a aperceber-se. Que ela queria mais dele, que se sentia sozinha, que apaixonar-se não era exatamente como esperava que fosse.

Zita prometeu ajudar. E no calor da tarde, quando Kat estava saciada de vinho e comida, parecia que falava a sério. Agora, porém, não tinha tanta certeza. Quanto mais pensava naquele dia, mais se sentia como se Zita tivesse conseguido encontrar outro ponto sensível e tivesse prazer em tocá-lo.

Kat falara mesmo a sério quando dissera todas aquelas coisas? A solidão nunca fora um problema para ela. Havia viajado pelo mundo, confiando em si mesma em todos os tipos de situações, raramente sentindo que precisava de alguém. Porque mudaria isso? E aquelas lágrimas que vieram tão facilmente, escorrendo-lhe pelas faces – também não tinham nada que ver com ela.

Acordou cedo na manhã seguinte, afastou-se de Massimo e vestiu-se antes de ele se mexer. Agarrando no portátil, foi direta para o apartamento porque lhe parecia o lugar mais seguro. Nem parou para tomar café, mas apressou-se a ir para lá, fechando a porta ao mundo. Tirou os sapatos e mexeu-se sem fazer barulho, esperando que Coco não ouvisse os seus passos se estivesse lá em baixo. Na pequena varanda, começou a escrever. Era um capítulo que sabia que seria apagado assim que o terminasse porque era muito cru, honesto demais, e Kat não queria que o mundo a visse dessa forma.

Mais lágrimas brotaram, desfocando-lhe a visão de tal forma que ela não conseguia ver o ecrã. Limpou-as impacientemente com a ponta da *T-shirt*, desconcertada com a sua chegada. Não havia razão para se sentir tão em baixo. As coisas não eram perfeitas, mas alguma vez teriam sido? Já tinha ficado isolada por vulcões em erupção, vira a sua bagagem ser roubada ou perdida, fora dececionada, enganada e assaltada, e uma vez até abandonada. Nunca chorara por causa de nada disso. Furiosa consigo mesma, Kat martelou o teclado.

– *Cara*, o que se passa?

Dante estava debruçado da janela, a olhar para ela, preocupado.

– Nada – apressou-se a responder Kat. Esquecera-se de que era segunda-feira,

o que significava que o mercado de Rialto estava fechado, e também a *osteria*.

– Mas está a chorar.

– É uma alergia – mentiu Kat.

Dante abanou a cabeça, incrédulo.

– Se o diz. Mas ninguém é alérgico a Veneza.

Kat pousou o dedo na tecla *delete* e as palavras que havia escrito começaram a desaparecer uma a uma.

– Estou com a telha hoje, por algum motivo.

– Com a telha? – perguntou ele, obviamente não entendendo.

– Sim, sabe. Com a neura.

– Com a neura? – Dante parecia ainda mais confuso.

– Com a telha, com a neura, em baixo. – Kat tentou encontrar uma palavra que ele reconhecesse.

– Ah, deprimida – disse Dante entusiasmado, claramente satisfeito por finalmente ter entendido.

– Não tão sério quanto deprimida... Apenas com a telha.

– Isso não é bom. – Dante inclinou a cabeça para um lado, como se tentasse vê-la de outro ângulo. – Estou a fazer café. Porque não vem?

– A sua casa? – Kat nunca tinha estado no apartamento de Dante e estava curiosa.

– Sim, venha agora. Vou descer e abrir-lhe a porta. Talvez até fatie alguma fruta para o nosso pequeno-almoço.

– Muito bem, então. Obrigada.

O apartamento de Dante estava surpreendentemente desarrumado e cheio de pequenas pilhas de coisas em que Kat não tinha reparado quando tentava espreitar pelas janelas: moedas e chaves, jornais, esferográficas e livros de receitas. Ele desimpediu um espaço na mesa de jantar para as chávenas de café e um prato de melão fatiado.

– O que vai fazer no seu dia de folga? – perguntou-lhe ela.

Dante bocejou em resposta.

– Vai dormir mais? – tentou adivinhar Kat.

– Geralmente, sim, costumo dormir uma sesta matinal no sofá e talvez outra, à tarde. Mas hoje prometi ir visitar a minha família. Portanto, tenho de ficar acordado.

– Onde é que eles vivem?

– Em San Polo, não muito longe, o meu pai e os meus irmãos têm um *squero*... um estaleiro. São construtores de gôndolas.

– A sério? Que interessante.

Com um encolher de ombros descontraído, Dante serviu o café e passou-lhe o melão.

– Nunca andei de gôndola – admitiu Kat. – Parece uma coisa tão tipicamente turística.

– É porque é a melhor maneira de conhecer Veneza.

- Suponho que acabarei por experimentar.
- Eu podia levá-la a dar um passeio – ofereceu-se Dante.
- Sabe manobrar uma gôndola?
- Claro! Sou filho de um construtor de barcos. Aprendi a remar e a construí-las.
- E a sua família tem uma que pode usar.
- É claro – disse Dante novamente.
- Então eu adoraria ir consigo um destes dias, obrigada.
- E que tal hoje? Tenho de visitar o *squero* porque mal vi a minha família desde que abri o Locanda Dante. E isso seria divertido, certo? Vamos passar um bom bocado.
- Seria ótimo – disse ela, animando-se com a perspectiva de uma aventura.

Kat percebeu que tinha passado pelo estaleiro da família Berardi muitas vezes antes. Devia ter visto as pilhas de madeira deixadas do lado de fora para a temporada, as gôndolas deitadas de lado e a forma como o chão coberto de musgo descia até ao canal, mas ainda não havia registado que aquele era um lugar onde se construíam e reparavam barcos.

Dante levou-a para dentro da oficina e apresentou-a ao pai, Enrico, e aos seus dois irmãos. Aqueles homens eram versões mais simples dele, com mãos calejadas pelo trabalho e falavam num *staccato* de dialeto veneziano de que Kat não percebia uma palavra.

- O que estão a dizer? – perguntou ela a Dante.
- Estão a perguntar se estou pronto para parar de brincar na minha cozinha e trabalhar a sério aqui. É o que dizem sempre.

Kat lançou um olhar simpático na sua direção.

- Acham que ser *chef* não é um trabalho a sério?
- Acham que estou a desperdiçar o meu talento.

Durante algum tempo, observaram os homens a trabalhar. Kat ficou surpreendida ao ver os irmãos de Dante a acender tochas antiquadas: molhos de paus, na verdade. Assim que estavam em chamas, os homens passavam as extremidades flamejantes sobre os lados de madeira da gôndola meio construída, as sobancelhas franzidas de concentração.

- Estão a chamuscar a madeira? – perguntou ela a Dante, confusa.
- Não, estão a dobrar as pranchas de carvalho. Primeiro um lado é mergulhado em água e depois o outro aquecido pelo fogo. É a maneira tradicional e se o fizermos corretamente, a madeira fica perfeitamente curvada sem que nenhuma das suas fibras seja danificada.

Kat observava, fascinada.

- E o Dante aprendeu a fazer isso?
- Quando eu era aprendiz, ensinaram-me tudo isso: como escolher a madeira sem quaisquer nós ou bordas brancas, como preparar as estruturas e curvar os lados, e adicionar camada após camada de verniz preto. Mas a minha verdadeira

habilidade era a escultura.

Enrico estivera a observar os filhos, mas nesse momento olhou para cima e murmurou qualquer coisa para Dante.

– Ele quer que a Kat saiba que são necessários dois meses para construir um barco como este e são usados oito tipos de madeira. Que ele trabalha à moda antiga e faz tudo à mão.

– Diga-lhe que acho fantástico – disse Kat.

– O meu pai compreende inglês, apenas se recusa a falá-lo. E o que não lhe está a dizer é que raramente se constroem gôndolas novas aqui hoje em dia. Agora é principalmente manutenção e consertos: não tem nada de fantástico.

Kat voltou a olhar para ele.

– E não é a vida que o Dante escolheu para si?

Dante abanou a cabeça.

– É preciso gostar disto e eu não gosto.

Os irmãos de Dante tinham o suor a escorrer pelo rosto. Quando acabaram de chamuscar a madeira e mergulharam as tochas numa tina de água, Enrico inspecionou o trabalho. Por fim, assentiu com a cabeça, a sua expressão inalterada, e aquilo pareceu ser um elogio suficiente para os irmãos de Dante que sorriram e deram pequenas palmadas nos ombros um do outro, congratulando-se.

– Bom, agora comemos – anunciou Dante.

Enquanto estiveram a observar, a mãe de Dante deslizara em silêncio com uma cesta cheia de *tramezzini* – sanduíches triangulares de pão branco sem cêdea, macio e generosamente recheado com maionese cremosa, presunto fumado e corações de alcachofra de conserva. Kat ficou para trás, presumindo que não haveria o suficiente para ela, uma vez que a sua visita não era esperada, mas a mãe de Dante chamou-a e insistiu para que pegasse numa sanduíche.

Era evidente que Dante saíra à mãe, aquela mulher de pele clara com maçãs do rosto angulosas e lábios carnudos. Enquanto comia, Kat observou os dois sentados lado a lado. Tinham muito a dizer um ao outro, em contraste com os outros homens da família que estavam totalmente concentrados na comida.

Só quando acabou de comer, Enrico falou, dirigindo uma longa e rápida onda de italiano a Kat, presumindo aparentemente que ela entendia cada palavra. Kat virou-se para Dante à espera da tradução.

– Ele está a dizer que cada embarcação é única – disse Dante. – É personalizada para a altura e o peso do gondoleiro, e construí-las é uma arte. Ele está a dizer que este *squero* está na nossa família há mais de cento e cinquenta anos e o saber foi transmitido ao longo das gerações. Dois dos seus filhos continuarão o legado. Por isso, está orgulhoso.

Kat percebeu quão difícil devia ter sido para Dante seguir o seu próprio caminho e tornar-se *chef*. Gostava ainda mais dele por ter de lutar.

– Certamente ele também está orgulhoso de si? – perguntou ela.

– Ele é a razão pela qual eu não posso falhar – respondeu Dante em voz baixa, enquanto o pai se afastava.

A gôndola em que saíram era antiga, mas ainda completamente em condições de navegar. Dante levou Kat pelos canais mais calmos e de vez em quando ela virava-se para o observar, perfeitamente equilibrado na popa, os braços musculados como se manejassem sempre um remo. Era uma maneira tranquila de ver Veneza. Passando lentamente sob as pontes, deslizando por águas paradas, passando pelas paredes de casas e *palazzi* grandiosos, e depois saindo para o Grande Canal, de águas mais agitadas e buliçoso com outras embarcações. Dante manobrou a gôndola cautelosamente em torno de uma barça de entregas carregada de barris de vinho, um barco da polícia a alta velocidade, *ferryboats* e outras gôndolas dirigidas por homens com chapéus de palha e camisolas às riscas.

– Adoro estar na água – disse-lhe ele. – Nós, venezianos, precisamos disto. Quando eu estava longe daqui, sentia falta disto fisicamente.

– Esteve longe muito tempo? – perguntou Kat.

– Vários anos, enquanto andava a aprender sobre comida. Viajei para Paris, Londres, Madrid e passei algum tempo na Ásia e na Austrália. Cozinhar foi um passaporte para eu ver o mundo.

– E adorou – supôs Kat.

– Este trabalho é difícil – disse Dante, deslocando o corpo e direcionando o longo remo enquanto manobrava a gôndola até um canal mais tranquilo. – Cortamo-nos, queimamo-nos e trabalhamos muitas horas. Quanto mais cozinhas, mais odiava aquilo e mais percebia que nunca poderia fazer outra coisa.

Kat riu-se.

– Isso soa a loucura.

– Eu sei – concordou Dante. – É como um vício. O que eu sonhava era voltar para Veneza e ter o meu próprio restaurante onde poderia cozinhar a comida em que acreditava. Esse sonho nunca mudou.

– E agora conseguiu.

– Sim, graças ao meu pai. É o dinheiro dele que financia o Locanda Dante e ele tem uma opinião sobre tudo. Tal como a sua amiga Coco, ele acredita que eu devia servir os velhos favoritos, porque é o que as pessoas querem. O *papà* preferia ver lombo de porco cozido em leite e *frittura mista* na ementa. Não compreende que a minha comida sou eu; é possível sentir a minha essência em cada prato.

Estar a navegar pelos canais quase silenciosos ouvindo Dante falar sobre comida era o ponto alto de Veneza, pensou Kat. Nunca se sentira tão feliz por estar ali.

– Tem de seguir a sua paixão, mesmo quando é uma luta – disse.

– Mas, se eu falhar, voltarei a trabalhar no *squero* até ter pagado ao meu pai. Foi essa a promessa que lhe fiz. Portanto, não posso falhar.

Dante prendeu a gôndola a um poste de amarração ao lado de um pequeno *bacaro*. Depois sentou-se junto a Kat no assento vermelho de couro puído e chamou um empregado de mesa para lhes trazer cervejas geladas e um prato de

crostini.

– Já não remo há uns tempos e estou sem prática – confessou ele. – Vamos descansar aqui um bocadinho antes de voltarmos.

Dante colocou o braço atrás dela e beberam as cervejas, com o barco balançando suavemente na água.

– Devíamos sair uma noite destas – sugeriu ele. – É quando é realmente maravilhoso estar numa gôndola.

– É muito bom agora – disse Kat.

– Já não se sente... qual era a palavra?

– Com a telha? Não, curou-me completamente, Dante.

– Claro – afirmou Dante, com a sua segurança habitual.

Ele deu-lhe *crostini* cobertos de sardinhas fritas, bacalhau salgado e cremoso e truta fumada com as ovas.

– Aqui usam os melhores ingredientes – disse-lhe ele. – Até quando um sítio serve comida muito simples, é uma oportunidade para que seja excelente.

Ouvindo-o falar baixo e com tanta seriedade, Kat pensou em todos os *chefs* geniais que tinha conhecido ao longo dos anos, tantos, em todo o mundo, alguns calados e intensos, outros temperamentais e impacientes, mas sempre altamente criativos, motivados e exigentes. Quando Dante tornou a pegar no remo e se preparou para a levar de volta, Kat decidiu que nenhum deles se assemelhava àquele homem.

Mais tarde, ao transpor as portas do Hotel Gôndola pareceu-lhe um pouco como voltar a entrar numa vida antiga. Tudo estava igual. Adriana na receção olhando para o computador, hóspedes a fazer o *check-in*, um carrinho de bagagem carregado à espera de ser metido no elevador, um zumbido de conversas noutro idioma.

Adriana olhou para cima.

– O Massimo anda à sua procura. Ele tem tentado ligar-lhe.

O telemóvel de Kat ficara no silêncio enquanto ela estava com Dante e não tinha reparado nas chamadas perdidas.

– Onde é que ele está agora? – perguntou.

– No bar, acho. A Zita ainda não chegou. – Adriana lançou-lhe um olhar que era quase cúmplice.

Kat encontrou Massimo a desembalar a nova remessa de *Prosecco*. Deteve-se quando ela apareceu.

– Tenho estado a tentar contactar-te.

– Eu sei, desculpa, tenho estado ocupada a fazer pesquisa para o meu livro. – Não era mentira, mas ainda assim sentia-se culpada. – O que se passa?

– Nada. – Ele olhou-a de forma estranha. – Mas não consigo imaginar o que disseste à Zita quando almoçaste em casa dela ontem.

– Oh, não, o que é que ela fez agora?

– Tem estado muito ocupada a organizar as nossas vidas – disse Massimo. – Pelos vistos, amanhã será dia de folga para nós. A Adriana vai desenhencilhar-se

muito bem sozinha na recepção e o Nico foi convencido a ajudar a Zita no bar. Enquanto isso, tu e eu levaremos o barco para a lagoa e visitaremos algumas das ilhas. Ao que parece, isto é um pedido teu?

– Eu posso ter mencionado que seria agradável... – disse Kat debilmente, parando.

– Mencionaste isso à Zita, mas não a mim? – Massimo parecia magoado.

– Eu não queria, acabou por sair.

– Mas, Kat, se eu soubesse que era isso que tu querias, tê-lo-ia feito acontecer.

Porque não me contaste?

– Estás sempre tão ocupado, embrenhado nas coisas do hotel – disse Kat defensivamente. – E sempre que te peço alguma coisa, isso não acontece.

– O que é que não aconteceu?

– Agora não tem importância – disse Kat.

– Se não me disseres as coisas, como posso...

– Eu parti do princípio de que se quisesses passar tempo comigo, passarias. Não achei que tinha de fazer um pedido especial. – Kat sabia que soava defensiva.

Massimo olhou para ela e Kat não soube se ele estava zangado ou perturbado.

– Então pediste à Zita.

– Nós estávamos a conversar... as coisas surgiram. Mas eu não queria que ela interferisse desta forma.

– Estou a ver. – A testa de Massimo franziu-se. – Mas agora que ela interferiu, e parece que está tudo planeado, queres mesmo sair no barco e passar algum tempo comigo?

– Sim – disse Kat, tentando não pensar na tarde que acabara de passar na água com Dante. – Sim, claro que quero. Adoraria fazer isso.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 11

Veneza é uma cidade de barcos. Só até estarmos na água é que percebemos quantos tipos diferentes de embarcações existem. Ontem dei o meu primeiro passeio de gôndola – um passeio que durou a maior parte da tarde – mas, mesmo assim, não acho que tenha compreendido totalmente a importância da relação entre os venezianos e os barcos que possuem.

Hoje o Massimo levou-me na sua lancha. É bonita e lustrosa, com madeira envernizada e assentos de couro macio, e ele apresentou-me a embarcação como se fosse um membro da família. Enquanto deslizávamos devagar pelos canais, indicou-me algumas das outras embarcações. O *sandalo*, de fundo chato como uma gôndola, mas mais indicado para pescar, a esbelta e elegante *pupparin* que costuma ser usada para corridas e a maior, mas ainda bonita, *caorlina*. Falou delas carinhosamente, descrevendo as regatas e as corridas da sua juventude. Parece que ele teve um grande talento para o que os venezianos chamam *voga*, o seu estilo tradicional de remar, em pé e de frente.

Este foi o começo de um dia em que vi um lado diferente do Massimo e de Veneza. Ele levou-me pelas águas baixas da parte norte da lagoa até Mazzorbo, uma pequena ilha onde são cultivados muitos dos legumes e verduras que tenho comido. Passeámos por um caminho, passando por vinhedos murados e hortas e, em seguida, atravessámos uma longa ponte para Burano, famosa pelas suas rendas e casas de cores vivas.

Em seguida, levou-me à ilha de San Francesco del Deserto, onde seguimos por uma estrada calçetada até um mosteiro protegido por um exército de ciprestes altos. O Massimo tocou uma campainha e um monge apareceu para nos mostrar os claustros e os jardins. Foi como passear pela história.

Depois, navegou pelos canais que atravessam pântanos e lodaçais, passando por garças e aves marinhas, até ancorarmos junto a uma ilha que parecia selvagem e coberta de vegetação, onde o Massimo desempacotou o piquenique que trouxera.

Escolheu um local com vistas que abrangiam os pináculos de Veneza e estendeu uma manta à sombra de uma velha figueira.

– Lembras-te de quando me perguntaste qual era a minha vista preferida? – disse ele. – Bem, é esta. Venho a este lugar pelo menos uma vez todos os verões

desde pequeno.

– É tão tranquilo – disse-lhe eu, olhando para o azul da lagoa e Veneza reluzindo ao longe.

– Nunca há muitas pessoas porque só se consegue chegar aqui de barco particular – explicou ele. – Não é realmente um lugar secreto, mas parece.

O Massimo retirou a merenda de uma geleira. Ele tinha ido ao meu *bacaro* favorito e mandara preparar imensas iguarias. Anchovas marinadas, lulas grelhadas, sardinhas fritas numa camada de polenta, almôndegas tenras. Havia pão estaladiço, queijo cremoso e embrulhos de papel encerado, cheios de carnes curadas. Comemos devagar e preguiçosamente, pegando em pequenos pedaços disto e daquilo, enlaçando os nossos corpos entre bocados. Sim, foi ridiculamente romântico.

O Massimo falou sobre a sua juventude, quando remava para as ilhas com os amigos e faziam piqueniques, apanhando amêijoas nas águas rasas, arranjando qualquer desculpa para poder escapar por um dia.

– Preciso de fazer um esforço para fazer este tipo de coisas com mais frequência – admitiu ele.

Quando não está embrenhado nas exigências do dia a dia do Hotel Gôndola, o Massimo parece mais jovem. A maior parte da sua vida é passada a fazer reservas, pagar contas e gerir funcionários, responder a perguntas e resolver problemas – grande parte disso parece-me ser a única coisa que passei a minha vida a tentar evitar: a rotina.

– É bom ter um dia em que não preciso de fazer nada além de conversar contigo – disse ele.

As nossas vidas não tinham muito em comum até ali, mas estendidos numa manta de piquenique, sob a luz filtrada do sol na sua ilha secreta, esse facto não parecia importar.

– Gostas muito de gerir o hotel? – perguntei-lhe.

Ele encolheu os ombros.

– É um trabalho, há dias bons e dias maus.

– Mas o que é que querias realmente quando eras mais novo, entrar no negócio da família? Não tiveste outros sonhos em nenhuma altura?

– Isso foi tudo há tanto tempo que mal me consigo lembrar. Julgo que tive a sorte de o meu pai ser dono de um hotel e de haver um emprego bom e estável à minha espera. Então e tu? Sempre quiseste ser escritora e trabalhar em televisão?

– Suspeito que pode ter sido a minha forma de evitar ter um emprego bom e estável – admiti.

O Massimo sorriu.

– Nunca deveras ter planeado ser empregada de bar num pequeno hotel.

– De todo, mas foi uma oportunidade que surgiu e eu aceitei. Sempre vivi assim.

– E o futuro? – quis saber o Massimo.

– Eu podia perguntar-te a mesma coisa. Quanto tempo vais gerir o Hotel

Gôndola? Até te reformares?

Franzindo a testa, o Massimo apoiou-se no cotovelo.

– Na verdade, a minha irmã gostaria que o vendêssemos assim que os meus pais se forem, para ela poder receber a sua parte do dinheiro. Mas como poderíamos vender um lugar como aquele? Depois de o perdermos, nunca mais encontraremos nada igual.

– Adoras o teu hotel, então?

– Não posso imaginar a vida sem ele. – O Massimo suspirou, em seguida, estendeu o braço, mergulhando a mão no meu cabelo. – Também estou a começar a não conseguir imaginar a minha vida sem ti, Kat.

O Massimo prometera-me paixão e ele é um homem de palavra. Ali, na ilha, correndo o risco de ser vista por um pescador que passava, ouvindo o canto dos pássaros e as ondas rasas da lagoa encontrando a costa, cheirando a erva aquecida pelo sol, os meus olhos fecharam-se e os meus outros sentidos trabalharam a dobrar.

– Vamos voltar aqui em breve – prometeu o Massimo mais tarde, enquanto guardávamos as coisas do piquenique. – Também há outras ilhas, lugares que não visito há anos, vou levar-te a todos eles.

Fizemos o longo caminho para casa, atravessámos a lagoa e entrámos nos tranquilos canais remansos, explorando Veneza até que o Massimo sugeriu ancorar ao lado de um pequeno *bacaro* que eu já havia visitado uma vez antes.

– Os *cicchetti* são notoriamente bons aqui. Usam apenas os melhores ingredientes – disse ele.

O empregado trouxe as nossas bebidas para o barco e terminámos o dia com copos de *Prosecco* e um prato de *crostini* enquanto ouvíamos música de uma banda de *jazz* a tocar do lado de fora de um café vizinho.

A minha pele ficou salgada depois de tanto tempo na água. Sentia-me calma e relaxada. Quando a luz do fim de tarde ficava dourada, Veneza assumia uma qualidade de sonho. Apoiando a cabeça no ombro do Massimo, parecia que era exatamente onde eu deveria estar.

Quando atracámos do lado de fora do Hotel Gôndola, a noite caíra. Enquanto o Massimo se ocupava do barco, guardando os apetrechos e cobrindo os assentos no caso de chover, entrei no hotel. Havia uma mulher junto ao balcão da receção. Cabelo bem cortado, vestuário elegante, bagagem a condizer. Ela virou-se e sorriu para mim um pouco hesitante.

– Desculpe, mas está aqui hospedada? – perguntou, o seu sotaque inglês refinado.

– Na verdade não, faço parte do pessoal – respondi. – Está tudo bem?

Ela parecia ansiosa.

– Queria fazer o *check-in*, mas não há ninguém por perto. Estou à espera há pelo menos quinze minutos. Enviei um *e-mail* a avisar que chegaria bastante tarde.

– Devia haver um funcionário da noite. – Baixei-me sob o balcão da recepção. – Não faço ideia de onde ele está, mas posso tratar do seu *check-in* já. Lamento muito que tenha tido de esperar.

Como ajudei na recepção algumas vezes, sei como o sistema funciona. Ao fazer o *login* no computador, encontrei o formulário correto a preencher e verifiquei o passaporte da nova hóspede – Rosetta Rees, de 65 anos, e muito bem conservada para a idade, decidi, olhando para o rosto dela.

– Está em Veneza sozinha? – perguntei.

– Sim, vou ficar duas semanas. É a minha primeira visita.

– Isso já é um tempo razoável. Poderá ver muitas coisas. E estará cá na Festa del Redentore, a grande festa de Veneza. Toda a gente me diz que o espetáculo de fogos de artifício é incrível.

– Gostava de experimentar algumas coisas da verdadeira Veneza, as partes que os turistas nem sempre encontram – disse ela.

Eu dei-lhe outra olhadela. As suas roupas eram discretas, mas elegantes, a sua figura esbelta, o cabelo de um loiro-claro cuidadosamente mantido e o dedo anelar livre de aliança. Parecia exatamente o tipo de mulher que a Coco queria para o Vittorio.

– Porque não vem ter comigo ao bar amanhã à noite? – sugeri. – Posso preparar-lhe uma bebida de boas-vindas e partilhar consigo algum conhecimento local.

– Isso seria maravilhoso – disse ela calorosamente. – Assim farei.

O Massimo apareceu, com os braços cheios de coisas que eu deixara no barco. Ergueu as sobranceiras interrogativamente quando me viu atrás do balcão da recepção.

– Este é o dono do hotel, Massimo Morosini, que levará a sua bagagem e lhe mostrará o seu quarto – indiquei a Rosetta. – Vemo-nos amanhã. Tenha uma boa noite.

Passando-me a geleira, uma embalagem de protetor solar e a minha camisola de caxemira, o Massimo inclinou-se para pegar nas malas dela.

– *Signora*, seja bem-vinda ao Hotel Gôndola. Este é um hotel de gerência familiar, por favor sinta-se completamente em casa. Café e bolos são servidos das sete às dez da manhã e existe também um bar de *cocktails* que está aberto todas as tardes a partir das cinco e trinta...

Era o seu discurso habitual debitado com o charme que o Massimo dispensa a todos os hóspedes. Rosetta Rees parecia completamente em transe. Esboçou um sorriso com covinhas e seguiu-o até ao elevador.

– A recepção deve estar aberta vinte e quatro horas e, se precisar de ajuda ou conselhos, a nossa equipa terá muito prazer em atendê-la – continuou o Massimo, virando-se para mim com um aceno de gratidão.

Sabia bem trabalharmos juntos ali, garantindo que as férias daquela mulher começavam da melhor forma, ajudando-a a desfrutar do seu tempo em Veneza e levando belas lembranças para casa. Acho que começo a perceber porque é que o

Hotel Gôndola é tão importante para o Massimo.

CROSTINI

Corte uma baguete ou *ciabatta* em fatias de cerca de 1 cm de espessura e torra-as levemente. Cubra-as com qualquer combinação de queijos, carnes curadas, legumes grelhados, *pesto*, etc. Podem ser sofisticados e usar queijo azul e figos cortados em fatias finas. Ou misturar alguns feijões *cannellini* enlatados com muito alho e uma pitada de vinagre de vinho tinto e cobrir com salsa picada.

Marisco também funciona. Uma das minhas coberturas favoritas é sardinha de boa qualidade conservada em azeite, regada com *salsa verde* picante. Também adoro atum e creme de rábano. Toda a gente me diz que o importante é escolher os melhores ingredientes.

Só quando acabou de escrever o capítulo é que ocorreu a Kat o tamanho do risco ela estava a correr. Aquilo era Veneza, uma cidade onde as vidas das pessoas se cruzavam todos os dias. Uma coisa era ir ao mesmo *bacaro* com dois homens diferentes em noites separadas, mas e se esses dois homens se encontrassem um dia? E se Dante revelasse a Massimo as coisas que ele ignorava? O apartamento que ela tinha arrendado havia meses, o tempo que passara na *osteria*; tudo partes da sua vida que tinha mantido separadas e em segredo. Era o tipo de coisa que poderia facilmente acontecer.

– Está a jogar um jogo perigoso – concordou Coco, enquanto tomavam café. – Deixo sempre muito claro aos meus amantes que não sou exclusiva.

– Mas eu sou exclusiva – frisou Kat. – Não é como se o Dante fosse meu amante.

– A Kat quer que ele seja.

– Não, não quero, nem pensar.

Coco olhou-a incrédula.

– Ele é demasiado novo para mim. De qualquer forma, estou perfeitamente feliz com o Massimo.

– A sério? Então por que razão me pediu para não mencionar o apartamento? Porque passa lá grande parte do seu tempo sem lhe dizer? Está a mentir-lhe, Kat.

– Não é mentir – protestou ela. – Não posso manter uma parte da minha vida privada?

– Não é assim que as relações funcionam – contrapôs Coco. – Deve haver partilha... sinceridade. Mas, Kat, acho que nem sequer está a ser sincera consigo mesma.

Kat sentiu as lágrimas nos olhos novamente. Enxugou-as com as costas da mão, sem cerimónia.

– Oh, pelo amor de Deus. Preciso de mais café e bolo... um bolo muito doce e pegajoso, de preferência com chocolate.

Foi até ao balcão escolher entre os expositores carregados. Havia pastéis inchados com creme, *donuts* rechonchudos cobertos de leite-creme, tartes delicadas, biscoitos com crosta de nozes, fatias de *tiramisù* e *torrone*. Normalmente, Kat não se deixaria tentar, já que o açúcar não constava entre os seus vícios. Mas nesse dia era diferente; não parecia a mesma. Escolheu um grande

bolo de massa *choux*, *zabaione* e chocolate.

– Nem me passa pela cabeça dormir com o Dante – repetiu ela, quando o bolo chegou, num prato dourado, com um garfo especial, um bocadinho de açúcar em pó e um daqueles *napperons* de papel, porque não havia comida em Veneza que não fosse servida sem cerimónia. Kat cortou um pedaço e provou a primeira garfada sumptuosa. – Mas admiro-o e acho-o fascinante.

– E atraente? – perguntou Coco.

– Bem, obviamente que é, mas não é nisso que estou interessada.

– Homens assim... – Coco fez um som de desaprovação. – Quando tinha a sua idade já tinha aprendido a evitá-los. Egoístas, arrogantes, o tipo que destroça o coração das mulheres sem perceber.

– E quanto a homens como o Massimo? – perguntou Kat. – Como o descreveria?

– Intenso, sensível, o tipo cujo coração é muito fácil de destroçar. Provavelmente também os evitaria.

– Ele é um homem fantástico – disse Kat, e estava a ser sincera. – É amável, atencioso, engraçado e quando o levo para longe daquele hotel, gostamos de passar tempo um com o outro. Não quero magoá-lo.

Coco não respondeu, limitando-se a observá-la a devorar o bolo e a limpar os lábios com um guardanapo de papel.

– Portanto, acho que a Coco tem razão acerca do apartamento – admitiu Kat, entre dentadas. – Devia ter contado ao Massimo no início, mas não contei. Vou ter de arranjar uma forma.

– Porque é que é tão difícil? Diga-lhe apenas que acabou de o arrendar esta semana.

– Isso seria outra mentira.

Coco encolheu os ombros.

– Às vezes são necessárias.

– Talvez o faça, então. – Terminado o bolo, Kat passou o dedo pelo prato e lambeu-o.

– Gostou disso – observou Coco.

– Parece que agora ando com desejos de açúcar. Além disso, chorei três vezes nos últimos dias. Não sei o que se passa comigo.

– Essas coisas acontecem – murmurou Coco desinteressadamente.

– Ah, e queria contar-lhe uma coisa. Ontem à noite chegou uma mulher ao hotel, deve andar pelo meio dos sessenta, vai ficar em Veneza mais de cinco minutos e gostaria de conhecer alguns venezianos.

– A sério? – Coco animou-se. – É bonita? Culta? Pareceu-lhe amável?

– Só estive com ela alguns minutos. Disse-lhe para vir ao bar esta noite, por isso espero descobrir mais nessa altura.

– Nesse caso, acho que o Vittorio e eu precisamos de beber uns *cocktails* juntos hoje à noite. A que horas devemos estar lá?

– Não está a apressar as coisas?

Coco lançou a Kat um dos seus olhares.

– Sim, claro que estou.

Derreter todas as calorias daquele bolo com uma caminhada parecia uma boa ideia, por isso Kat despediu-se de Coco e saiu sem nenhum destino em mente. Manteve um ritmo acelerado, contornando rapidamente grupos de turistas vagarosos, e acabou no Zattere, um dos bonitos limites onde Veneza encontra o profundo canal da Giudecca.

Havia um navio de cruzeiro a passar, uma coisa monstruosa que encobria os graciosos pináculos dos edifícios ao redor. Ao observá-lo, Kat começou a preocupar-se que a cidade estivesse a ser esmagada sob o peso de todas as pessoas que queriam vê-la.

Alcançando a Punta della Dogana, Kat deparou com outra vista, desta vez uma que a fez sorrir. Um grupo de mulheres, todas vestidas de rosa, manejando os seus remos num barco-dragão. Tinha ouvido falar daquela equipa de remo, todas sobreviventes de cancro de mama que se autodenominavam as Lionesas Rosa e competiam nas regatas. Kat acenou-lhes quando passaram e várias delas retribuíram com um sorriso. O coração de Veneza ainda batia, decidiu. O espírito da cidade sobrevivera até então.

Kat passou pela igreja de Santa Maria della Salute e virou para uma rede de canais mais calmos. A princípio não reconheceu Nico. Estava sentado com outros dois homens do lado de fora de um *tabacchi*, uma pequena loja local que vendia cigarros, cartões telefónicos e bilhetes de lotaria. Tinha o cabelo mais comprido do que antes, parecia mais magro e usava calças de ganga com rasgões e uma *T-shirt* larga. Ela poderia não ter reparado nele, se ele não tivesse murmurado algo que fez os seus companheiros rirem enquanto passava.

– Nico – disse Kat, detendo-se surpreendida.

Ele acenou-lhe com a cabeça e depois virou a cara.

– Ah, obrigada por fazer o meu turno ontem à noite.

– Fiz isso pela Zita – respondeu ele, num tom sombrio.

– Podia considerar fazer isso outra vez?

Ignorando-a, Nico pegou num maço de cigarros. Ofereceu-os em volta aos seus amigos e depois acendeu um.

– Já tem emprego? – perguntou ela.

– Porque é que quer saber?

– Ainda precisamos de um empregado de bar no Hotel Gôndola. A Zita é apenas uma substituta temporária.

– Não foi isso que ela me disse. Mas em resposta à sua pergunta, voltarei para cobrir um turno se ela me pedir... Não por sua causa.

Kat notou que o cabelo de Nico precisava de ser lavado e as suas calças de ganga estavam rasgadas. Acendeu um segundo cigarro assim que o primeiro terminou e depois abanou o maço vazio antes de o guardar no bolso.

– Precisa de dinheiro? – perguntou ela, certa de que Massimo gostaria que ajudasse, se pudesse.

Nico olhou-a fixamente e não respondeu.

Kat procurou o seu porta-moedas na carteira. Tirando todo o dinheiro que tinha, ofereceu-lho. Nico não se mexeu, por isso ela pousou o dinheiro no colo dele.

– Aceite. Compre alguma comida, arranje-se e venha falar com o Massimo. Ele sente a sua falta – disse ela.

Enquanto se afastava, Kat ouviu os homens a rir novamente. Esperava que desta vez não fosse por sua causa.

Ficara um pouco incomodada por Coco a ter acusado de mentir, pois considerava-se uma pessoa honesta. Evitar revelar uma ou duas coisas a Massimo dificilmente poderia ser considerado um grande pecado, mas era um risco, e ele ficaria magoado se descobrisse, portanto Kat decidiu não perder mais tempo.

Encontrou-o no seu escritório, como de costume, a olhar para uma folha de cálculo cheia de números que teriam vidrado os olhos de Kat instantaneamente.

– Olá, querida – disse ele, enquanto ela pousava a mão no seu ombro. – Ontem foi ótimo, não foi?

– Muito bom – respondeu Kat.

– Não teria acontecido sem a Zita. Acho que lhe devemos agradecer.

Ela podia ter sido útil, mas Kat ainda não tinha a certeza de como se sentia a respeito da ex-mulher dele. Não conseguia confiar totalmente em Zita.

– Vou agradecer-lhe, é claro – disse rapidamente para Massimo –, mas queria falar contigo sobre outra coisa. Arrendei um apartamento esta manhã. Um sítio com uma cozinha decente onde posso testar receitas e desarrumar tudo sem incomodar ninguém.

Massimo fez uma careta.

– Oh, não, eu prometi ajudar-te com isso e escapou-me completamente. Desculpa, Kat.

– Não faz mal. A Coco arranjou-me esta casa. É mesmo por cima do apartamento dela: perfeito, na verdade.

– Vais lá passar muito tempo? – Havia um pouco de preocupação na voz de Massimo.

– Não mais do que o habitual – disse Kat, lutando contra uma onda de culpa pela facilidade com que a mentira foi contada. – Vou ficar lá durante o dia, a escrever e a cozinhar. Podes vir ter comigo e eu faço-te o almoço. Vou precisar de alguém que prove as minhas receitas.

– Terei muito prazer em ajudar nisso. – Massimo deu-lhe um abraço rápido. – Ah, e obrigado por tratares da hóspede ontem à noite. O Guido teve uma dor de estômago muito má. Pelos vistos, já estava fechado na casa de banho há algum tempo.

Guido era o gerente da noite e geralmente de confiança.

– Ele estará bem para trabalhar esta noite? – perguntou Kat.

– Espero que sim, caso contrário vai sobrar para mim. Tenciono dormir uma sesta esta tarde, só por precaução.

– Posso ir dormir uma sesta contigo – sugeriu Kat.

– Preciso mesmo de dormir um pouco – disse Massimo e, em seguida, esboçou um sorriso lento. – Está bem, talvez não precise assim tanto.

O que preocupava Kat era o estado em que Nico se encontrava e se o rapaz se apresentara daquela forma na noite anterior, enquanto fazia o turno dela no bar. A ideia incomodava-a quando se deitou na cama com Massimo naquela tarde, ouvindo o seu suave ressonar e os sons de Veneza flutuando pelas janelas abertas. Massimo gostava que os seus funcionários tivessem uma apresentação imaculada. Não ficaria nada satisfeito em pensar que os padrões haviam descido.

Kat abordou o assunto com Zita quando a viu no bar naquela noite.

– O Nico não estava com bom aspeto. Não podemos tê-lo a trabalhar aqui assim.

– Eu tornei-o mais apresentável – assegurou Zita. – Ficou melhor quando vestiu roupas limpas. Mas estou preocupada com ele. Desde que foi preso, parece ter mudado.

– Ele deixou bem claro que me odeia – disse Kat.

– Ao que parece, odeia tudo e todos. Conheço-o desde pequeno e é triste vê-lo assim.

– Talvez se voltasse a trabalhar aqui isso ajudasse – sugeriu Kat. – A Zita poderia falar com ele?

– Posso tentar, mas o Nico só ajudou na noite passada como um favor especial por eu ser a sua tia favorita.

– Que tal falar com a mãe dele? Tem muito contacto com a irmã do Massimo?

– Falo imensas vezes com a Anna. Está preocupada, mas ele é adulto, portanto, o que pode ela fazer?

Kat sentia-se responsável. Se não tivesse pressionado para que Nico fosse demitido, provavelmente ele não se encontraria tão em baixo.

– Não pense nisso por agora. – Zita interrompeu-lhe os pensamentos. – Fale-me do seu dia com o Massimo. Divertiram-se? Foi perfeito?

Kat foi salva de responder pela nova hóspede da noite anterior, Rosetta Rees, que apareceu no bar no preciso momento em que abria, de bloco de notas em riste, pronta para assentar algumas dicas de conhecimento local. Vestida de seda, tinha um aspeto elegante. Kat deu por si a desejar que Coco e Vittorio não planeassem fazer uma entrada muito tardia.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 12

A chegada da Rosetta Rees criou mais agitação do que o habitual quando um novo hóspede faz o *check-in* no Hotel Gôndola. Embora ela possa pensar que está aqui para visitar as igrejas e as galerias, a Coco tem outros planos em mente.

Os esforços de casamenteira começaram a sério esta noite. A Rosetta apareceu no bar para que eu partilhasse algumas das minhas experiências a não perder em Veneza, como prometido. Servi-lhe o *cocktail* da semana – o *Hugo*, uma deliciosa mistura de *Prosecco*, flor de sabugueiro e hortelã – e consegui mantê-la a conversar enquanto me desenhava com outros pedidos até a Coco chegar com o Vittorio; ele não sabia que seria o interesse romântico da noite.

Fingi-me surpreendida ao vê-los, exatamente como fora instruída, e depois fiz as apresentações descontraidamente.

– Rosetta, estes são bons amigos meus. São venezianos de gema, por isso conhecem os melhores segredos da cidade. Devia falar com eles.

– Eu entendo muito pouco italiano – disse Rosetta, desculpando-se. – Vocês falam inglês?

O Vittorio, sempre um cavalheiro, assegurou-lhe que tanto ele como a Coco eram fluentes e teriam muito gosto em conversar com ela sobre a sua bela cidade.

– Mas primeiro fale-nos um pouco sobre si – interrompeu a Coco. – De onde é? Em que está interessada?

Estive à escuta sempre que tive oportunidade, entrando e saindo da conversa enquanto preparava bebidas. A certa altura, ouvi a Rosetta dizer-lhes que era professora de ioga.

– Agora dou principalmente aulas a idosos. É tão bom para o equilíbrio e para a postura.

Um pouco depois, percebi que ela vivia no norte de Londres, sempre sonhara em visitar Veneza e decidira enfrentar uma viagem sozinha.

– Então é solteira, *signora*? Ou divorciada? – perguntou a Coco. – Não existe um homem algures?

A Rosetta parecia não se importar com tal franqueza arrasadora.

– Sou e com grandes esperanças de que Veneza seja segura para uma mulher sozinha.

O Vittorio era todo charme.

– Sim, sim, mas agora não é uma mulher sozinha em Veneza, *signora*, porque nos conhece.

– Exatamente – concordou a Coco. – E se não tiver planos para o resto da noite, então deve juntar-se a nós para jantar. Não achas, Vittorio, *caro*?

– É uma ideia maravilhosa.

– Muito obrigada, seria um grande prazer. – A Rosetta parecia empolgada. – Jantar sozinha à noite é sempre complicado, não é?

– O Vittorio e eu vamos levá-la a um pequeno restaurante fantástico onde os gondoleiros gostam de comer – prometeu a Coco.

Naquele momento tive de reprimir uma gargalhada e afastar-me. Não podia acreditar na facilidade com que a Coco manipulara a situação. Quanto àquele disparate sobre os gondoleiros, ela mesma me disse que há centenas de gondoleiros e que comem praticamente em toda a parte. Aquela mulher não tem emenda.

Depois disso, o bar tornou-se muito atarefado e perdi o fio à conversa, mas, olhando de vez em quando, parecia que os três estavam a dar-se bem. A Coco mostrava-se muito animada e o Vittorio parecia encantado por acompanhar duas mulheres durante o serão. A certa altura aproximei-me e enchi-lhes os copos de água para poder dar uma boa olhadela.

A Coco olhou-me com ar convencido, claramente pensando que o seu plano estava a funcionar.

– Já alguma vez fez ioga? – perguntou-me ela. – A Rosetta vai ensinar-nos um pouco. Ela diz que nunca é tarde demais.

– Nunca experimentei.

– Então tem de se juntar a nós – disse a Coco. – Vamos fazer uma aula ao ar livre no meu jardim amanhã de manhã cedo e depois, enquanto estou ocupada a trabalhar na loja, o Vittorio mostrará à Rosetta alguns dos pontos turísticos.

Olhei para a Rosetta, esperando que ela não estivesse a sentir-se muito cilindrada, mas ela sorria e parecia contente.

Os três saíram para jantar depois do segundo *cocktail*. Nessa altura, o Massimo já estava na receção e chamou-lhes um táxi aquático. Quando falei com ele mais tarde e expliquei o que estava a acontecer, mostrou-se extremamente divertido.

– Então, deixa-me ver se entendi – disse ele. – A tua amiga Coco não se quer casar com aquele homem, por isso anda à procura de alguém para ser mulher dele? *Madonna mia*, adoro a forma de pensar das mulheres.

– Eu não funciono assim.

– Não arranjas tramoias e esquemas para conseguir o que queres? Não sei se acredito em ti.

– Eu não sou nada como a Coco – insisti.

– Pergunto-me se o plano dela funcionará.

– Suspeito que a única coisa que precisamos de saber é o que vamos vestir para o casamento.

O Massimo desatou a rir. Deixei-me ficar na receção e passei mais tempo a

conversar com ele. Os hóspedes entravam e saíam. Paravam e pediam mapas novos porque os antigos tinham-se desintegrado, agradeciam a recomendação de um restaurante ou faziam algum tipo de queixa, geralmente por causa da canalização ruidosa ou das dificuldades em aceder à internet.

O Massimo lidou com todos eles tão tranquilamente. Pediu desculpas por causa da canalização, mas explicou que era parte inevitável da vida num edifício antigo veneziano, distribuiu mapas e cartões com o nome do hotel, e ofereceu-se para ajudar as pessoas a acederem ao *wi-fi* ou sugeriu um restaurante maravilhoso para jantarem na noite seguinte. É um homem que parece ter reservas infinitas de paciência, que presumo que sejam necessárias num trabalho como o dele.

Agora ainda está a trabalhar, fazendo um turno da noite, e eu estou no nosso quarto a dar os últimos retoques a este capítulo. Dentro de alguns momentos vou para a cama. Vai ser estranho dormir sozinha. Habituei-me a tê-lo ao meu lado, a ouvir os sons que faz enquanto dorme, a saber que posso aninhar-me entre os seus braços a qualquer altura e que ele os cingirá ao meu redor.

Esta noite pergunto-me se a Rosetta se deixará envolver nos braços do Vittorio. Não tão cedo, claro, pois ela parece-me muito respeitável. Mas se há alguém que pode fazer isso acontecer, tem de ser a Coco. O Massimo concorda comigo. Ele é completamente a favor de que se casem no terraço do Hotel Gôndola.

COCKTAIL DA SEMANA – HUGO

Se procuram um *cocktail* de verão refrescante, é difícil ignorar este. Xaropes/cordiais de flor de sabugueiro variam em potência, por isso podem chegar à conclusão de que querem usar uma quantidade maior ou menor. O efeito pretendido é uma explosão refrescante de flor de sabugueiro, não uma sobrecarga de açúcar. Como não tenho por hábito beber quando estou a trabalhar no bar, costumo fazer uma versão sem álcool, com água gaseificada e muita hortelã.

7 partes de Prosecco

3 partes de xarope de flor de sabugueiro

2 partes de água gaseificada

muito gelo

hortelã esmagada

Coloque nos copos o gelo e a hortelã esmagada. Misture o *Prosecco* com o xarope de flor de sabugueiro e a água gaseificada. Doseie as quantidades ao seu próprio gosto e adicione um pouco de lima, se preferir as bebidas mais para o ácido.

Kat acordou nas garras de outro ataque de apatia. Apoiou-se nas almofadas, bebeu um gole do café que Massimo lhe trouxera e desejou poder passar o dia ali deitada lendo e dormitando. Qualquer outra coisa parecia demasiado difícil.

Lembrava-se da velha Kat. Aquela mulher com uma energia sem limites, que adorava mergulhar em cada novo dia e ver o que este lhe poderia trazer. Veneza tê-la-ia mudado tanto? O facto de estar a escrever um livro e a servir *cocktails* todos os dias não estaria a esmagá-la? Kat não sabia; tudo o que sabia era que muitas vezes já não se sentia a mesma pessoa.

Naquela manhã, Massimo parecia mais espreitado do que ela, apesar de não ter dormido. Tomou um duche e vestiu-se, conversando enquanto punha uma camisa e um par de calças impecavelmente engomadas.

– É bom fazer um turno da noite de vez em quando – dizia ele. – O hotel parece diferente quando todos os hóspedes estão na cama.

– Deve ser um silêncio de morte – disse Kat, com um bocejo.

– Na verdade, não – respondeu Massimo. – O edifício range e há os barulhos da canalização e o tiquetaque daquele velho relógio na parede parece tão alto. Eu nunca ouço esses sons durante o dia.

– Não te aborreceste?

– Não, gostei da minha noite. Parecia que era só eu e os fantasmas.

– Fantasmas? – Kat sentou-se na cama e mostrou algum interesse. – O edifício está mesmo assombrado?

Massimo riu-se.

– Isto é Veneza. Tenho a certeza de que todos os lugares o estão.

Um fantasma seria um ótimo complemento para o livro dela; talvez devesse inventar um. Ultimamente tinha dúvidas sobre o que estava a escrever. Parecia mais a história de Coco do que a dela, e Kat preocupava-se em encontrar material suficiente que interessasse aos leitores. As pessoas adoravam fantasmas, certo? Considerou introduzir no livro um quarto assombrado, alguns ruídos inexplicáveis durante a noite ou até relatos de um avistamento.

Por fim, conseguiu sair da cama. Quando os seus pés tocaram o chão, o seu ânimo elevou-se um pouco. Decidiu abordar o dia tal como Coco, levando o seu tempo a escolher as roupas para o enfrentar, dando-se ao trabalho de domar o cabelo e aplicar maquilhagem, tentando pensar em algo que tivesse prazer em

fazer. A apatia tinha de ser eliminada. Odiava aquilo.

A manhã ia a meio quando saiu do quarto e o Hotel Gôndola estava movimentado. Kat trocou um aceno de cabeça e um *buongiorno* com vários hóspedes na escada, e encontrou o átrio cheio com um grupo de turistas barulhentos a fazer o *check-in*.

Rosetta Rees estava parada de um lado, junto a uma janela com cortinas, folheando as páginas do seu guia *Fodor's* para a frente e para trás.

– Bom dia – saudou-a Kat.

Rosetta olhou para cima, a sua expressão distraída, e depois sorriu.

– Oh, olá, estou muito contente por a ter encontrado. Obrigada por me apresentar aos seus amigos.

– Teve um bom jantar com eles?

– Um jantar maravilhoso num sítio que eu nunca encontraria nem se me pagassem um milhão de libras. Depois tomámos um *digestivo* num bar onde todos pareciam conhecer a Coco e o Vittorio, então voltei num táxi aquático um pouco tarde, e foi por isso que não me levantei cedo.

– Aonde está a planear ir? – perguntou Kat.

– É isso que não consigo decidir. Pretendia visitar a Galeria da Accademia, mas acho que merece que lhe dedique um dia inteiro, portanto estou a pensar se deveria visitar o Museu Peggy Guggenheim. – Rosetta olhou para Kat, como se esperasse que ela tivesse a resposta.

– Na verdade, nunca estive em nenhum desses museus.

– A sério? – Rosetta pareceu espantada.

– Ouvi dizer que o Peggy Guggenheim tem um bom café – ofereceu Kat debilmente. – Uma das hóspedes disse-me que é caro, mas servem um chá decente.

– O chá é sempre bem-vindo depois de uma visita às pinturas do século xx. Talvez eu vá lá. Gostaria de se juntar a mim? Se nunca foi e tenciona ir... Mas deve estar terrivelmente ocupada. Na verdade, ontem à noite percebi de onde a reconheço. Está a trabalhar aqui noutra programa de televisão?

– Num livro, na verdade.

– Que interessante.

– Nem por isso – disse Kat. – Resume-se a estar sentada sozinha numa sala com um portátil; é o oposto de interessante. Talvez eu deva ir ao Guggenheim, só por uma hora ou assim. Pode ser algo sobre o que escrever.

Tomaram o *vaporetto* número 1 que ziguezagueava pelo Grande Canal, cada vez mais apertadas e desconfortáveis à medida que mais turistas se amontoavam a bordo. Rosetta parecia não se importar com a multidão.

– Estou habituada a isto – explicou a Kat quando desembarcaram. – Durante anos andei de metro todos os dias para ir trabalhar à hora de ponta. Pelo menos num barco podemos desfrutar da vista.

– Ontem à noite não disse que é professora de ioga?

– Sim, mas na altura ensinava História numa escola secundária. O ioga era apenas um *hobby* até que decidi reformar-me cedo e tirar um curso para poder ensiná-lo. Foi a melhor coisa que fiz.

– Deve ser por isso que tem uma postura tão boa.

– É bom para o corpo e para a mente – disse Rosetta. – A Kat vem experimentar? Combinámos uma aula no jardim da Coco amanhã de manhã. Ela pareceu-me segura de que não iria querer perdê-la.

– Tenho a certeza de que sim – disse Kat ironicamente.

Parecendo entender o seu tom, Rosetta sorriu.

– Ela é uma personagem, sem dúvida.

Kat descobriu, para sua surpresa, que gostava de tudo na Coleção Peggy Guggenheim. Muitas das pinturas lembravam os quadros de Ruth, formas abstratas, explosões de cor preenchidas com energia e movimento. Agradava-lhe especialmente como o *palazzo* estava mobiliado, pois a sensação era a de ver arte na casa de alguém ao invés de numa galeria vasta e sem personalidade. E o jardim de esculturas, repleto de visitantes, era curiosamente tranquilo. Depois de ter a sua dose de quadros, ficou sentada por muito tempo numa velha pérgula de pedra sob as árvores, pensando principalmente no seu livro, mas não da habitual maneira que a deixava meio em pânico.

A voz de Rosetta sobressaltou-a.

– A Kat parecia perdida em pensamentos.

– Oh. Olá. Sim, e estava, na verdade.

– Quer tomar aquela chávena de chá agora? Preciso de uma pausa antes de começar com os futuristas.

– Claro – concordou Kat.

O café era totalmente branco e moderno, com fotografias emolduradas da rica colecionadora de arte Peggy Guggenheim penduradas nas paredes e um terraço envidraçado com vista para o pátio arborizado. Elas pediram chá, com alguns doces, por insistência de Kat.

– Estou muito contente por me ter convidado – disse ela a Rosetta.

– É um lugar especial, não é?

– Sim, e era aquilo de que eu precisava. Parece que já não consigo sentar-me e começar a escrever logo de manhã. Hoje acordei com um humor particularmente estranho, tudo me parecia demasiado difícil.

– Conheço esses humores.

– A Rosetta? Nunca me sinto assim, nem pareço eu. Mas ultimamente tenho andado confusa: animada, em baixo, à beira das lágrimas, umas mudanças loucas de humor que acontecem sem motivo e sem qualquer aviso – confidenciou Kat.

– Aconteceu-me exatamente o mesmo quando tinha mais ou menos a sua idade. A menopausa não é divertida.

– Menopausa? – A cabeça de Kat recuou. – Não me parece.

- Quantos anos tem?
 - Tenho cinquenta e tudo o resto está normal, portanto não é possível.
 - O ioga pode mesmo ajudar – continuou Rosetta. – Algumas das posturas restauradoras e apoiadas são...
 - Eu não estou na menopausa. Ainda não.
 - Talvez seja apenas o começo, as primeiras fases – disse Rosetta gentilmente.
 - Julgo que se chama perimenopausa.
 - Não! – Kat pôs as mãos sobre as orelhas. – Não quero ouvir.
 - Está bem, mas é completamente normal.
- Ela baixou as mãos e olhou para Rosetta com horror genuíno.
- Eu não quero ser normal.

*

Kat regressou ao hotel a pé numa tentativa de desanuviar as ideias. Fez a sua caminhada habitual em Veneza, atravessando rapidamente passagens abrigadas pela sombra e contornando esquinas que pareciam interessantes, mesmo que não a levassem na direção certa.

As palavras de Rosetta ecoavam na sua mente. Como poderia estar a entrar na menopausa? Não tivera um único afrontamento ou qualquer outro sintoma de que as mulheres falavam, pele seca e insónias, a perda de interesse no sexo. Não, aquilo tinha de ser outra coisa, com certeza.

Atravessando um *campo* extenso, Kat percebeu que tinha percorrido aquele caminho várias vezes antes. Começava a reconhecer todos os cantos da cidade. Perder-se em Veneza tornara-se mais difícil e Kat sentia falta disso; gostava de não saber exatamente onde estava.

Encontrava-se tão absorta em pensamentos que não se deu conta do céu a escurecer. Porém, ouviu o estrondo do trovão, baixo e longo, e sentiu o vento aumentar antes de a chuva começar a cair. Na rua, as pessoas em volta dela debatiam-se com guarda-chuvas ou tentavam enfiar capas de plástico. Kat correu para a porta de uma loja em busca de abrigo e encolheu-se ao lado de uma velha veneziana e do seu carrinho de compras. Aquelas tempestades de verão pareciam vir do nada, comentou a mulher com Kat em italiano, confundindo-a com um dos habitantes locais. E Kat, que agora compreendia um pouco da língua, mas ainda se esforçava para dizer uma palavra, assentiu e sorriu.

A chuva diminuiu, mas não mostrou sinais de parar. Apercebendo-se de que estava perto do Locanda Dante, Kat decidiu correr até lá. Um copo de vinho e algo bom para comer compensariam ter-se molhado.

Agora era uma visitante familiar na *osteria* e tinha o hábito de acenar à equipa de empregados que por fim havia sido contratada, e depois seguir direta pelas portas duplas para a cozinha. Dante parecia sempre contente ao vê-la. Se o restaurante estivesse movimentado, Kat podia pôr um avental e ajudá-lo cortando cebolas. Quando estava mais tranquilo, ele muitas vezes dava-lhe a provar novos

pratos, sabendo que obteria uma opinião honesta.

Naquele dia, Kat chegou num momento de calmaria. Dante tomava café e conversava com o ajudante de cozinha sobre cortes de carne de porco e a melhor maneira de os usar.

– Ah, que tempo terrível hoje – disse ele quando ela apareceu, com o cabelo todo húmido. – Espero que não esteja assim para a Festa del Redentore.

Ultimamente, as pessoas discutiam os seus planos para a grande festa de Veneza, como iriam comemorar e o lugar preferido para assistir ao espetáculo de fogo de artifício da noite de sábado.

– Vai abrir a *osteria* nessa noite? – perguntou Kat.

– Sim, mas vamos fechar mais cedo porque ninguém vai querer perder o espetáculo, inclusive eu. É mágico ver as torres e as cúpulas da cidade iluminadas.

– Será a minha primeira *festa* – disse Kat.

– Então também deve ver as regatas e atravessar a ponte flutuante até à Giudecca para comprar sacos de nozes açúcaradas das barraquinhas de lá. Nós adorávamos todas essas tradições em criança. Mas para mim sempre foram os fogos de artifício, acima de tudo. São espetaculares.

– Onde irá vê-los?

– A melhor vista é a partir de um barco. Talvez este ano eu pegue na gôndola. Também devia vir.

– Adoraria – disse Kat, percebendo um segundo mais tarde que não deveria ter aceitado o convite porque certamente Massimo estaria à espera de que passassem aquela noite juntos.

– Ótimo, vamos passar um bom bocado, tenho a certeza. – Dante sorriu-lhe. – E para agora, já comeu? Não? Há um prato que ando a experimentar e que quero que prove.

Serviu-lhe legumes de verão assados, temperados com um sorvete leve de orégãos e enriquecidos com um creme denso de amêndoa, e ela comeu um prato inteiro ao lado de uma janela aberta, a brisa quente e húmida no rosto, o cabelo secando e frisando-se enquanto Dante continuava a falar sobre o festival.

– Quando éramos mais novos, os meus irmãos e eu costumávamos ir ao Lido nadar, quando os fogos de artifício acabavam, e ficávamos acordados a noite toda na praia. Agora prefiro fazer um piquenique no barco e comer à luz das estrelas.

– Isso soa maravilhoso – disse Kat, interrogando-se se haveria alguma maneira de conseguir acompanhá-lo.

– Vai ser, prometo.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 13

Já experimentaram fazer ioga? É mais difícil do que parece. Mesmo deitada no tapete com os braços ao meu lado, eu podia sentir a anca esquerda a doer e as costas a ranger. E quanto a dobrar-me para a frente e tocar com as pontas dos dedos no chão... Dei uma olhadela à Coco e fiquei mortificada ao ver que ela parecia mais flexível do que eu.

A manhã não tinha começado muito bem. A Rosetta e eu chegámos a casa da Coco para dar com ela com uma expressão intempestiva no rosto. Acontece que o Vittorio tinha acabado de telefonar, queixando-se de uma constipação de verão, e não ia.

– E depois de eu me ter dado ao trabalho de pedir emprestados tapetes especiais e ter comprado estas roupas elásticas – reclamou a Coco, que estava vestida de licra.

Não era o verdadeiro motivo para a sua zanga, claro, mas a Rosetta continuava a não fazer ideia do esquema casamenteiro. Ela achava que nos tínhamos reunido para uma aula de ioga.

– Talvez ele esteja melhor daqui a uns dias e possamos combinar outra aula – disse ela suavemente. – Na verdade, só nós as três hoje vai ser muito agradável, muito tranquilo.

E o jardim da Coco era especialmente pacato, com o canto dos pássaros e uma ligeira brisa agitando suavemente as folhas das árvores. Ao fim de algum tempo, o meu corpo começou a alongar-se para as posturas com um pouco mais de facilidade e havia uma qualidade tranquilizadora na voz da Rosetta quando descrevia como deveríamos respirar e mover-nos.

No final, pediu-nos para ficarmos imóveis nos tapetes e esvaziarmos as nossas mentes. A minha mente está sempre a zumbir com centenas de pensamentos e não consigo desacelerar, quanto mais esvaziá-la completamente. Ali deitada, estava ciente de cada dor e músculo nodoso no meu corpo. Contorcendo-me desconfortavelmente, olhei de relance para a Coco e fiquei irritada ao vê-la esticada no tapete com serenidade, os olhos fechados, a barriga subindo e descendo a cada respiração.

Terminámos a sessão sentadas, com as palmas das mãos unidas.

– *Namaste* – disse a Rosetta, e nós repetimos a palavra.

Eu mal podia esperar para sair daquele tapete, mas a Coco manteve a sua postura por mais alguns instantes.

– Uma maneira maravilhosa de começar o dia – declarou ela.

– Mexe-se muito bem – disse a Rosetta com admiração. – É difícil acreditar que nunca fez ioga.

– Sempre fui bailarina – explicou a Coco. – Sempre gostei de usar o meu corpo para todas as coisas para as quais ele serve.

– Não está nem um bocadinho dorida? – perguntei amargamente.

– Se me doer alguma coisa, ignoro a dor – declarou a Coco. – Não quero ser aquela pessoa que geme sempre que se levanta da cadeira.

– É muito inspiradora. Quantos anos tem? – perguntou a Rosetta, para minha alegria, porque estava a morrer de vontade de saber, mas não ousava fazer a pergunta.

A Coco recusou-se a dar-lhe uma resposta direta. Em vez disso, com uma risada, disse:

– Não há sentido em fazer tal esforço para permanecer jovem, se eu revelar a minha idade.

Enquanto a Coco se entregava aos seus rituais de preparação para o dia, eu fazia um saudável pequeno-almoço pós-ioga, com a Rosetta a conversar comigo à medida que eu cortava fruta. Ela queria saber como tinha eu acabado em Veneza, por isso fiz-lhe um pequeno resumo dos pontos altos.

– Parece uma mudança ousada – disse ela, quando terminei. – Admiro a sua coragem, mas eu nunca faria isso sozinha.

– A sério? Não se mudaria para Veneza para viver uma grande paixão?

– Meu Deus, não, nem pensar, sou muito cautelosa.

– Mas deixou o seu emprego para ensinar ioga – apontei.

– Isso é diferente; foi a minha recompensa por todos aqueles anos de trabalho duro e envolveu muito planeamento.

– E se por acaso conhecesse um tipo fantástico enquanto estivesse aqui?

– Eu nunca desmantelaria a vida que trabalhei tanto para criar desde que me divorciei nem arriscaria toda a minha felicidade – disse a Rosetta, com certeza. – Não importa quão fantástico ele fosse.

Fiquei muito contente por a Coco ter ficado fechada na casa de banho, besuntando-se de cremes ou tirando fios de cabelo solto, ou seja lá o que for que ela passa tanto tempo a fazer. Ela não ficaria nada satisfeita em saber até que ponto a Rosetta era uma péssima candidata aos seus planos casamenteiros.

Tomámos o pequeno-almoço no jardim. O dia preparava-se para ser abrasador e a Rosetta tinha planos para procurar o ar condicionado de um museu ou galeria.

– Primeiro deve vir à minha loja – instruiu a Coco. – Está cheia de coisas bonitas e quero oferecer-lhe algo especial como agradecimento por esta manhã.

– Oh, não é preciso, tive muito gosto em fazer isto. Nunca esperei nada em troca.

– Eu sei. Mas tenho lá um vestido que é só para si. Estou certa disso.

Como sempre, a minha amiga tinha razão. A Rosetta ficava deslumbrante no vestido de estilo marroquino, com mangas ondulantes e bordados intrincados. A Coco pendurou-lhe algumas das suas próprias contas ao pescoço para completar o visual.

– Mais colares? – interrogou-se a Coco, recuando. – Talvez não.

A Rosetta olhou para seu reflexo no espelho.

– Eu estou...

– Linda – completei.

– Eu ia dizer que nem pareço a mesma. Mas a minha filha iria adorar. Importa-se de me tirar uma foto com o meu telemóvel para que eu possa enviar-lha?

– Não sabia que tinha uma filha – disse eu.

– Sim, e um filho também – disse a Coco. – Mas agora são adultos e têm as suas próprias vidas. Não é verdade, Rosetta?

– É, sim. Estou à espera de netos um dia, mas nenhum deles parece disposto a dar-me já um.

– Vivem os dois em Londres? – perguntei.

A Rosetta assentiu com a cabeça.

– Tenho muita sorte por nenhum deles se ter afastado muito de casa e eu poder vê-los com frequência.

Não sei se a Coco começava a perceber que o seu plano estava em ruínas. Suspeito que ela ainda achava que podia juntá-los à força, o seu amante solitário e esta mulher elegante e muito organizada. Mas não se pode forçar as coisas que devem acontecer naturalmente, pelo menos na minha opinião. Nem mesmo se formos a Coco.

– Devia usar esse vestido novo numa noite romântica – estava ela a dizer à Rosetta quando saí da loja. – É exatamente para o que foi feito.

Kat ansiava por uma mudança de cenário e percebeu que teria de se deslocar para mais longe a fim de a encontrar. Pediu a Massimo que lhe sugerisse um lugar não muito distante que não se parecesse tanto com Veneza.

– Queres afastar-te da multidão? – adivinhou ele. – Sinto sempre o mesmo nesta época do ano, quando a cidade parece estar a rebentar pelas costuras. Há um lugar que é bonito e ainda assim bastante perto. Chama-se serra dei Giardini e está escondido perto dos jardins da Biennale. Tem um café e uma florista, e muitas vezes há exposições. Acho que vais gostar.

– Vens comigo? – convidou Kat.

– Adoraria, mas não posso tirar o dia de folga.

– Não é o dia todo, apenas algumas horas? – pediu ela, esperançosa.

– O hotel está cheio e temos pessoal de baixa. Desculpa, Kat. Quando o verão acabar, teremos mais tempo para nós, talvez possamos até tirar férias.

Kat encolheu os ombros para afastar a decepção.

– Já me conheces. Fico sempre bem sozinha.

– És a mulher mais independente do mundo – disse ele, sorrindo agradecido, antes de lhe dar um beijo de despedida. – Depois diz-me o que achaste, quando voltares.

*

A serra dei Giardini revelou ser uma estufa, um edifício de vidro *art nouveau* repleto de luz e plantas. Dentro desse oásis, Kat encontrou o café e pediu uma tisana, depois sentou-se por algum tempo numa cadeira de ferro forjado, com o portátil aberto na mesa à sua frente. Observava mais as pessoas do que trabalhava. Havia crianças a correr à volta do pátio do lado de fora, clientes a comprar flores e vasos de plantas, um casal sentado a uma mesa, um grupo de jovens mães a outra.

Mais ninguém estava ali sozinho, notou Kat. Não parecia Veneza, Massimo tinha razão. Se não fossem as vozes italianas ecoando ao seu redor, poderia estar praticamente em qualquer cidade europeia. Kat começava a sentir falta do mundo e de toda a sua variedade. Como seria bom ficar numa rua em alguma cidade asiática barulhenta a comer *noodles* fritos e escorregadios? Estar cercada por arranha-céus, em vez de *palazzi* decadentes, ouvir carros rugindo pelas ruas em vez do barulho

de malas? Veneza era mágica, mas também era sufocante, uma cidade que mal mudava.

Kat comprometera-se a passar um ano ali e estava determinada a conseguir. Tinha chegado no início da primavera e agora estava no auge do verão – um bom período de tempo para ficar no mesmo lugar para alguém que passara anos em movimento. Ultimamente tinha a sensação de que a sua vida se assemelhava a uma linha de comboio, indo sempre para os mesmos lugares, fazendo sempre as mesmas coisas. Por muito que gostasse de Veneza, havia momentos em que se sentia encurralada pela cidade.

Muitas vezes, Kat dava por si a sonhar em viajar de novo. Já se pusera a elaborar uma lista de destinos que nunca visitara e aos quais planeava ir um dia. Arranjaria uma maneira de fazer com que isso acontecesse. Talvez pudesse gravar um programa para a internet? Ou apresentar viagens de aventura intrépidas? Ou viajar pelo mundo trabalhando em bares de hotel; qualquer coisa que envolvesse vistas diferentes e pessoas novas, incerteza e emoção.

Pensou em Massimo e no quanto ambos sentiriam a falta um do outro. Para duas pessoas que partilhavam um espaço tão pequeno, eles conseguiam viver vidas bastante distintas a maior parte do tempo. E, no entanto, quando estavam juntos, naquele dia do passeio de barco, por exemplo, ou à noite na cama, encaixavam-se como peças de um quebra-cabeças.

Havia algo nele que a acalmava, que diminuía a velocidade de Kat. Gostava de o ver a dormir ao seu lado, gostava da forma como ele a olhava quando não se viam por algumas horas, gostava de se sentar com ele do lado de fora de um *bacaro* e ver as pessoas passarem. Ele fazia-a sentir-se feliz e tranquila.

E depois havia um sentimento mais estranho que a dominava em momentos inesperados; uma sensação quase física, uma necessidade e um desejo que a assustavam. Era aquilo o amor? Kat ainda não tinha a certeza. Nem tinha a certeza do que aconteceria quando chegassem ao final do seu ano juntos. Sempre imaginara que até lá tudo seria muito mais claro. Continuou a esperar que sim. Suspirando, fechou o portátil. Depois ouviu uma voz a chamar pelo seu nome.

– Kat? Kat Black? Ah, é mesmo a Kat.

Ele era alto, de camisa xadrez e óculos de armação escura, cabelo rapado, rosto bem barbeado. Definitivamente, um executivo de televisão, mas ela não o reconheceu.

– Garry Clarke – recordou ele, estendendo-lhe a mão.

– Claro – disse ela calorosamente. – O que o traz a Veneza?

– Estou cá com a família. – Apontou para o parque, onde presumivelmente algumas das crianças cheias de energia eram dele. – Só umas miniférias. E a Kat?

– Estou a trabalhar num livro e a passar um ano inteiro mergulhada neste lugar.

– Meu Deus, isso parece ótimo.

– É, sim. Estava a pensar em produzir uma série na internet, na verdade. Uma coisa simples, sem envolver equipa de filmagens, a Veneza secreta, os lugares que só os moradores conhecem, esse tipo de coisa – improvisou ela desenfreadamente.

– O quê? E pô-la no YouTube?
– Sim, porque não? O livro é a verdadeira razão pela qual estou aqui, mas este poderia ser um projeto muito interessante.

– E a Kat seria a apresentadora?

Kat sentiu que havia captado o interesse dele.

– Não, estou a pensar apenas numa narração, Veneza seria a estrela.

Enfiando a mão no bolso, ele tirou uma pequena caixa prateada.

– Deixe-me dar-lhe o meu cartão. Estou sempre à procura de novos conteúdos. E o seu antigo programa já terminou por esta altura, certo? Então está livre para mudar para algo novo?

– Claro que sim. – Kat olhou para as palavras em relevo no quadrado de papel de alta gramagem: Garry Clark, diretor-geral, programas factuais. Em algum momento, ela devia ter-se sentado a uma mesa da sala de reuniões daquele homem ou ao lado dele num pufe colorido na área criativa do seu escritório.

– Envie-me um *e-mail* e delineie algumas das suas ideias – sugeriu Garry. – Isso pode ter potencial para ser mais do que uma série na internet. Obviamente, temos o nosso processo de *pitching*, mas vamos manter as coisas informais por enquanto.

– Obrigada – disse ela descontraidamente. – Assim farei.

– Pode sempre filmar algumas cenas de amostra, editar um pequeno clipe e dar-me uma ideia daquilo que pretende. Não posso garantir nada, mas a Kat Black em Veneza definitivamente tem potencial.

– Tem muito potencial – concordou Kat. – E eu tenho ótimas ideias que sei que vai adorar. Vou concretizar algumas para si nas próximas semanas.

Conversaram um pouco mais de tempo – Kat recomendando alguns restaurantes onde comer e um passeio que ouvira dizer que era divertido com as crianças.

– Tenha umas ótimas férias – despediu-se ela, quando Garry se virava para ir ao encontro da família.

– E a Kat tenha um ótimo ano. Estou com inveja.

Manter uma expressão neutra quase matou Kat. Estava a ferver de entusiasmo, e no momento em que Garry desapareceu, pegou no telemóvel e mandou uma mensagem à sua agente.

Ligue-me! Propus acidentalmente uma série a um diretor de programas chamado Garry Clark e ele parece interessado. Despediu-se com um polegar levantado, um rosto sorridente e uma gôndola. Com sorte, a agente morderia o isco.

Kat nunca perdeu a esperança de poder encontrar uma forma de regressar à sua antiga vida. O cancelamento de *As Viagens de Kat Black* no ano anterior não fora uma grande surpresa. As audiências tinham diminuído, a produção do programa era dispendiosa e Kat era uma cara antiga quando havia muitas mais caras novas e mais jovens a chegar. Tinha visto as carreiras de outras pessoas pararem, mas isso não o tornava menos devastador, quando chegou a vez dela.

A sua agente tinha sido otimista no início, mas depressa parou de responder aos *e-mails*. Kat já não era uma das suas grandes estrelas e saber isso doeu. Então, aproveitou aquele encontro casual como o começo da mudança da situação. Tudo o que precisava era de um grande *pitch* que atraísse a atenção de Garry Clark e Kat voltaria finalmente aonde deveria estar.

No seu caminho de regresso ao hotel, analisou ideias. Devia fazer algumas filmagens iniciais no seu telemóvel ou arranjar uma câmara? E onde iria começar? Filmando Coco na loja, talvez, ou Dante na cozinha da *osteria*. Não, o começo óbvio era a Festa del Redentore. Tinha história, cor e entusiasmo, e se aceitasse o convite de Dante para sair na gôndola da família dele, ela estaria no centro de tudo isso.

De volta ao Hotel Gôndola, foi direta ao escritório de Massimo. Ele estava lá, como esperado, hipnotizado pelas colunas de números no ecrã do computador.

– Como foi a serra dei Giardini? – perguntou ele, sem tirar os olhos do ecrã.

– Ótimo, mesmo ótimo e tive uma ideia incrível enquanto lá estava. Podemos ir tomar um copo de vinho e conto-te tudo?

– Kat, preciso mesmo de...

– Por favor?

– Está bem – concordou ele –, uma *ombra* rápida.

Foram ao *bacaro* do costume e Kat insistiu em pedir cones de papel cheios de lulas fritas e pimentos de *piquillo* recheados. Enquanto comiam e bebericavam copos de vinho branco seco com gás, ela descreveu o seu plano.

Massimo parecia estupefacto.

– Como é que vais fazer um programa de televisão sozinha? Na tua antiga série, não tinhas uma equipa que te acompanhava?

– Sim, mas o *Kat Black em Veneza* será diferente, cru e direto, com episódios mais curtos. E neste momento estou apenas a montar um episódio-piloto, lembraste?

– Já alguma vez gravaste ou editaste imagens? – Massimo ainda parecia duvidoso.

– Não, mas vi outras pessoas em número suficiente. E agora há um tutorial no YouTube que ensina como fazer praticamente qualquer coisa, por isso vou aprendendo à medida que avanço. Tenho a certeza de que posso fazer com que isto resulte. Farei algumas experiências nos próximos dias e, depois, começarei a filmar a sério na Festa del Redentore. Um vizinho da Coco tem uma gôndola na qual me pode levar.

– Porque não filmá-la do meu barco? Eu podia ajudar-te.

Kat sentiu-se dividida, mas o trabalho venceu.

– Obrigada, mas uma gôndola seria melhor, por não ter um motor barulhento. Além disso, é mais veneziano.

– Isso é verdade. – Massimo parecia desapontado.

– Mas definitivamente adorava sair no teu barco e filmar algumas das ilhas. E não te preocupes, se filmarmos qualquer um dos teus lugares especiais, não revelarei a localização exata.

Ele sorriu para ela.

– Veneza secreta de novo?

– Receio bem que sim. Mas também o hotel: eu podia filmar à noite, quando só os fantasmas estão por perto. Ou de manhã muito cedo, no terraço, quando a luz é tão suave e rosada.

Massimo agarrou-se àquela ideia, tal como Kat sabia que aconteceria.

– Mas não os hóspedes – acrescentou ela –, ou pelo menos não sem a permissão deles, mas todos os funcionários estaria bem. Talvez até faça um dia na vida do Hotel Gôndola, com fotografia em *time-lapse*.

– Estas filmagens não te vão distrair muito do livro?

– Não, consigo fazer as duas coisas – disse Kat com confiança. – Talvez até ajude o livro, quem sabe.

A verdade é que o livro, com as suas receitas que precisavam de testes e a concentração exigida para a escrita, estava longe de ser tão interessante quanto filmar. Kat não se importou nada com a distração. Comprou um tripé para o telemóvel e depois descobriu que a câmara também gravava imagens de vídeo decente.

Dante estava entusiasmado em ajudá-la a filmar a Festa del Redentore e Kat estava determinada a captar muitas imagens dele a manobrar a gôndola. Com os seus traços uniformes e aqueles olhos verdes, ficaria incrível nas imagens.

Tinha esbarrado com ele no mercado de Rialto bastante cedo, enquanto praticava filmando os vendedores que se preparavam para o dia. Quando lhe explicara o seu plano, ele mostrara estar cheio de ideias.

– Vai querer filmar no *squero*, é claro – disse ele.

– Sim, foi uma pena ter perdido a oportunidade de os filmar a chamuscar a gôndola nova.

– Não vão construir outra tão cedo, mas talvez possamos arranjar qualquer coisa. Deixe-me falar com o meu pai. E o Locanda Dante? Está a pensar em fazer algo lá?

– Imagens suas a comprar marisco, depois a prepará-lo na *osteria*, pratos a saírem cheios e a voltarem vazios, muito movimento.

– Talvez haja uma maneira de incorporar uma receita nisso – sugeriu Dante.

– Isso é um bom plano. – Kat sentira saudades de um *brainstorming* daqueles.

– A comida é muito difícil de filmar?

Kat anuiu.

– É difícil fazê-lo bem. Idealmente, teríamos um operador de câmara decente. Se eu conseguir a aprovação do meu executivo de televisão, então terei orçamento, mas por enquanto parto do princípio que sou só eu.

Até a agente de Kat fora encorajadora. Agora respondia às mensagens mais depressa, como nos velhos tempos, e estava interessada na ideia de um pequeno episódio-piloto para despertar o interesse de Garry Clark.

Tudo começava a compor-se muito bem e Kat sentiu-se como se Veneza pudesse ser exatamente o sítio onde afinal precisava de estar. A cidade estava a operar esse milagre, atirando-a para o caminho de um executivo de televisão, justamente quando ela precisava de um novo projeto para renovar energias.

Sentia-se exatamente como nos primeiros tempos de *As Viagens de Kat Black*: a mesma sensação de fazer algo novo, de risco e aventura. Naquela noite, trabalhando atrás do bar do Hotel Gôndola, nada a incomodava. Hóspedes com exigências obscuras de *cocktails*, uma súbita acumulação de pedidos, Zita preocupada com coisas que realmente não tinham importância, ficar sem xarope de flor de sabugueiro e ter de trocar o *cocktail* da semana a meio da noite, nada disso a afetou como afetaria.

Kat sentiu-se viva novamente e foi um grande alívio.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 14

A Festa del Redentore é a forma de os venezianos celebrarem o fim de um terrível surto de peste na sua cidade desde o século xvi. Todos os anos, em julho, é construída uma ponte flutuante a partir de Zattere até à igreja do Redentor e dedica-se um dia a festividades religiosas. O sábado é dia de festa, com corridas de barcos e um magnífico espetáculo de fogos de artifício que todos se reúnem para ver.

Se forem um dos moradores e possuírem um barco, a água é o lugar certo para estarem. Por sorte, conheço alguém que tem acesso a uma gôndola. Há pouco tempo, visitei um *squero*, um dos poucos estaleiros remanescentes onde essas embarcações exclusivas de Veneza ainda são construídas da maneira tradicional. Cheguei a tempo de ver os mestres artesãos dobrarem a madeira usando o calor de tochas flamejantes.

Um passeio de gôndola sempre me pareceu algo demasiado turístico, mas quando o *chef* Dante Berardi, que é filho do construtor de gôndolas, se ofereceu para me levar, eu agarrei a oportunidade. E certamente não ia recusar um convite para ir com ele uma segunda vez e assistir aos fogos de artifício do Redentore.

Preparámos um piquenique delicioso. Trouxe uma *focaccia* coberta de cebola que eu tinha caramelizado em vinagre balsâmico e tomilho, e uma garrafa de *Prosecco* muito bom. O Dante superou-me com uma salada de deliciosos tomates de verão e lulas grelhadas no carvão, bem como uma pasta *al forno* com fios de queijo derretido e almôndegas de carne picada temperada com funcho.

Quando saímos do *squero*, os canais secundários pareciam calmos. Não deve existir uma maneira mais tranquila de viajar do que de gôndola. Sem qualquer motor a trabalhar, podemos ouvir os sons ao nosso redor, os ecos sob as pontes, o zumbido das conversas e da música dos bares por que passamos.

Chegando à bacia de San Marco, vimos as multidões alinhadas ao longo das margens e uma flotilha de barcos ancorados decorados com luzes e flâmulas, barulhentos de música e pessoas.

Todos esperavam pelas onze e meia, altura em que os fogos de artifício começavam. À hora exata, as antigas torres e cúpulas foram iluminadas com chuveiros de cor brilhante e branco resplandecente. Havia tanta beleza em todos os lugares que era difícil saber para onde olhar. Senti-me afortunada por estar aqui, a

viver este momento essencialmente veneziano, com o meu próprio gondoleiro para me guiar.

É claro que o Dante assiste a um espetáculo como este todos os anos. Ele vem à Festa desde pequeno e não se consegue lembrar de ter perdido uma nos anos em que viveu na cidade. Mas eu não me lembro de ter visto nada semelhante. Para mim, parecia que Veneza estava a explodir de alegria.

Depois as celebrações começaram de novo; podíamos ouvi-las ecoando pela bacia. Então avançámos mais, até a música ser um murmúrio. O Dante encontrou um lugar para atracar e comemos o nosso piquenique da meia-noite – embora já passasse muito da meia-noite por essa altura. Os sabores parecem sempre mais intensos quando estou na água e comi a contemplar o céu, todo negrume e diamantes brilhantes. O ar da noite estava fresco e Veneza reluzia.

Para a nossa sobremesa, o Dante serviu alguns biscoitos de amêndoa a que chamava *fregolotta*, bem como passas embebidas em *grappa*. Comemos um pouco mais, conversámos sobre isto e aquilo, e deixámos o tempo passar. A luz do dia começava a iluminar o céu no momento em que empreendemos o nosso lento regresso à cidade. Tínhamos ficado muito mais tempo do que o pretendido, e o dia seguinte deveria ser, sem dúvida, tranquilo.

Veneza mostrou a sua aprovação oferecendo-nos uma manhã gloriosa. Estava tudo muito silencioso e, à luz do amanhecer, os palácios que se alinhavam no Grande Canal brilhavam com rosas suaves e ouro velho, e a água refletia-os como um espelho. Foi uma noite memorável e sentir-me-ei sempre grata por isso.

INSERIR FUTURA RECEITA DE *FREGLOTTA*
(ver se o Dante quer partilhar a sua?)

Havia muitas lacunas, demasiados detalhes que não podia partilhar com os seus leitores, e Kat compreendia agora que ia ficar contente com as receitas, pois pelo menos estas alongavam um pouco mais os capítulos.

Até escrever sobre a Festa del Redentore tinha sido complicado. Parecia melhor não mencionar as filmagens porque havia todas as hipóteses de que a sua série de televisão não acontecesse. Além disso, quando Kat descarregou as imagens para o computador, a maior parte foi dececionante. O que viu no ecrã não correspondia às imagens na sua mente.

E havia outra coisa que estava relutante em abordar. Lá fora, na semiobscuridade, a gôndola balançando suavemente nas ondas, Kat sentiu-se mais livre. Enquanto comiam o que tinham trazido, ela e Dante falaram e falaram, sedentos de conversa, ansiosos por partilhar os seus pensamentos, histórias e opiniões. Kat não se conseguia lembrar de ter tanto a dizer a um homem numa única noite. Por algum tempo, permitiu-se esquecer a diferença de idades entre ambos. Quantos anos tinha Dante? Talvez andasse pelos trinta e poucos, a uma geração de distância.

Kat não precisava de se sentir culpada de nada, pois nada havia acontecido, e ainda assim sentia. Quando Dante a deixou no pequeno patamar do lado de fora do Hotel Gôndola, ela correu lá para dentro como uma adolescente rebelde, evitando cruzar o olhar do rececionista enquanto atravessava a receção.

Conseguiu deslizar por entre os lençóis sem acordar Massimo. O sono não veio, embora ela tenha fechado os olhos e encostado firmemente o rosto à almofada. O despertador não tardou a tocar e Massimo a pôr as pernas fora da cama.

- Bom dia – disse Kat suavemente.
- Ah, estás acordada. Como correu a noite? Voltaste tarde?
- Foi fantástica. Viste alguma coisa?
- Não, mas todos os hóspedes foram. A Zita teve a ideia de oferecer chocolate quente quando eles voltaram, por isso fiquei aqui e ajudei-a.

Kat sentiu-se ainda mais culpada.

- Ela não me disse nada. Também devia ter ajudado.
- E perderes a tua primeira festa? Foram apenas algumas chávenas de chocolate quente. Nós arranjámo-nos bem sem ti.

Nos dias que se seguiram, Kat continuou a filmar. Gravou cenas sem fim de gondoleiros nas suas camisolas listadas e chapéus de palha, passou uma manhã seguindo um dos clubes de remo a treinar para uma regata, perseguiu Coco na loja, filmou o nascer e o pôr do Sol. Estava a melhorar, mas ainda não era boa o suficiente.

Se havia uma coisa que tinha em abundância eram contactos. Enviou *e-mails* aos operadores de câmara com os quais havia trabalhado ao longo dos anos, pedindo conselhos. Vários responderam dizendo que ela nunca conseguiria o que queria, que precisava de um profissional, depois forneceram-lhe os seus honorários e as datas em que estavam disponíveis. Isso só a tornou mais determinada.

Ao fim de uma tarde, Zita encontrou-a no bar, com a sua câmara num tripé, filmando *close-ups* de si mesma a preparar um *cocktail*.

– O que está a fazer? – perguntou ela.

– O Massimo não lhe contou? Estou a tentar filmar um episódio-piloto de televisão.

– Sobre *cocktails*?

– Não, sobre Veneza, uma espécie de videoblogue do meu tempo aqui.

– Porquê? – perguntou Zita, parecendo surpreendida.

– É o que eu faço: programas de televisão.

– Mas pensei que já tivesse desistido disso?

– Estou a experimentar uma abordagem diferente. Neste momento, ainda está tudo numa fase inicial.

– Posso ajudá-la?

Kat não gostou da ideia.

– Bem, eu...

– Provavelmente eu não teria utilidade – acrescentou Zita rapidamente. – Não tenho nenhuma experiência em filmagens. Mas adoraria se houvesse algo que pudesse fazer.

Ela parecia tão desesperadamente entusiasmada e Kat lembrou-se daquele dia em que passeara pela lagoa com Massimo e que só acontecera graças a Zita. Deu por si a ceder. Certamente não faria mal nenhum?

– Na verdade, a Zita podia ajudar-me agora. Estou a tentar filmar alguns *close-ups* das minhas mãos a preparar *cocktails*, mas não são a minha melhor característica. – Ergueu as unhas roídas para as mostrar. – As suas são mais elegantes. Quer ser a minha modelo de mãos?

– Com certeza. Diga-me só o que fazer.

As unhas de Zita estavam pintadas e as mãos eram macias devido a anos de aplicação de cremes hidratantes. Instantaneamente as imagens ficaram muito melhores. E Kat descobriu que estar atrás da câmara tornava mais fácil ver a melhor forma de compor a cena. Mover simplesmente um copo de *cocktail* ou uma garrafa alguns milímetros parecia fazer a diferença.

– Há muito que aprender – disse ela a Zita quando terminaram. – Obrigada por me ajudar. Foi ótima.

– A sério?

– Sim, sozinha teria ficado a experimentar muito tempo e os resultados não teriam sido assim tão bons.

– Há mais alguma coisa em que eu possa ajudar?

– Vou pensar nisso – disse Kat, embora não estivesse interessada. – Por enquanto, é tudo por tentativa e erro, e não sei se poderei usar muito do que gravei. Além disso, preciso de aprender a editar. Ainda não comecei essa parte.

– É difícil?

– Imagino que sim, mas tenho a certeza de que posso aprender.

Ainda havia tempo antes de precisarem de se preparar para a noite, por isso Kat tirou algumas fotos de Zita no terraço, a beber um dos *cocktails* que ela preparara. Depois colocou-se em cena, sentada de lado para a câmara, para participar, mas sem ser o foco principal. Tinha a sensação de que era o que Garry Clark preferiria.

– Que mais está a filmar? – quis saber Zita.

Kat enumerou alguns dos lugares em que estivera.

– Quando dominar melhor a coisa, quero que o Massimo me leve no barco para filmar nas ilhas da lagoa. Acha que o Nico pode cobrir o meu turno outra vez?

Zita franziu o sobrolho.

– Talvez. Ele agora tem um emprego; embora eu ficasse surpreendida se estivesse a ser pago por isso.

– Que tipo de emprego?

– Está envolvido num grupo, aquele que organiza as manifestações. Criaram um *site* chamado «Respeitem Veneza», que está cheio de conselhos para os visitantes sobre como podem desfrutar da cidade sem a prejudicar. O Nico está a ajudar nisso e a fazer outras coisas para eles; Facebook e assim por diante.

– Soa melhor do que gritar nas ruas e ser preso – disse Kat. – Eles já pararam com isso?

– Duvido. Estão determinados a ser ouvidos de uma forma ou de outra.

– E se ele for preso novamente?

– É um risco que está preparado para correr – disse Zita. – O Nico acredita que é isso que deve estar a fazer. É a sua verdadeira paixão. De facto, de certa forma, acho que ele é muito parecido com a Kat: comprometido, motivado, preparado para não deixar que nada se achesse no seu caminho.

– É assim que a Zita me vê? – Kat ficou surpreendida. Pensava mais em si mesma como o tipo espontâneo e criativo, uma pessoa que agarrava as oportunidades à medida que surgiam.

– Acho que é como todos nós a vemos, *cara*.

Kat sentia-se relutante em envolver Zita em mais filmagens. Não queria passar mais tempo do que o necessário com a ex-mulher de Massimo. Mas quando se

tornou óbvio exatamente de que maneira Zita poderia ser útil, parecia valer a pena superar as suas dúvidas. Zita era italiana, afinal de contas, e embora Kat não precisasse propriamente de um tradutor, não havia dúvida de que recorrer a um facilitava muito as coisas. Com Zita ao seu lado, Kat foi recebida de uma forma mais calorosa pelos vendedores do mercado de Rialto que ainda a tratavam como uma estranha, os homens que cultivavam as hortas de Sant’Erasmus, o pai e o filho que geriam um pequeno *bacaro* só para habitantes locais nos limites de Cannaregio.

O melhor de tudo era que nenhuma situação a incomodava. Estava disposta a abordar recém-casados posando para fotos na Piazza San Marco. Encantou um empregado empertigado no Caffè Florian e até convenceu alguns gondoleiros a cantarem uma versão animada de *O Sole Mio*. Às vezes, era realmente muito divertido estar com ela nas ruas de Veneza. Kat adorava nunca saber exatamente como iria correr o dia.

No entanto, havia uma desvantagem; estava a reunir demasiado material. Tentava não pensar no momento em que teria de se sentar e visionar tudo aquilo.

– Se quiser, também posso ajudá-la nisso – ofereceu-se Zita.

Ela era inteligente e entusiástica, e Kat, que sentia falta de trabalhar com outras pessoas, descobriu que havia momentos em que quase parava de pensar em Zita como a mulher de Massimo. Elas estavam a tornar-se uma equipa, embora muito pequena, e Kat formava sempre um vínculo firme e rápido com as pessoas com quem saía para filmar, mesmo que não tivessem muito em comum nas suas vidas reais e ela nunca mais as visse depois de as gravações estarem terminadas.

Quanto a Massimo, parecia perplexo, mas não se queixava. Todas as manhãs perguntava aonde planeavam elas ir naquele dia e muitas vezes fazia sugestões, mandando Kat à melhor geladaria da cidade, a um incrível artista de vidro em Dorsoduro e ao cemitério de San Michele ao amanhecer, quando a neblina se levantava da lagoa e rolava sobre as sepulturas. Todas as noites, a horas tardias, Kat e Massimo sentavam-se juntos na cama, com o portátil sobre as pernas de Kat e visionavam o que ela tinha filmado.

Aqueles dias contavam-se entre os mais felizes que passara em Veneza até então. Kat tinha uma missão, sem tempo para desperdiçar na loja de Coco ou distrair Dante do seu trabalho. Não podia acreditar que não tivesse feito algo assim mais cedo. A vida parecia ter adquirido um novo brilho.

A parte que ela mais temia era sentar-se e escrever um guião para o episódio-piloto que Garry Clark esperava ver. Ciente de que chegara a altura de parar de adiar, Kat levou o portátil para uma *pasticceria* tranquila e abasteceu-se de café e bolo. O truque consistia em identificar as melhores cenas e encontrar uma maneira de as ligar. Doía-lhe a cabeça só de pensar nisso.

Estava sentada, olhando pela janela, em vez de olhar para o ecrã, há já algum tempo quando os viu. Massimo e Zita a caminharem juntos pela *calle*, conversando e sorrindo. Kat perguntou-se aonde iriam. Ninguém havia mencionado um compromisso conjunto e não era nada típico de Massimo abandonar o hotel a meio

do dia por ninguém. Uma sensação de desconforto aguilhoou-a. Impulsivamente, fechou o portátil e saiu para os seguir.

Ajudava que Massimo fosse alto, por isso, mesmo deixando-se ficar para atrás e escondendo-se no meio da multidão, Kat podia vê-lo, a cabeça e ombros acima de quase todos. Ela acompanhou o ritmo deles, atravessou uma ponte e caminhou ao lado de um canal, depois desceu uma rua mais tranquila, onde permaneceu nas sombras junto dos edifícios e esperou que nenhum deles se virasse e a visse. Andavam agora mais depressa, lado a lado, sem se tocarem.

Kat perguntou-se que diabo achava que estava a fazer e então ouviu o som da gargalhada de Zita ecoando até ela. Continuou a segui-los e, pouco tempo depois, viu-os transpor uma porta e desaparecer.

Abraçando o portátil contra o peito, Kat parou, sem saber o que fazer a seguir, e depois decidiu que já que tinha chegado tão longe mais valia continuar. Era um restaurante, percebeu, quando se aproximou da porta. Caminhava devagar agora e, ao passar pela janela, olhou para o interior, na esperança de os vislumbrar. Com efeito, estavam sentados juntos, Massimo de costas para ela, Zita ao lado dele, a sua atenção focada em duas mulheres muito mais jovens também à mesa.

Os pés de Kat diminuíram a velocidade e depois pararam. Ela assimilou tudo o que foi possível da cena em poucos momentos. Aquelas jovens bonitas deviam ser as filhas deles, calculou. Eram ambas muito parecidas com Zita, com figuras esbeltas, pele morena e cabelos compridos e lisos. Juntos, pareciam uma família feliz, um casal de meia-idade a almoçar com os filhos adultos.

Uma das jovens olhou para cima e fitou-a; em seguida, voltou a olhar para a ementa. Para ela, Kat não passava de mais um turista, ninguém relevante. Sentiu-se uma idiota por estar a espia-los. Forçando-se a seguir em frente, perguntou-se por que razão Massimo não lhe contara que as suas filhas estavam em Veneza. Estaria ele preocupado que ela pedisse para as conhecer e pudesse ser estranho? No início de tudo aquilo, eles haviam acordado que Kat não se envolveria com a família até que estivessem mais seguros do seu futuro. Parecia tão sensato naquela altura, mas agora, afastando-se devagar do restaurante, com a imagem deles reunidos à mesa gravada na sua mente, Kat sentiu-se excluída.

As férias universitárias deviam ter começado e estender-se-iam pelo menos até setembro. Enquanto andava, Kat imaginou mais almoços e festas para as quais não seria convidada, embora as jovens certamente já soubessem da sua existência. A família poderia até ir junta à praia para umas curtas férias – Zita não tinha uma casa na Calábria? E Massimo, sempre demasiado ocupado para deixar o hotel, encontraria tempo suficiente para as filhas. Claro que sim e era ridículo que Kat ficasse com ciúmes; não tinha nenhum direito a esse sentimento de vazio.

O Locanda Dante não era o destino que tinha em mente, não se dirigia a lugar algum em particular, mas os pés levaram-na até à pequena *osteria* e uma vez dentro das quatro paredes claras e familiares, sentiu-se menos perturbada.

Algumas mesas estavam ocupadas e Kat verificou automaticamente a comida nos pratos de todos, notando que o prato de polvo que Dante havia testado na sua

última visita parecia ser popular. Frito rapidamente e servido num puré de *bottarga* salgada e cítrica, ela tinha provado apenas uma garfada e quisera mais imediatamente.

– Vim almoçar – disse ela ao empregado de mesa que estava por perto. – Diga ao Dante que vou comer o polvo, uma salada verde, um copo de um bom vinho branco e qualquer outra coisa que ele pense que deva experimentar.

– É só a *signora* hoje?

– Sim, sou só eu.

Sentou-se a uma mesa, tirou o portátil na tentativa de parecer ocupada e tentou não pensar em Massimo e na sua família a almoçarem juntos. Em pouco tempo, a comida chegou. O polvo estava tenro e no ponto perfeito, o vinho à temperatura ideal e a salada simples de rúcula estaladiça, temperada com azeite com um travo herbáceo. O que quer que os outros estivessem a comer no seu almoço furtivo, aquilo estava fadado a ser melhor.

Naquela altura, as pessoas ao seu redor degustavam a sobremesa. Dante trouxe um novo prato para Kat provar – um lago de puré de batata onde nadavam lagosta, amêijoas, mexilhões e choco. Ele pegou num garfo de uma mesa vazia e, ainda a usar o uniforme branco de *chef*, sentou-se ao lado dela. Kat estava ciente de alguns olhares curiosos, mas ele pareceu não notar.

– Coma – disse ele, enfiando o garfo na comida. – Prove e diga-me o que pensa.

O puré era sedoso e suave, rico em manteiga e fumado com caldo de carne. A carne de mexilhão era doce, os chocos tenros e a cauda de lagosta succulenta.

– As coisas estão tranquilas aqui hoje – comentou Kat.

Dante encolheu os ombros, despreocupado.

– Agosto será pior. É quando todos os que cá moram desaparecem para a praia e entregam Veneza aos navios de cruzeiro e aos excursionistas. Estou a pensar em fechar, pelo menos por algumas semanas.

– Vai para fora?

– Ainda não decidi. Talvez fique aqui, durma muito e cozinhe o que quiser quando tiver vontade. Tenho muitos amigos com barcos que posso usar, se precisar de fugir da cidade.

– Umas férias em casa, então.

– Exatamente. – Dante sorriu e os seus olhos encontraram os dela. – Também vai ficar em Veneza?

– Estarei por cá – disse Kat. – Posso estar disponível para passar algum tempo consigo, se tiver conseguido editar o meu filme até lá.

– Ah, o seu novo projeto. Tem trabalhado no duro. É por isso que não tem aparecido ultimamente, não é? Tenho saudades suas.

Dante mergulhou o garfo no prato e espetou um pedaço de camarão tenro, depois ofereceu-lho. Abrindo a boca, ela aceitou a comida e fechou os olhos enquanto mastigava, para aproveitar ao máximo cada sabor. Quando os abriu novamente, Dante estava a olhar para ela.

– Gosto de a ver comer – disse ele. – Gosto da maneira como se concentra nos sabores que criei. Posso dizer como se delicia com a comida só de observar o seu rosto. É muito atraente, na verdade.

Kat sentiu-se ruborizada.

– Nunca ninguém me disse isso antes – murmurou ela, limpando a boca com um guardanapo.

Dante ofereceu-lhe outro pedaço do camarão e desta vez Kat mastigou com os olhos abertos, e ele sustentou o seu olhar. Aturdida pela atenção, limpou os lábios novamente.

– Nunca pensei que comer fosse particularmente atraente.

– Nem eu, até agora.

Kat sabia que aquilo não significava nada – a obsessão de Dante era com a comida, não com ela. Ainda assim, não podia deixar de se sentir lisonjeada.

– É da sua excelente forma de cozinhar – disse ela. – A textura, o sabor, tudo... Está a ficar cada vez melhor.

Os lábios dele curvaram-se num sorriso.

– Espero que sim. É a isso que tudo se resume, afinal de contas. Dar prazer às pessoas; ajudá-las a sentir-se bem.

– O Dante definitivamente fez-me sentir melhor.

Dante ficou ali enquanto ela acabava de comer. Em seguida, levou o prato vazio e mandou o empregado servir-lhe café e um prato cheio de chocolates salgados com sabor a nozes que ela não parou de comer até ter devorado tudo e não haver mais razões para se demorar.

Pagou a conta e deu um beijo de despedida a Dante, pressionando a sua face contra a dele e sentindo o calor da sua respiração quando os rostos de ambos se cruzaram. Ao afastar-se, houve um breve instante em que deu por si a imaginar que tipo de amante ele poderia ser. Um egoísta, como Coco imaginara? Por alguma razão, ela não concordava.

E então Kat controlou-se porque reconheceu aquele momento. Como viajante, muitas vezes havia bifurcações na estrada e muito da sua jornada dependia do caminho que escolhia. Afastando-se da pequena *osteria*, com o seu apetite saciado pela comida de Dante, Kat lembrou a si mesma porque tinha vindo para Veneza em primeiro lugar. Aquela aventura não era para experimentar mais uma ligação casual: ela estava ali para um caso de amor, verdadeira paixão – e isso não deveria significar Massimo?

Mesmo assim, ao regressar ao Hotel Gôndola, não foi só ele quem ocupou os seus pensamentos.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 15

Às vezes o verão parece demasiado claro para Veneza. Ilumina cantos que podem estar melhor na penumbra suave e rouba um pouco do seu mistério. Acho que preferia a primavera com as suas marés-altas e brumas rasteiras. E estou ansiosa pelos dias dourados de outono. Mas, por enquanto, a vida em Veneza é luminosa e muito movimentada.

De todas as ocasiões em que estive com a Coco ultimamente só falámos de saudações ao sol e posturas do guerreiro, por isso, houve claramente mais sessões de ioga matinal no seu jardim. Mas temo que a minha amiga esteja a ficar sem tempo. A Rosetta Rees deve fazer o *check-out* no Hotel Gôndola a qualquer momento e não há o menor sinal de sucesso do plano de casamenteira.

A Rosetta é do género de turista consciencioso; podemos encontrá-lo em todas as cidades. Tem uma lista de coisas que está determinada a ver e risca-as de maneira eficiente: as Galerias Accademia, os Tiepolos no Ca 'Rezzonico, os Ticianos no Frari. A sua Veneza é feita de frescos e quadros, igrejas góticas majestosas e museus silenciosos; é muito diferente da minha.

Consegui ir à sua última aula de ioga, mas preferi assistir a participar. Recuperado da constipação de verão, o Vittorio enfrentava as posturas com grande prazer. De vez em quando, a Rosetta intervinha, corrigindo-lhe a posição com mãos gentis e orientadoras, e então a Coco chamava a minha atenção, na esperança de que aquilo fosse um bom sinal.

Pelos vistos, houve mais *cocktails* à noite, mais jantares juntos e uma noite de dança. O Vittorio até acompanhou a Rosetta num passeio turístico. Mas parece não haver química alguma entre eles, e a Coco deve ter reparado nisso.

– Há de surgir outra pessoa, se isto não funcionar – disse-me ela mais tarde. Estávamos a tomar café juntas antes da abertura da loja. Enquanto isso, o Vittorio e a Rosetta tinham ido numa visita guiada a pé pela arte religiosa de Veneza (certamente a maior exterminadora de paixões que pode haver).

– Então está de volta à estaca zero, Coco – disse eu.

– Não, não, vejo isto como progresso. O Vittorio gostou da companhia dela. Agora ele está mais aberto a conhecer a mulher certa.

– Mas tem o mesmo problema de antes: onde vai encontrar essa mulher?

Os olhos da Coco estreitaram-se.

– A sua amiga Ruth, é ela, tenho a certeza disso. Quando vai voltar a Veneza?

– Não faço ideia; tudo o que ela disse foi algures no outono. Não tenho notícias dela, mas posso verificar se já fez alguma reserva.

– Se não tiver feito, então deve entrar em contacto com ela, oferecer-lhe a tarifa especial que lhe prometeu.

– E assim farei, mas acho que está enganada acerca da Ruth. Ela disse que não estava interessada em homens, lembre-se.

– Ela pode mudar de ideias – disse a Coco, e não me dei ao trabalho de discutir.

De momento, estou mais preocupada com a minha própria relação. Quando o Massimo e eu embarcámos neste ano juntos, eu sabia que poderia haver momentos em que não seria fácil. E agora, no pico da temporada turística, com o Hotel Gôndola a rebentar pelas costuras e Veneza quente e esgotante, este parece-me ser um desses momentos.

O verão é quando a maioria dos venezianos foge da cidade e vai para a praia. As poucas lojas que ainda servem os moradores fecham as portas, e tudo o que resta são as lojas de *souvenirs*. Veem-se menos rostos familiares nas ruas e mais estranhos posando para *selfies*. Aquela saudação quase secreta, o discreto aceno que os venezianos dão uns aos outros no meio de uma multidão de turistas, raramente acontece.

Para os que ficaram para trás, como o Massimo, não há dias ociosos de céu azul. Para ele é tudo trabalho, trabalho, trabalho, a partir de agora e até o período de férias terminar e, inevitavelmente, isso significa que não nos vemos o suficiente.

Mas até ele tem de comer a intervalos regulares e então comecei a planear um almoço para o tentar, afastando-o da sua azáfama durante uma hora ou mais. Eu queria preparar pratos a que ele não resistisse, as suas comidas favoritas, mas percebi que não sabia exatamente quais eram. O Massimo gostava de massas ou era fã de risoto, mais apaixonado por marisco, louco por carne? Quando jantámos juntos, nunca percebi um padrão nos seus pedidos, nem ouvi expressar uma preferência específica. O Massimo come quase tudo com o mesmo prazer e não sei do que mais gosta.

Para mim, isso parece um sinal de que não nos ficámos a conhecer nos quase cinco meses que passámos juntos, não como deve ser. Então fiz-lhe algumas perguntas: o que escolheria ele para a sua última ceia, qual era a refeição que mais recordava da sua infância, esse tipo de coisa. E depois pedi à Coco se podia usar o jardim dela por uma tarde.

Queria que isso fosse uma ocasião importante, uma ocasião para lembrança futura. Então enviei ao Massimo um convite por escrito. *Tenho o prazer de te convidar para a melhor refeição da tua vida...* dizia e anexei uma cópia da ementa que tinha planeado, bem como o código de indumentária – muito elegante.

– O que se passa? – perguntou ele, acenando-me com o convite. – Não é o meu aniversário. Ou estás a celebrar alguma coisa?

- Precisamos de um motivo para ter um almoço especial juntos? – perguntei.
- Não, acho que não.
- Bem, então vais responder ao convite?
- Por escrito?
- Sim, claro.

No dia seguinte, recebi uma carta. *Minha querida Kat, é com muito prazer que aceito o teu convite...*

O dia do almoço amanheceu quente e nublado. Acordei cedo para ir ao mercado e fiquei desanimada ao descobrir que alguns dos melhores vendedores não tinham aparecido. Demorei mais tempo a fazer as compras do que o habitual, mas finalmente consegui os ingredientes que queria.

Em seguida, decorei o jardim da Coco pendurando faixas coloridas na figueira, colocando um vaso a transbordar de alecrim sobre a mesa e estendendo uma toalha recém-passada. Depois, levei o meu tempo a preparar a comida, encontrando uma espécie de calma em todo o frenesim de cortar e mexer.

O Massimo chegou elegante num fato de linho cor de marfim e uma gravata azul-clara. Servi todos os pratos que tinha cozinhado e instalei-me para desfrutar da sua companhia. Soprava apenas uma brisa ligeira, as cigarras tocavam a sua música típica e o ar estava perfumado com o aroma da comida. Uma lasanha feita com crepes finos e cogumelos selvagens, um guisado de marisco com tomates carnudos e especiarias doces, uma salada de pêssegos maduros, raspas de funcho e folhas de manjerição-vermelho.

– Estes são alguns dos meus sabores favoritos – disse o Massimo, maravilhado.

Foi bom estar longe do Hotel Gôndola algum tempo. Por muito que eu goste daquele lugar, é duro ver até que ponto consome o Massimo. Embora seja fácil para mim terminar um turno no bar e não pensar nisso até à noite seguinte, é mais difícil escapar ao trabalho dele. Mesmo descontraindo durante uma refeição no jardim da Coco, de vez em quando ele parecia distraído pelo telemóvel ou algum fio de pensamento percorrendo o fundo da sua mente.

Não houve sobremesa, uma vez que o Massimo não é especialmente guloso. Em vez disso, servi um queijo cremoso da montanha e algumas bolachas de sementes que eu havia feito.

– Não posso imaginar refeição melhor – declarou o Massimo.

A Coco tinha-nos prometido privacidade e disse que deveríamos tratar o seu jardim como nosso e assim, depois do almoço, foi exatamente o que fizemos. Tirámos a toalha da mesa e estendemo-la no chão, despimos algumas peças de roupa muito elegantes, dormimos uma sesta no calor da tarde e, depois, quando acordámos... Bem, acho justo dizer que o Massimo conseguiu esquecer o trabalho por algum tempo.

Veneza foi construída com base no comércio de especiarias, e perto do mercado de Rialto encontrei por acaso uma loja que vende todo o género de temperos perfumados que se poderia imaginar. Mas realmente preparei versões diferentes deste prato em todo o mundo. Podem deixar completamente de fora a mistura de especiarias e, em alternativa, usar uma salsicha de chouriço picante reforçada com uma colher de chá de colorau fumado. E não é preciso dizer que podem utilizar o marisco fresco que mais gostarem no delicioso caldo. Adicionar essa sugestão de acidez mesmo no final enriquece o prato, mas não exagerem.

8 camarões grandes e succulentos

400 g de filetes de peixe branco, cortados em pedaços pequenos

2 alhos-franceses médios, cortados finos

2 cenouras pequenas, cortadas finas

2 talos de aipo mais folhas, finamente picados

500 ml de caldo de galinha

700 g de tomates-cereja

manteiga

azeite

sal e pimenta

vinagre branco ou lima fresca

ervas aromáticas frescas (manjeriço ou salsa) picados

Mistura de especiarias

1 colher de chá de sementes de coentro

1 colher de chá de sementes de cominho

4 cravinhos

1 pitada pequena de gengibre ralado

1 pitada grande de malagueta picada

1 colher de chá de noz-moscada

sementes de 1 vagem de cardamomo verde

Moa as especiarias num almofariz. Refogue o alho-francês, as cenouras e o aipo em lume médio numa grande noz de manteiga e bastante azeite, cerca de 10 minutos, até ficarem tenros. Adicione as especiarias e os tomates-cereja e frite por mais um minuto. Junte o caldo de galinha e deixe ferver, espremendo o tomate enquanto cozinha. Tempere com sal e pimenta a gosto e deixe cozinhar por 15 minutos. Acrescente os camarões e, quando estiverem cozidos, junte os pedaços de peixe e dê-lhes um momento para cozinhar. Retire do lume e deite um pouco de vinagre de vinho branco ou sumo de lima e um punhado de ervas aromáticas frescas. Sirva com muito pão estaladiço ou com arroz, se quiser esticar o prato para alimentar mais pessoas.

Serve 2 adultos comilões.

Sozinhos no jardim, sem nada para fazer além de comer e conversar, Kat pensou que Massimo pudesse mencionar que as suas filhas estavam em Veneza. Deu-lhe muitas oportunidades, perguntando até pelas jovens a certa altura, mas ele não mordeu o isco.

– Elas estão bem, a estudar muito, como sempre – foi tudo o que respondeu, antes de mudar de assunto.

Kat perguntou-se que mais estaria ele a esconder-lhe. Depois de Massimo se ter ido embora e ela estar na cozinha a limpar a confusão que tinha feito, ocorreu-lhe que ele estava a fazer exatamente o mesmo que ela – a omitir coisas, colocando uma cerca em volta de uma parte da sua vida e mantendo-a escondida. Isso parecia um mau sinal. Coco não lhe tinha dito que as relações não deveriam funcionar assim? O bom humor de Kat foi perturbado por uma súbita sensação de desconforto.

Arrumou os pratos limpos, pendurou as caçarolas na prateleira e tentou concentrar-se na escrita. Ao fim de meia hora a debater-se com as palavras, desistiu e foi buscar as sobras ao frigorífico para as levar a Coco, no andar de baixo. Uma boa conversa com a amiga era o que Kat precisava.

Bateu à porta duas vezes sem obter resposta e estava prestes a ir-se embora quando ouviu uma voz chamando debilmente:

– Está aberta, *cara*, entre.

Encontrou Coco estirada com os seus cãezinhos no pequeno sofá que estava entre as prateleiras sobrecarregadas de roupas. Tinha o rosto pálido e os tornozelos inchados; parecia mais velha e mais cansada.

– Sente-se bem? – perguntou Kat, preocupada.

– Está muito calor – queixou-se Coco. – Estes verões sugam-me toda a energia.

– Está bastante abafado aqui – concordou Kat. – O jardim é mais fresco. Porque não se senta um bocadinho à sombra comigo antes de eu ir trabalhar?

– Não sou capaz de me mexer.

– Claro que é. Vou trazer-lhe uma bebida. E já comeu alguma coisa? Não? Um pouco de comida também.

Respirando fundo, Coco sentou-se.

– A Kat tem razão. Sentir-me-ei melhor se me mexer, sinto sempre.

Mesmo assim, ela não se opôs quando Kat lhe ofereceu uma mão firme no

pequeno lanço de escadas até ao jardim e, em seguida, lhe compôs as almofadas enquanto se acomodava numa cadeira.

Estava mais magra? A mão estremeceu um pouco quando aceitou um copo de água gelada?

– É só o calor – insistiu Coco. – À noite é difícil dormir e depois sinto-me exausta durante o dia. Vou fechar a loja durante o resto do verão.

– É boa ideia, levar as coisas com calma.

Coco suspirou.

– É aborrecido ter calma, uma perda de tempo. Mas sim, vou ter de o fazer, pelo menos por algum tempo. Quando estiver mais fresco, então sentir-me-ei melhor, é sempre assim.

Kat tirou um pouco de salada e uma porção da lasanha de crepes, depois sentou-se com ela enquanto Coco debicava a comida.

– Fez um belo almoço para o Massimo – comentou Coco, pousando o garfo. – Ele gostou?

– Acho que sim.

– E o outro, que é feito dele?

– Está a referir-se ao Dante?

Coco recostou-se na cadeira, fechou os olhos e assentiu.

– Também se encontra com ele, suponho?

– Tenho-o visto poucas vezes – disse Kat defensivamente. – Eu sei o que a Coco pensa, mas não é assim.

– Não?

– O Dante e eu temos um tipo diferente de ligação. Ele é um amigo. Conversamos muito. Parece que podemos dizer absolutamente tudo um ao outro.

– E com o Massimo não é assim?

Kat pensou naquilo.

– Nem sempre – admitiu.

– Oh, céus.

– Ainda hoje, ao almoço, passámos bons momentos juntos, mas... – Kat perguntou-se se deveria contar a Coco sobre as filhas dele, depois mudou de ideias.

– Há coisas de que não falamos. Andamos ambos a ocultar coisas um ao outro.

– Então há um homem com quem faz amor e um com quem fala. Acho que pode funcionar, pelo menos por enquanto – sentenciou Coco.

– No entanto, não é o ideal, pois não? – Sentada no chão, Kat abraçou os joelhos contra o peito.

– Vai fazer alguma coisa quanto a isso? – perguntou Coco.

– Por exemplo?

Kat esperava que a sua amiga tivesse algum conselho para partilhar. Mas Coco bocejou e, com os olhos ainda fechados, pousou a mão na cabeça do cãozinho ao lado da cadeira.

– Não sei, não sei mesmo.

No Hotel Gôndola, as ventoinhas de teto zumbiam e o ar condicionado funcionava a todo o vapor, por isso entrar no átrio era como embater numa parede de ar gelado.

Kat parou ao lado do balcão da recepção para aproveitar o ar fresco e Adriana olhou para ela.

– Pensei que o Massimo estava consigo. Queria falar com ele sobre um assunto – disse ela, franzindo a testa.

– Ele não está cá? – Kat estava confusa. – Estive com ele há algumas horas.

– Não o vi a tarde toda.

Um sentimento familiar de vazio começou a formar-se no estômago de Kat.

– Já perguntou à Zita? Ou também não há sinal dela? – quis saber.

Adriana abanou levemente a cabeça e não disse nada.

– Talvez eles tenham ido juntos a algum lado. Porque não lhe envia uma mensagem ou lhe liga?

– Não é urgente – murmurou Adriana. – Eu só queria perguntar-lhe se posso distribuir alguns panfletos aos hóspedes.

– Que panfletos? – perguntou Kat.

– O Nico deixou-os aqui há bocado. Acho que anda a distribuí-los por todo o lado.

Adriana empurrou um cartão azul sobre o balcão em direção a ela. Estava estampado com a silhueta de uma gôndola e as palavras «Respeitem Veneza!». Kat leu uma lista de instruções para os visitantes.

– Tudo isto parece muito justo – comentou.

– Então acha que posso distribuir alguns? Também há um problema com o lavatório da casa de banho no quarto seis, que está entupido pela terceira vez esta semana e quero saber se devo chamar um canalizador. E temos vários hóspedes a solicitar um *check-out* tardio e geralmente o Massimo arranja a melhor forma de gerir isso.

– Bem, ele não está aqui – disse Kat, irritada por ser sempre ele a resolver os problemas. – Acho que a Adriana terá de decidir por si mesma.

Ainda faltava mais ou menos uma hora para começar a trabalhar, por isso Kat foi até ao seu quarto e entreteve-se a mexer no livro durante algum tempo, apagando palavras, mudando de ideias e escrevendo-as de novo. Se era uma tentativa para se distrair do misterioso desaparecimento de Massimo, não estava a resultar. Perguntou-se aonde teria ele ido quando a deixara depois do almoço, alegando que precisava de se despachar. Estaria outra vez com as filhas?

Olhando para o relógio, decidiu tomar um banho rápido antes da noite de trabalho que a esperava. Enquanto ensaboava o corpo, lembrou-se do calor da tarde, de estar semivestida e deitada numa toalha debaixo de uma árvore com Massimo. Por um curto período, tudo parecera tão bom entre eles. Ele sabia sempre exatamente como tocá-la, quando se refrear, quando dar um pouco mais. Quando as coisas começavam, não precisavam de falar. Momentos lentos, momentos mais

agitados, pele com pele, boca com boca – fora assim até aos últimos segundos, quando nenhum dos dois pôde evitar gritar. Depois, ficaram num silêncio atordado, até que Massimo foi o primeiro a mexer-se. «Tenho de ir, estou atrasado», dissera ele.

Na verdade, ele não dissera que voltaria ao trabalho, embora deva ter percebido que era o que Kat assumiria.

Agora era Kat quem estava atrasada. Pôs um vestido verde-menta que Coco jurara que lhe ficava bem. Embora a cor fosse bonita, ela não estava convencida de que o corte a favorecesse, mas não havia tempo para engomar qualquer outra coisa. Prendendo o cabelo num coque alto e aplicando um pouco de batom com brilho nos lábios, correu para o bar.

Já havia pessoas à espera para pedir bebidas. Agora os rostos da maioria dos hóspedes misturavam-se e Kat dificilmente reconheceria qualquer pessoa de dia para dia. Desde que Rosetta partira, com agradecimentos efusivos e pequenos presentes para todos eles, ninguém ficara mais de um par de noites, tanto quanto soubesse. Nico tinha razão, admitiu. Como iriam aqueles visitantes experimentar Veneza, se fosse apenas outra paragem rápida num itinerário frenético? Certamente a cidade merecia mais do que isso.

Zita também chegou tarde, corada e desculpando-se.

– Perdi completamente a noção do tempo – justificou-se.

– Nem parece seu – disse Kat incisivamente.

– Eu sei. Mas está a desenhencilhar-se?

Com um aceno de cabeça rápido, Kat voltou ao trabalho. O bar estava cheio, por isso era fácil evitar dizer muito a Zita.

Quando Massimo veio fazer as rondas pelas mesas, Kat manteve a cabeça baixa e conseguiu evitar o olhar dele. Limpou o balcão, poliu copos, reabasteceu o gelo, cortou mais laranjas – qualquer coisa para se manter tão ocupada quanto podia.

– O que se passa? – perguntou finalmente Zita.

– Nada – respondeu Kat.

– Está zangada comigo por ter chegado tão atrasada?

– Claro que não.

– Então porque é que está amuada?

– Eu não estou... Eu nunca amuo. Estou ocupada, é tudo.

– Está bem – disse Zita friamente. – Então falo consigo mais tarde.

Kat lançou-lhe um olhar exasperado, mas não se deu ao trabalho de responder. Quando o último hóspede saiu, Zita veio sentar-se no bar.

– Vou querer um *negróni* – disse ela a Kat –, e um pouco de honestidade também, por favor. Que se passa consigo esta noite?

– Honestidade? – Kat soltou uma risada seca. – Talvez a Zita devesse experimentar um pouco disso.

– De que está a falar?

– Eu vi-a a almoçar com o Massimo no outro dia. E, esta noite, a razão pela

qual se atrasou foi porque estavam fora juntos, não é verdade?

– Estávamos com as nossas filhas que estão em casa de férias da universidade. Pensei que o Massimo lhe tivesse contado.

– Não.

– Ah, estou a ver. E a Kat está zangada porque acha que ele lhe esconde segredos? – supôs Zita.

– Não estou zangada – insistiu Kat. – Ele tem todo o direito de ver as filhas.

– Mas a Kat sente-se excluída?

Kat pousou o *negróni* com um pouco de força a mais, entornando um bocadinho.

– Desculpe – disse ela automaticamente.

– Não, eu é que peço desculpa – respondeu Zita com firmeza. – É uma pena que esteja a sentir-se magoada. Mas foi a Kat quem criou esta situação. Não me pode culpar por isso.

– Eu não estou a culpar ninguém.

– Ótimo, porque se o Massimo não lhe está a dizer as coisas, então a Kat precisa de se perguntar porquê. Talvez esse acordo seja difícil para ele, esperar até ao fim de um ano e ver como as coisas acabam. Acho que ele se sentiria melhor sabendo em que ponto está consigo.

– Ele disse isso?

– Não a mim – disse Zita. – Mas eu conheço bem esse homem e é óbvio que ele é doido por si. O que eu não sei é como a Kat se sente. Gosta dele ou só está aqui por causa da sua carreira?

Kat limpou o *negróni* entornado, com lágrimas indesejadas a picarem-lhe os olhos. Enxugou-as rapidamente com um guardanapo limpo. Zita suspirou.

– Perturbei-a mais uma vez. Mas realmente, Kat, tem de se comprometer de uma forma ou de outra. Não pode esperar mais do Massimo, se não o fizer.

– Nós fizemos um acordo – disse Kat teimosamente. – Ele parecia satisfeito com isso na altura.

– Mas agora não está satisfeito e nem eu acho que a Kat esteja. – Zita bebeu um longo gole da sua bebida. – Por isso, o que vai fazer?

Kat perguntou-se que jogo estaria Zita a jogar ali sentada, com o rosto macio e tranquilo, esperando uma resposta à pergunta que fizera. Estaria a tentar meter-se entre Kat e Massimo, ou a ajudá-los? Era impossível saber.

– Não é tão simples quanto parece.

– Não devia ser tão complicado como o está a tornar. – O tom de Zita era irritantemente razoável. – Ou está a planear um futuro com o Massimo ou não.

– Não vejo o que tem isso que ver consigo. – Kat estava zangada agora, falando sem pensar.

– Não? A sério? – Zita parecia incrédula.

– Não pode parar de interferir na vida dele e arranjar uma para si? – Kat queria dizer-lhe aquilo há imenso tempo e era quase um alívio agora que as palavras saíram.

A expressão de Zita endureceu.

– Mas eu faço parte da vida do Massimo. Não há dúvidas sobre isso. O que ainda não entendi é se a Kat tenciona fazer?

Kat olhou para ela, mas não se atreveu a responder.

– Ou está a planear afastar-se dele quando este ano juntos acabar?

– Nenhum de nós sabe ainda como as coisas vão acabar. – Kat debatia-se para manter a calma. – Se o meu projeto de televisão continuar...

– Não consegue ver como é egoísta? – interrompeu Zita.

– Egoísta? – Kat sentiu-se indignada.

– Sim! É sempre a sua carreira: o seu livro, o seu filme. Nada tem tanta importância, pois não?

– Isso não é verdade.

– Pois eu acho que é.

– A Zita não me conhece minimamente – retrucou Kat. – Não sabe nada sobre mim.

– Mas como lhe disse, conheço o Massimo. Estava à espera de que ele tivesse encontrado alguém que o fizesse feliz, mas estava enganada. – Deixando de lado a sua bebida, Zita levantou-se. – Enquanto está ocupada a decidir se gosta do meu ex-marido, por favor, mantenha-se longe do resto da minha família. Deixe as minhas filhas em paz enquanto elas estiverem em Veneza, está bem? Não quero que fiquem perturbadas com isto.

Kat viu-a girar nos saltos altos e afastar-se energicamente. Por um momento, sentiu-se chocada e, então, repetindo a cena na sua cabeça, ficou irritada novamente e começou a perguntar-se até que ponto ia a interferência daquela mulher. O que andava ela a dizer a Massimo, às filhas e ao resto da família? Estaria Zita a trabalhar contra ela desde o início?

Serviu-se de um copo de *Pinot Grigio* e bebeu muito depressa. Massimo estava sempre a dizer que ela não devia deixar que a sua ex-mulher a afetasse. Mas o humor de Kat oscilava muito nos dias que corriam; era inquietante e confuso. E não conseguia afastar a sensação de que Zita estivera sempre a tentar causar problemas. Deu por si a lamentar todo o tempo que passaram juntas a filmar. Tinha sido um erro confiar nela, deixá-la chegar tão perto.

Sentada no terraço, no calor da noite, sob o brilho das pequenas luzes, Kat continuou a beber até esvaziar a garrafa. No momento em que subiu para ir dormir, o vinho esbatera-lhe um pouco as preocupações.

Massimo dormia profundamente. Ao deitar-se na cama ao lado dele, Kat ouviu o ritmo da sua respiração. De certeza que, quando o verão acabasse, eles passariam mais tempo juntos.

Então escapariam do Hotel Gôndola e de Zita também, teriam a oportunidade de falar apropriadamente e tudo se resolveria. Até lá, tentaria concentrar-se nas coisas que eram importantes – o seu programa e a sua escrita. Adormeceu a pensar nisso.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 16

Agosto em Veneza é ainda mais lento e mais pegajoso. Sentimo-nos como se fosse necessário rebentar uma tempestade para desanuviar o ar, mas isso nunca parece acontecer. Tenho pena das multidões expostas ao calor do dia nos seus passeios a pé e caça de *souvenirs*. Agosto é uma altura para ficarmos deitados à sombra.

É isso que a Coco está a fazer. Fechou a loja e parece ter decidido dormir durante o resto do verão. Não consigo sequer tentá-la a ir tomar um café ou comer um almoço leve. Alguns dias tem visitas. Vi o Vittorio uma ou duas vezes, alguns outros velhos amigos e um homem mais novo que ela diz ser seu sobrinho, mas ninguém fica por muito tempo. Sempre que vou ver se está bem, ela diz-me para não me preocupar, mas é difícil vê-la tão desprovida da sua vitalidade habitual.

– Vá para o Lido – diz-me sempre a Coco. – Lá o ar é mais fresco. É onde todos os jovens estão.

O problema é que tenho muito pouca paciência para ficar deitada ao sol – um dia na praia, besuntando-me de cremes e sacudindo areia pegajosa, deitada numa espreguiçadeira alinhada com centenas de outras pessoas como um regimento de soldados? Não, obrigada. É muito melhor, penso eu, levar um barco para uma parte tranquila da lagoa e procurar uma brisa. Portanto, é isso que tenho feito, sempre que consigo encontrar alguém que me leve.

Hoje em dia nem todos os venezianos se dão ao trabalho de ter barcos, segundo o meu amigo Dante Berardi. Muitos deslocam-se pela cidade a pé e utilizam o *vaporetto* para trajetos mais longos. O Dante é filho de um construtor de gôndolas, portanto adora estar na água e é capaz de manobrar quase todas as embarcações pequenas.

Na outra noite, tirei uma folga do trabalho e fui passear na lagoa com ele. Sentámo-nos sob um céu cor de alface e ele falou sobre as criaturas marinhas que vivem nas suas águas rasas e salgadas e como gosta de as cozinhar. O peixe góbio de pele castanha das profundezas lamacentas, que é tão bom para fazer um caldo delicado para risoto; o camarão *mazzancolle* grande e suculento; o salmonete pescado das águas rochosas, os caranguejos-aranha e os choquinhos.

Há uma coisa que acontece quando conhecemos alguém que adora comida.

Aceitamos que tudo é visto através de uma perspetiva de como pode ser cozinhado e comido. O Dante adora pescar o seu próprio peixe, procurar ervas comestíveis nas ilhas e criar novas combinações de sabores. É a sua força motriz na vida. E lá fora, na água, conversando com ele, percebi quanto preciso dessa mesma paixão e entusiasmo.

Até agora tenho tido tão pouca inspiração com os meus *cocktails*. Não é de admirar que esteja a ficar um pouco entediada atrás do bar: tudo que eu faço é misturar néctar de pêssago pré-preparado com *Prosecco*, porque sempre se fez assim no Hotel Gôndola. Tem havido muitas oportunidades para mudar as coisas, ser criativa, combinar sabores interessantes e aproveitar ao máximo os ingredientes que encontro enquanto ando por Veneza, e tenho deixado que essas oportunidades me passem ao lado.

Então, também é assim que tenho passado o meu agosto. Colhi algumas flores de alfazema no jardim da Coco e infundi uma garrafa de *gin* com o seu sabor aromático e à moda antiga. Comprei uma caixa de ameixas doces maduras a um dos vendedores do mercado de Rialto e transformei-as num xarope. Depois experimentei com ratafia – misturas de cerejas, açúcar e vinagre balsâmico. Fiz purés de frutas de verão para *daiquiris*, adicionando uma pequena pitada de sal para criar uma textura que deixou as pessoas a querer mais. Infundi *vodka* com alecrim que colhi numa das minhas caminhadas e torrei sementes de sésamo para combinar com uma dose de *bourbon*.

Todos os dias tenho experimentado uma nova combinação e o Massimo tornou-se a minha cabaia principal. Ocasionalmente, franze o sobrolho ao seu primeiro gole do que eu inventei e sugere que acrescente menos ou mais disto ou daquilo. Algumas das minhas invenções mais bem-sucedidas chegaram à carta e, embora a maioria dos hóspedes ainda prefira os clássicos (tenho a certeza de que haveria um motim se tirássemos o *Bellini* da carta), as pessoas que pedem algo diferente parecem sempre gostar.

O Hotel Gôndola continua totalmente reservado e o bar está à pinha todas as noites. Esta é a época do ano que enche os cofres e compensa os meses de inverno mais calmos, e ninguém se parece importar por trabalhar mais e fazer turnos mais longos. Mas acho que todos ansiamos pelo outono e pelas temperaturas mais baixas, e também pela Veneza que nos pertence novamente, em vez de aos turistas.

Não é que os venezianos odeiem ter visitantes, mas nesta altura do ano a cidade parece sobrecarregada deles. Muitos dos moradores locais estão preocupados com isso. Dante diz que o pai acredita que a solução é cobrar uma taxa de entrada na cidade, mas os mais novos têm medo de transformar a sua casa numa espécie de Disneylândia. Querem mantê-la como uma cidade viva onde ainda haja pessoas a viver e lojas a vender produtos do dia a dia, não apenas *souvenirs*. Temem perder a sua identidade como venezianos.

Todas as pessoas com quem falamos aqui têm uma opinião sobre a situação. É sobre o que aqueles dois italianos ao balcão do bar ao vosso lado no *bacaro* provavelmente estão a falar; e os grupos de jovens venezianos nos cantos a fumar;

e os assistentes de loja nos intervalos entre os clientes que atendem. Precisamos desses turistas, mas como vamos sobreviver a eles?

Alguns dos mais novos estão a agir. O Nico, o sobrinho do Massimo, está envolvido num grupo chamado Respeitem Veneza, que publicou esta lista de conselhos/instruções sobre como aproveitar e dar apoio a esta cidade, e pensei em partilhá-la convosco.

RECEITA PARA VISITAR VENEZA

- * Passe algum tempo em Veneza e tenha uma experiência significativa, não venha e vá num dia.
- * Reserve um hotel em vez de arrendar um apartamento onde um veneziano poderia estar a viver.
- * Compre conscienciosamente produtos que foram fabricados em Veneza, e não *souvenirs* baratos e importados.
- * Encha a sua garrafa de água nas fontes, ao invés de comprar mais plástico.
- * Mantenha-se à direita nas nossas ruas estreitas e não pare nas pontes.
- * Encontre um banco para se sentar, se quiser comer a sua merenda.
- * Não ande sem camisa, descalço ou em traje de banho, a menos que esteja no Lido.
- * Tire a sua mochila quando for no *vaporetto*. E por favor não bloqueie o caminho com a sua bagagem.
- * Lembre-se de que é proibido nadar nos canais.
- * Ajude-nos assinando a nossa petição para banir navios de cruzeiro de Veneza.

E não venham em agosto, esse é o meu próprio conselho. Este é um mês para praias ou florestas com sombra, não para uma cidade construída numa rede de ilhas pantanosas. Se há uma altura em que as ruas cheiram a esgoto e a água parada dos canais se torna fétida, é esta. Os ânimos alteram-se e os visitantes ficam mais irritados com os preços altos e as longas filas, ou com o modo como um empregado os trata em alguma *trattoria* com preços inflacionados, ou a multidão no *vaporetto*. Por isso concordo com a Coco, na verdade. Agosto é um mês para ficar em casa e dormir enquanto o calor não passa.

Os venezianos começam a recuperar a sua cidade no primeiro domingo de setembro. É quando realizam a Regata Storica, um concurso na água, com gondoleiros fantasiados e barcos ornamentados ao estilo do século XVI. Há bandeiras a esvoaçar, o Grande Canal enche-se de embarcações coloridas e as pessoas amontoam-se em pontes, varandas e janelas e onde quer que possam assistir às corridas.

O Massimo e eu tivemos uma vista privilegiada a partir da sua lancha, que ele havia atracado na noite anterior não muito longe da paragem da gôndola de San

Tomà. Roubámos algumas horas ao trabalho e juntámo-nos à festa. Acho que o Massimo sente saudades dos seus dias de remo. Ele diz que um dia gostaria de se juntar a uma equipa novamente, porque estar na água é algo de que todos os venezianos precisam para serem verdadeiramente felizes. Não posso imaginar quando arranjaria ele tempo. O Hotel Gôndola está sempre a exigir a sua atenção. Devora-lhe a vida e não vejo como poderia tornar-se menos exigente. No entanto, ele adora-o, assim como se preocupa ferozmente com todos os cantos desta cidade, desde a fachada de mármore cor-de-rosa do Palácio Ducal até ao mais estreito passeio de pedra. Acho que se perguntassem ao Massimo o que ele mais ama no mundo, ele diria Veneza.

Kat estava a tentar ser mais razoável. Não estava a achar fácil. As coisas mais pequenas podiam alterar o seu estado de humor e os seus níveis de energia tinham caído a pique; tudo lhe parecia muito difícil. À semelhança de Coco, ela culpava o calor. Mas não havia tempo para ficar à sombra de uma árvore o dia todo, por mais que gostasse. Tinha um livro para escrever e um episódio-piloto de televisão para editar.

Acordava cedo todos os dias e escapulia-se do Hotel Gôndola o mais rápido que podia. Depois de um pequeno-almoço de café e brioche, despachado rapidamente em pé ao balcão da sua *pasticceria* favorita, seguia o seu caminho habitual através das *calli* tortuosas em direção aos canais mais estreitos e secundários.

Durante a maior parte do dia refugiava-se no apartamento com todas as portas e janelas abertas para apanhar qualquer vestígio de uma brisa, e obrigava-se a trabalhar, revendo imagens e fazendo anotações. Parecia que Veneza estava lá fora, continuando a sua vida tranquilamente sem ela. De tempos a tempos, ouvia o ruído surdo de um remo enquanto um gondoleiro passava pelo canal em baixo, ou vozes estrangeiras em conversas exageradas enquanto atravessavam a ponte ali perto, mas aquela parte da cidade era habitada sobretudo por moradores locais e, por enquanto, mantinha-se fechada e silenciosa.

Para começar, Kat avançava muito devagar para o seu gosto. Não sabia editar imagens e estava impaciente para aprender e ser boa o suficiente. Mas depois de horas e horas a ver tutoriais lúgubres no YouTube, o filme tomou forma e ela começou a sentir-se animada. A qualidade crua do som e das imagens parecia funcionar. O efeito era mais intimista do que *As Viagens de Kat Black*, e a sua esperança era que isso conferisse algum carácter imediato ao que os espectadores veriam. Kat perdeu-se no trabalho. Gostava de estar ocupada e, além disso, fornecia a desculpa perfeita para evitar outros assuntos da sua vida. Massimo, Zita... Lidaria com eles mais tarde. A única pessoa para quem tinha tempo era Coco, e só porque ela parecia precisar muito de Kat naquele momento.

– Eu estou perfeitamente bem – insistiu a sua velha amiga, mas Kat não estava convencida.

– Tem a certeza de que não quer ir ao médico?

– O meu médico dir-me-ia para descansar, que é exatamente o que estou a

fazer. Mas é muito aborrecido, Kat. Sinto falta da minha vida.

Coco desistira de fazer um esforço para enfrentar o dia. Muitas vezes Kat encontrava-a vestida com as mesmas peças – um quimono solto e um turbante –, o rosto sem maquilhagem e os braços sem pulseiras. O seu apetite diminuía; embora apreciasse sempre as pequenas refeições que Kat trazia, raramente deixava o prato limpo. Quanto ao esquema casamenteiro, Coco parecia afetada pelo seu fracasso com Rosetta Rees e recusava-se a pensar nisso.

– O Vittorio terá de cuidar de si mesmo até ao outono, quando a sua amiga Ruth regressar – disse ela.

– Não sei se isso vai acontecer – admitiu Kat. – O Massimo ofereceu-lhe uma excelente tarifa, mas ela ainda não se comprometeu com uma reserva.

– Ah, bom. – Coco deu um suspiro resignado.

– Já disse ao Vittorio que não se vai casar com ele? – perguntou Kat.

– Não exatamente. Tudo o que eu disse ao pobre homem é que este momento é mau. Que não consigo pensar em nada importante agora, enquanto me estiver a sentir desta maneira.

Aquilo preocupou Kat, que fazia questão de ir ver se Coco estava bem com frequência, aparecendo várias vezes ao dia, levando-lhe refeições ligeiras, enchendo-lhe o jarro de água e até limpando-lhe a casa de banho algumas vezes. Fez o melhor que pôde para a animar e, quando o episódio-piloto de televisão estava quase terminado, Coco foi a primeira a vê-lo.

Envergando um vestido solto de algodão, sentou-se diante do portátil, cheia de expectativa.

– Que interessante.

– A música não é necessariamente a minha escolha final – avisou Kat. – E está muito em bruto em algumas partes. Além disso, ainda há cartas cenas que não tenho a certeza se devem ser incluídas.

– Pare de falar, *cara*. Carregue no botão e ponha isso a funcionar.

Coco dava um pequeno guincho todas as vezes que reconhecia um lugar ou uma pessoa. E quando se viu, pôs a mão sobre a boca.

– Como estou? Acha que aquele vestido me fica bem? Ah, e veja, ali está a minha loja, que amável. O que estou a fazer agora?

Viu o episódio mais quatro vezes antes de se afundar no sofá.

– Muito divertido – suspirou. – Quando será exibido na televisão?

– Isso não está nas minhas mãos – disse Kat. – Pode nunca ser exibido. Mas posso sempre pô-lo no YouTube ou algo assim.

Coco olhou para ela sem expressão.

– Na internet – explicou Kat.

– E isso significa que todos poderão vê-lo?

– Sim, sempre que quiserem.

– Acha que serei reconhecida? – Coco parecia encantada com a ideia.

– Suponho que sim, se um número suficiente de pessoas virem.

– Que bom. Então tenho de me recompor até lá.

Massimo foi o próximo a poder ver o episódio-piloto. Kat mostrou-lhe o vídeo antes de sair a correr para o seu turno no bar e foi ainda mais stressante do que tinha sido com Coco.

– Não estejas à espera de muito. É apenas um corte em bruto – enfatizou ela.

Ele viu com muita atenção e quando terminou, para alívio de Kat, estava a sorrir.

– Isto é ótimo. Adoro. És muito inteligente.

– A sério? Oh! Graças a Deus. Mostrei-o à Coco, mas ela estava tão entusiasmada em ver-se no vídeo que foi difícil perceber se era bom.

Massimo quis vê-lo novamente, por isso Kat deixou-lhe o portátil e saiu para ir trabalhar. O *cocktail* da semana requeria algum trabalho, mas para ela não havia qualquer problema. Sentia-se mais feliz a trabalhar do que a conversar. Preparar bebidas era uma coisa; lidar com tantas pessoas noite após noite era outra. Kat adquirira um novo respeito por qualquer um que conseguisse aguentar uma carreira vitalícia no ramo da hospitalidade.

Alguns dos hóspedes ainda a reconheciam, mas com frequência mostravam-se confusos sobre exatamente de onde a conheciam.

– Qual é o seu verdadeiro trabalho? – perguntavam algumas vezes. – O que faz realmente?

Os clientes de quem Kat não gostava eram aqueles que estalavam os dedos ou assobiavam e acenavam com dinheiro no ar para atrair a sua atenção. Ou os que queriam que ela enumerasse os detalhes de cada *cocktail* na carta antes de pedirem o *Bellini* que planeavam pedir desde o início. Alguns ficavam visivelmente impacientes se a bebida não lhes fosse servida segundos após o pedido. E depois havia os chatos, bebendo muito e depressa demais, encurralando-a e falando sem parar.

Mas a pessoa que ela desejava evitar acima de tudo era Zita. A ex-mulher de Massimo pedira desculpa por lhe ter chamado egoísta, mas não parecera arrependida por muito tempo. Na verdade, tentou várias vezes discutir a relação de Kat com ele – que direção tomava, o que planeava ela fazer.

Kat recusou-se a deixar-se arrastar para a discussão porque aquele assunto não dizia respeito a mais ninguém, especialmente a Zita. E a verdade era que tudo parecia mudar de dia para dia. Às vezes, o sol iluminava o seu humor, mas com mais frequência o seu cérebro ficava turvado por nuvens e ela só podia ter certeza de que Massimo merecia o que haviam prometido um ao outro logo no início, um ano antes de se decidirem. Não conseguia pensar além disso.

Portanto, se o *cocktail* da semana era um pouco complicado e não deixava tempo para conversar, Kat não se importava. Além disso, o que ela havia escrito naquele último capítulo do livro era verdade. Ser criativa tornava o trabalho de empregada de bar muito mais suportável. Algumas das suas invenções ficaram praticamente intragáveis, mas outras funcionaram e, com a ajuda de Massimo, ela

gostava de inventar nomes venezianos para elas – o Segredo do Doge, a Ruína do Gondoleiro, a Paixão de Guggenheim.

Ao fim de uma noite de trabalho, Kat estava cansada, mas havia uma sensação de satisfação que antes lhe faltara. E às vezes os hóspedes – muitas vezes americanos – pediam as receitas e Kat achava divertido pensar num dos seus *cocktails* a ser preparado do outro lado do mundo.

Nunca permanecia no bar assim que o turno acabava. Naquela noite, parou apenas para tirar algumas garrafas de *Peroni* do frigorífico, antes de ir para o quarto. Queria mesmo falar com Massimo sobre o seu filme. Tinha tentado incluir demasiado? O ritmo era adequado? Escolhera o tipo certo de música? O olhar dele era novo e Kat valorizava a sua opinião.

Encontrou-o sentado numa poltrona ao lado da janela, com o portátil ainda na frente dele. Massimo olhou para cima e ergueu as sobrancelhas quando Kat entrou. Havia algo fora do normal, mas ela não sabia o quê.

– Ainda estás a ver o vídeo? – perguntou ela.

– Não – respondeu ele laconicamente.

De repente, Kat teve uma sensação muito má.

– Então o que se passa?

– Tenho estado a ler o teu livro de memórias: *Um Ano em Veneza*. É tudo muito interessante.

– Não te dei permissão para o fazeres. Ainda é um rascunho muito em bruto, não está pronto para ser lido.

Com a boca a formar uma linha fina, ele atirou o portátil para cima da cama.

– Então detestaste – disse ela.

– Pareço um tipo viciado em trabalho e aborrecido.

– Não, não pareces – retrucou Kat, incerta.

– E não sei se conheço esta mulher que estás a contar a história ou a vida que ela descreve. Parece-me ser uma estranha. És mesmo tu?

– É uma versão minha. – Kat saltou em sua própria defesa. – Edito o conteúdo da minha vida; é o que toda a gente faz hoje em dia. Nunca viste o Instagram?

– Então estás a propor publicar isto?

– Claro, quando terminar. – Kat estava confusa. – Os meus leitores querem uma história e é isso que lhes vou dar.

Massimo levantou-se.

– É o teu livro, portanto acho que podes escrever o que quiseres.

– Não tem sido fácil, sabes...? – começou ela.

Ele interrompeu-a.

– Vou dar uma volta. Dói-me a cabeça e preciso de um pouco de ar fresco.

– Por favor, espera – pediu Kat nas costas dele, mas a porta fechou-se e Massimo desapareceu.

Sentando-se pesadamente na cama, Kat pegou no portátil. Não lia os capítulos há algum tempo, e agora começou a tentar vê-los pelos olhos de Massimo. Não parecia o suficiente para provocar uma reação tão forte. Sim, minimizara algumas

coisas, evitara mencionar qualquer tensão entre ambos, deixara de fora a interferência de Zita, mas presumira que Massimo preferiria isso. E ele avisara-a para não escrever sobre os problemas de Nico, afinal de contas. Então, o que havia de tão errado, perguntava-se enquanto continuava a ler, porque estava ele a ser tão pouco razoável?

Kat sentiu uma necessidade estranha de ligar à mãe. Geralmente, a última coisa que procurava era os conselhos dela – já tivera a sua dose enquanto filha única de uma mãe solteira e ansiosa. Mas agora precisava de alguém com quem conversar.

A mãe era a pessoa errada, claro. As relações amorosas dificilmente eram a sua especialidade. Depois de deixar o pai de Kat, a mãe não quisera ter nada que ver com os homens. Na verdade, fizera questão de dizer que uma mulher não precisava de um. Ela e Kat tinham-se mudado para o outro extremo do país para poder manter a independência de que tanto se orgulhava, e Kat podia imaginar exatamente o que ela diria agora. Eu avisei-te, não avisei? Os homens são todos iguais. Tu és forte e autoconfiante; estás melhor sozinha.

Talvez houvesse uma amiga com quem pudesse falar. Deitada na cama sozinha, Kat passou em revista as opções na sua mente. Era uma lista bastante longa; tinha muitos amigos. Mas todos aqueles anos a viajar não encorajaram muita proximidade. Havia um vizinho com quem ela passeava, amigos com quem era bom ir tomar uns copos, havia vários que adoravam almoçar, alguns que a convidavam para fins de semana nas suas casas no campo. Mas existia um único que fosse especialmente próximo? Que não lhe diria que ela estava a viver um sonho e que deveria experimentar a vida deles por uma vez? Não lhe parecia. Do que ela precisava era de uma melhor amiga, uma confidente, e, para sua surpresa, ninguém em Londres parecia encaixar-se na descrição.

Dormitou algum tempo e acordou algumas horas depois para encontrar a cama ao seu lado ainda lisa e vazia. Esperava que Massimo estivesse bem. Procurando o telemóvel, tentou ligar-lhe, mas ele não atendeu.

Saindo da cama, abriu a janela e contemplou a noite. Um ar salgado e húmido invadiu o quarto com ar condicionado. Ela inclinou-se um pouco e olhou para os reflexos de água ondulante e a forma escura de uma barça a passar. Estava em Veneza há quase seis meses. Chegara em março, tão certa de que estava pronta para o que quer que estivesse por vir. Agora perguntava-se se tinha sido tudo um erro, particularmente para Massimo. Ele dera-lhe tudo o que prometera e o que oferecera ela em troca? Algumas receitas de *cocktail*, um livro que ele parecia odiar.

Pela primeira vez, Kat pensou devidamente no que fizera, entrando naquele ano no Hotel Gôndola como se fosse apenas mais uma aventura – uma nova cidade; uma nova experiência; inspiração para o seu trabalho. Desejava tanto aquela oportunidade. Teria reconhecido que desta vez era diferente porque envolvia os sentimentos de outra pessoa? Preocupara-se que pudesse correr o risco de magoar Massimo? Não, não lhe parecia; não o suficiente, de qualquer maneira. Em vez disso, assumira que ele pensava da mesma forma que ela.

Nesse momento, Kat olhou pela janela aberta e interrogou-se: E se não pensasse? E se nunca tivesse pensado?

Lembrou-se de como fora chocante ouvir Zita chamar-lhe egoísta. Kat nunca se vira assim antes e a ideia incomodava-a. Agora, quando começava a achar que podia ser verdade, sentiu-se horrível, fútil e vazia.

Sozinha no pequeno quarto no cimo do hotel silencioso, olhando para o escuro, Kat sentiu a tristeza invadi-la. Lamentava muito por ela e por Massimo. As lágrimas assomaram-lhe aos olhos mais uma vez e, apoiando o seu peso contra o parapeito da janela, não se deu ao trabalho de as enxugar.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 17

O outono está a insinuar-se em Veneza. Os venezianos já trocaram de roupa para a nova estação; agora usam-se casacos, calças compridas em vez de calções, sapatos adequados e não sandálias, apesar de os dias ainda estarem quentes.

Esta manhã fui dar uma volta e tentei perder-me, mas foi impossível. Já conheço Veneza; não tão bem como alguém que sempre cá viveu, mas posso encontrar o trajeto mais rápido de um lugar para outro; as passagens ocultas usadas como atalhos; as ruas tranquilas que contornam as vias principais. Ainda adoro viver nesta cidade, mas ao fim de seis meses de explorações a pé, Veneza já não é um mistério. Muitas vezes sinto-me mais em casa aqui do que em qualquer outro lugar onde vivi.

Hoje, voltando para o Hotel Gôndola, a minha caminhada levou-me até à loja da Coco. Fiquei preocupada ao ver a porta entreaberta, embora o sinal de *Fechado* ainda estivesse pendurado e as luzes apagadas.

Parece-me improvável que a loja seja assaltada (que ladrão quer roubar a grandeza desbotada de outra pessoa?), mas mesmo assim fui cautelosa ao abrir a porta, gritando:

– Olá... Está aí alguém?

– Kat, *cara*, é você? – Era a voz da Coco. Um minuto depois, ela abriu caminho por entre os expositores de vestidos. Vestia um fato elegante, rosa-escuro e da melhor lã, com um ar de Chanel.

– Está muito chique – disse-lhe eu. – Mas não devia estar em casa a descansar?

– Já não aguento tanto descanso; vou morrer de tédio. E está um pouco mais fresco, não? Queria vir e garantir que a minha loja estava em ordem.

– Tem a certeza de que está bem? – perguntei, porque a Coco parecia muito mais frágil ultimamente.

– Estou de pé e está um dia bom – declarou ela com firmeza. – O que gostaria agora era de ir a um sítio agradável, depois posso descansar de novo esta tarde, se necessário.

Levei-a a um dos nossos cafés favoritos, onde têm mesas ao lado do canal com guarda-sóis esvoaçantes de riscas vermelhas e um empregado de mesa especialmente bonito. Deve ser pelo menos quarenta anos mais novo do que ela,

mas a Coco namoriska com ele e o homem parece adorar, fazendo sempre um alvoroço e trazendo uma pequena jarra com uma única flor na bandeja com o nosso café e biscoitos.

– É um alívio estar cá fora de novo – disse a Coco, quando ele nos conduziu a uma mesa.

– Senti falta dos nossos cafés e almoços – disse eu.

– Tive saudades de tudo: das ruas, das pessoas, da vida ao meu redor. Senti falta de sair e ir dançar e de olhar para as montras das lojas e ver arte e toda esta beleza. Acima de tudo, anseio ver o meu querido Vittorio e o Roberto, e o Silvio também, é claro. Todos os meus amantes.

– Podia ter-lhes pedido que a visitassem.

A Coco franziu os lábios e abanou a cabeça.

– Eles são meus amantes, Kat. Nunca deixaria que me vissem assim.

– Com certeza eles não se importariam?

– Talvez não, mas eu importo-me porque quero que eles me desejem. Ainda somos pessoas apaixonadas, mesmo que já não tenhamos corpos jovens. – A voz da Coco era, sem dúvida, alta o suficiente para o casal na mesa ao lado ouvir. – Pode debater-se com isso agora, minha querida, mas quando for mais velha, terá a mesma sensação.

– Já deixei de ser jovem.

– Está no seu auge – insistiu a Coco.

– Não, vou fazer cinquenta e um anos em breve e as coisas parecem estar a mudar, coisas sobre as quais não tenho controlo. Estou a ficar mais velha e não me agrada muito – admiti.

A Coco equilibrou a chávena de café no pires com cuidado, e reparei que as suas mãos tremiam levemente.

– Então em breve será o seu aniversário. Que bom, devemos fazer uma festa.

– Não tenho vontade de celebrar.

– Nesse caso, precisa de mudar a sua atitude – disse ela de modo assertivo. – Como pode privar os seus amigos de uma festa?

– Na verdade, não tenho muitos amigos em Veneza – apontei.

A Coco parecia inteiramente despreocupada.

– Tem-me a mim, isso é o suficiente, com certeza.

Eu ri-me e concordei em não deixar o meu aniversário passar sem algum tipo de celebração. A verdade é que tenho medo dos cinquenta e um; parece apenas mais um passo em direção à linha de chegada, e a ideia de ficar sem tempo deixava-me em pânico.

Há muito mais a viver, lugares a visitar, experiências que quero ter, e os anos parecem estar a empilhar-se uns sobre os outros, sem espaço para fazer tudo o que desejo.

– É completamente estranho envelhecer, não é? – disse eu à Coco. – Algo está a acontecer à pele dos meus braços e estou convencida de que um dos meus olhos está a ficar maior do que o outro. Será da minha imaginação? Estou sempre a tirar

uns pelos compridos do rosto. E não consigo decidir se devo continuar a pintar o cabelo ou deixá-lo ficar graciosamente grisalho.

A Coco olhou para mim.

– Deixe lá todas essas coisas. O seu maior problema neste exato momento é o vestido que traz.

Eu tinha um vestido verde-menta que é solto à frente, criando um efeito ligeiramente largo que me preocupava que não me favorecesse.

– É horrível – disse Coco, confirmando as minhas suspeitas. – Por que diabo achou que era uma boa ideia?

– Foi a Coco. Disse-me que a cor me ficava muito bem e eu teria um aspeto fresco e bonito?

– Não me parece.

– Foi, sim – insisti.

– Tinha os olhos abertos?

– Absolutamente.

A Coco abanou a cabeça, como se tentasse clarear a mente.

– Desculpe, não devia estar a sentir-me muito bem nesse dia – justificou-se ela. – Temos de voltar à loja e trocá-lo por algo melhor. E precisamos de fazer planos. Um presente para o seu aniversário, um *cocktail* em algum bar glamoroso antes disso.

Foi tão bom ver a Coco voltar à sua forma habitual. O seu bom humor era contagiante. Mais tarde, regressando ao Hotel Gôndola com um vestido diferente – que a Coco me garantiu ser uma grande melhoria –, comecei a pensar que o outono em Veneza parece mais um início do que um fim.

As multidões diminuíram, as pequenas lojas locais reabriram, as minhas bancas preferidas no mercado de Rialto estavam cheias de produtos que eu mal podia esperar por levar para a cozinha. Romãs rechonchudas e dióspiros, vários tipos de abóboras coloridas, peras com os pés mergulhados em cera vermelha para as manter frescas.

A Coco entusiasmara-me com todas as possibilidades da mudança de estação. Falou sobre a marmelada com crosta de açúcar que posso fazer com os marmelos que crescem nas ilhas da lagoa. Diz que quando chega o inverno, há hipótese de ver neve cair na Piazza San Marco. Está a fazer-me acreditar que os dias sombrios podem trazer um pouco de mistério a Veneza.

Esta cidade pode parecer congelada no tempo, mas muda se observarmos com atenção. À medida que o tempo arrefece e o céu se torna mais escuro, posso ver o azul da lagoa transformar-se em cinzento. A luz do dia adquiriu agora um tom mais prateado, o pôr do Sol é mais profundo e mais rosado e, nos parques, as árvores começam a perder as folhas.

O meu ano no Hotel Gôndola vai a meio. Espero que o melhor ainda esteja para vir.

Kat acabou de escrever o capítulo e ficou a pensar por quanto mais tempo poderia continuar assim; dando aos seus leitores aquela visão idílica de uma vida cheia de comida, moda e planos casamenteiros, criando uma fantasia de Veneza que ela pensava que eles queriam, quando havia tanta tensão no Hotel Gôndola.

Cada noite no bar parecia mais tensa do que a anterior. O frio do outono no ar deixara claro que Zita andava a evitá-la. Embora houvesse aquecedores no terraço, quando o Sol se punha a maioria dos hóspedes preferia ocupar as mesas no interior e, naquele espaço mais pequeno, tornava-se claro que a outra mantinha a sua distância. Além de alguns olhares de lado, e o mínimo de conversa necessário para manter o bar a funcionar, não se passava muito entre elas.

Também com Massimo as coisas permaneciam estranhas. Ele não voltara a mencionar o livro, e agia quase com normalidade, mas parte do seu calor parecia ter desaparecido. Isso era demonstrado de pequenas maneiras. Não havia nenhuma chávina de café forte nas mãos de Kat antes de ele ir trabalhar de manhã, nenhuma hora roubada na cama, à tarde no quarto, as conversas sobre onde poderiam tirar férias quando o inverno chegasse tinham acabado. Às vezes, ele parecia tão distante que era difícil arrancar-lhe uma palavra que fosse.

Cansada de tentar resolver tudo aquilo sozinha, Kat ligou a algumas das suas amigas londrinas mais sensatas. Nenhuma das duas pareceu surpreendida ao ouvir que ela estava a passar por dificuldades.

«Saíste-te muito bem ao conseguir aguentar tanto tempo. Eu apostei que só aguentarias alguns meses», dissera uma delas.

A outra fora mais compreensiva, mas ainda assim inútil. «O que precisas de saber sobre os homens, Kat, é que não é suposto entendê-los.»

Coco também não lhe havia dispensado conselhos; a amiga não estava interessada em ouvir falar em problemas, só em festas, passeios e compras. Comprara um casaco caro da *Marni* e insistira em levar Kat a almoçar ao Harry's Bar para poder usá-lo. «Não se preocupe tanto», dizia-lhe. «A Kat não tem nenhum problema, na verdade. Relaxe e aproveite a vida.»

Kat estava a tentar, mas o problema era que se sentia sempre com os nervos à flor da pele, e o seu humor ainda se alterava imprevisivelmente. Quando soube que Ruth reservara um quarto no Hotel Gôndola, foi como se lhe tivessem atirado um colete salva-vidas. Ruth poderia ter as suas peculiaridades, mas sabia ouvir; e

certamente, se alguém tinha algum conselho útil, seria ela.

Por isso, Kat já se estava a sentir mais otimista e, depois, Massimo melhorou ainda mais o seu humor propondo que tirassem uma noite de folga e saíssem para jantar.

– Vou pedir ao Nico para cobrir o teu turno e reservar uma mesa num sítio interessante.

– Que tal o Quadri? – sugeriu ela ansiosamente. – Adoro ir lá.

– Não sei – disse ele vagamente. – Eu trato de tudo. Vou surpreender-te.

– Isso seria simpático. – Ela sorriu a Massimo. – Adoro surpresas.

Naquela noite fizeram amor e foi tão bom como sempre. Depois Kat ficou acordada, pensando que talvez tivesse exagerado. Havia todos os tipos de motivos pelos quais Massimo poderia parecer mais frio – uma preocupação de trabalho com a qual se estivesse a debater, cansaço após um verão movimentado, pressões familiares que não mencionara.

Na noite seguinte poderiam ir jantar fora, ter uma boa conversa e resolver as coisas. Talvez ela tivesse de reescrever algumas partes do livro para lhe agradecer, mas isso não seria a pior coisa do mundo. E eles fariam sobre o futuro e de como o resto do ano juntos iria desenrolar-se; já era altura disso. Não deviam adiar mais.

Começou como uma repetição do primeiro encontro. Às seis da tarde encontraram-se na receção; Kat vestida com corsários justos e uma blusa caíca que Coco prometera que não era demasiado jovem para ela. Deixara o cabelo solto e espalhara um pouco de base no rosto para compensar o desaparecimento do bronzeado de verão.

Massimo colocou o braço ao redor dos ombros dela enquanto caminhavam juntos, e Kat inclinou-se para ele, respirando o cheiro fresco que a sua pele quente exalava, sentindo a firmeza do seu corpo. Ele perguntou-lhe como estava a correr o vídeo e Kat ficou absorta em discutir isso.

– A minha agente adora, mas não é ela quem importa. É o diretor de programas que tenho de interessar. Já lho mandei e, mesmo que ele o aprove, há todo um processo a cumprir, por isso, pode levar muito tempo.

– Não há nada que possas fazer entretanto?

– Apenas tentar não pensar nisso e continuar a escrever o livro. – Kat olhou-o ansiosa. – Ainda há muito trabalho a fazer, receitas para desenvolver também, isso manter-me-á ocupada.

Massimo assentiu com a cabeça, mas não falou.

– Imagino que as coisas devam acalmar em breve no Hotel Gôndola – continuou ela.

– Estaremos cheios por mais algum tempo, espero – disse ele. – Mas, sim, daqui a um mês ou dois haverá tempo para respirar.

Contornaram a esquina de uma *calle* estreita e Kat percebeu que o percurso lhe era muito familiar.

– Aonde me levavas? – perguntou.
– Pensei em irmos ao restaurante do teu amigo? – disse ele. – Aquele sobre o qual escreveste muito no teu livro.

Kat sentiu uma guinada no estômago.

– O Locanda Dante?

– Esse mesmo.

– E então o Quadri? – sugeriu ela rapidamente.

– Vai estar cheio. Teríamos de esperar por uma mesa. E fizeste ao Locanda Dante uma crítica tão empolgante, que não acredito que ainda não tenha lá ido.

– Não queres passar pelo Quadri primeiro só para ver se há mesa? – pressionou Kat, esperançosa.

Massimo foi insistente. O Quadri estaria cheio de turistas e, além disso, ele queria comer num sítio diferente. Tinha de ser o Locanda Dante. A forma como Kat escrevera sobre a comida era tão tentadora. Era quase como se ele pudesse provar os sabores.

Para Kat aquilo parecia um ramo de oliveira. Se Massimo estava a fazer um esforço para ser positivo sobre o que escrevera, ela não conseguia encontrar uma maneira de discutir.

Mas quando se aproximaram, começou a entrar em pânico. Era isso que ela queria evitar, que os dois homens se encontrassem – o moreno com quem vivia e o loiro com quem passava tanto tempo. Tivera o cuidado de os manter separados. Agora considerava fingir uma dor de cabeça ou de estômago, mas parecia demasiado tarde para isso. Talvez tudo corresse pelo melhor, tentou tranquilizar-se. Apresentaria Massimo a Dante, comeriam uma boa refeição e depois iriam embora. Porque teria de ser um problema tão grande?

Entraram na sala familiar com o seu banco comprido e ramos de flores secas e Kat viu que quase todas as mesas estavam ocupadas. A *osteria* estava tão cheia que Dante poderia estar demasiado atarefado para sair da cozinha e vir cumprimentá-la. Enquanto estudavam as respetivas ementas, Kat tentou concentrar-se, ver se novos pratos haviam sido adicionados ou se algum dos seus velhos favoritos fora removido. Mas a sua mente dispersava-se. Observava as portas que davam para a cozinha esperando com todas as forças que Dante não estivesse prestes a sair por elas.

– Pede para os dois – disse ela a Massimo.

– Tens a certeza de que não queres escolher, já que sabes o que é bom?

– Tenho, surpreende-me.

Enquanto Massimo estudava cuidadosamente a ementa, Kat ficou a olhar para a sala de jantar e tentou acalmar os pensamentos. O zumbido da conversa era alto e havia uma atmosfera de convívio. Viu o empregado de mesa a trazer pratos cheios da cozinha e imaginou que Dante devia estar a trabalhar no duro. Massimo fez o pedido, falando num italiano rápido, pelo que Kat não percebeu exatamente o que ele tinha escolhido.

– Parece tudo muito sazonal, por isso espero que haja alguns pratos novos para

tu experimentares – disse ele, enquanto o empregado lhes enchia os copos com um *Soave* clássico novo e fresco.

Um pouco antes, Kat tivera fome, mas agora o seu apetite desaparecera. Felizmente, o primeiro prato, uma travessa de verduras de outono e carnes fumadas, era fácil de petiscar. O segundo era mais pesado, com travesseiros gordos de *ravioli* feitos à mão, recheados com ervas e ricota e guarnecidos com amêijoas nadando num molho amanteigado.

– Não estás a gostar disso? – perguntou Massimo quando a viu depenicar das bordas do prato.

– É delicioso – assegurou ela. – O vinho também é fantástico. Está tudo perfeito.

– Perfeito? Tens a certeza? – perguntou ele.

– Desculpa? – Kat tinha quase a certeza de que ele não estava a falar apenas da comida.

– Porque ultimamente tenho pensado que tudo está longe de ser perfeito. Foi por isso que quis jantar contigo esta noite. Precisamos de conversar.

– É por causa do meu livro? – tentou adivinhar ela. – Odeia-lo completamente.

– O teu livro confunde-me – admitiu Massimo. – Apanhou-me de surpresa.

– É um primeiro rascunho. Nada é definitivo ainda. Posso mudar isso.

– Podes fazer com que eu pareça menos chato?

Kat riu-se.

– Tu não és chato, juro.

– O que mais me preocupou é haver lá tanta coisa que eu não sabia. – Abanou a cabeça pesarosamente. – É como se eu não fizesse parte da tua vida ou do teu livro. Não me apercebi de como deixei o trabalho tomar conta de tudo ultimamente. Mas há uma razão para isso, Kat. Um dia, quando os meus pais partirem, terei de comprar a parte da minha irmã no Hotel Gôndola. E o preço que ela vai querer e o que é justo são duas coisas diferentes. Por isso, trabalho longas horas, mantenho os custos baixos, poupo o máximo que posso.

– Não consegues imaginar a tua vida sem aquele hotel, não é?

– Não quero imaginar isso.

– Então vais envelhecer lá?

– Espero que sim.

Kat quase podia vê-lo, o seu cabelo ainda escuro a ficar grisalho, os ombros largos um pouco curvados, fazendo um turno no terraço nas noites de verão, encantando os hóspedes como sempre. De alguma forma, ela não conseguia situar-se naquela imagem.

– Para nós os dois, o trabalho é o que vem primeiro – disse. – Talvez isso seja inevitável se as pessoas só se conhecerem quando já são mais velhas.

Massimo estendeu a mão sobre a mesa e as pontas dos dedos tocaram as dela.

– Por uma vez, não vamos falar de trabalho. Há algo mais importante para discutir.

Kat preparou-se, imaginando o que viria dali.

– As minhas filhas estiveram em Veneza por um curto período de tempo durante as férias de verão. A Zita disse-me que nos viste juntos e ficaste perturbada por eu não te ter contado.

– Ela não devia ter-te falado disso. Eu estava apenas a passar por um momento demasiado sensível... Não é importante.

– Mas eu acho que é importante. Adoraria apresentar-te às minhas filhas. Está a ser muito difícil para mim manter-te afastada. Tenho evitado coisas... celebrações, encontros... e isso não pode continuar. Estou a começar a pensar no Natal: deixo-te sozinha e passo o dia com a minha família? Os meus pais continuam a pedir para te conhecer, a minha irmã também.

Kat não tinha a certeza do que ele estava a tentar dizer.

– Então estás a dizer que queres que nos conheçamos?

– Sim, claro que sim, mas primeiro preciso de saber exatamente o que tens em mente.

Kat olhou para ele sem expressão.

– Quero que façamos parte da vida real um do outro a partir de agora. Não apenas um ano juntos, mas um futuro. O que estou a tentar perguntar é se também queres a mesma coisa. Partilhar uma vida comigo.

Kat respirou fundo.

– Massimo, eu sou doida por ti, sou mesmo, mas... – hesitou.

– Mas? – incitou-a ele.

Era melhor ser honesta.

– Não acho que pudesse gostar da tua vida. Gerir um hotel, todos os dias a mesma rotina, presa a ele. – Kat viu a dor nos olhos dele e quase vacilou. – A culpa não é tua. Compreendo que é isso que adoras fazer. Só que eu sou diferente.

– Talvez não sejas tão diferente quanto pensas – disse ele num tom neutro. – Talvez queiras as mesmas coisas que a maioria das pessoas quer.

– Eu quero viajar, conhecer lugares novos e ter experiências novas.

– E imaginas que eu te impediria de fazer isso?

– Bem, eu...

– Até tu precisas de um lar ao qual voltar, Kat. – A voz dele quase pareceu quebrar-se ao pronunciar as palavras. – Não achas?

Dante escolheu aquele momento para sair pelas portas da cozinha, muito feliz em vê-la, trazendo um novo prato que desejava que ela experimentasse. Não sabia que agora a sua opinião era essencial para ele? E porque não aparecera ela durante tanto tempo?

– Estive a trabalhar. – Kat foi breve, esperando que ele percebesse a deixa e se fosse embora.

Mas nesse momento Dante estava a apresentar-se a Massimo, apertando-lhe a mão e dizendo que tinha muito prazer em conhecê-lo. Sem poder fazer nada, Kat viu as duas partes separadas da sua vida em Veneza misturarem-se.

Massimo recuperou a compostura e começou a conversar com Dante, elogiando a comida, fazendo-lhe perguntas.

– Sim, a minha pequena *osteria* está a correr muito bem – disse Dante. – A Kat foi fantástica nos primeiros dias; o entusiasmo dela ajudou-me a continuar quando parecia que os clientes nunca iriam aparecer. Ela tem um excelente palato e não receia dizer exatamente o que pensa. É uma das poucas pessoas que conheço que é tão apaixonada por comida quanto eu.

– Então vocês são bons amigos? – perguntou Massimo, olhando para Kat, que se mexeu nervosamente na cadeira. Ela interrogou-se até que ponto do manuscrito ele lera antes de o ter interrompido. Será que chegara à descrição da noite que passara na gôndola de Dante a ver os fogos de artifício da Festa del Redentore ou àquela noite na lagoa no seu barco falando sobre comida? Kat achava que tinha sido discreta, evitando qualquer indício de sedução, mas já não tinha tanta certeza.

– Sim, somos muito bons amigos. – Dante parecia alheio ao desconforto dela. – Passámos ótimos momentos juntos nos últimos meses. Na verdade, Kat, eu queria saber se quer sair para pescar uma manhã. Pensei que poderíamos ir de barco até ao meu lugar habitual na lagoa, fazer um piquenique, claro, e ver se conseguimos apanhar um salmonete.

Kat brincou com o guardanapo e olhou para o prato que Dante havia trazido e que arrefecia rapidamente na mesa.

– Diga-me o que é isto – pediu ela, na esperança de mudar de assunto.

– Pombo assado, um *raviolo* recheado com as miudezas, sobre uma cama de *foie gras* apenas com um leve toque de trufa. Coma, coma – insistiu Dante. – Diga-me o que acha. É muito pesado? Inicialmente pensei que sim, mas depois mudei de ideias porque é para a ementa de inverno e é a estação em que ansiamos por esse tipo de sabores mais profundos e robustos.

Kat pôs uma pequena quantidade no garfo e levou-a à boca. Mastigando a comida, achou-a gordurosa e desagradável.

– Sim, muito pesado – disse, sentindo a garganta contrair-se ao tentar engolir.

– OK, OK. – Franzindo a testa, Dante voltou-se para a cozinha. – Não se esqueça da pescaria. Vamos sair muito cedo, por isso diga-me que manhã lhe convém.

Depois de ele ter ido embora, instalou-se o silêncio. Ela e Massimo sentaram-se com os pratos de comida mal tocada entre eles, rodeados pelo murmúrio das conversas e sem dizerem nada um ao outro.

Por fim, Massimo falou.

– Já se passaram seis meses e eu ainda não te conheço, não é?

– Claro que me conheces.

Ele abanou a cabeça.

– Este tempo todo tenho-te aborrecido tanto com o meu trabalho chato e a minha rotina e o meu hotel que te sentiste presa e eu não percebi isso.

– Não – começou ela –, não é nada disso.

– Tens estado ocupada com a tua vida, os teus amigos, o teu mundo... deixaste bem claro que é muito mais emocionante do que o meu. Compreendo. Não te censuro.

Desesperadamente, Kat procurou na sua mente a coisa certa a dizer.

– Mas este Dante, *chef*, gondoleiro, o que quer que ele seja, certamente há apenas uma razão pela qual não me apresentaste um homem com quem passaste tantos momentos maravilhosos.

– Somos amigos, é tudo – insistiu Kat. – Não aconteceu nada entre nós.

– Foi isso que pensei quando li o teu livro. – O tom dele era incrédulo. – Mas agora...

– Foi por isso que sugeriste que viéssemos aqui? Suspeitavas de alguma coisa?

– Kat não podia acreditar que ele fosse tão desonesto, depois percebeu o que devia ter acontecido. – Estiveste a falar com a Zita. Isto foi ideia dela.

– Ela achou que tu e eu precisávamos de conversar a sério e tinha razão – disse Massimo na defensiva.

– Contaste-lhe que leste o meu manuscrito?

– Tinha de discutir isso com alguém. Não sabia a quem mais me dirigir. – A voz dele era baixa e Kat achou que soava muito triste. – Ninguém deve culpar a Zita por isso.

– Mas ela intrometeu-se? – Kat ficou furiosa. – O que é que ela te disse?

Massimo suspirou pesadamente.

– Que a culpa era principalmente minha. Que se eu fui deixado de fora da vida que estás a levar aqui, então deve ser porque não tenho tempo suficiente para a nossa relação. Ela deu-me um grande sermão.

– E depois sugeri vir jantar ao Locanda Dante esta noite?

– Eu descrevi-lhe o que tu escreveste sobre este restaurante e sobre ele. – Massimo fez um gesto em direção à cozinha. – Disse-lhe que não conseguia parar de pensar nisso, imaginando o que poderias estar a deixar de fora, a não contar a mim ou aos teus leitores. A Zita disse que eu deveria vir ver por mim mesmo, que isso poderia deixar-me mais descansado. Só que não deixou. De modo nenhum.

Kat sentiu-se destróçada. Massimo andava a pensar em todas aquelas coisas e contara-as à sua ex-mulher em vez de a ela.

– Não aconteceu nada – repetiu. – O Dante e eu saímos no barco dele algumas vezes, só isso.

– Talvez seja verdade, mas não sei se isso importa agora. – Massimo levantou-se e deixou cair algum dinheiro na mesa. Os seus olhos estavam velados e a sua voz rouca. – Pensei que era possível fazer as coisas funcionarem, mas estava enganado. Tu não queres estar comigo, Kat? Esse é o verdadeiro problema. Está na hora de acabarmos, não achas? Porquê lutar por um ano inteiro juntos só porque foi o que concordámos no início, se nenhum de nós é feliz? O pior seria acabar por nos odiarmos um ao outro. Portanto, vamos parar antes que isso aconteça.

– É mesmo isso que queres? – Kat perguntou, paralisada.

– É o que faz sentido. – Massimo deixou escapar uma respiração entrecortada e parecia estar prestes a dizer algo mais, depois deteve-se e, abanando implacavelmente a cabeça, saiu do Locanda Dante sem outra palavra. Kat não tentou impedi-lo. Por alguns instantes, permaneceu imóvel antes de encher o copo

de vinho quase até à borda e emborcá-lo com uma determinação silenciosa.

O *maître d'* estava a olhar para ela, assim como o casal na mesa ao lado. Provavelmente tinham ouvido tudo, mas Kat não se importou.

– Desculpe – disse a mulher, com um sotaque inglês. – Reconheço-a de algum lado. Já apareceu na televisão? Oh, sim, eu sei. É a Kat Black, não é? Eu costumava ver o seu programa todas as semanas. Vai regressar em breve? Tenho saudades.

Por esta altura, Kat já sabia despachar estranhos que a reconheciam, mas a sua presença de espírito abandonara-a. Pesadamente, acenou à mulher, assinou um autógrafo no seu mapa turístico de Veneza e até conseguiu alguns momentos de conversa forçada e educada.

– Que bom conhecê-la – disse a mulher, enquanto Kat se levantava para se ir embora. – Não sabia que vivia em Veneza. Foi a cereja no topo do bolo da nossa noite.

Com um sorriso débil, Kat recuou. Apressou-se a sair do Locanda Dante, quase a correr pela *calle* e afastando-se do local, parando apenas quando chegou a um *campo* largo dominado por uma basílica gótica. Um canal contornava uma esquina, largos degraus levando até ele, e Kat afundou-se num deles, a sua cabeça caindo nas mãos.

Ficou ali durante muito tempo. Passavam pessoas – casais indo e voltando do jantar, grupos barulhentos que tinham bebido de mais, turistas usando mochilas garridas na frente. Enquanto a noite caía e a escuridão se adensava, o número de pessoas foi diminuindo, até Kat ficar completamente sozinha.

Todas as manhãs, Kat acordava desorientada. O seu primeiro pensamento era que estava sozinha na cama e depois lembrava-se que se encontrava no apartamento. Abaixo dela não havia hotel; nem enxames de turistas debruçando-se sobre mapas e planeando o dia, nem Massimo.

Fora direta para lá depois daquele jantar desastroso no Locanda Dante e dormira em cima de um colchão sem roupa de cama. Agora havia lençóis e almofadas, e as suas roupas estavam penduradas no guarda-vestidos. O seu retrato pintado por Ruth fora pendurado na parede e Coco emprestara-lhe uma jarra para colocar flores.

Além de uma troca intensa de mensagens escritas, mal tivera contacto com Massimo. Ele havia mandado os seus pertences e pagara-lhe a última semana de turnos no bar. A sua última mensagem dizia: «*Pode não ter funcionado, mas ainda bem que tentámos. Cuida-te onde quer que te aventures. Adeus e boa sorte.*»

Kat relia-a pelo menos uma vez por dia e, de cada vez, o seu coração ficava um pouco mais pesado.

Coco continuava a dizer que os homens italianos eram orgulhosos e os venezianos, acima de tudo. Ela encarregou-se de animar Kat, agarrando toda e qualquer oportunidade de alegria. Houvera *cocktails* no Gritti Palace e concertos no La Fenice; inaugurações de exposições de arte; até mesmo um passeio com Vittorio para ouvir canto gregoriano no mosteiro de San Giorgio Maggiore. Kat concordava com tudo o que era sugerido.

Naquele dia chovia e as nuvens baixas estavam tão escuras quanto o seu humor. Kat deixou-se ficar na cama tentando resistir ao desejo de verificar o *e-mail* e ver se a agente dissera alguma coisa. Tudo tinha ficado ameaçadoramente silencioso. Nem ela progredia na sua escrita. Já não conseguia fingir. O ano no Hotel Gôndola tinha acabado, tinha chegado a um final prematuro e com isso também o seu livro. À toa, Kat perguntou-se se os seus editores esperariam que devolvesse o adiantamento que recebera.

O dinheiro começaria a ser um problema em breve. Ainda lhe sobravam algumas poupanças, e uma vez gastas, teria de arranjar outro plano. Kat não tinha ideia do que isso poderia ser, mas sempre fora boa a pensar num problema de cada vez, por isso pôs o assunto de lado. Por agora, o que mais a preocupava era a parte esfiapada da sua vida em Veneza. Não era assim que queria deixar as coisas.

Por muito cinzenta que estivesse a manhã, havia alguma luz. Ruth estava em Veneza. Tinha-se registado no Hotel Gôndola na noite anterior e, ao descobrir que Kat se fora embora, mandou-lhe uma mensagem a perguntar o que havia acontecido.

Venha almoçar ao meu apartamento amanhã e eu explico-lhe tudo, respondera Kat.

Ter uma refeição para preparar deu-lhe um objetivo. Forçou-a a levantar-se e a vestir-se, a andar pelas ruas escorregadias até ao mercado de Rialto, negociar com os vendedores de lá o preço do *radicchio* amargo e da abóbora doce de outono e comprar um pedaço de queijo que não se podia dar ao luxo de comprar na Casa del Parmigiano. De volta ao apartamento, embora o ritmo de picar, cortar e mexer não a tenha livrado completamente da sua tristeza, ajudou a aliviá-la um pouco.

No momento em que a campainha da porta soou estava tudo pronto. Kat esperou impaciente, ouvindo os passos de Ruth enquanto esta subia a escada íngreme com cuidado.

– Oh! – disse Ruth, fixando os olhos nela. – Oh, céus.

– Não me diga de que cor sou, porque não quero saber.

Ruth inclinou-se para um abraço rápido e depois Kat afastou-se para ela poder passar pela porta.

– Entre. Verá que a casa tem um aspeto um pouco diferente.

Ruth olhou para a tela brilhante na parede e para a confusão dos pertences que Kat não se tinha dado ao trabalho de arrumar.

– Está a viver aqui agora. O que aconteceu? O que é que não resultou?

– Vamos comer, depois explico-lhe. Conte-me sobre a sua vida primeiro. Como foi o seu verão? O que tem feito?

– A minha vida é a mesma de sempre – disse Ruth, sentando-se à mesa e aceitando um copo de *Prosecco*. – Eu estava ansiosa por voltar aqui e ansiosa por vê-la. Quando me disseram que se tinha ido embora, ao princípio pensei que queriam dizer que a Kat tinha deixado Veneza completamente.

– Pensei nisso – admitiu Kat. – Mas o meu apartamento em Londres está arrendado e, além disso, ainda não me sinto pronta para ir.

– A Coco deve ter prazer em ter a sua companhia. Como está ela?

– Melhor, mas ainda não totalmente recuperada do que quer que se tenha passado no verão. As mãos dela às vezes tremem; tenho a certeza de que não costumavam tremer.

– A idade dela está a alcançá-la. – Ruth não pareceu surpreendida.

– Eu acho que estou em negação acerca disso – confessou Kat. – Acontece que tenho estado em negação acerca de muita coisa.

Assim que acabaram de comer, Kat despejou a sua história. Ruth inclinou-se para a frente ouvindo com a sua intensidade habitual. Enquanto falava, Kat começou a ver-se através dos olhos da amiga. Era uma mulher que completara cinquenta anos, entrara em pânico e mergulhara na primeira relação que surgira; tinha sido um erro, mas ela não dera ouvidos a ninguém que lho tentasse dizer.

Orientar-se naquela relação revelara-se mais difícil do que encontrar o seu caminho num qualquer labirinto de becos venezianos. Ela não tinha lidado bem com isso.

– Magoei tanto o Massimo, isso é o pior – disse ela. – Continuo a pensar na última vez que o vi. Sinto-me tão triste e tão arrependida.

Ruth recostou-se na cadeira.

– Suponho que isso o explica então.

– Explica o quê?

– A sua cor: é uma faixa grossa de amarelo-escuro e não se alterou desde que eu cheguei.

Pela primeira vez, Kat não descartou a sua conversa como um disparate esotérico. Tinha a sensação de que quase sentia a cor a oprimi-la e a sufocá-la.

– Que estranho, mas acho que tem razão – admitiu ela. – Que diabo vou fazer?

– Penso que isso depende do que quer – disse Ruth, pensativa. – Primeiro precisa de se lembrar que todas as relações passam por dificuldades, mesmo as mais felizes. Vocês podem manter-se juntos ou separar-se. Nenhuma é uma escolha fácil.

– A Ruth e o seu marido tiveram problemas? – perguntou Kat e desculpou-se imediatamente. – Desculpe, é uma pergunta tão intrusiva.

– Não faz mal, e claro que sim. Discutíamos, magoávamos os sentimentos um do outro, interpretávamo-nos mal. Muitas vezes discutíamos por coisas triviais e não dizíamos o que era importante.

– Como o Massimo e eu – apercebeu-se Kat. – Continuo a perguntar-me o que deveria ter feito de diferente. Se o tivesse deixado ler o livro no início, se não mantivesse a minha amizade com o Dante em segredo, se não o fizesse sentir que a vida que ele escolheu fosse monótona e sem sentido... Mas talvez tudo tivesse corrido mal na mesma. Quero dizer, só a ideia, um ano juntos, sem pensar no que aconteceria quando terminasse. Foi uma loucura, não foi? Olhando para trás, muitas pessoas tentaram avisar-me, mas eu não estava interessada em ouvir.

Ruth esboçou um leve sorriso.

– Sim, eu lembro-me.

– Pensei que o amor seria algo que aconteceria ou não aconteceria, e então seria óbvio o que deveríamos fazer a partir daí.

– E aconteceu? A Kat ama-o?

– Eu acho que sim, mas...

– Continue – encorajou-a Ruth.

– Se eu o amasse o suficiente, não estaria preparada para desistir de tudo o resto? Da minha vida independente, da minha carreira, de ser capaz de fazer as malas a qualquer momento e partir para qualquer destino? Devia querer o Massimo mais do que qualquer uma dessas coisas.

– Mas ainda sente que essas coisas a chamam?

– O tempo todo – admitiu Kat. – Por muito que goste do Massimo, não sei se eu poderia ser a pessoa de que ele precisa. Talvez ele estivesse certo, estava na hora de acabar. Nunca houve um futuro para nós. Só queria que tivéssemos

conseguido fazer isso de uma maneira melhor, em vez de ser tudo tão confuso e doloroso.

Conversaram o resto da tarde, bebendo bules de chá de camomila. Ruth não tinha nenhuma resposta, mas a conversa parecia ajudar Kat a unir alguns dos fios de pensamento que se desenrolavam na sua mente. Quando a noite se aproximou, ela sentia-se melhor do que se sentira há algum tempo.

– Tirei-lhe tanto tempo, quando poderia estar a pintar – disse ela a Ruth, com um sentimento de culpa.

– Não se preocupe com isso, não estou com pressa de começar. Este verão mal peguei nas tintas e quanto mais tempo deixo passar, mais difícil se torna. Parece que perdi toda a criatividade que fluía tão facilmente quando estive aqui da última vez. Espero que voltar a Veneza mude as coisas.

– A Coco está determinada a que a Ruth pinte os retratos dela e do Vittorio.

– Ah, sim. – Ruth suspirou. – Esqueci-me convenientemente disso. Eles queriam que eu os pintasse juntos?

– Não, ela decidiu que será em separado e começando pelo Vittorio. A Coco tem tudo planeado. A Ruth vai pintá-lo no apartamento dele, que é luxuoso, pelos vistos. Ela até escolheu o que ele vai usar. Não vejo como vai sair desta.

– Pintar o Vittorio pode ser muito agradável – admitiu Ruth. – Ele tem uma bela cor castanho-avermelhada. É com a Coco que me vou debater: tudo cinzento, não sei como vou conseguir.

– Então é melhor demorar muito tempo com o Vittorio – aconselhou Kat, rindo-se.

Quando Ruth se foi embora, a chuva estava a dissipar-se e as nuvens haviam levantado o suficiente para que algumas estrelas brilhassem. Kat percorreu com ela quase todo o caminho de regresso ao Hotel Gôndola, acenando com a cabeça ao passar por uma velha veneziana que frequentava as mesmas bancas no mercado, um talhante onde ela comprava carne e o homem que vendia bilhetes para o barco *traghetto* em que Kat atravessava o Grande Canal com frequência.

– Era isto que eu queria quando nos conhecemos – disse ela a Ruth. – Fazer parte de Veneza, conhecer as pessoas que vivem aqui e está a acontecer agora, quando já é tarde demais.

– Então decidiu-se. Vai voltar para casa?

Kat abanou a cabeça tristemente.

– Acho que vai ser mais como sair de casa do que voltar.

Não percorreu todo o caminho até ao Hotel Gôndola porque não queria ver a fachada familiar: as janelas em arco iluminadas por dentro, os lustres de cristal de Murano deslumbrantes no átrio da receção e o emaranhado de pequenas luzes brilhando no terraço. Zita estaria atrás do bar nesse momento, Massimo ainda no seu escritório ou com ela cumprimentando os hóspedes que chegavam os poucos. Era um sentimento perturbador, saber que não fazia parte de tudo aquilo.

Depois de se despedir de Ruth, começou a refazer os seus passos. Havia um vendedor ambulante a vender castanhas assadas na esquina e Kat parou para

comprar um cartucho. Aconchegando o pacote quente ao peito, apressou-se, ansiosa para chegar a casa, enroscar-se na velha *chaise-longue* e refletir um pouco mais acerca do que Ruth havia dito sobre as relações, as dificuldades por que passara e como decidir por que valia a pena lutar.

Kat não percebeu que estava a ser seguida até se ter virado na montra de uma loja que lhe chamou a atenção, esbarrando numa figura vestida de preto atrás dela.

– Desculpe – disse automaticamente, reconhecendo o rosto escurecido pela pala de um boné de lã preto. – Adriana, é você?

– Sim – disse uma voz rouca familiar.

– Está a sair do trabalho? Vai para casa? Não sabia que vivia por aqui.

– Não vivo – admitiu Adriana. – Vim atrás de si. Preciso de falar consigo.

– Sobre o Massimo? – Foi a primeira suposição de Kat.

– Não, tenho algo importante para lhe pedir. Tem uns minutos?

– Suponho que sim.

– Então, siga-me. – Adriana apontou para um pequeno *bacaro* com que Kat não se incomodava porque só havia alguns *crostini* velhos no balcão de madeira desgastado. – Ofereço-lhe uma *ombra*.

Ela pediu dois copos de vinho tinto, falando com o dono em dialeto veneziano enquanto desabotoava o casaco e tirava o boné. O homem parecia veemente sobre o que estava a dizer; pousando a garrafa a dada altura para que as suas mãos ficassem livres para gesticular.

– Ele não parece satisfeito – observou Kat, quando o homem finalmente terminou de servir o vinho.

– Está a dizer que teve uma temporada má. Os passageiros dos navios de cruzeiro não gastam dinheiro. Ficam aqui e fazem a *ombra* durar o máximo que podem, tirando *selfies* e postando no Instagram. Nunca compram nada para comer.

– Talvez ele precise de servir comida melhor – sugeriu Kat.

Adriana franziu a testa.

– Não compreende a situação dele?

– Os bons *bacari* estão sempre cheios – apontou Kat. – Este não é um deles.

– Talvez seja verdade – admitiu Adriana –, mas a questão é que estas pessoas dos navios de cruzeiro estão a acabar com a vida em Veneza. E é por isso que preciso de falar consigo. Preciso da sua ajuda.

– Precisa? – Kat ficou surpresa.

– Não eu, pessoalmente – apressou-se a acrescentar Adriana. – A organização com que o Nico e eu estamos a trabalhar, Respeitem Veneza. Nós produzimos os folhetos que lhe mostrei há uns tempos. Lembra-se?

– Sim, mas não percebi que ainda estava envolvida com eles.

– Trabalho nos bastidores. O Massimo sabe e não tem problemas com isso.

– Como está o Massimo? – perguntou Kat.

Adriana encolheu os ombros.

– Bem... a trabalhar arduamente, como sempre.

– A minha falta não é sentida, então? – disse Kat, com uma risada estranha.

– O Massimo fala de si. Foi assim que fiquei a saber da sua série de televisão. Ele disse que já filmou um episódio-piloto e é ótimo.

– Ele disse isso? – Kat não pôde deixar de se sentir satisfeita.

– Sim, e depois pensámos que seria bom se a Kat fizesse um dos seus programas sobre o Respeitem Veneza. Os nossos objetivos, as nossas manifestações, todas as razões pelas quais devemos lutar pela nossa bela cidade, para que nunca tenhamos de sair daqui.

– O Massimo sugeriu isso?

– Foi ideia do Nico. Ele diz que temos de provocar ruído alto o suficiente para que o mundo nos ouça. – Adriana estava mais animada do que Kat alguma vez a vira. – E a Kat pode ajudar-nos.

– Lamento, mas não posso – disse Kat.

A expressão mal-humorada tomou de novo conta do rosto da jovem.

– Eu disse ao meu irmão que essa seria a sua resposta.

– Não é que eu não esteja interessada, mas ainda não tenho um programa de televisão e provavelmente não vai acontecer.

– O Massimo anda a dizer a toda a gente que foi por isso que a Kat saiu do hotel. Porque precisa de voltar para a sua carreira.

– Isso não é exatamente assim – disse Kat cuidadosamente. – É mais complicado.

Adriana lançou-lhe um olhar astuto.

– Estou a ver.

– Se lhe serve de consolo, concordo consigo. Veneza pode ser arruinada se nada for feito. Ajudarei, se puder. Mas neste momento ainda nada está decidido...

– As coisas estão difíceis, entendo – disse Adriana. – Se isso mudar, a Kat sabe onde me encontrar. Ficaria contente em ter notícias suas.

– No caso improvável de o meu programa ser aprovado, entrarei em contacto consigo – prometeu Kat.

Adriana concedeu-lhe um sorriso.

– Obrigada.

– Mande os meus cumprimentos a todos no hotel – disse Kat, e depois acrescentou: – A Zita ainda lá está?

– Não, foi-se embora pouco depois de si. O Nico voltou agora. Pensei que soubesse disso.

– Quer dizer que ela não está a trabalhar no bar?

– As coisas são calmas durante o inverno – disse Adriana. – O Nico desenvencilha-se facilmente até o movimento voltar a aumentar na primavera.

Kat sentiu uma onda de raiva.

– Ela só esteve lá por minha causa, não foi?

– A Zita? Sim, claro.

– E agora que o Massimo e eu acabámos, suponho que ela conseguiu o que quis com toda a sua interferência.

– Não, a Kat está a tirar conclusões erradas, como sempre.

– A Zita quer o Massimo de volta. Não é tão óbvio? – Kat estava furiosa. Adriana negou com a cabeça.

– A Kat não a conhece. Se ela quisesse o Massimo, então tê-lo-ia. É uma mulher forte, determinada; quase sempre consegue o que quer.

– O que estava ela a fazer, então? – quis saber Kat. – Observava-me? Alegando que queria ser minha amiga. Porquê?

– Está a entender mal toda a situação – insistiu Adriana.

– Então explique-me o que estava a acontecer.

– Parece bastante óbvio. – Adriana era tão condescendente como sempre. – As filhas são tudo para a Zita. Ela é protetora. Quando lhe pareceu que a Kat poderia tornar-se uma parte da família, quis aproximar-se, para saber tudo o que é importante sobre si. Agora que se foi, deixou de ter importância para ela. E assim desapareceu da sua vida. *Puf...*

– A sério? – Kat estava incrédula. – Ela é assim tão manipuladora?

– E vai fazer o mesmo com a próxima mulher que aparecer na vida do Massimo... se houver outra.

Adriana abotoou o casaco, tornou a pôr o boné e tirou um cachecol da carteira para enrolar ao pescoço. Indicando a roupa fina de Kat, disse:

– Está a ficar frio lá fora. Precisará de arranjar roupas mais quentes se quiser ficar em Veneza durante todo o inverno.

– Talvez. – Kat tocou na leve camisa de cambraia. – Não sei se ficarei aqui por muito mais tempo.

Terminando o vinho, Adriana levantou-se.

– Ele sente a sua falta – disse rapidamente. – Pode nunca falar nisso, mas é óbvio.

Coco estava de bom humor; em alguns dias mostrava-se tão insistentemente otimista que Kat só conseguia lidar com ela em pequenas doses. Mais uma vez, a maior parte da sua atenção concentrava-se no seu esquema casamenteiro. Tendo finalmente recusado a proposta de casamento de Vittorio o mais carinhosamente possível, estava mais determinada do que nunca a vê-lo casado e feliz com outra pessoa.

– Não vou cometer o mesmo erro que cometi com aquela mulher do ioga – disse ela ao saber que Ruth regressara a Veneza. – Tanto esforço para nenhum resultado. Desta vez pretendo atuar depressa e a Kat vai ajudar-me.

– Não é arriscado interferir nas relações das pessoas? – perguntou Kat, que tinha uma nova perspetiva de como poderiam ser complexas. – Não seria melhor deixar as coisas acontecerem naturalmente?

– Deixar as coisas acontecerem naturalmente? – Coco parecia perplexa. – Não seja ridícula.

Preparar Vittorio para a pintura do seu retrato envolveu bastante trabalho. Coco mandou-o cortar o cabelo, esfoliar a pele e arranjar as unhas. Mudou de ideias várias vezes sobre a roupa que ele deveria usar e o cenário ideal para o colocar.

– Não tem importância – continuava Kat a dizer-lhe. – A Ruth concentra-se na cor que ela vê numa pessoa. O Vittorio é castanho-avermelhado, ao que parece. Ela diz que é um belo tom.

– Melhorar a apresentação do Vittorio não vai fazer mal – argumentou Coco. – A Ruth vai passar muito tempo a olhar para ele enquanto pinta esse retrato. Confie em mim, tenho experiência com artistas. Se houver uma falha, os olhos dela vão encontrá-la.

– Eu não acho que a Ruth seja assim – contrapôs Kat, mas Coco não quis ouvir.

– O meu Vittorio ficará no seu melhor. Enquanto ela pinta, eles conversam. Vai dar-se uma atração... naturalmente. Tal como a Kat afirmou.

– Parece tudo muito simples.

– Porque não haveria de ser? – perguntou Coco alegremente. – Estas duas pessoas devem ficar juntas. Estamos apenas a ajudá-las.

O dia da primeira sessão calhou ser o aniversário de Kat. Ia fazer cinquenta e

um anos – a fatia de vinte anos que a sua mãe dissera ser tudo o que ela poderia esperar começara já a reduzir-se. Apesar de ter prometido uma festa a Coco, Kat decidiu deixar o dia passar como qualquer outro. Sem postais de felicitações, sem bolo, sem champanhe.

Acordou cedo e tomou o habitual pequeno-almoço de café com leite e um simples brioche, ao lado do balcão da *pasticceria* mais próxima. Coco apareceu, vestida de lã creme e vários colares longos de pérolas iridescentes.

– Depressa – pediu ela a Kat. – Quero ter a certeza de que chegamos antes da Ruth. Tudo deve estar perfeito.

Apesar de exigir pressa, a caminhada com Coco foi lenta. Os cãesinhos puxavam as trelas, arrastando-a para a frente e, várias vezes, enquanto subia os degraus de uma ponte, precisou de parar para recuperar o fôlego.

– Sente-se bem, Coco? – perguntou Kat. – Será melhor apanharmos um táxi aquático?

Apoiando-se na balaustrada, Coco abanou negativamente a cabeça.

– Eu estou bem. Já não falta muito para chegarmos.

O apartamento de Vittorio ficava no piso térreo de um *palazzo* em Dorsoduro. Era grande, mas a maioria das divisões tinha uma atmosfera fria e húmida de espaços que raramente eram habitados. Havia uma camada de pó nas prateleiras de vidro e nos ornamentos. Apenas algumas das molduras com fotografias estavam limpas e polidas, as que continham retratos da esposa que havia morrido e do filho adulto que se mudara para Roma.

– Entrem, entrem. – Vittorio parecia muito feliz em vê-las. – Dispus a sala exatamente como me disse. Que tal estou? Elegante o suficiente?

Estava vestido com um fato de cor creme, um lenço ao pescoço, outro lenço a condizer espreitando do bolso de cima, e trazia uma bengala de madeira polida decorada com um castão dourado.

– Parece que se esmerou – disse Kat com delicadeza.

– Claro! – Ele sorriu-lhe de forma radiante.

O pano de fundo cuidadosamente preparado era igualmente formal. Havia um brasão da família pendurado na parede atrás de onde ele pretendia posar. Um grande samambaia envasada num suporte alto fora colocada de um dos lados do ponto escolhido, e do outro, uma estatueta de mármore de um leão.

Ruth chegara um pouco antes e estava nervosa. Ainda não tinha armado o cavalete nem tirara as tintas e os pincéis.

– Não é assim que costumo trabalhar – murmurou ela para Kat, enquanto Coco estava ocupada a mexer na samambaia, borrifando as folhas com um pouco de água.

– O que é que quer que eu faça?

– A criatividade invade-me quando não me esforço por a encontrar – disse Ruth. – Preciso de me sentir relaxada e o Vittorio também.

– Então vou livrar-me da Coco, está bem?

– Sim, por favor. De certeza que isso ajudaria.

Coco recusou-se a perceber qualquer uma das dicas de Kat para sair. Estava convencida de que as coisas não correriam bem sem a sua interferência e planeava claramente ficar o tempo que fosse necessário.

Finalmente Kat sibilou-lhe:

– Não é provável que aconteça nada entre eles connosco aqui. Precisamos de os deixar sozinhos.

Relutantemente, Coco pegou na carteira e prendeu os cãesinhos às trelas. Depois de dar as últimas instruções – Vittorio deveria permanecer em pé, e Ruth devia fazê-lo ficar bonito –, deixou-se conduzir para fora do apartamento.

Kat arranjou um táxi aquático para as levar de volta e Coco pareceu aliviada por ter sido ajudada a subir a bordo. O dia estava nublado e triste e, quando o barco percorreu lentamente os canais tranquilos, ela permaneceu em silêncio, olhando para um lado, com os cãesinhos presos nos braços.

Pela primeira vez, Kat era a mais tagarela.

– Não seria ótimo se o seu plano realmente funcionasse? – comentou ela. – A Ruth e o Vittorio parecem gostar mesmo um do outro.

– Claro que sim – disse Coco, e havia uma tremura na sua voz que levou Kat a observá-la mais de perto. Viu que os olhos da amiga pareciam molhados e as suas bochechas um pouco húmidas.

– Está a chorar?

– Não, é o nevoeiro que me causa ardor nos olhos.

– O que se passa? – Kat tocou-lhe no ombro suavemente. – Pensei que ficaria feliz em ver que eles estão a dar-se bem.

Coco soltou um pequeno suspiro e virou a cabeça.

– Não é o que queria?

– Isto pode ser um novo começo para a Ruth, mas para mim é um fim. Vou sentir falta do meu Vittorio. Acho que tenho direito a sentir-me triste por um momento.

– O que quer que aconteça entre eles, a Coco pode continuar a vê-lo – apontou Kat.

– Sim, mas não será o mesmo. O meu tempo acabou.

– A Coco tem os seus outros amantes, não tem?

Ela assentiu.

– Por agora.

Coco pediu ao barqueiro para as deixar ao lado da sua loja. Agora era raro o sinal *Fechado* ser retirado da porta, mas ela tentava lá ir todos os dias e, às vezes, se um certo tipo de mulher parasse para olhar pela montra, poderia ser convidada a entrar com um aceno. «Tenho uma roupa perfeita para si. Não podia deixá-la ir sem a experimentar», dizia Coco.

Naquele dia parecia inquieta, cirandando pelo espaço desordenado, reorganizando roupas nos cabides e mudando o vestido no manequim que agora

estava posicionado no interior, bloqueando um pouco a porta.

– Está tão abafado aqui – disse Kat, abanando-se com a mão. – Deixou o aquecimento ligado durante a noite?

– Não há aquecimento.

– Deve haver; estou a suar. – Ela passou a mão pela testa que ficou húmida de repente.

– Não tenho calor nenhum, *cara*, só a Kat. – Coco inclinou a cabeça. – Mas acho que esta não é a primeira vez que sente muito calor sem qualquer razão?

– O que quer dizer? – perguntou Kat, embora suspeitasse do que aí vinha.

– Foi por isso que pensei que a Kat insiste em usar as roupas erradas para a estação? – disse Coco.

– Eu sou inglesa – respondeu Kat, irritada. – Não desatamos a vestir lã no dia em que o calendário nos diz que o verão acabou. Esperamos que fique frio.

A risada de Coco ecoou no ar.

– Para si, isso pode não acontecer muitas vezes este inverno. Precisarás de investir em camadas, *cardigans* de caxemira, *cara*, *écharpes* largas e xailes que possa tirar facilmente. Não se preocupe, pode ficar com um aspeto muito elegante.

Kat afundou-se encostando-se ao balcão e abanou o rosto corado.

– Oh, meu Deus, as terríveis oscilações de humor e agora isto.

– Acontece-nos a todas.

– Isto é um afrontamento.

– Sim, sim, mas não há necessidade de fazer tanto alarido.

– Eu posso ter um momento de tristeza, não posso?

– Um momento, sim – concordou Coco. – Todas nós podemos.

O calor pareceu abrasar o corpo de Kat e fazer o seu coração martelar. Ela teve de sair da loja. Na rua, o ar frio pode ter-lhe refrescado o suor na pele, mas não conseguiu acalmá-la. Uma palavra surgiu-lhe na mente: menopausa. Caminhando de regresso ao apartamento, tentou não olhar para as mulheres por que passava; tinha inveja das mais novas e as mais velhas lembravam-na do que estava por vir.

Em casa, tirou a roupa e tomou um banho, observando o seu reflexo no espelho manchado da casa de banho antes de enrolar uma toalha em volta do corpo molhado. Nada havia mudado. A sua cintura não parecia mais larga, os seus ombros não estavam curvados, o seu corpo de cinquenta e um anos ainda parecia forte e saudável. Vista do ângulo certo, a perda de definição da linha do maxilar não era muito perceptível e sob uma boa luz, as linhas em redor dos olhos não pareciam tão marcadas. Kat ainda não era velha; recusava-se a ser.

Vestida com uma simples combinação e o seu roupão de banho, abriu as portas envidraçadas da varanda e sentou-se com o portátil no colo, olhando com desânimo para *sites* sobre sintomas da menopausa e terapia hormonal.

– Olá – disse uma voz masculina e Kat olhou para cima para ver Dante inclinado da janela, olhando para ela.

– Olá – respondeu ela.

– Não tem frio sentada aí assim?

– Talvez um pouco, mas é refrescante.
– Vocês, ingleses... muito estranhos.
– Porque não está a trabalhar? – perguntou ela.
– É segunda-feira, o meu dia de folga – lembrou Dante. – Tinha planeado levantar-me cedo e sair para ir pescar, mas depois o despertador tocou e eu não consegui abrir os olhos. Por isso fiquei a preguiçar durante umas horas e agora quero comer. Tem fome?

Kat não tinha comido nada desde o seu brioche matinal.

– Sim, acho que tenho.
– O meu frigorífico está quase vazio. O que tem aí em sua casa?
– Não tenho grande coisa... *radicchio* novo de Treviso, queijo, nozes frescas e cogumelos *porcini*, azeite, claro.

– Isso é muita coisa. Fique aí, vou ter consigo.

Dante chegou com uma vasilha de caldo de frango congelado e um pacote de arroz *carnaroli* e, enquanto Kat se instalava na *chaise-longue*, ele tomou conta da cozinha, conversando enquanto cozinhava.

– Como está o seu amigo? – perguntou ele, espalhando o *radicchio* com azeite e colocando-o a assar no forno. – Massimo, não é?

– Já não é meu amigo – disse ela, com ligeireza suficiente. – Discutimos.

– Ah, entendo. – Ele deitou mais azeite numa panela, acendeu o gás e começou a picar uma cebola. – Está triste?

– Sim, mas uma parte de mim acha que pode ser melhor assim. Não vou ficar em Veneza por muito mais tempo.

– Não quer nada de muito sério com ninguém, então. – Dante pôs as cebolas no azeite quente e Kat sentiu o cheiro quando começaram a estalar. – Se se vai embora em breve.

– Exatamente. – Ela levantou-se para ir mexer as cebolas, enquanto Dante começava a partir as nozes.

– É exatamente o mesmo que eu – disse ele. – Não posso esperar que nenhuma mulher espere enquanto eu trabalho estas horas loucas. É melhor não levar nada a sério agora.

Ele fez um risoto com os *porcini* e as nozes, usando o último queijo caro de Kat para que ficasse muito cremoso.

O *radicchio* assado foi temperado com um pouco de vinagre balsâmico. Eles comeram avidamente, sentados lado a lado na *chaise-longue*, Kat fechando os olhos para sentir cada cambiante de sabor.

Quando terminaram, puseram as tigelas vazias no chão, demasiado cheios e confortáveis para se mexerem. O telemóvel de Kat tocou várias vezes com mensagens escritas, mas ela não se deu ao trabalho de se levantar e ir vê-las.

– Hoje é o meu aniversário – confessou ela a Dante. – Estou a tentar ignorá-lo, mas os meus amigos continuam a mandar mensagens e a lembrar-mo.

– Feliz aniversário. – Ele inclinou-se e os seus lábios tocaram a face de Kat. – Devia ter-me contado. Sinto-me mal por não ter nada para si; nem sequer uma

garrafa de *Prosecco*.

– Não é preciso.

– Talvez não, mas devemos tornar o dia especial. – Ele esboçou um sorriso lento e preguiçoso. – Não acha?

– O que tinha em mente?

Ele estendeu a mão e roçou o pescoço dela com os dedos e ela sentiu um arrepio na espinha.

– Dante... – começou ela.

– A Kat sabe como fica atraente quando come. – As pontas dos dedos dele deslizaram por baixo do roupão dela.

Ela ficou lisonjeada o suficiente para se sentir tentada por um momento e isso foi o suficiente para que os lábios de Dante caíssem sobre os dela. Beijou-a com ardor; a seguir, empurrou-a para a *chaise-longue* e libertou-lhe o roupão do corpo. Num movimento fluido, estava em cima dela e Kat ouviu a seda delicada da sua combinação a rasgar.

– Dante – disse ela novamente, meio indefesa.

Kat sentiu a pressão urgente dos dedos dele e respirou o seu odor almiscarado, a combinação rasgada em volta da cintura, os pelos ásperos da pele de Dante arranhando-lhe o rosto. O seu toque era rápido e impaciente. Agora ele estava a tirar o cinto e a tentar libertar-se das calças de ganga.

– Dante, pare. – Kat contorceu-se debaixo dele, partindo uma das tigelas sujas quando a pisou.

O rosto dele estava corado.

– Eu pensei que queria isto.

– Também posso ter pensado assim por alguns momentos. Mas não quero, lamento.

Dante puxou as calças de ganga para cima.

– Porquê? – perguntou ele.

– Não me parece... certo.

– Mas é o seu aniversário e estávamos a divertir-nos, não é nada sério.

– Lamento – repetiu ela.

– Se não quer, tudo bem. A Kat é que decide. – A voz dele era tensa, a sua expressão mal-humorada.

Kat aconchegou o roupão de banho ao corpo.

– Ainda somos amigos, certo? – perguntou ela atabalhoadamente.

– Claro. – Dante levantou-se e endireitou as roupas.

– Lamento – disse ela novamente.

– Ei, pare de se desculpar, não é nada de mais. – Ele encolheu os ombros de forma desleixada. – Vemo-nos na *osteria* qualquer dia, está bem? Aproveite o resto do seu aniversário.

Depois de ele se ter ido embora, Kat apanhou a tigela partida e lavou o resto da

loição suja. A seguir foi verificar o seu reflexo no espelho da casa de banho novamente; observando-se com minúcia desta vez. Viu como a pele acima do lábio superior formava pequenas rugas. Que havia manchas castanhas de danos causados pelo sol nas suas bochechas e que a testa parecia meio enrugada quando a franzia. A linha do queixo estava a perder a firmeza, fosse qual fosse o ângulo do rosto, e as linhas sob os olhos aprofundavam-se. A sua idade começava a notar-se. O mais provável era que Kat não atraísse homens mais jovens como Dante por muito mais tempo. Ainda assim, não se arrependeu de o ter travado.

Todos os dias havia pelo menos um momento em que Kat pensava em entrar em contacto com Massimo. Muitas vezes, pegava no telemóvel para lhe enviar uma mensagem ou imaginava cenários em que ia ao hotel e o surpreendia. Kat não sabia o que a impedia realmente de fazer isso, mas a cada dia que passava era mais difícil imaginar ficar cara a cara com ele, falar de uma forma que não fosse carregada de ressentimento, tornar as coisas melhores e não piores.

Era inverno em Veneza; as poucas árvores tinham perdido as suas folhas e o sol baixo no céu projetava sombras longas e dramáticas. Kat sabia que devia partir. Não havia nada que a prendesse ali. Os seus dias eram curtos e sem objetivo. Dormia muito e pontuava as horas em que estava acordada com as refeições. Um pequeno-almoço tardio com Coco na *pasticceria* habitual antes de caminharem juntas para a loja, depois um almoço feito a partir do que encontrasse no mercado a caminho de casa. À medida que o crepúsculo caía, Kat dirigia-se a qualquer *bacaro* que ela e Ruth tivessem escolhido, os seus passos ecoando nas ruas tranquilas, transformando um prato de *cicchetti* e uma *ombra* ou duas num jantar antecipado, enquanto conversavam.

Ruth havia prolongado a sua estadia em Veneza. Estava ali há mais de um mês e o seu retrato de Vittorio transformara-se numa série. Todos os dias os dois passeavam por um lugar novo, e todas as noites ela contava tudo sobre isso a Kat. Tinha-o pintado contra o interior cintilante do Caffè Florian, cercado por pombos numa nebulosa Piazza San Marco, ao início da manhã, em pé numa ponte sob um guarda-chuva amarelo, sentado ao lado de um canal a ler o seu jornal. Pintara-o em dias bons e húmidos, enquanto um vento forte soprava dos Dolomitas e uma tarde fria se tornava cinzenta.

– Nunca me concentrei tanto numa pessoa antes – admitiu ela. – É intenso e também fascinante.

Ninguém tinha visto o trabalho ainda, mas Coco havia começado a falar animadamente sobre amigos que tinham galerias e as oportunidades para uma exposição. Ruth foi mais cautelosa.

– Pode ser a melhor coisa que fiz ou pode ser a pior. Ainda não sei dizer – declarou ela.

Kat estava com inveja pois sentia falta de ter um projeto que a absorvesse. Ainda estava a praticar a edição de filmes, mas parecia não haver qualquer motivo

para filmar algo novo até ter uma resposta da sua agente. Quanto ao projeto do livro, fracassara completamente; não aguentava pensar nisso.

– Irei embora em breve – continuava a dizer a Ruth enquanto comiam *crostini* carregados de creme de bacalhau e pratos infinitos de almôndegas. – Rumo à minha próxima aventura.

A verdade era que Kat se sentia presa. Se ao menos pudesse comprar uma mochila e um bilhete de avião, desapareceria, como se tivesse de novo dezanove anos e abandonasse a faculdade. Houve momentos em que entrou em pânico com a maneira como um dia parecia confundir-se tão facilmente com o seguinte. Mas, acima de tudo, Veneza era um lugar fácil para não fazer nada. A cidade parecia estar a abrandar com ela. Era mais provável que as pessoas nas ruas, envoltas em casacos quentes e acolchoados, fossem venezianas, os *bacari* estavam meio vazios e os seus proprietários dispostos a parar e conversar. Havia tempo para se demorar com uma chávena de chocolate quente, rico e denso, para desfrutar da companhia de um amigo ou coscuvilhar com um vizinho.

Além de Coco, o único vizinho que Kat conhecia bem o suficiente para conversar era Dante. Vira-o em algumas ocasiões desde aquele incidente constrangedor no seu apartamento e os dois acharam mais fácil fingir que nada havia acontecido. Dante ainda falava em sair para ir pescar na lagoa e acenava sempre que a vislumbrava pela janela.

– A Kat precisa é de um amante – disse Coco certa tarde, quando estavam embrulhadas em velhos edredões, sentadas sob um trémulo raio de sol na varanda. – Pode muito bem ser ele.

– Eu pensei que a Coco não gostasse do Dante?

– Ele é vaidoso, arrogante, obcecado consigo mesmo, não tem sentido de humor. – Coco assinalou as piores qualidades do *chef* contando-as pelos dedos. – Mas também é conveniente. E a Kat precisa de fazer alguma coisa, *cara*. Esse seu desânimo não combina consigo.

– Eu sei que não – admitiu Kat. – Mas o Dante não é a resposta.

– Quem é então? O Massimo?

– Isso não vai funcionar. E de qualquer forma, é tarde demais; ele não fala comigo. Eu devia ter ido ter com ele depois daquela discussão estúpida. Se eu tivesse resolvido as coisas nessa altura... se eu o tivesse feito entender, então talvez estivesse tudo bem.

– Mas não o fez – disse Coco suavemente –, o que deve significar que não queria.

– Não é assim tão simples.

– É, sim.

– O Massimo fez-me uma pergunta naquela última noite durante o jantar – explicou Kat. – Queria que eu fizesse parte da vida dele para sempre, não apenas um ano. Pediu-me um compromisso, mas parecia-me que tinha muito a perder se me comprometesse. Disse todas as coisas erradas e, em seguida, houve tanto sofrimento e eu não sabia como consertar isso. Por isso mantive-me afastada.

– Esperava que ele viesse ter consigo?

– Talvez – confessou Kat.

– E agora sente falta dele?

Kat sentia falta do cheiro dele, acentuado e limpo. Sentia falta de lhe beijar o cocuruto da cabeça quando ele estava concentrado no trabalho, o esboço de um sorriso no seu rosto quando ele a provocava, o som da sua voz. Sentia falta de dormir com ele todas as noites e acordar todas as manhãs, o seu corpo enlaçado no dela. Acima de tudo, sentia falta da bondade dele.

– Sim, sinto falta dele – foi tudo o que disse a Coco.

– Eu também sinto falta do Vittorio. Mas essas coisas seguem o seu curso e há sempre alguém novo: é isso que torna a vida emocionante.

Kat não queria alguém novo. Percebera isso durante a discussão confusa com Dante. Depois, quanto mais pensava em Massimo, mais compreendia o que havia perdido. O que foi que ele dissera? Até ela precisava de um lar ao qual voltar. Talvez isso fosse verdade, mas parecia não haver forma de salvar nada nesse momento. O que Kat tinha de fazer era sair daquele torpor e encontrar uma maneira de voltar a ser a pessoa que costumava ser – independente e destemida, uma mulher que não precisava de um homem para ser feliz. Era assim que se lembrava de si mesma.

– Devo ser uma companhia terrível. Até me aborreço a mim mesma.

– Então anime-se – sugeriu Coco. – Vá cortar o cabelo. Compre um batom novo.

– Acho que vai ser preciso mais do que isso.

– Vá falar com o Massimo, se é isso que quer. Sabe onde o encontrar. Ele estará naquele hotel dele, como de costume.

Kat embrulhou-se com mais determinação no edredão e afundou-se na cadeira.

– Não, não me parece. Não posso.

– Nesse caso, vá dançar – disse Coco, determinada. – Isso anima-me sempre, mesmo que me sinta muito em baixo.

Tirando o edredão, a velha dama levantou-se e dançou alguns passos ao longo da varanda, cantarolando timidamente.

– Eu não posso dançar – disse Kat.

Coco parou a meio de um passo e franziu o sobrolho.

– Estou um pouco cansada de ouvir o que não pode fazer, *cara*.

Coco ia mesmo dançar. O seu entusiasmo aumentou ao longo da tarde, quando descreveu a saída que um dos seus amantes planeava. Haveria um copo de *Prosecco*, um jantar leve, alguns bons amigos, música maravilhosa e uma hora ou mais a deslizar pelo chão nos seus braços.

– Muito divertido. – Ela sorriu. – Não consigo pensar em nada melhor.

Vibrava de felicidade ao descer as escadas para ir escolher a sua indumentária. Falou em saias que rodavam quando se mexia, em meias de seda, sapatos com tiras

e penas no cabelo.

– Tenciono ter um aspeto maravilhoso – declarou Coco. – Vemo-nos amanhã e conto-lhe tudo.

O plano de Kat era encontrar-se com Ruth como de costume. Naquela altura, elas tinham alguns *bacari* favoritos e trocavam mensagens em algum momento do dia para combinar a qual deles ir. Kat verificou o telemóvel para ver se Ruth dissera algo, mas não havia mensagens.

Aonde vamos esta noite? Gosta do All’Arco?, escreveu ela.

A resposta chegou cinco minutos depois. *O Vittorio convidou-me para jantar fora. Ele quer levar-me ao Harry’s Bar. Desculpe! Pode ser amanhã?*

Claro, não há problema, escreveu Kat em resposta. *Divirta-se!*

Perdida e cansada de estar fechada no apartamento, saiu sozinha. Atravessou a praça vazia onde se fizera o mercado do dia e cruzou a Ponte Rialto. Estava uma noite clara e fresca, e Kat continuou a andar pelas ruas estreitas com *boutiques* elegantes, pela Piazza San Marco, onde uma orquestra de café tocava para alguns espectadores dispersos e, mais adiante, por uma parte mais silenciosa e mais local de Castello.

Escolheu um *bacaro* ao acaso, um lugar sobreaquecido forrado com barris de vinho. De pé ao balcão, bebeu um copo de vinho tinto e petiscou alguns *cicchetti* desenxabidos – cebolas amargas e sardinhas numa fatia de pão com textura de borracha, uma almôndega que havia sido frita há algum tempo, legumes assados enopados em óleo.

– Outra *ombra*? – perguntou o dono, enchendo o copo sem esperar pela resposta.

Kat bebeu rapidamente, quase sem saborear o vinho, mas apreciando o efeito que estava a ter, relaxando-lhe os músculos e o humor.

– Ouviu as últimas notícias? – perguntou o dono, com os cotovelos no balcão e ansioso por conversar.

– Não, o que aconteceu? – perguntou Kat.

– Querem proibir vocês, os turistas, de arrastar as malas pelas ruas de Veneza. Poluição sonora, chamam-lhes.

– Eu não sou turista, vivo aqui – disse Kat.

– Ai sim? – Ele não parecia convencido.

– Aquelas malas fazem um som terrível quando as pessoas as arrastam. Mas não sei como é suposto transportarem-nas.

– Bem, pode culpar aquele grupo... como é que se chamam?... Amem Veneza.

– Respeitem Veneza?

– É isso. Estão a fazer campanha a favor disso.

– Acha que vão conseguir?

Ele serviu-lhe mais vinho e encolheu os ombros.

– Quem sabe? Esses jovens querem Veneza como costumava ser. Mas não se pode voltar atrás no tempo, não adianta tentar. É o que a minha mulher diz sempre.

As palavras do homem podiam ser um cliché, mas ficaram na mente de Kat

quando ela se aconchegou no seu casaco e voltou para a noite. Tremendo um pouco, caminhou rapidamente, escolhendo as *calli* mais iluminadas. Era isso o que estava a tentar fazer, voltar atrás no tempo? Era por isso que não conseguia sair de Veneza?

À sua frente, um *bacaro* bem iluminado despejou uma multidão para a rua: mulheres envoltas em casacos acolchoados, homens com o queixo enfiado em cachecóis de lã. As pessoas desejavam as boas-noites umas às outras, beijando-se nas faces e abraçando-se. Um homem ria-se.

Os seus olhos seguiram o som e ela encontrou um rosto que reconheceu: Massimo. Ele estava com um homem mais novo e ambos se afastaram do grupo ainda a rir em unísono sobre algo. Os passos de Kat vacilaram. Tinha-se esquecido de como ele era bonito, a largura reconfortante dos seus ombros, a maneira como usava as roupas, cuidadosamente engomadas e feitas à medida.

Percebeu que o homem mais novo era Nico. Ele deve tê-la visto porque tocou no cotovelo de Massimo e disse algo que o fez olhar. Os pés de Kat impeliram-na para a frente.

– Olá – disse ela quase timidamente.

– Ainda cá estás – respondeu Massimo. – Pensei que tivesses voltado para Londres.

– Não podia ir sem me despedir.

Uma expressão estranha perpassou o rosto dele.

– Estás com frio – disse ele. – Onde está o teu casaco?

Kat puxou a lapela de lã fina do seu *blazer*.

– Estou bem – mentiu ela.

– Toma. – Ele desenrolou o cachecol do pescoço e ofereceu-lho. – Não te preocupes em devolver-mo, tenho outro.

Ela deve ter parecido duvidosa porque Massimo pôs-lho nas mãos e ficou a observar enquanto Kat se enrolava na lã macia e ainda quente do seu corpo.

– Fica-te bem.

– Obrigada.

– Foi bom ver-te, Kat, cuida-te. – Com a mão no ombro de Nico, ele virou-se e começou a afastar-se.

– Massimo – chamou ela.

Ele olhou para trás.

– Sim?

– Obrigada – disse ela novamente –, por tudo.

Ao caminhar para casa, com o rosto afundado no cachecol e respirando o seu perfume familiar, Kat desejou não se ter repetido, parecendo uma idiota. Obrigada, obrigada – como se não houvesse centenas de coisas melhores para dizer.

Bateu à porta de Coco quando voltou, mas não houve resposta, pelo que assumiu que a amiga ainda estava na sua noite de dança. Subindo as escadas para o seu próprio apartamento, fez algumas promessas a si mesma. De manhã, enviaria um *e-mail* à sua agente e diria que, se não obtivesse resposta, iria carregar no

YouTube as imagens que gravara e esquecer o assunto. Leria os capítulos do livro e descobriria uma maneira de terminar a coisa porque o adiantamento havia sido gasto e não podia devolvê-lo. Faria um plano para o próximo passo; havia lugares aonde ir e amigos a visitar. E então Veneza poderia ser apenas uma lembrança.

Dormiu ainda envolta no cachecol de Massimo, um sono profundo e sem sonhos, e quando acordou com o cheiro dele, abriu os olhos, confusa, pensando por um momento ou dois que estava de volta ao Hotel Gôndola.

A luz fraca que entrava pelas persianas significava que outro dia de inverno estava à espera. Kat fechou os olhos por mais alguns instantes, tentada a ficar na cama, quente e aconchegante, a salvo da vida. Lembrando-se das resoluções da noite anterior, e do seu plano para se encontrar com Coco ao pequeno-almoço, saiu de debaixo das cobertas, estremecendo quando os pés descalços encontraram o frio do chão de *parquet*. O cachecol ficou sobre os ombros enquanto lavava os dentes e salpicava água no rosto. E quando se vestiu, escolheu roupas que combinavam com o tom laranja-torrado da lã extremamente macia.

Kat esperou na *pasticceria* habitual, mordiscando um brioche e bebendo várias chávenas de café, mas Coco não apareceu. Talvez a noite se tivesse estendido e ela estivesse cansada; ou, mais provavelmente, a sua amiga não conseguiria enfrentar o vento húmido que soprava dos canais. Kat decidiu levar-lhe o pequeno-almoço e comprou alguns doces e biscoitos com cobertura de açúcar, o empregado dispondo os doces numa caixa e atando-a com fita dourada.

– Estes são para a *signora*, sim? Ela gosta que as coisas tenham um aspeto glamoroso.

Lá fora parecia ainda mais frio e Kat ficou contente por ter o cachecol. Apressou-se pelas ruas quase vazias, segurando a caixa, as pontas dos dedos brancas e com formigueiro. Passando pela loja, procurou sinais de Coco, mas a porta estava trancada e as janelas às escuras. Não obteve resposta quando bateu à porta do apartamento, embora tenha ouvido o latido dos cãesinhos lá dentro.

Kat foi até ao seu próprio apartamento, mandou um *e-mail* à sua agente, em seguida, forçou-se a abrir o portátil e abrir o ficheiro do livro. A leitura dos primeiros capítulos levou-a de volta àquelas primeiras semanas em que se apaixonara por Massimo e por Veneza. Como fora ingénua, e convencida. Com certeza que, sem Coco, teria fracassado muito mais cedo.

Ao almoço, comeu alguns biscoitos, depois levou o resto à amiga. Agora os cães choramingavam atrás da porta fechada. Kat bateu com mais força do que antes, chamando:

– Coco, está aí? Coco?

Sem saber o que fazer, ficou a ouvir os uivos queixosos por alguns minutos. Então, decidiu-se e, correndo ao seu apartamento, pegou no telemóvel e ligou para o número de Ruth.

– Olá, eu ia mandar-lhe uma mensagem – disse Ruth, quando atendeu. – Estamos combinadas para esta noite. Vamos ao All’Arco, como sugeriu ontem.

– Na verdade, não foi por isso que liguei. Estou um pouco preocupada com a

Coco. Não houve sinal dela o dia todo. Verifiquei várias vezes.

– Talvez tenha saído.

– Os cãesinhos estão lá; ela quase nunca os deixa, e eles não parecem contentes. Não sei... provavelmente estou a exagerar, mas tenho um mau pressentimento. O que devo fazer? Não tenho chave da casa dela e não consigo deitar a porta abaixo.

– Espere um momento, deixe-me falar com o Vittorio.

Kat ouviu uma conversa curta e abafada e depois Ruth disse:

– Está bem, vamos já para aí. Não demoramos mais de vinte minutos.

– Obrigada. – Ela sentiu-se aliviada. – Fico à vossa espera.

Kat bateu várias vezes, depois sentou-se nos degraus à espera, a sua ansiedade a aumentar. Coco definitivamente dissera que queria encontrar-se com ela ao pequeno-almoço. Não houvera menção de quaisquer outros planos para o dia. Isto não era próprio dela.

Ruth e Vittorio chegaram mais depressa do que o prometido, ambos muito bem agasalhados em camadas quentes e transportando utensílios de pintura.

– Desculpem ter interrompido – disse Kat.

– Não estávamos muito longe – tranquilizou-a Ruth. – E temos a certeza de que está tudo bem, mas não há mal em verificar, certo?

Mesmo assim, Vittorio pareceu sombrio quando lhes disse para esperar. Abriu a porta e, quando entrou, Kat ouviu-o murmurar para os cachorros. «*Va bene, va bene.*»

Ouviu-se o barulho de uma porta a abrir-se e a fechar-se, depois silêncio. Nenhum som durante um longo momento.

– Acha que devemos entrar? – perguntou Kat.

Ruth negou com a cabeça.

– Ainda não, vamos esperar como o Vittorio pediu.

– Mas onde está ele, o que está a fazer? – perguntou ela, impaciente.

Ruth pousou uma mão no braço dela, para a reter.

– Espere apenas.

– Ou a Coco está lá ou não está. – Kat perscrutou o rosto de Ruth e não gostou da expressão que encontrou. – Oh, meu Deus, não pensa...?

Quando Vittorio reapareceu, estava pálido e com os olhos vermelhos. Kat tentou passar por ele e entrar no apartamento, mas ele bloqueou-a, dizendo com uma voz rouca:

– Ela não gostaria que a Kat a visse assim.

– Assim como... o que aconteceu?

– Ela partiu, Kat, minha querida. A Coco partiu. Agora está em paz.

– Não! – Kat tentou passar por ele novamente e desta vez Ruth segurou-a. Virando-se, Kat encostou o rosto ao ombro da outra mulher e disse, mais debilmente: – Não.

– Lamento muito, minha querida, lamento tanto, tanto. – Os braços de Ruth puxaram-na para longe e ela guiou-a para as escadas. – Venha comigo e deixe o

Vittorio lidar com as coisas aqui. Ele saberá o que fazer e a quem ligar.

– Eu quero ir vê-la.

– Eu sei, eu sei. – Ruth conduziu-a para cima até que, de alguma forma, Kat estava no seu apartamento e sentada à mesa enquanto a chaleira fervia água para o chá.

– Ela não pode ter morrido. Ontem estava tão feliz e ia sair para ir dançar.

– O Vittorio pensa que ela estava doente há algum tempo. A Coco era velha, o corpo dela estava a falhar.

Kat recordou algo que lhe parecia importante.

– A cor dela era cinzenta. A Ruth disse-me isso.

– Ela fazia-se alegre, fazia-se corajosa, é assim que gostaria que nos lembrássemos dela, não acha?

– Mas quando é que aconteceu? Quanto tempo acha que ela ficou deitada sozinha? – A voz de Kat quebrou-se e ela escondeu o rosto no cachecol de lã que ainda trazia aos ombros.

Ruth serviu chávenas de chá que nenhuma delas bebeu e sentaram-se juntas à mesa esperando por Vittorio, porque parecia a única coisa a fazer.

– Não suporto pensar que nunca mais a verei nem ouvirei a voz dela – disse Kat.

– Eu sei, acredite em mim, eu sei – respondeu Ruth, com a sua voz suave. – É assim quando perdemos alguém que amamos.

Finalmente Vittorio apareceu, exausto e com o rosto manchado de lágrimas, os cãezinhos aos seus pés. Trazia uma grande pilha de envelopes que pareciam convites.

Ruth lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Cartas – disse ele, colocando a pilha sobre a mesa.

– Da Coco?

– Sim. Ela tem estado ocupada a escrever. Há uma para todas as pessoas que ela considerava importantes.

– Como conseguiu encontrá-las no meio daquela confusão? – perguntou Ruth.

– Ela disse-me onde as procurar, se algo acontecesse. Sabia que este dia estava a chegar, mais cedo ou mais tarde.

Kat olhou para os envelopes de cor creme e os nomes impressos em cada um deles em tinta roxa.

– O Vittorio abriu uma.

– Era para mim e diz quase exatamente o que eu pensava que diria. Há uma carta para a Ruth e posso imaginar um pouco do que está lá escrito. Mas não sei o que ela lhe queria dizer, Kat. – Ele vasculhou a pilha, tirou um envelope e empurrou-o para ela.

Kat levou-a ao nariz como se pudesse haver algum vestígio da fragrância em pó de Coco, mas tudo o que cheirou foi o aroma do papel.

– A quem mais ela escreveu?

– Família, amigos, amantes. A minha tarefa é entregar todas as cartas e garantir

que todos saibam o que a Coco queria que soubessem.

– Não posso acreditar que ela se foi – disse Kat, entorpecida.

– Nem eu, a princípio – disse Vittorio. – Ela estava na cama, de camisa de noite, pensei que estivesse a dormir, mas... depois vi que não havia vida. O rosto dela estava diferente; já não era ela, verdadeiramente.

– O que acontece agora? – perguntou Kat.

– Chamei os agentes funerários e eles virão em breve para a levar. Ela deixou-nos instruções muito detalhadas sobre o que queria.

– Para o funeral? – Kat ficou gelada.

– Não exatamente. – O vestígio de um sorriso aflorou os lábios de Vittorio. – Trata-se da minha querida Coco, portanto, é claro que o que ela espera é uma festa.

Havia duas coisas para Kat abrir agora: a carta de Coco e o *e-mail* que a sua agente enviara ao início da tarde. Sentada à frente do portátil, com o envelope ao lado na mesa da cozinha, preparou-se para as últimas palavras da sua velha amiga e a mensagem que poderia conter uma pista relativa ao seu futuro.

Foi no envelope que pegou primeiro. Rasgando-o, encontrou uma folha de papel de carta coberta com a caligrafia semilegível de Coco. Kat teve de se esforçar para a decifrar.

Minha querida amiga Kat,

Esta minha vida foi preenchida por pessoas interessantes – obrigada por ser uma delas. Grazie mille por todas aquelas pequenas coisas que fez e que tiveram tanto significado. No dia em que a Kat entrou na minha loja para experimentar um vestido – aquele que era tão errado para si, lembra-se? – tive a certeza de que seríamos amigas. Nunca imaginei como se tornaria tão importante para mim.

Queria aproveitar esta oportunidade para lhe dizer uma última coisa. Tentei não lhe dar muitos conselhos, a menos que fossem sobre moda. Mas é mais importante encontrar uma vida que se adapte a si do que um vestido e, para ambos, é necessário olhar para si mesma com os olhos bem abertos.

A Kat tende a ver a pessoa que deseja ser e não aquela que é. Entendo porquê; fiz a mesma coisa. Mas antes de desistir de Veneza, espero que comece a reconhecer-se um pouco melhor.

Fique aqui mais algum tempo... quanto tempo quiser. Não se preocupe com o apartamento. A casa pertence-me e organizei as coisas para que a Kat possa continuar a arrendá-la.

Tem sido tudo tão divertido, não tem? Que triste que tenha de chegar ao fim. Ainda assim, a minha vida tem sido boa e não me arrependo de nada. Espero que a Kat seja capaz de dizer o mesmo um dia. Desejo sinceramente que sim.

Adeus, minha querida. Com muito amor, Coco.

Kat leu a carta várias vezes, intrigada, sem saber o que Coco estava a tentar dizer. Os seus conselhos podiam ter sido bem-intencionados, mas não tinham significado para ela. É claro que Kat conhecia a pessoa que era, é claro que se reconhecia. Esperava algo mais da amiga e, com uma sensação de desapontamento, pousou a carta.

Agora estava na altura de descobrir o que aconteceria à sua carreira. Deixando de lado a carta de Coco por um momento, voltou a sua atenção para o portátil, abrindo a resposta da agente ao seu *e-mail*.

Cara Kat,

Desculpe ter demorado tanto. É uma altura tão movimentada do ano. No entanto, tenho notícias encorajadoras para si. A televisão mostrou interesse na sua ideia. Veem-na como tendo potencial. Segundo sei, acham que a Kat poderia utilizar a mesma abordagem noutras cidades – Kat Black em Paris, Barcelona, Roma e assim por diante – dando uma visão íntima e alternativa de lugares que poderíamos pensar que já conhecemos.

O primeiro passo é marcarmos uma reunião. Quando virá a Londres? Tente avisar-me com algumas semanas de antecedência para eu assegurar que todos estão disponíveis.

*Espero que esteja bem e a desfrutar de Itália. Falaremos em breve,
Penny*

Era o que estava desesperada para saber, mas Kat sentia-se menos animada do que esperava. Voltou à carta de Coco e leu-a pela quarta vez. Então deitou-se na *chaise-longue*, aconchegada no cachecol de Massimo, e tentou compreender tudo.

Adormeceu e acordou no escuro. Tateando em volta à procura do telemóvel, verificou que era apenas a noite. Depois de segurar o cachecol contra o rosto por alguns instantes, resolveu pelo menos uma coisa; agora queria Massimo, mais ninguém. Precisava de ver o seu rosto e de ouvir a sua voz, precisava de lhe contar tudo.

Lá fora caía uma chuva fria que quase parecia neve. Kat percorreu o caminho familiar até ao Hotel Gôndola. Estava corada e sem fôlego quando entrou no átrio, parando por um momento, ofuscada pelo brilho dos lustres e nervosa por se encontrar ali novamente.

Não reconheceu o homem atrás do balcão da receção que a cumprimentou com um «*Buona sera*» superficial.

– O Massimo está por aí? – perguntou ela.

– Vou ter de verificar se o *signore* Morosini está disponível – respondeu ele, num tom formal.

– Ele está no escritório?

– Não sei, *signora*.

– Sou uma amiga, preciso mesmo de falar com ele.

– Ele está à sua espera?

– Não, mas é importante. – Kat percebeu que soava desesperada, mas ainda assim não conseguiu impedir-se de se apoiar no balcão e chamar: – Massimo, estás aí atrás?

A sua voz deve ter sido alta o suficiente, porque um momento depois Massimo apareceu, com um aspeto cansado e invulgarmente amarrutado.

– Kat? O que estás a fazer aqui? Não havia necessidade de me devolveres o cachecol.

– Eu sei, mas tinha de te ver.

– Está bem – disse ele calmamente. – Aqui estou.

– Eu queria... o que se passa é que... a minha amiga Coco morreu – disse Kat antes que as lágrimas que se debatia para conter lhe escapassem.

Os braços de Massimo apertaram-se ao seu redor antes que ela se apercebesse.

– Oh, Kat, lamento.

– Não, sou eu que lamento – disse ela, com a face encostada ao peito dele. – Eu devia ter vindo há muito tempo. Fui muito orgulhosa ou estúpida ou... Não sei. Mas lamento.

– Precisamos de conversar – disse Massimo. – Mas não aqui.

– Se este não for um bom momento – começou Kat –, se estiveres ocupado...

Ele limpou-lhe gentilmente uma lágrima do rosto com o polegar.

– Ocupado? – disse Massimo, como se odiasse o som da palavra. – Sim, estou

sempre ocupado. Isso é outra coisa a lamentar.

Abrigados por um dos guarda-chuvas do hotel, caminharam até ao *bacaro* que sempre preferiram e sentaram-se num reservado silencioso, no canto mais distante. Durante um longo momento, Kat falou sobre Coco, o choque de a perder, a sua tristeza, os seus arrependimentos.

– Havia coisas que lhe devia ter dito. Nunca lhe agradeci devidamente, nunca lhe disse quanto a amizade dela significava e como me sentia grata. Pensei que tinha mais tempo.

– Ela sabia dessas coisas sem tu lhas dizeres – disse Massimo.

– Não posso ter a certeza. É por isso que estou aqui. Há coisas que também te devia ter dito e preciso de me certificar de que tu as sabes.

– Kat, não precisas...

– Preciso, sim – insistiu ela. – Eu magoei-te. Foi tudo minha culpa.

– Não, não foi.

– Fui egoísta.

– E eu também. Tive muito tempo para pensar sobre o que deveria ter feito de forma diferente. Se eu tivesse encontrado um apartamento para nós os dois em vez de esperar que vivesses no hotel, se tivesse arranjado mais tempo para estar contigo, se trabalhasse menos horas, se escutasse o que querias. Mas não, esperei que tu te encaixasses perfeitamente na minha vida sem a atrapalhares. Nós nunca nos demos uma oportunidade, Kat, percebo isso agora.

Kat olhou para ele. Era tão bom ver o seu rosto, ouvir a sua voz, estar perto o suficiente para que pudessem tocar um no outro.

– Tudo isso pertence ao passado e o que me interessa é o futuro – continuou Massimo, e depois mais suavemente: – Senti a tua falta... Amo-te.

– Eu também te amo. – As palavras saíram-lhe sem pensar e só quando ela as ouviu, percebeu quanto o amava.

– Nesse caso, não desistas tão facilmente. Não conseguimos encontrar uma maneira de fazer com que isto funcione? – perguntou Massimo.

– Ainda não tenho a certeza.

– Mas não precisamos de ter a certeza, Kat. Só temos de tentar.

Kat sentiu uma faísca de esperança dentro de si. E se não fosse necessário desistir de todas as outras coisas que a deixavam feliz para estar com o homem que amava? E se pudesse ter tudo?

Havia tantas flores. Cobriam o caixão na gôndola do funeral e cada barco na lenta procissão que o seguia. Apenas flores brancas – lírios, rosas e orquídeas – pois era uma ocasião elegante, como Coco havia decretado.

Kat sentiu-se confortada por a sua amiga não estar sozinha na sua última viagem até ao cemitério de San Michele. Quatro gondoleiros manobravam o barco que a transportava e havia uma flotilha inteira a acompanhá-lo: lanchas elegantes, barcaças velhas e gastas, embarcações a remos e até um barco-dragão. O tráfego no

Grande Canal abria caminho como sinal de respeito, e até os barcos de transporte coletivo paravam, os passageiros forçados a esperar que o cortejo passasse.

Os sinos da igreja tocaram enquanto se aproximavam da arcada de tijolo de San Michele e começou a nevar. Kat esperava ao lado de Massimo no seu barco, com Nico ao leme, enquanto os que estavam à frente desembarcavam: mulheres idosas em abafos de veludo, homens de capas escuras, famílias de aparência melancólica, barco após barco cheio de pessoas e flores.

– A Coco conhecia todas estas pessoas. – Kat ficou admirada. – E eu pensei nela como sendo apenas minha amiga.

– Ela fazia parte da velha Veneza – disse Massimo. – Viveu nesta cidade toda a sua vida. Quase todas as famílias estão ligadas a ela de alguma forma.

A neve pousava nas lápides de mármore branco enquanto eles percorriam os caminhos ladeados por ciprestes altos. Havia sido deixadas flores em muitas sepulturas, as suas cores destacando-se contra a relva congelada. Para Kat, o cemitério parecia quase um jardim, e o pensamento tornou mais fácil suportar a ideia de Coco dentro de uma caixa de madeira que seria colocada no chão duro e frio.

Apoiando-se em Massimo em busca de conforto e calor, ela procurou rostos que reconhecesse. Mais à frente viu Dante e a sua família. Além deles estavam Vittorio e Ruth com dois cães pequenos, vestidos com casacos xadrez escuros. Viu pessoas que tinham visitado o apartamento de Coco e homens que poderiam ter sido seus amantes.

No túmulo, Kat ficou para trás enquanto outros depositavam flores brancas e punhados de terra no caixão. Então ouviu uma voz começar a cantar *Ave Maria* doce e fortemente e, dando um passo em frente, viu uma mulher com longos cabelos negros de pé entre duas crianças, segurando-lhes firmemente as mãos, os olhos fechados enquanto soltava o seu lamento.

Lenços subiam até aos rostos e os casais aproximaram-se mais em busca de consolo. Olhando para Massimo, Kat viu que também ele chorava. A cantora prolongou a nota final, em seguida, pegou numa única rosa vermelho-escura da mão do filho e depositou-a no túmulo.

– Há champanhe à nossa espera – anunciou ela. – Mas primeiro dedicarei à Coco uma última canção, *Porgi Amor*, de Mozart, porque era uma das suas favoritas, e minha também.

A mulher ainda estava a cantar a sua ária junto à sepultura, quando se virou e começou a afastar-se lentamente. A multidão seguiu o som da sua voz ao longo dos caminhos, enquanto a neve caía sobre os guarda-chuvas pretos e polvilhava os cedros.

– Aquilo foi tão bonito. Quem é ela? – perguntou Kat a Massimo.

– Valentina di Malapiero. Não sei qual é a ligação familiar dela com a Coco, mas pertence a uma das famílias nobres de Veneza. Mais tarde, a festa será realizada no *palazzo* deles.

– O Vittorio diz que vai ser uma grande festa.

Massimo baixou a voz.

– E as pessoas estão escandalizadas – sussurrou. – Tenho ouvido as conversas. Champanhe e baile? Não é tradicional, não é como as coisas são feitas aqui.

Kat deu por si divertida com a ideia de Coco a planear um funeral que iria chocar as pessoas.

– Ela nunca gostou de fazer o que toda a gente esperava dela.

Apesar da sua desaprovação, parecia que quase todos os verdadeiros venezianos se haviam reunido no imponente *palazzo* na Strada Nuova. As divisões eram amplas e altas, iluminadas por velas e candelabros empoeirados e decoradas com *afrescos* desbotados. Empregados de casaca branca serviam champanhe e música de tango podia ser ouvida acima do barulho da conversa.

Kat abriu caminho por entre as hordas, tentando encontrar Ruth. Por fim, descortinou-a parada num canto do salão de baile, observando as pessoas que dançavam.

– Isto é extraordinário – comentou Ruth. – Todas estas pessoas vestidas de preto e, ainda assim, a brilhar de cor. Estou a tentar absorver tudo para o poder pintar mais tarde.

– Eu continuo à espera de ver a Coco – disse Kat. – Ela devia estar ali na pista de dança, com um ar impossivelmente glamoroso.

Ruth assentiu.

– Ou no salão do andar de cima, cercada por admiradores.

– Todos os seus muitos amantes.

– Sim, pobre Vittorio. Acho que ele odiou ter de a partilhar.

– Como é que ele está?

– Muito triste por perder outra mulher que amava. Mas a carta da Coco dizia que não deve perder tempo a lamentar-se, portanto está a tentar ser corajoso.

– O que lhe escreveu ela na carta, Ruth? – quis saber Kat. – Desculpe, talvez prefira não me contar?

– Não faz mal, tenho a certeza de que a Kat pode adivinhar pelo menos uma parte. A Coco queria duas coisas. Uma era que eu tratasse de todas aquelas roupas na sua loja e no apartamento.

Kat gemeu simpaticamente.

– Oh, não, isso será uma tarefa enorme. Como esperava ela que a Ruth se livrasse de tudo aquilo?

– Ela decidiu que eu deveria assumir a tarefa de lhes encontrar novos lares.

– A Coco queria que gerisse a loja dela? – Kat ficou admirada.

– Pelos vistos – disse Ruth de modo lacónico. – E não é um grande problema que eu não tenha jeito para a moda, já que posso usar o meu olho natural para a cor.

Kat sorriu; quase podia ouvir Coco proferir aquelas palavras.

– A segunda coisa que ela pediu foi que eu cuidasse do Vittorio. Até conseguiu

que eu arrendasse o apartamento dela a um preço ridículo para tornar tudo isso possível.

– E os cãezinhos? – Kat esquecera-se de que precisariam de um novo lar.

– Eu vou cuidar do Vittorio e ele cuidará deles. A Coco pensou em tudo.

– Ela andou a fazer de casamenteira este tempo todo, mas a Ruth devia saber disso? – disse Kat. – Estava determinada a que a Ruth e o Vittorio ficassem juntos, mesmo que a Ruth tenha deixado claro que não queria outro homem.

Ruth sorriu.

– Ah, mas o Vittorio não é apenas outro homem, como eu descobri.

– Então ela estava certa, vocês os dois estão...

– Estamos a ir devagar – interrompeu Ruth. – Mas, sim, acho que a Coco poderia estar certa.

– Oh, meu Deus, queria *tanto* que ela estivesse aqui. Não posso acreditar que está a perder isto; tudo isto.

– Na verdade, sinto que ela está aqui – disse Ruth. – Já não em cinzento, mas prateado brilhante. Quase posso vê-la.

– Eu também – respondeu Kat. – Mesmo ali, no centro da ação.

Deixando Ruth a observar o salão de baile, Kat foi até à cozinha em busca de comida. Encontrou Dante e outro *chef* competindo ao fogão, preparando pratos de *cicchetti*.

Ele pareceu satisfeito em vê-la.

– Prove as minhas *sarde en saor* e compare-as com estas. Diga-nos quais são as melhores.

Kat deu uma dentada em cada uma. Numa delas, o equilíbrio de sabores inclinava-se um pouco de mais para o doce.

– Ambas são boas – disse com diplomacia.

– As minhas são melhores?

– Não necessariamente.

– Tem a certeza? – Dante franziu o sobrolho.

– São ambas deliciosas – assegurou-lhe Kat. – Mas não esperava vê-lo aqui. Não era especialmente chegado à Coco, pois não?

– Era minha vizinha e a minha família conhecia-a: os meus pais e os meus avós. Ela era uma parte da velha Veneza e por isso todos viemos despedir-nos e honrar a sua memória... O que é uma sorte, porque há muitas pessoas esfomeadas e o meu bom amigo Carlo precisava da minha ajuda.

O outro *chef* ergueu os olhos do seu trabalho e encolheu os ombros.

– Estou a deixá-lo ajudar-me – disse ele a Kat. – O homem insistiu.

Kat sorriu.

– Posso imaginar. No entanto, parece uma festa. A Coco teria aprovado.

– A Kat perdeu a sua amiga. Sente-se triste? – perguntou Dante.

– Sinto, sim.

– Então tem de ir à *osteria* muito em breve. Vou fazê-la sentir-se mais animada com a minha comida. Vou mudar tudo, sabe? Acabaram as carnes pesadas, só produtos das ilhas e da lagoa, verduras e marisco locais. Venha experimentar os pratos que estou a criar. É o meu melhor trabalho de sempre.

Kat murmurou a sua concordância, pegou num prato grande de *crostini* e seguiu em frente. Ele podia ser arrogante como Coco sempre dissera, mas Dante era charmoso e sabia cozinhar, admitiu, enquanto comia os *crostini*.

– Ah, graças a Deus, um pouco de comida – disse uma mulher com sotaque londrino, estendendo a mão e tirando um punhado de *crostini*. – Estou a morrer de fome. Ei, não é a Kat Black? A Coco falou-me em si. Ela disse que vai pô-la num livro e torná-la famosa na televisão.

– Talvez – disse Kat desajeitadamente. – Enfim, estou a trabalhar nisso. Não sabia que ela andava a contar isso às pessoas.

– Ela não falava sobre mais nada ultimamente, não é, Valentina? – A mulher voltou-se para a cantora de cabelos escuros do cemitério, que estava ao seu lado.

– Ela andava muito animada – concordou a cantora. – A minha tia Coco sempre achou que nasceu para ser famosa.

– Então é melhor eu terminar o livro...?

Valentina assentiu.

– Não a dececione. Ou a Coco quase de certeza que voltará para a assombrar.

Ambas inclinaram os copos de champanhe na direção de Kat, e seguiram em frente à boa maneira das pessoas que frequentam festas, procurando o próximo conviva interessante. Para Kat, a cada momento que passava, aquilo era menos um velório e mais uma celebração. Parecia que Coco ainda estava ali, mas movia-se agora nas extremidades, deixando os seus amigos continuar, todos a rir e a dançar, gritando para serem ouvidos acima da música, enchendo os copos.

No meio da multidão, uma onda de tristeza submergiu Kat. Sentiu uma necessidade repentina de estar com Massimo. Procurou-o durante muito tempo, não conseguindo encontrá-lo, passando por divisões cheias de mulheres reluzindo com diamantes, através de nuvens de fragrância e fumo de tabaco, subindo e descendo as escadas e depois de volta aos mesmos aposentos.

Por fim, lá estava ele, emoldurado por uma janela em arco que dava para os ramos cobertos de neve de uma árvore. A luz começava já a diminuir e os candeeiros tinham sido ligados. Massimo conversava com um casal mais velho, uma mulher coberta de peles, o homem uma versão mais velha de si mesmo. Aqueles deviam ser os pais dele, percebeu ela.

Vendo-a, Massimo levantou a mão, disse algumas últimas palavras ao casal e depois aproximou-se.

– Estás pronta para conhecer a minha família? – perguntou ele.

– Queres mesmo que eu os conheça?

– Sim, claro, os meus pais, as minhas filhas, a minha irmã: são as outras pessoas importantes na minha vida além de ti. Fui estúpido ao imaginar que era boa ideia manter tudo separado. – Ele tomou o braço dela.

– Espera, há uma coisa que preciso de te contar primeiro. – Kat ficou em pânico. – A minha agente contactou-me e há uma hipótese de que o programa de televisão possa acontecer. Se assim for, haverá muitas viagens. Eu teria de te deixar... sair de Veneza.

– Porque é que achas que tens de escolher entre mim e as tuas aventuras? Eu não disse que podias ter as duas coisas? Desde que voltes para casa, ficarei feliz. Vai a qualquer lugar que queiras, Kat, mas promete-me que voltarás sempre para casa.

– Prometo – disse ela. – Prometo solenemente.

Massimo puxou-a para mais perto.

– Então vem comigo. Não quero esperar mais.



Um Ano em Veneza, por Kat Black

CAPÍTULO 18

Ao longo de uma vida cozinhamos todo o tipo de refeições; refeições para celebrar ou confortar; para reunir pessoas, mostrar-lhes amor, reconhecimento e bondade; refeições para nutrir, para consumir lentamente e deliciar.

A refeição que estou a cozinhar esta noite precisa de ser todas essas coisas e muito mais.

Pois a verdade é que nem este livro nem a minha vida resultaram como planeei. Ultimamente, as coisas não têm sido nada boas. Agora, no entanto, estou no meu apartamento minúsculo, cheio de panelas e caçarolas salpicadas de molho, uma confusão de sacos a transbordar de demasiada comida, com abóbora amarela, folhas roxas de *radicchio*, tentáculos de polvo, carne para estufar lentamente, fruta para cozer em vinho tinto e açúcar.

Lá fora, Veneza está gelada, mas estas divisões estão suavemente iluminadas, aquecidas pelo calor do fogão e perfumadas por tudo o que nele borbulha.

O Massimo está aqui comigo, estendido na *chaise-longue* de veludo, de olhos fechados, com uma manta meio caída do seu corpo. Dentro de momentos vou começar a dar-lhe de comer, lentamente, prato após prato. Vamos comer juntos durante metade da noite, vamos celebrar e compadecer-nos, mostrar o nosso apreço e, acima de tudo, vamos amar-nos.

Lembram-se de como eu costumava pensar que não havia sentimento mais triste do que ter inveja da nossa própria vida? Escrevi isso no início deste livro. Desde então, passei por muitos momentos de tristeza e as coisas mudaram; eu também mudei.

Já olharam para a mulher que foram, tão segura de si mesma, tão determinada na sua forma de ver o mundo, tão absolutamente errada a maior parte do tempo? Já foram assim? Porque eu sei que era... e agora estou a dar o meu melhor para ter a certeza de que não volto a ser.

Obrigada...

Quero agradecer a todos os que me ajudaram a chegar a este ponto da minha carreira de escritora. É muita gente – editores, livreiros e leitores – e gostaria de poder nomeá-los a todos.

Para este livro especificamente estou muito grata à minha amiga e colega escritora de Auckland, Stacy Gregg, por me fazer companhia *e* me manter sã (a maior parte do tempo) e a Brodie McDonald, do café Sea Breeze em Westmere, por permitir que fôssemos as suas escritoras residentes não oficiais e nos servir excelente café e bolo de cenoura de emergência.

Agradeço a Lucio Zanella por falar comigo sobre a vida de um hoteleiro veneziano, a Jeremy Nivern, do bar Mea Culpa em Ponsonby, por partilhar a sua paixão por *cocktails* e a Jenni Abdelnoor por me falar da maneira como vê o mundo.

Obrigada, como sempre, à minha agente Caroline Sheldon. Às minhas editoras Laura Gerrard e Rebecca Saunders – e às minhas anteriores editoras, Genevieve Pegg e Yvette Goulden, que me ensinaram tanto. A toda a equipa da Orion, Hachette Austrália e Hachette Nova Zelândia pelo seu apoio e amabilidade – Louise Sherwin-Stark, Mel Winder, Gemma Finlay, Alison Shucksmith, Suzy Maddox-Kane, Jennifer Breslin, Elaine Egan, Tania Mackenzie-Cooke e muitos mais. E a Kevin Chapman, pelo *Chardonnay* e palavras sábias.

Acima de tudo ao meu marido, Carne Bidwill, que permaneceu ao meu lado nos bons e maus momentos e ao longo de dez romances, e de todas as vezes que me ouviu reclamar que «Eu não consigo fazer isto», diz sempre: «Bem, então não faças», o que é muito mais útil do que parece.